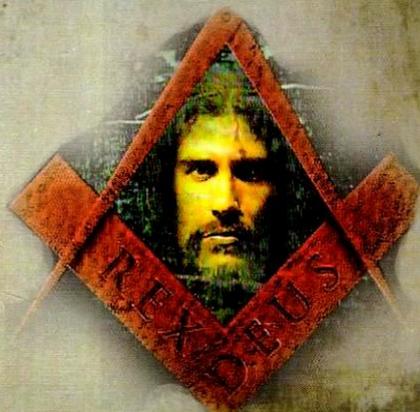


RICHARD D.  
WEBER



O CÓDIGO  
DE SALOMÃO

novo século®

**Richard D. Weber**

# **O CÓDIGO DE SALOMÃO**

2007

Novo Século

Para pêssegos com creme, Punky e minha mãe, meus  
incentivadores.

## **Agradecimentos**

De experiências reais, eu gostaria de agradecer aos dedicados homens e mulheres da NSA, do Departamento de Estado, da Mossad e do Departamento de Segurança Nacional, especificamente o agente especial Robert Kyle, do Departamento de Imigração e Ernest Buck, da Interpol, com quem tive o privilégio de trabalhar.

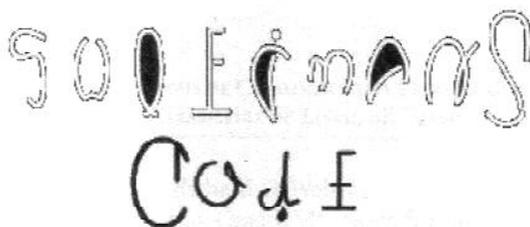
Gostaria de agradecer ao tenente coronel S. Curtis "Chewy" Johnston, aposentado da força aérea norte-americana, por sua valiosa assistência técnica. E por fim, mas não menos importante, os professores Otto Nemo e H. D. Carr, cujos conhecimentos de religião, história e imaginação vívida foram essenciais para esse trabalho.

## O Processo está Oculto

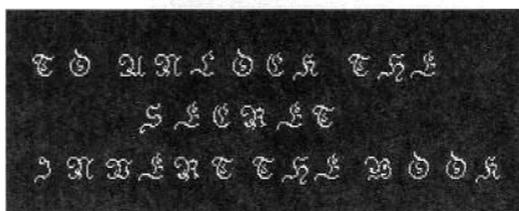
### Código:

Pistas feitas com o código “Bakish” de Sir Francis Bacon podem ser encontradas pelo livro em *fontes diferentes*. Uma versão mais complexa do código Bakish pode ser encontrada no Capítulo 20.

Prezado leitor: encontre os códigos destacados em **negrito** ou *itálico* no decorrer dessas páginas.

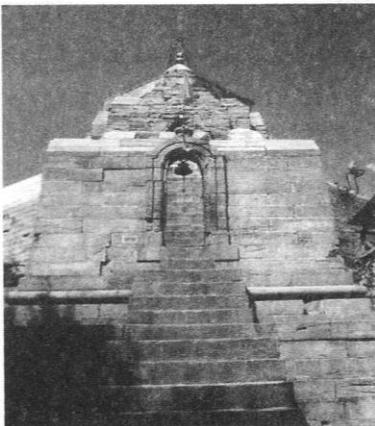
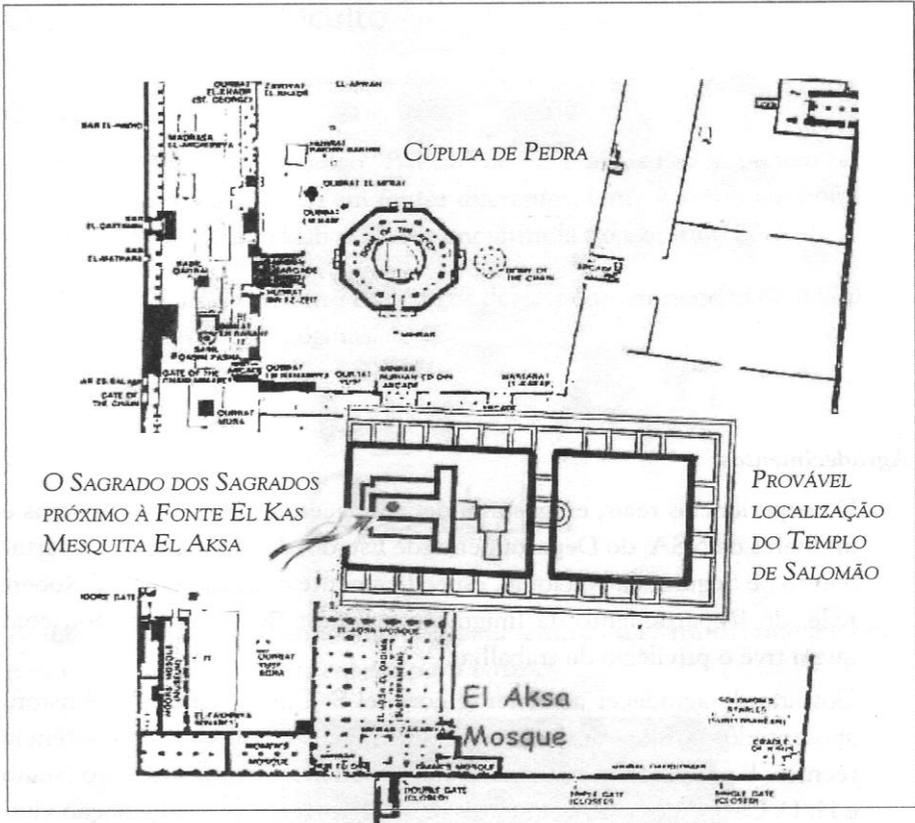


*Ambigrama: texto que apresenta a mesma leitura ou se transforma em outra palavra quando virado de cabeça para baixo.*



Um antigo alvo: o Vaticano. Um antigo livro que traz a verdade para todos os que buscam respostas em suas páginas. Um livro que contém o conhecimento secreto e segredos... segredos pelos quais vale a pena morrer.

# Mapa do Templo de Salomão



Templo de Salomão em Caxemira



Templo de Absalom, filho do rei David, situado em Jerusalém.

## SUMÁRIO

Nota do Autor	11	Capítulo 24	115
		Capítulo 25	119
<b>Parte I</b>	13	Capítulo 26	122
Capítulo 1	15	Capítulo 27	126
Capítulo 2	21	Capítulo 28	133
Capítulo 3	26	Capítulo 29	135
Capítulo 4	33	Capítulo 30	139
Capítulo 5	39	Capítulo 31	147
Capítulo 6	45	Capítulo 32	151
Capítulo 7	52	Capítulo 33	154
Capítulo 8	59	Capítulo 34	156
Capítulo 9	64	Capítulo 35	165
Capítulo 10	66	Capítulo 36	171
Capítulo 11	69	Capítulo 37	176
Capítulo 12	75	Capítulo 38	180
Capítulo 13	80		
Capítulo 14	82	<b>Parte II</b>	185
Capítulo 15	86	Capítulo 39	187
Capítulo 16	90	Capítulo 40	188
Capítulo 17	94	Capítulo 41	193
Capítulo 18	98	Capítulo 42	195
Capítulo 19	100	Capítulo 43	197
Capítulo 20	103	Capítulo 44	200
Capítulo 21	105	Capítulo 45	203
Capítulo 22	109	Capítulo 46	207
Capítulo 23	112	Capítulo 47	210
Capítulo 48	216	Capítulo 71	339

Capítulo 49	221	Capítulo 72	343
Capítulo 50	228	Capítulo 73	349
Capítulo 51	234	Capítulo 74	354
Capítulo 52	239	Capítulo 75	357
Capítulo 53	244	Capítulo 76	360
<b>Parte III</b>		Capítulo 77	367
	249		
Capítulo 54	251	Capítulo 78	373
Capítulo 55	254	Capítulo 79	377
Capítulo 56	255	Capítulo 80	379
Capítulo 57	259	Capítulo 81	381
Capítulo 58	264	Capítulo 82	383
Capítulo 59	273	Capítulo 83	386
Capítulo 60	278	Capítulo 84	389
Capítulo 61	282	Capítulo 85	392
Capítulo 62	289	Capítulo 86	397
Capítulo 63	296	Capítulo 87	404
Capítulo 64	300	Capítulo 88	410
Capítulo 65	308	Capítulo 89	421
Capítulo 66	313	Capítulo 90	426
Capítulo 67	316	Epílogo	436
Capítulo 68	324	Apêndice	439
Capítulo 69	328		
Capítulo 70	332		

## Nota do Autor

Você encontrará uma variação do Código Real do Arco da Maçonaria na página de rosto e depois da assinatura nessas notas. A chave para decifrá-los será encontrada no Capítulo 36.

As referências feitas pelo autor a locais dentro do Vaticano e em Chicago, Illinois, são reais com algumas exceções: o Swift Hall da Universidade de Chicago não tem 13 andares, mas abriga a Divinity School.

Iosbooks.wordpress.com

### **Fato:**

Enquanto a maioria dos eventos e das pessoas que aparecem nesse romance são frutos absolutos da minha imaginação, outros não são. O livro da Rosa Negra existe de verdade na forma do Livro da Rosa, escrito por Abbé Boullan e, inclusive, está trancado nos arquivos secretos do Vaticano. Referências a Sociedades Ocultas e Secretas, seus rituais e praticantes são historicamente precisas. A Steganografia é um código histórico verdadeiro escrito pelo abade alemão Johannes Trithemius, o pai da criptografia e da tabula recta, um padrão geométrico usado para organizar alfabetos, números e símbolos e transformar em códigos. Quebre esse código Vigenére e descubra o segredo dos Templários.

DYC IXAHVRPH MCGU KFTBF KOTPTM HG DYC  
VKONO TFGBGL CLPKBJWN KFT VFMMZDXQWGX.

Você vai precisar da ajudinha da internet...

<http://cryptoclub.math.uic.edu/vigenere/vigenerecipher.php>

...e da palavra-chave:

S	I	Y	E	X
O	S	Y	I	D
T	T	O	N	E
P	H	U	T	C
Y	E	T	O	O
R	K	Y	B	D
K	E	P	O	E

Referências às tumbas da Caxemira, artes, arqueologia, genética e à história da Igreja Católica Romana são precisas e fartamente documentadas.

O Protocolo-17, entretanto — embora seja invenção do autor — é baseado em um documento histórico: Os Protocolos dos Sábios de Sião. Embora sejam atribuídos à Polícia Secreta do Czar Russo e, depois, não tenham sido adotados por ninguém menos do que o industrial Henry Ford como propaganda anti-semita, alguns acreditam que esse fosse, na verdade, o plano secreto dos Illuminati. Um plano para implementar a NOVUS ORDO SECLORUM (Nova Ordem Mundial). Esperamos que não! Afinal, essa é uma obra de ficção.

R.D.W. . . .X

## Parte I



### O Templo de Salomão

**F**omos afastados de um relacionamento com nosso lado feminino, criativo. Nossa mente racional o desvaloriza e o ignora quando nos recusamos a ouvir nossa intuição, nossos sentimentos e os conhecimentos profundos do nosso corpo. À medida que avançamos no reino onde Logos domina Eros, o hemisfério esquerdo do cérebro domina o direito, vai aumentando a sensação de distância das forças inarticuladas de significado, que podem ser chamadas de feminino, Deusa, Graal.

Joseph Campbell

### CAPÍTULO 1

#### Zurique, Suíça

A mulher sentava-se completamente ereta, como se estivesse na escola. Seu magro pulso direito preso ao apoio de braço da cadeira de madeira clara, com o encosto alto que estava preso ao chão. Ela era incrivelmente linda, porém estava chocada, distante.

Sentada, delirando...

Observando...

Aguardando, temendo o pior. Sozinha.

Com a boca delicada e trêmula, Laylah estava sentada no meio de um apartamento de um quarto coberto por poeira, pratos com restos de comida, pilhas de embalagens de fast-food e caixas de pizza cobrindo o chão. O único movimento vinha das baratas que rastejavam apressadamente por cima da já rachada bancada da pia da cozinha. Flashes de luz, como de um estroboscópio, vinham de um monitor do circuito interno de TV que piscava, pulsando no rosto da mulher.

Com sua mão livre ela pressionava um cigarro contra seus lábios trêmulos. Laylah deu uma profunda tragada e soltou a fumaça.

Os olhos aterrorizados voltaram-se para a porta. Contaram as trancas triplas. Viraram bruscamente para a janela. Checaram se ela estava trancada e coberta pelas telas de segurança.

Ela fitou o reflexo na janela.

Alguns diriam que um rosto assim, sem defeitos, com a pele bronzeada e aspecto angelical era perfeito. Quase perfeito demais. A mandíbula era um pouco dura. Os lábios, às vezes, um pouco cruéis. O pescoço um pouco longo, como o de um cisne. Os olhos azuis, frios e penetrantes, como os de uma boneca de porcelana, carregavam uma certa tristeza. Prostração. Mas às vezes brilhavam. Tornavam-se janelas que revelavam nervos que eram como pontas desencapadas de dois fios elétricos. Separados, eles carregavam somente o potencial para a violência. Um comentário mal-entendido, um inocente esbarrão no trem, podem simplesmente causar um sorriso. Ou as extremidades desencapadas podem se tocar

e liberar uma corrente de raiva. Era quando ela perdia o controle.

Logo acima, uma mariposa presa ao lustre batia as asas desesperadamente.

Abaixo, Laylah estava sentada, tremendo. Sua camiseta encharcada de suor destacava seus mamilos. Pressionava seus dentes, eles rangiam. Estavam apertados.

Seus olhos, agora, se fecharam firmemente, ela murmurava baixo, como que sob efeito de drogas:

— Não durma. Não posso dormir! Não posso deixá-los entrar.

O cigarro que estava entre seus longos dedos caiu no chão.

O relógio da parede batia tique-taque, tique-taque, enquanto os escuros minutos da noite passavam.

Cada respiração ficava mais fraca, desigual.

Ela abriu os olhos.

O rosto refletido devolveu o olhar, com firmeza, sondando.

Pensou, e sussurrou:

— Eu sou, portanto eu mato?

O som de passos vinha do corredor externo... aproximava-se...

Ela arregalou os olhos. Segurou a respiração e concentrou seus ouvidos, os olhos marejados voltaram-se para a porta em uma busca obsessiva. "Continua trancada! Não os deixe entrar!".

... e parou por um momento. A sombra apareceu por debaixo da porta e foi sumindo. O som dos passos continuou e foi, gradualmente, silenciando.

A respiração que estava presa explodiu de seus pulmões. Ela respirou aliviada.

O toque estridente do telefone rompeu o ar.

Tocou novamente. Ele estava no chão. Tocou uma terceira vez.

Suas mãos trêmulas se fecharam. Finalmente, com a mão livre, ela pegou o telefone.

Por um momento, quem fez a ligação respirou forte, descompassadamente, mas sem dizer nada. Então, uma voz rouca e firme disse:

— Vamos fazer um joguinho...

Seus olhos piscaram duas vezes em uma sucessão muito rápida, seu rosto talhado por mãos que não podiam ser vistas, a assassina se contorcendo pela carne e pelos ossos até chegar à superfície. Ela assumiu o controle e disse com a voz firme:

— Estou escutando.

— Você tem um novo alvo. Kazim Rahman.

— Rahman —, ela repetiu.

— Sim — disse a voz rouca. — Ele está esperando pacientemente por você no Club-Q, em Bergen Strasse, na Zona. Olhe para o monitor.

Os olhos de Laylah miraram o monitor que estava no chão. A imagem de um homem moreno, do Oriente Médio com um fino bigode apareceu na tela.

Sentada, com o rosto sem expressão e os olhos sem brilho, ela ouvia atentamente.

— Rahman responderá ao código de identificação: eu prefiro xadrez.

— Eu prefiro xadrez.

— Ele vai esperar que você faça uma troca. Mas você não fará. Neutralize o alvo e consiga o documento que ele carrega.

Clique.

O som contínuo do tom de discagem.

A braçadeira de aço que a prendia se soltou e foi embutida no braço da cadeira, Foram três fortes estalos e as trancas eletrônicas se abriram sucessivamente. Um leve ranger e a porta começou a abrir.

No corredor podia-se ver o vulto de uma pessoa. Cuidadosamente, a figura avançou até a entrada e parou. Estendeu o braço no qual carregava uma mala. Com a voz dura e rouca disse:

— Você precisa se trocar. Vá fazer a maquiagem.

A batida da música eletrônica vinha dos alto-falantes do Club-Q. As luzes estroboscópicas pulsavam, revelando lampejos de um bar preto, envernizado, com neon roxo e barracas pretas de couro presas à pista de dança. O ar era a mistura de fumaça, suor, violência e feromônios.

Rahman estava no bar. Pedia mais uma dose, e suave em profusão. As calças e a jaqueta de couro que usava não respiravam como as leves túnicas que estava acostumado a vestir em sua terra natal, a Arábia Saudita. Seu trabalho o tinha levado a locais estranhos. Vendia peças de arte e antiguidades. Peças sem preço, antigos artefatos roubados, no mercado negro. O dinheiro recebido financiava os esquadrões suicidas da al-Qaeda. Sua mais nova oferta eram os escritos do sábio e alquimista árabe Gerber, que tinham vindo do recente assalto ao Museu de Bagdá.

Uma mulher passava pela multidão, sorrateira, na direção dele. Ela colocou os ombros para trás e ergueu a cabeça, orgulhosa. Ela irradiava autoconfiança e vitalidade.

Ele percebeu a reação que ela tinha causado em todos os homens no bar. Seus rostos fechados ganharam vida e acompanharam o caminho dela. Mas desviavam o olhar quando ela passava, como se soubessem, de alguma forma, que um simples olhar cortante daquela mulher pudesse castrá-los.

Quando a mulher passou por uma garota com o cabelo arrepiado e uma roupa de vinil preta, a garota lançou-lhe um olhar desafiador. Como se tentasse decifrar se a desejava física ou sadicamente, ou ambos. Rahman achava que a maioria dos homens ali, como ele, estava em busca de algo além de sexo e violência. A diferença era que ele tinha experimentado o poder de sugar a força vital, a essência dessa mulher ao segurar seu corpo junto ao dele e fitar seus olhos sem vida.

A mulher desviou e ficou ao lado dele no bar.

Ela não conseguia chamar a atenção do garçom. Ele ergueu uma nota de euro de grande valor e o garçom veio diretamente obedecer a sua ordem. Uma Heineken longneck. Enquanto ele observava o perfil dela, ela se virou. Seus olhos tinham o mesmo tom de azul de uma chama, porém eram frios. Seu olhar era direto, friamente sensual, um pouco doloroso. Tudo nela demonstrava uma selvagem vitalidade. Era a perfeição física. A pele bronzeada e brilhante. Maçãs do rosto bem desenhadas. Lábios carnudos, boca generosa. Embora estivesse vestida modestamente, sua blusa de seda estava desabotoada o suficiente para que ele visse de relance

seu colo. Ela balançou a cabeça, prendeu os cabelos sedosos e sorriu.

Quando ela se apoiou no bar, o olhar dele abaixou, fixo em sua cintura fina, nas longas e suaves linhas de suas pernas, nas formas como as tiras de seu sapato de salto destacavam seus delicados tornozelos.

Ela tomou a cerveja e olhou para ele por cima da garrafa, enquanto lentamente a levava novamente até a boca. Seus lábios se divertiam à medida que ela percebia que ele se excitava. Ele deu um sorriso, apertou o bigode e disse:

— Vou ficar na cidade só essa noite.

Com uma voz delicada ela perguntou:

— Você não gosta de jogos, gosta?

Ela tomou mais um gole. Ele observava os músculos de sua garganta à medida que ela engolia a bebida. Imaginou uma lâmina afiada cortando sua delicada pele.

— Jogos? — ele perguntou.

— Eu prefiro xadrez.

A referência ao xadrez não passou despercebida. Então ela é o meu contato para a troca, ele pensou. Rahman, Ele, o grande, enviou-lhe um presente. Distraidamente, ele levou a mão até o peito, para certificar-se de que os manuscritos continuavam a salvo no forro da jaqueta.

Ela passou a língua pelo lábio superior, lentamente, para impressionar, e piscou para ele.

Ele colocou a mão atrás dela e sentiu o firme contorno de seus quadris. Ela gemeu, deslizou pelo bar e pressionou seu corpo ao dele, seus olhos tremulavam. Ele se imaginou cortando

cada um daqueles globos oculares, fazendo com que olhassem para dentro, introspectivos, simbolizando sua arrogância.

Ela aproximou-se mais, sua respiração quente no rosto dele. Seus olhos não vacilavam, efetivamente bloqueavam sua intimidade dos curiosos do lado de fora. A mão dela foi subindo e tentou pegar o que estava dentro da jaqueta dele. Ele impediu.

— Não tão rápido —, ele advertiu. — Vamos fazer a troca lá fora, no meu carro.

— Ok — ela disse com sua boca sedutora. — Mas deixe eu lhe dar uma demonstração.

Foi então que ele sentiu. A mão dela deslizava pela parte interna de sua coxa. Ele vacilou. Ela ria enquanto subia com a mão. Seus olhos continuavam fixos nele. Sua mão treinada abriu o zíper da calça e entrou. O coração dele batia disparado dentro da caixa torácica.

— Você gosta assim? — ela sussurrou e mordeu sua orelha. Ele estremeceu.

Uma dor aguda veio de dentro e desceu por sua coxa como lava derretida. A expressão dela mudou instantaneamente, da quente excitação para o desdém apático, e ela sussurrou na orelha dele:

— Cheque-mate! — e explicou: — Essa sensação de queimação corren-do pelo seu corpo nesse exato momento... é uma neurotoxina mortal.

Então ela o beijou delicadamente no rosto.

Rahman viu o rosto dela começar a escurecer, então o ambiente começou a girar, no começo devagar, e, depois, a uma velocidade doentia. Ele ouvia pedaços da música, de

vozes, sons que sumiam lentamente, ficavam mais fracos e distantes. Ele tentou respirar, buscando mais ar e caiu para frente. Em um movimento firme, Laylah fechou o zíper e rapidamente colocou a seringa que tinha usado anteriormente na pequena bolsa pendurada em seu ombro. Ela fez tudo com a precisão e a cautela de um mágico de espetáculos.

Em um leve virar de pulso, uma faca afiada apareceu em sua mão. Ela olhava em volta e, ao mesmo tempo, procurava dentro da jaqueta dele enquanto fingia afagar sua orelha com o nariz. Com um único e delicado movimento, a lâmina cortou o forro da jaqueta e ela pegou o documento. Colocou sob a saia, entre a liga e a coxa. A música continuava alta, as pessoas muito concentradas em si mesmas e ninguém percebeu quando ela se espremeu no meio da multidão e ganhou a noite.

## Capítulo 2

*E eles (judeus) dizem: "Matamos Jesus Cristo, filho de Maria, o Mensageiro de Deus", mas eles não o mataram nem o crucificaram, fizeram parecer que foram eles. E aqueles que discordam disso ficam na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, abstraindo-se tão somente em conjecturas. Porém, o fato é que não o mataram.*

*Sagrado Alcorão 4:157*

## Cúpula de Pedras: Al-Quds, Palestina

Sobre nossas cabeças, jatos de guerra israelenses rasgavam o céu da tarde.

O homem alto parou para ouvir o guia que orientava um grupo de turistas norte-americanos:

— A construção da Cúpula começou por volta de 688, pelo califa Abd al-malik. A mística jornada noturna do profeta Muhammad, sobre um garanhão alado e com arcanjo Gabriel ao seu lado, o trouxe até aqui, onde rezou com grandes profetas: Abraão, Moisés e Jesus. Então ele ascendeu ao paraíso e a Alá por uma escada dourada.

Uma mulher gorda com um chapéu preto de aba larga balançou a papada e disse:

— Claro..., mas nos conte sobre aquelas câmaras secretas.

— Na verdade, o monte está repleto de túneis e passagens, câmaras e cavernas, poços e cisternas — o guia continuou. — Existem 38 grandes poços e cisternas documentados, 11 pequenas cisternas e 43 canais e passagens. As mais famosas são as dos estábulos de Salomão e algumas outras câmaras grandes.

Um rapaz jovem e magro perguntou:

— Não foi aí que os Cavaleiros Templários foram atrás do tesouro perdido?

O guia fez que sim com a cabeça, sorriu e disse:

— Ah, entendo. Vocês querem a excursão da magia misteriosa. Como quiserem. Por volta de 1118, nove monges guerreiros viajaram da França para Jerusalém. O objetivo declarado da missão era proteger os peregrinos cristãos que

visitavam a Terra Santa. Mas as lendas dizem que eles tinham uma tarefa secreta: escavar o monte em busca de um tesouro e de relíquias que tinham sido enterrados.

— E eles encontraram? — alguém perguntou.

— Certamente encontraram alguma coisa — explicou o guia. — Quando voltaram para a França, foram recebidos como heróis. São Bernardo de Claraval fez um belo sermão que resultou na expansão da ordem, uma ordem religiosa de guerreiros que se reportavam diretamente ao papa. Os filhos dos nobres europeus conseguiam promoções empenhando seus bens. Com o tempo o Templo se tornou o primeiro banco da Europa, emprestando, inclusive, dinheiro aos monarcas.

— Não foi isso que os levou à morte pela água quente? — perguntou a mulher, com conhecimento.

— Eram mais como labaredas. Sim, a má sorte associada à sexta-feira 13 começou com a prisão dos Cavaleiros Franceses por Filipe, o Justo, na sexta-feira 13 de outubro de 1307. Muitos deles foram queimados em praça pública com base em falsas acusações de atos de sacrilégio envolvendo crucifixos ou a imagem de Cristo.

— Eles não veneravam um tipo de cabeça misteriosa de prata? — perguntou o jovem, testando-o com o olhar.

— Quem sabe? — o guia encolheu os ombros. — Todas as confissões foram feitas sob dor e tortura. Os dominicanos, os Caçadores do Senhor, foram os maiores torturadores da inquisição francesa. Os templários eram espancados e pesos eram empilhados sobre seus peitos, ou, então, funis eram colocados em suas bocas e enchidos com água até que transbordassem e sufocassem o prisioneiro. Se não

confessassem assim, tinham os pés queimados e farpas eram colocadas sob as unhas ou tinham os dentes arrancados deixando os nervos expostos para que fossem explorados com instrumentos afiados.

— Você quer dizer como no filme Maratona da Morte, quando Olivier, o dentista nazista, fica perguntando a Dustin Hoffman, "Isso é seguro?", enquanto mexe em mais uma cavidade? — questionou o jovem.

— De onde você acha que o autor, William Goldman, tirou a idéia? - disse o guia.

O rosto da mulher empalideceu e ela perguntou:

— Mas por que eles foram atacados?

— Pela razão mais antiga do mundo: dinheiro. O rei Filipe devia uma fortuna aos templários, ele pegou empréstimo inclusive para o dote de sua filha. E eram muitos os monarcas por toda a Europa que deviam aos sagrados monges guerreiros.

— Mas eles foram acusados de heresia! — disse um homem cujo crachá identificava como pastor batista, com ar de satisfação, a mandíbula projetada para frente e os olhos apertados por causa da forte luz do sol.

Uma voz surgiu de trás do grupo. Era profunda, precisa, e transmitia inteligência:

— Talvez você devesse analisar o significado da palavra.

O grupo se dividiu e todos viraram a cabeça. Viram um homem alto, magro, de porte aristocrático. Ele continuou à medida que caminhava para frente do grupo:

— Heresia vem do grego, airesis, e significa uma escolha, a opção escolhida, e uma seita que segue tal opinião. — Seus

olhos escuros e frios observavam o grupo. — Esse foi um rótulo usado para descrever as antigas seitas Cristãs. São Paulo foi descrito para o governador romano Félix como o líder da heresia, aireseos, dos nazarenos. Josefo aplicou o nome, airesis, às três seitas religiosas predominantes na Judéia desde o período macabeu: os saduceus, os fariseus e os essenos.

— Mas Cristo era um esseno — disse a mulher com a boca cheia de chocolate enquanto segurava o chapéu largo.

O homem alto sorriu e continuou andando, deixando-os pasmos, em um incômodo silêncio enquanto entrava na Cúpula.

Outro homem, vestido com roupas pretas, ocidentais, exceto pelo gutra quadriculado branco e preto com o igal preto que cobria sua cabeça foi abrindo caminho entre o grupo de pessoas. Ele seguiu o estranho alto a uma distância que parecia ser calculada e seus olhos se moviam freneticamente à medida que ele caminhava.

Recuperando-se rapidamente, e tentando salvar as aparências, o guia disse:

— Eu não poderei mostrar a vocês, mas sob a as-Shakra, uma antiga pedra sagrada, acredita-se que esteja parte da parede original do Templo de Salomão. É uma cripta parecida com uma caverna conhecida como Bir el-Arweh, o Poço das Almas. Onde, de acordo com o folclore, as vozes dos mortos às vezes se misturam ao som dos rios do paraíso. Dizem que os arqueólogos estão explorando, secretamente, o elaborado labirinto de túneis subterrâneos, cisternas e passagens secretas que ficam sob o Monte do Templo.

## NSA (Agência de Segurança Nacional dos EUA)

### Fort Meade, Maryland

Kenny, o estagiário carrancudo, digitava informações, pedindo o acesso ao sistema. Era um software que disfarçava as várias buscas feitas pelo computador e os dados da mineração conduzida pela NSA. Se qualquer comitê congressional ou agência rival, como Langley ou FBI, tentassem buscar pistas, o caminho indicaria para a NSC. E ninguém da região queria arrumar briga com o presidente da NSC.

O estagiário verificava o Sistema de Classificação de DNA do FBI ou CODIS para resumir: um banco de dados com as características de DNA de criminosos, crianças desaparecidas, vítimas de serial killers, ou terroristas (conhecidos ou suspeitos). Kenny tomou um gole da lata de Coca-Cola e encheu a mão com alguns salgadinhos e levou à boca. Devorou os últimos salgadinhos. Ele trabalhava para o Dr. Sanger, um conceituado intelectual da área de genética, já há seis meses. E ele estava passando o programa sem erros pela milésima vez, sempre com o mesmo resultado: **NENHUMA RELAÇÃO FOI ENCONTRADA**. Inferno, Dr. Sanger nem ao menos conseguia contar a ele a identidade ou a história da amostra de DNA que ele tentava combinar.

Os dados corriam pelo enorme monitor.

Ele olhou para o relógio na parede. Meia-noite. Suspirou.

Pelo canto de seus olhos, percebeu que a luz âmbar piscava.

Seu olhar virou-se para a tela. Em letras garrafais apareciam as palavras: **RELAÇÃO POSITIVA ENCONTRADA**.

NOTIFICAÇÃO AO DIRETOR DO PROJETO MESSIAS COMPLETA. SOMENTE OLHOS. Elas piscavam.

O maior talento de Kenny era "hackear" computadores, e ele não gostava desse trabalho burocrático, como dizia. Mais ainda, se irritava por ficar preso no escuro.

— Que se dane! — disse esfregando as mãos rapidamente soprando, nelas antes de deixar seus dedos voarem para o teclado.

Descobrira a senha do Dr. Sanger já há vários meses. Coisa muito simples para quem era inteligente como ele. Dr. Sanger tinha usado o nome de seu laboratório: Old Yeller. Que original... Kenny pensou. Determinado a descobrir o que o professor estava fazendo, Kenny entrou no sistema em busca dos resultados detalhados.

Um calafrio foi descendo, como um dominó, por sua espinha enquanto ele lia o que apareceu na tela:

**99% de probabilidade de combinação do DNA do terrorista em análise com a amostra do Santo Sudário.**

Ele ficou sentado, congelado, sem fala. Em algum ponto no fundo de sua mente, ouviu o ranger da porta de segurança que se abria logo atrás dele. Ele ouviu os passos se aproximando.

Sentiu que tinha alguém em pé bem atrás de sua cadeira. O conhecido cheiro da loção pós-barba do Dr. Sanger o envolveu. Ele sabia que Sanger não tinha uma vida própria, costumava dormir no velho sofá de couro em seu escritório, no andar de cima.

Sem nem se virar ele disse:

— Oi, doutor... eu consegui. Temos uma combinação.

Então ele percebeu. Tinha violado os protocolos de segurança ao acessar os resultados. Sua mão foi rapidamente para o teclado.

Antes de poder apagar a tela, ele sentiu. Uma estranha sensação, algo frio... metálico, pressionado contra a sua garganta. Cada vez com mais força ia apertando, bloqueando seu ar, cortando sua tenra pele.

Instintivamente, levou as mãos para o fio de piano que estava enrolado em seu pescoço.

Uma poeira preta pulsava nos cantos de seus olhos.

Seus dedos ficaram sujos de sangue.

Suas pernas chutavam espasmodicamente. Ele se contorcia e tentava virar o corpo, mas uma incrível força o segurava na cadeira. Um forte clarão em seus olhos, vertigem e depois... tudo ficou escuro.

Uma mão velha passou pelo corpo flácido e sem vida de Kenny e pressionou simultaneamente as teclas control, alt e delete.

## Capítulo 3

### Palestina

O Dr. Faisal Bin Al-Saladin tropeçou, resmungou e virou para o homem que estava atrás dele:

— Tome cuidado, aqui fica um pouco íngreme — ele disse com um fraco sorriso, estendendo a mão para o alto italiano.

Ele precisava engolir a irritação com o fato de estar ali. Tinha trabalho urgente para ser feito quando voltasse para a universidade, em Riyadh, e não muito tempo para realizado. Não queria participar daquela tarefa, mas Bin Laden tinha insistido, dizendo que Faisal era o único homem em que poderia confiar para realizar essa missão sagrada. Bin Laden tinha lhe dito:

Não é seu papel questionar a vontade de Alá, Faisal. Se ele nos mandar deitar com as prostitutas de Roma para atingirmos um propósito maior, é isso que faremos. Entregaremos o artefato em suas mãos.

— Ainda está longe? — o italiano perguntou.

— Não muito. Estamos entrando na câmara funerária agora.

Faisal ergueu a lanterna, jogando a luz pelas estreitas e longas galerias que saiam das paredes da câmara e serviam como nichos funerários, alguns para corpos completos, outros para ossários que abrigavam os ossos de famílias inteiras.

— O gerador não está funcionando com sua capacidade máxima, ou teríamos bastante luz aqui.

— É mais emocionante assim, não acha? Sinto-me como Cárter quando estava prestes a entrar na tumba de Tutancâmon. Espero que não exista nenhuma maldição — disse o italiano, com a voz um pouco trêmula.

— Não tenha medo! Ele, que é grande, vai nos proteger de qualquer mal.

À medida que o aterrador silêncio e a proximidade da cripta subterrânea os cobriam, Faisal desejou secretamente que aquelas palavras fossem verdade.

Eles estavam a uma grande profundidade, bem abaixo de as-Shakra, a Pedra Nobre, o foco do interior da Cúpula de Pedra, situada logo abaixo da altiva cúpula dourada e rodeada por oito arcos ornamentais internos e mais oito externos. A mesquita em si tinha a forma octogonal, e cada lado tinha uma porta e sete janelas, as rochas eram incrustadas por cristais. A cúpula eia feita de ouro. Os muçulmanos acreditavam que essa era a rocha sobre a qual o profeta Maomé se ergueu antes de subir ao paraíso. E, em seu coração, Faisal sabia que esse trabalho garantiria que ele também chegaria ao paraíso.

O ar era úmido e frio. As paredes de pedra que os rodeavam mantinham a umidade.

O italiano, conhecido simplesmente como o clérigo, era alto e tinha o peito largo, mas se movia sem nenhum encanto, como um atleta olímpico, Ele tinha uma presença que dominava a câmara, a preenchia, não por sua estrutura física, mas pelo simples fato de estar lá.

Quando o clérigo soube da descoberta de fragmentos de pergaminhos, ficou simultaneamente admirado e apavorado. O Livro do Q tinha sido, até então, somente uma conjectura dos estudiosos bíblicos. A similaridade dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, indicava uma fonte ainda mais antiga, uma Quelle (fonte) na Alemanha, o perdido livro do Q. E quando ouviu sobre seus conteúdos e corpos, o coração dele se apertou. Os repentes de culpa que ele sentia inicialmente como um altamente conceituado clérigo católico romano, que tinha feito o voto sagrado de manter a integridade das verdades doutriniais a qualquer custo, foram

rapidamente substituídos pela crua intensidade do poder que esses artefatos possuíam. Ele sabia que eles tinham poder para abalar todas as fundações da Sagrada Igreja e o cristianismo por todo o mundo.

— Foi aqui que encontraram os ossos do homem que acreditam ter sido crucificado? Aqueles que nos mandou para avaliação? — o clérigo questionou.

Faisal balançou a cabeça e respondeu:

— Não, devemos continuar para o sul, por essa passagem, para uma área sob a Fonte El Kas. A fonte fica localizada aproximadamente na metade do caminho entre a Cúpula de Pedra e a Mesquita Al Aqsa.

Eles continuaram em frente, seus passos ecoavam pela escuridão, a larga cintura do clérigo o forçava a virar de lado, espremendo-se nas galerias estreitas.

Enfim eles pararam. O clérigo se viu no centro de uma imagem que refletia a cúpula acima de suas cabeças. A câmara era um espaço octogonal de onde saíam oito galerias.

— Por aqui — disse Faisal erguendo a luz e iluminando o caminho à sua esquerda. — Os ossos estavam em um ossário.

O italiano lembrou-se de quando analisava os ossos. Os calcânhares estavam perfurados por um longo prego; os dorsos dos pés estavam rompidos, vítimas de um forte golpe de martelo desfechado no Monte Gólgota.

Faisal ergueu a lanterna, mas ela falhou. Sombras saltaram e dançaram pelas paredes.

— Tinha um nome no jarro? — perguntou o italiano.

Faisal virou-se e engoliu seco:

— Sim... em aramaico. J'acov, meu irmão, que morreu em meu lugar.

Um sorriso irônico surgiu no rosto do italiano. Ele vasculhou o bolso procurando por uma pequena lanterna de alta intensidade e a acendeu. Seu fecho de luz ergueu-se lentamente pelas paredes da cripta. Lá, gravada nas pedras, estava uma série de murais. A primeira gravura mostrava um homem recebendo o fardo de uma cruz. A segunda apresentava três figuras observando, de cima de uma montanha, a cena da crucificação. Abaixo, o homem com uma auréola tinha o nome Issa al-Nagar e o homem ao seu lado tinha o nome São João escrito em aramaico, copta e grego.

Quando iluminou a terceira figura ele percebeu que a face tinha traços delicados, femininos e que a mão esquerda dessa imagem segurava a mão da figura com auréola que estava ao seu lado. O italiano leu o nome em voz alta:

— Madalena, Pistis Sophia.

Sua boca ficou seca e o coração disparou, o clérigo se concentrou no terceiro painel. Entrelaçada aos ramos de uma árvore que se assemelhava a uma cruz, via-se uma serpente. A serpente tinha a cabeça de uma mulher, angelical, mas definitivamente feminina. Acima disso, uma pomba branca apontava para baixo. A imagem de um homem e uma mulher nus, Adão e Eva, estavam ao lado da árvore. O homem apontava para a imagem de uma tumba vazia. E a mulher indicava a direção do oriente, onde havia a imagem de uma cidade. As letras que estavam acima dessa imagem permitiam que se lesse Nin igi sirnagar.

— O que Isso significa? Perguntou o clérigo, apontando tal inscrição. - Não reconheço o idioma.

Faisal coçou o queixo e disse:

— É porque é babilônico antigo. Seu uso não se encaixa nas demais inscrições.

— Bom, mas você pode traduzir ou não?

— Significa "Grande Arquiteto do Paraíso".

— Esses desenhos são semelhantes aos símbolos gnósticos do século II. E o Grande Arquiteto é uma referência ao Deus Maçônico. Portanto, você não me mostrou nada de diferente. Inclusive suspeito que todo esse mural seja uma farsa — disse o clérigo.

Ele se manteve olhando serenamente, como o olhar de blefe em uma partida de pôquer. Mas quando ele ergueu a luz até o topo do terceiro mural, algo lhe chamou a atenção. Encoberto por uma camada de poeira, um contorno podia ser visto.

— Faisal — ele disse tocando-o no ombro. — Vê o resquício de tinta vermelha lá em cima?

Faisal ergueu a lanterna e murmurou:

— Sim, sob a poeira.

— Não, é como se alguém tivesse coberto com carvão deliberadamente — disse o clérigo ao olhar mais de perto.

Depois de uma rápida procura nas proximidades, Faisal encontrou uma caixa, colocou logo abaixo do mural e subiu nela. A madeira estava velha e estalava à medida que Faisal colocava seu peso sobre ela.

— Sim, é carvão mesmo.

Enquanto Faisal começou a limpar o mural com uma escova, o clérigo o observava.

Talvez Faisal já saiba coisas demais, pensou o clérigo. O italiano sabia o verdadeiro significado da imagem da serpente e da tentação no Jardim do Éden.

Sua mente vagava, e ele voltou às palestras que assistiu quando estudava na Universidade de Roma e que tratavam do trabalho de Joseph Campbell, a autoridade norte-americana sobre as origens do mito e suas relações com a religião.

O professor Lorenzo tinha mostrado para a classe um slide que se chamava A Árvore da Vida Eterna:

— Essa imagem pertence ao documento "Anel de Nestor", um anel de verdade, de ouro maciço que foi encontrado por um garoto camponês nos restos de uma enorme colméia. É do período da Creta minóica e data aproximadamente de 1550 a 1500 a.C. — ele apertou o botão do controle remoto. — Observem essa pintura de Miguelângelo. Alguns a criticaram porque apresenta a cabeça e o dorso de uma mulher que se transforma no corpo de uma cobra. Mas talvez O antigo mestre estivesse simplesmente escondendo a verdade à primeira vista. Nesse caso, no teto da Capela Sistina do Vaticano.



Um estudante perguntou:

— Então, você está dizendo que a história que é contada no Gênesis foi emprestada de crenças muito mais antigas?

— Exatamente.

— E que essa deusa serpente governa a humanidade?

— Não, exatamente o oposto: liberta a humanidade — explicou o professor. — Os gnósticos acreditam que o verdadeiro Deus enviou para a terra um salvador, um redentor, não somente uma vez..., mas duas. A primeira vez foi no Jardim do Éden, onde a serpente — que anteriormente simbolizava sabedoria e energia de movimento e, depois, foi transformada pelos escritores patriarcais em Satã — deu a Adão e a Eva o livre arbítrio. Eva simbolizava a divina Sofia, o aspecto feminino de Deus, e não uma sedutora cheia de luxúria. Misticamente, Sofia entrava na serpente e se tornava a instrutora, ensinava Adão e Eva sobre sua origem alta e sagrada e que não eram escravos da deidade criadora — Jeová.

— Parece que viraram a história de cabeça para baixo — disse outro estudante.

Lorenzo deu de ombros e continuou:

- Poderíamos dizer o mesmo a respeito dos israelitas que transformaram deuses em demônios cananeus e, depois, a Igreja Católica seguiu o exemplo erguendo igrejas sobre antigos templos considerados pagãos e adotando seus feriados.

— Como a Páscoa e o Pessach que são, ambos, celebrados na data da ressurreição de Adônis —, disse uma garota. — E como a morte, ascensão e ressurreição foram atribuídas a antigos deuses como Adônis, Mitris, Dioniso e, por fim, Cristo?

— Ou como o coelho e o ovo, símbolos da fertilidade se transformaram em coelhinho da Páscoa e a busca pelos ovos — completou um outro estudante.

Lorenzo concordou com a cabeça:

— As diferentes culturas adotam os mitos umas das outras. Transformam em demônios seus deuses.

— E suas mulheres — alguém disse em tom de piada.

— Gênesis, capítulo um, diz que Deus criou Adão à sua imagem e semelhança. A palavra Adão, se traduzida corretamente, significa a humanidade como um todo e não somente os homens. Então, os gnósticos acreditam que desde a criação de Adão e Eva à Sua imagem, Deus não é homem, mas sim andrógino. Além do sexo. Portanto, por que Deus não deveria ser adorado como imagem masculina e feminina? A sala ficou em silêncio. Então uma garota, que estava no fundo da sala, gritou:

— Já estava na hora de alguém dizer a verdade!

— Originalmente somos um tipo de aberração? Metade homem e metade mulher? — perguntou um garoto.

— A palavra que você estava procurando é hermafrodita. Que dividida em duas partes se transforma em...

— Hermes e Afrodite? — a mesma garota questionou.

Lorenzo concordou:

— Como Jung disse, uma suas duas naturezas e se torne completo novamente.

O silêncio da classe foi interrompido pelo sinal.

Depois de terminar seu trabalho, Faisal desceu e ficou de frente para o clérigo:

— Meu amigo, você parece perdido em seus pensamentos  
— ele disse tirando o clérigo de seu devaneio.

— Desculpe... o que você estava dizendo?

Faisal balançou a cabeça e continuou:

— Sua sugestão de que isso fosse algum tipo de farsa feriu meu coração. No mínimo pela minha pesquisa. Acredito que você achará mais interessante os resultados obtidos com os testes sobre a data do carbono e do isótopo de cloro. Peguei algumas amostras das imagens.

— E?

— E são anteriores aos Evangelhos, o que os torna...

— Da mesma época em que Deus esteve sobre a Terra, fazendo um cálculo preliminar — disse o italiano com um forte suspiro.

— Exatamente. Consegui retirar a maior parte do carvão  
— Faisal ergueu a lanterna.

Os olhos do clérigo focaram a imagem acima da pomba que estava acomodada nas nuvens. Um demônio de rosto vermelho-ocre olhava para baixo, com as sobrancelhas franzidas, e sua mão apontava exatamente para suas costas. Ele reconheceu o rosto. Era Asmodeus, o demônio usado por Salomão na construção de seu templo. Vinda de lugar algum, uma corrente de ar frio tocou sua nuca.

Instintivamente, ele se virou e vasculhou na escuridão com o estreito foco de luz da lanterna. Seus olhos procuravam, suas mãos tremiam.

Logo acima deles, depois de exibir uma permissão emitida pelo Supremo Conselho Muçulmano — waqf — ao guarda

que trajava o uniforme verde-oliva das forças de segurança, o homem que tinha seguido o clérigo para dentro da cúpula desceu os degraus rumo ao Poço das Lamas.

Automaticamente, ele passou a mão pelas roupas para verificar se os explosivos que trazia escondido permaneciam em segurança, presos em volta de seu peito. Com uma lanterna em cada mão, o intruso entrou na boca do túnel escavado. Quando ele entrou na estreita passagem, colocou a lanterna no chão. Parecia uma trilha de migalhas de pão, mas era o brilho fluorescente do pó que marcava o caminho.

## Capítulo 4

Na câmara inferior, o clérigo continuava congelado, tomado por um medo irracional.

— Talvez você tenha ofendido o demônio — provocou Faisal.

O clérigo o ignorou e atravessou a sala rapidamente:

— O que tem ali? Parece ser uma parede intacta.

— Talvez não tivessem mais parentes para enterrar.

Ao passar os dedos pela parede o clérigo percebeu algumas falhas, como se alguém tivesse trabalhado ali com um cinzel.

— Preciso de mais luz!

Faisal correu para o seu lado e apontou a lanterna para a parede.

Enquanto o clérigo passava os dedos pela parede, de cima a baixo, Faisal assistia. O clérigo parou e encostou o rosto na superfície da parede. Ele se afastou e oscilou, tirando um isqueiro Zippo do bolso de seu casaco. Girou o dedo sobre a

pedra e manteve a chama próxima à parede. Ela oscilava como se estivesse sendo beijada por uma suave brisa. Ele se ajoelhou e examinou o chão. Então, levantou-se lentamente e deu um passo para trás.

— Tem uma emenda na parede bem aqui — ele enfiou seu longo dedo na estreita fissura. Lascas de calcário caíam no chão. Ele se virou para Faisal, cujo rosto estava na penumbra, seus olhos não podiam ser vistos. — Isso não faz parte da parede original. Foi colocada aqui para impedir a entrada. O que você está escondendo, Faisal?

A expressão do árabe ficou tensa e depois foi se suavizando:

— Nada... Nada que o dinheiro não possa comprar.

— Então é uma chantagem, você quer...

— Trezentos mil dólares depositados nessa conta até o meio-dia de amanhã — ele sorriu e entregou um pedaço de papel ao italiano. — Como vocês dizem no Ocidente, "não é nada pessoal, só negócios".

— Não posso esperar até amanhã!

Aparentemente, o velho ditado beduíno "dê-me um bom camelo, um cantil com leite de cabra e um lugar para descansar minha cabeça" não servia para Faisal. E precisar lidar com esse homem incomodava o clérigo. As bochechas pálidas e os olhos escuros e pequenos davam-lhe a aparência de uma doninha.

— Somos cavalheiros, não somos? Sua palavra basta.

— Você tem minha palavra!

Um sorriso surgiu no rosto de Faisal:

— Como primeira parcela é satisfatório. Mas, se o que eu lhe mostrar for de interesse vou pedir um adicional de 700 mil dólares americanos.

— Feito. Agora mostre-me o que estou comprando.

Faisal se aproximou, ergueu a lanterna e disse:

— Sua observação foi só metade correta. A razão dessa parte da parede ser diferente é porque ela é parte da parede original. Vê a inscrição?

No topo da parede estavam algumas letras em grego moderno:

Ï ÍÁÍÓ ÓÍÕ ÂÁÓÉÊÀÛÓ ÓÏËÍÍÓÍÓ

Apertando os olhos enquanto lia a inscrição em paleo-hebraico abaixo da inscrição em grego, o clérigo fez uma careta e disse:

— Beth-zur significa templo e Shelomoh... — virou-se para Faisal e o encarou. — Não estou com espírito para mais brincadeiras! As pessoas vêm buscando o Templo de Salomão há anos. Ele não existe, é uma lenda!

— Mas eles nunca foram autorizados a pesquisar sob uma mesquita sagrada com equipamentos modernos — Faisal fez uma pausa. — Usamos radares que penetravam o solo, GPR, através das paredes externas do Monte e realizamos testes sísmicos de alta frequência, assim como mapeamento magnético e varredura térmica por infravermelho. Os resultados, tanto do radar quanto dos testes sísmicos foram interessantes, mas as imagens da varredura por infravermelho foram mais reveladoras.

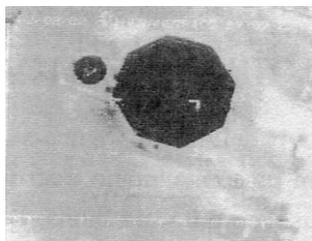
— Como isso funciona? — perguntou o clérigo.

— A varredura por infravermelho registra mudanças na radiação térmica acima da superfície de corpos com

capacidade térmica variável, como pedras grandes ou paredes enterradas sob a terra. Durante o dia, a superfície do Templo do Monte se aquece uniformemente através do sol e esse calor é conduzido para a parte subterrânea. De noite, a superfície esfria; entretanto, o calor que retorna da parte que fica sob a superfície não é uniforme por causa das cisternas, dos vazios, das fundações das pedras e dos canais. Essa variação forma imagens, Aqui, veja você mesmo.

Com um rápido girar do pulso, Faisal soltou um pequeno aparelho de vídeo portátil de sua cintura, era pouca coisa maior do que um maço de cigarros, tinha uma vista aérea da Cúpula composta por duas áreas escuras em forma de octógono. Ele finalizou:

— Essas fotos foram tiradas de um helicóptero na penumbra — ele passou para a próxima imagem. — Agora mais de perto. O clérigo se aproximou para examinar cuidadosamente a tela brilhante. Ali, envolto por toda aquela escuridão, isso parecia absurdamente fantasmagórico.



— Perceba que tem um octógono maior e outro menor. É nesse que estamos agora. Claro que eu tive a ajuda de um antigo sábio — Faisal prosseguia. — Usando os confusos

códigos deixados pelo alquimista árabe do século VII, Gerber, com os quais conseguimos chegar à palavra "gibberish", ou desvario. Assim, consegui determinar o local.

Os olhos do clérigo voltaram-se para Faisal, buscando algum vestígio de arrependimento. Procurou, mas não achou. Então disse:

— Isso não fazia parte das antiguidades que foram roubadas do Museu de Bagdá?

— Nossa agente, Laylah, recentemente comprou de um negociante na Suíça.

— Mercado negro?

— Não sei dos detalhes — disse Faisal, dando de ombros.

— Claro que não, você é um homem de sincera integridade — disse o clérigo em tom sarcástico.

— Pense o que quiser, mas aqui está o mapa. A deusa hebraica, Shekinah, da mística cabala judaica não prega peças. Ela nos testa. Dê uma olhada nesse painel.

Faisal foi para o lado e removeu o pó que cobria uma placa dourada repleta de símbolos que estava em um cubículo escuro. Um pentagrama, cujo centro apresentava o contorno de um pentágono, enigmaticamente colocado junto a letras estranhas. Abaixo dele estava a frase:

**IAΩ ABPΑΣA= AAΩN ATA**

— Você sabe traduzir? — Faisal perguntou em tom desafiador.

— É grego. IAO Abrasax. "Você é a criação do Senhor." Só mais um amuleto mágico dos gnósticos. Um Deus com cabeça de galo e cobras no lugar das pernas que segurava um escudo

em um braço e um chicote no outro. Eles colocavam essa imagem nos amuletos para afastar o demônio.

— Sim, mas está faltando o aspecto divino feminino, que faz parte da trindade original: o Pai, a Mãe e o Filho. Olhe as palavras que vêm em seguida.

### **AH ELOHIM SABAOTH ADONAI ELOAI**

— São nomes hebraicos para Deus. Todos masculinos — replicou o clérigo.

— Quem pensaria em um muçulmano instruindo um cristão sobre os nomes de seu próprio Deus. Pense na sua Bíblia. Pense em como Deus disse a Abraão para tirar uma letra do nome de sua esposa, Sarah, para significar a união do masculino com o feminino.

— Quer dizer Abrahão? Depois de Sari ter passado a se chamar Sarah?

— Sim. Agora insira o símbolo pressionando os símbolos correspondentes na placa — Faisal deu um passo para o lado e incentivou o italiano com um aceno de cabeça.

As mãos do clérigo tremiam como se ele estivesse prestes a girar a chave do dia do Juízo Final. O italiano pressionou o símbolo correspondente a AH. Nada se moveu. Ele pressionou com mais força. Nada. Quando ele estava abaixando a mão e se preparando para falar, o símbolo afundou na parede. Mas a parede permanecia imóvel.

Faisal sorriu e completou:

— Agora insira a mais óbvia combinação entre as últimas letras de seus nomes... ham, mais ah.

— Hamah? — questionou o clérigo.

Faisal fez que sim.

Dessa vez o clérigo não hesitou e pressionou o símbolo correspondente.

Um forte barulho, como se toneladas de areia estivessem caindo sobre uma grade, veio de trás da parede. A sala se moveu um pouco a princípio, e depois vários centímetros de uma vez, lentamente começando a afundar no piso. O som das pedras raspando entre si ecoou pela câmara vazia. Depois do estrondo, Faisal gritou:

— Isso é bastante adequado. Hamah significa rugido, uma melancolia ruidosa. Ou como suas feministas ocidentais diriam: "eu sou mulher, ouçam meu rugido!"

Um odor forte, parecido com amônia, veio do outro lado.

— Talvez o ar fique um pouco ruim... — disse o clérigo com uma expressão de preocupação em seu já transtornado rosto.

— É apenas o perfume dos moradores da caverna... os morcegos guano.

De repente o piso parou.

— É um teste em duas etapas. Olhe aqui — disse Faisal apontando para um funil de formato estranho que aparecia na lateral da placa.

À medida que se aproximava, o italiano iluminou dentro do funil e viu partículas de cristais dançando sob a luz.

— Você conhece palavras de poder? — perguntou Faisal.

— Não me diga que devo gritar "Abre-te, Sésamo", como Ali Babá dentro daquela coisa!

Ao brilho da lanterna ele podia ver a expressão aflita de Faisal, que disse:

— Não, o inverso do amuleto de Abrasax é a chave.

Faisal tirou de sob a túnica um medalhão e o colocou sob a luz.

O clérigo forçou a vista para tentar ler as pequenas letras em grego antigo:

/| **BBNAO ANAEA**

— Quase isso. A palavra é conhecida por crianças do mundo todo. Se combinarmos as duas últimas linhas formam Ablanathanalba, um palíndromo de letras gregas, ou seja, pode ser lido nos dois sentidos.

O clérigo ficou repetindo a palavra em sua mente e soltou um sorriso:

— Abracadabra.

— Uma pronúncia um tanto rude, porém basicamente correta. Alguns dizem que esta é uma variação de Ab Ben Ruash a Cadesh, que em hebraico seria o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

As sobrancelhas do clérigo se franziram e ele perguntou;

— Devemos tentar isso?

Depois ele ergueu as mãos para o céu, em gesto de rendição e completou:

— Sinta-se à vontade.

Faisal pressionou a frente do amuleto em um nicho circular que existia na parede. Fez um barulho de encaixe. Ele girou em sentido anti-horário, deu uma volta completa e parou. Então, ele se inclinou para perto da boca do funil e pronunciou o encantamento.

A princípio, nada aconteceu. O clérigo riu. Então, uma forte vibração ecoou de dentro da boca do funil. Seus ouvidos

zumbiram e suas obturações pulsaram em sincronia. Repentinamente, o piso sumiu, afundando-se no chão.

— Eu não diria que entendi exatamente como o mecanismo funciona ou mesmo como poderia funcionar — disse Faisal. — Mas tenho um palpite que tem algo a ver com o tom das ondas sonoras e a forma como afetam os cristais dentro do funil.

— Nesse momento, meu amigo, eu não me surpreenderia se a própria Atlântida estivesse atrás desse umbral.

— Depois que vir o que está reservado para você, vai desejar que fosse somente uma cidade perdida.

Tomando a dianteira, Faisal entrou pela cavidade escura.

No início o clérigo hesitou, mas seguiu guiado pelo brilho oscilante da lanterna de Faisal pelo estreito túnel. Um ruído intermitente, vindo de longe, chegou até eles.

## Capítulo 5

Com Faisal ainda à frente, caminharam por um labirinto de passagens. Em volta deles, a escuridão era uma presença física. À medida que desciam, o declive ficava cada vez mais acentuado. Por duas vezes o clérigo tropeçou em pedras afiadas que estavam salientes e arranharam sua pele.

Sem avisar, Faisal parou. Pego de surpresa, o clérigo esbarrou em suas cosias e o derrubou no chão. Quando ele caiu, a lanterna voou de sua mão e foi rolando, chocando-se contra o piso. Ela girava como um ponteiro em tabuleiro de jogo, projetando espirais luminosas sobre as paredes e o duro piso de rocha, até que parou com o feixe de luz iluminando um

rosto. Na altura do chão, Faisal olhou fixamente. Seus olhos demonstravam um grande pânico. Ele disse, choroso:

— Me ajude!

Tateando desesperadamente, o clérigo encontrou a lanterna. Ele estava de quatro, e engatinhou até Faisal. O piso rusticamente talhado causava dores agudas na artrite de suas rótulas.

— Cuidado! — gritou Faisal. — Eu caí em um buraco.

Com a luz da lanterna o clérigo viu os dedos de Faisal buscando onde se segurar na beirada do buraco.

Ele colocou a lanterna embaixo do braço e sentou com as pernas abertas em V. Então, segurou Faisal pelas axilas e puxou o árabe lentamente em sua direção, enquanto se projetava para trás. Depois de se livrarem do buraco os dois deitaram no chão. Eles respiravam fundo, descompassadamente, o ar estava escasso e úmido.

— Você salvou a minha vida — disse Faisal.

— Você faria o mesmo.

Faisal respirou com dificuldade e tossiu:

— Eu não teria tanta certeza. Sou um covarde egoísta.

O clérigo viu um brilho fraco e perguntou:

— Sua lanterna?

— Devo tê-la deixado cair.

Foram até a boca do buraco e o clérigo iluminou, com a lanterna, a escuridão lá embaixo.

Com cerca de cinco metros de profundidade e dois de diâmetro, o buraco tinha as paredes revestidas por pontas afiadas de quartzo. No centro estava a lanterna, junto de um esqueleto.

Lentamente ele observou o entorno. Um grande escorpião preto saía pela cavidade ocular do esqueleto e foi passando pelas costelas até chegar embaixo do braço e, por fim, parou sobre um escudo branco e preto com uma cruz vermelha já desbotada.

Com a voz falhando e calafrios subindo pela sua coluna, o clérigo disse:

— É um escudo templário.

Eles trocaram olhares desconcertados.

— Então a lenda é real — o clérigo completou.

Levantou-se cuidadosamente, curvou-se e puxou Faisal:

— Como você não sabia que o buraco estava aí?

Com a voz um pouco tímida Faisal respondeu:

— Devemos ter pego algum caminho errado...

— Devemos? Você sabe o caminho de volta?

— Em uma palavra... não.

— Então precisamos saltar para o outro lado.

— Mas como vamos saber se não há algum tipo de armadilha nos esperando do outro lado?

— Não sabemos. — O clérigo deu alguns passos para trás e tomou equilíbrio: — Eu vou primeiro.

— Que Alá esteja com você!

O clérigo pegou velocidade e saltou. Conseguiu passar do buraco por poucos centímetros. Então, ele se virou, deu alguns passos para trás e apontou a lanterna para o buraco.

Faisal fechou os olhos, murmurou uma pequena prece e correu, caindo bem na beirada do buraco, com o rosto nos pés do clérigo. Ele levou as mãos até o nariz que sangrava e resmungou:

— Deve estar quebrado.

O clérigo abaixou-se e examinou o nariz do companheiro. Com a mão ele o torceu bruscamente.

Faisal fez uma expressão de dor e resmungou:

— Você tem um coração de pedra, meu amigo.

— Vai ficar bom — disse o clérigo sarcasticamente enquanto o levantava do chão.

Eles seguiram adiante.

Enquanto caminhavam forçavam os olhos para tentar enxergar além do alcance da lanterna e procuravam atentamente outros buracos. O clérigo parava ocasionalmente para olhar para os lados. Em um ponto, surgiu uma seqüência de túneis à sua esquerda. Ele se lembrou do Inferno de Dante. Talvez fosse isso o que o esperava do outro lado, um labirinto sem fim de túneis, todos levando ao tormento no sétimo círculo do inferno. Ele se esforçou para aquietar os conflitos que afligiam seus pensamentos.

Então, logo à frente, ele a viu. Uma íngreme e sinuosa escadaria feita com pedras soltas.

Buscando em sua memória lembrou-se da descrição do Templo de Salomão. Duas escadarias sinuosas que levavam ao Sagrado dos Sagrados e à Arca da Aliança. Sua mente buscava um apoio para os pés. "Isso é insano. Estou tendo um pesadelo acordado", ele pensava.

Eles trocaram olhares furtivos e começaram a subir os degraus com as pernas exaustas.

— Alguma coisa parece familiar? — perguntou o clérigo enquanto passava os olhos pela vasta câmara que os rodeava.

— Pela graça de Alá, nós encontramos! Sei fazer o caminho de volta a partir daqui. Mas antes você precisa ver os mistérios com seus próprios olhos. E os artefatos que você procura estão exatamente...

Eles chegaram no topo da escada. Bem na frente deles estava uma imponente porta feita de madeira de oliveira e entalhada em ouro.

Faisal parou e olhou fixamente para o clérigo, como se estivesse tendo uma visão:

— Não há como voltar depois de entrar. Tem certeza de que você está pronto para a verdade?

— A verdade deve nos libertar — respondeu o clérigo, mulo, para aliviar a tensão que dominava seu corpo. — Já vim de muito longe, busquei por muito tempo respostas para desistir agora. É hora do mundo acordar do sono da falsa doutrina, das mentiras que vêm de Roma, das mentiras que vêm do púlpito protestante.

Aos poucos eles foram se aproximando.

— A mentira que cega, meu irmão, pode ser mais confortável para sua alma do que a verdade nua.

— Vamos em frente com isso. Ou você não quer o seu dinheiro?

— Ah, isso eu quero sim — disse Faisal, que respirou profundamente e colocou o ombro contra a porta para abri-la. Do lado oposto da sala abobadada, estava um altar de ouro. Atrás dele, duas estátuas gigantes, como duas torres, seus olhos talhados em pedra olhavam fixamente, silenciosos e enigmáticos. Fixada na frente do altar estava uma figura de bronze. Sobre o altar, taças de ouro. Com a boca aberta de

assombro e o coração disparado contra a caixa torácica, o clérigo ficou parado, totalmente atordoado. Nas paredes laterais, lamparinas oscilavam e suas sombras caminhavam pelas paredes.

— As lamparinas alquímicas da chama eterna — disse o clérigo com reverência. — É impossível! Eu li sobre elas, mas...

Ele se aproximou e pôde ver uma tina de pedra que conectava as lamparinas e seguia por toda a parede. Na ponta dos pés ele conseguiu colocar a mão em seu interior. E lá sentiu um grosso e pegajoso óleo. Então ele pegou uma das lamparinas e a examinou:

— Como imaginei. O pavio é de abesto e o suprimento de óleo é eterno. Impressionante.

— Não gostaríamos que o mundo conhecesse as propriedades de tal óleo, meu amigo. Ou o Reino pode falir — disse Faisal ao se virar de frente para as duas estátuas. — Magníficas, não são? A grande deusa dos cananeus em seus aspectos gêmeos: Ashtoreth e a primeira esposa de Adão, Lilith.

— Não compreendo... — gaguejou o clérigo. — A Bíblia, a Torá e a Talmude. Os israelitas, os judeus cultuavam JAHWEH. E eram sociedades patriarcais.

Faisal gargalhou tanto que até lágrimas caíram de seus olhos:

— Chauvinistas, sim, mas não originalmente patriarcais. Você sabia que o maior pecado de Lilith, pelo qual foi banida do Jardim do Éden, foi ter se tornado uma mulher ocidentalizada? Sem se importar com sua posição missionária e desejando sempre estar no topo. Como um homem árabe,

consigo entender a raiva de Adão. Alguma vez você já ponderou sobre o motivo de tantos homens árabes se tornarem fundamentalistas, recorrerem ao haxixe ou preferirem a companhia de outros homens? É porque nossa lei exige que ciruncisemos nossas mulheres, que mutilemos seus clitóris. Então, elas não sentem prazer com o sexo e, portanto, nós não podemos satisfazê-las nunca.

— Não vejo graça nisso. Não me interessa a lenda sobre Lilith, a primeira mulher de Adão, ou sobre como vocês acabam com jovens e inocentes garotas!

— Estou tentando responder a sua pergunta. Novamente, vou citar seu Livro do Bem: "O rei profanou também lugares altos, negligenciando Jerusalém... com deuses gravados, que foram construídos pelo rei Salomão de Israel, para Ashtoreth ou Asherah, deusa dos sidônios, e para Lilith, angustiada do deserto, cônjuge dos desonestos, e para Moloch, deus dos amonitas".

— Mas...

— Olhe à sua volta — disse Faisal, indicando toda a câmara com o braço. — As referências do éden ou sexuais à procriação. Considere os pórticos em foi ma de losangos, significando o ventre, por exemplo. Salomão era iniciado nas Escolas de Mistérios e o templo que ele construiu foi, na verdade, uma casa de iniciação... contendo inúmeras filosofias pagãs e emblemas fálicos. Em hebraico o nome da deusa Asherah também significa árvore viva. As romãs representando a semente, as colunas em forma de palmeiras, os eretos pilares à frente da porta, o querubim babilônico e a disposição da câmara e, inclusive, as cortinas que um dia

estiveram penduradas aqui. Tudo isso indica que o templo foi padronizado de acordo com os santuários egípcios. Ou vai me dizer que é tudo muito diferente das grandes catedrais góticas da Europa?

— Não posso negar isso. Nós também codificamos mensagens na arquitetura de nossos locais de cultuação e em nossos templos maçônicos, ocultando nossa adoração à divindade feminina. Mas ver a realidade disso tudo, a antiguidade do conhecimento secreto em sua antiga fonte, ao vivo, é um pouco chocante.

— Então prepare-se para ficar completamente chocado — disse Faisal ao se dirigir para o altar. — Venha com a lanterna até aqui. Quero que dê uma boa olhada nisso.

Acima da cúpula, uma jovem estudante afastou-se da área de proteção enquanto olhava a pedra sagrada abaixo de seus pés e quase caiu quando estes bateram em alguma coisa. Ela se abaixou e encontrou uma mochila. Olhou em volta para ter certeza de que a professora não estava vendo e começou a xeretar dentro da mochila. No fundo encontrou uma caixa de chocolates. A garota se curvou e deu uma olhada na caixa. "Estranhamente pesada para uma caixa de chocolates", ela pensou. Rapidamente ela fechou a tampa da caixa, pendurou a mochila no ombro e se juntou novamente ao grupo.

## Capítulo 6

Atrás do altar, no chão, estava um enorme bloco de mármore com um anel em seu centro. Suspenso acima dele estavam as

pernas de um grande tripé com um mecanismo de polia e roldana que parecia feito de aço. Um cabo passava pela roldana e pela polia e, então, descia até um gancho encaixado naquele anel.

— Parece familiar? — perguntou Faisal. — Acho que esse tripé foi feito especificamente para isso. Deve ter dado um trabalho dos demônios trazer isso aqui para baixo — ele apontou para uma pilha de correntes e de restos que deveriam ter sido, um dia, toras de madeira. Ele continuou: — E, logicamente, não foi feito somente um templo nesse local. Existia um templo original, o templo novo e o templo de Herodes, de onde acredito que parte desses restos tenha vindo. Os Cavaleiros Templários, provavelmente, usaram cavalos e cordas para erguer o piso.

Imediatamente, o clérigo reconheceu aquele dispositivo como um elemento em escala que pode ser encontrado em todas as Lojas Maçônicas. Seu coração golpeou o peito, suas mãos se encharcaram de suor. Ele as secou nas calças.

Juntos, agarraram o puxador da roldana e puxaram. Os rostos tensos, os braços exaustos pelo esforço muscular. Ouviu-se o som do atrito e o mármore começou, lentamente, a se erguer. Quando ele chegou próximo ao topo do tripé, Faisal disse:

— Já está bom.

Então, ele arremessou uma alavanca para travar a roldana e se ergueu, com as mãos nas costas, na altura da cintura, sem fôlego.

Abaixo do bloco suspenso, encontrava-se um buraco escuro, quadrado, com cerca de dois metros de largura.

Eles se aproximaram da beirada do buraco e o clérigo lançou o feixe de luz na cavidade. Descendo até o fundo da escuridão existia uma escadaria esculpida em pedra.

— A entrada para o subterrâneo que os templários descobriram? — questionou o clérigo.

— Os mais velhos primeiro — disse Faisal, concordando com a cabeça e indicando a entrada para o clérigo.

O ar estava ralo, a faminta escuridão os rodeava completamente. À medida que seguiam o caminho descendente pelos estreitos degraus, o único som que ouviam era o de seus próprios passos e a respiração ofegante do árabe.

Em meio à respiração tão difícil, Faisal disse:

— Minha maldição desde a infância, asma.

— Você consegue prosseguir? — perguntou o clérigo se apoiando na parede com a mão livre para se firmar enquanto descia os degraus.

— Não falta muito e o ar lá melhora, fica mais fresco — disse Faisal, tossindo.

Da parte inferior vinha uma fraca luz e eles logo atingiram a base da escadaria.

Viram-se em uma câmara menor.

No centro, suspenso, um grande móbile de ouro girava no ar enquanto eles observavam da antecâmara. Sob o móbile, letras hebraicas decoravam o solo. As paredes e o piso eram delineados pelo fraco brilho laranja das lamparinas da chama eterna que adornavam a sala.

— Veja como os segmentos se movem, meu amigo — disse Faisal apontando o móbile com a cabeça.

O clérigo observou, pacientemente, tentando determinar um padrão. Então ele viu. Daquele ângulo, os segmentos dançantes se fundiam, formando uma serpente alada que comia sua própria cauda. Gaguejando, ele sussurrou:

— É um Ouroboros, o símbolo da regeneração, o "casamento místico" do micro e do macrocosmos. Dos mundos interno e externo.

Embora o símbolo seja comum hoje, até mesmo usado na forma de um círculo de luz espiralado pela Lucent Technologies, o clérigo sabia que ele tinha um significado muito mais profundo. Por causa da Inquisição, os cientistas ou alquimistas, como eram chamados, precisavam esconder os segredos na forma de alegorias e símbolos. Somente quem tivesse a chave poderia decifrar o conhecimento oculto. O "dragão alado" simbolizava nosso Guia Interior, nosso Anjo Guardião Sagrado, como os gnósticos chamavam. E o "dragão sem asas", simbolizava nosso ego, nosso "reizinho", que bloqueava o caminho.

— Concentre-se no centro — ordenou Faisal. — A inscrição que está no chão diz: "Deixe que seus olhos o guiem além da imagem giratória do esoptron".

Agora, olhando novamente para o centro, formava-se a imagem da Estrela de Davi. Enquanto o clérigo prestava atenção no centro, pensava no significado do símbolo. O triângulo apontado para baixo simbolizava o princípio feminino, mas conjugado ao triângulo apontado para cima, simbolizava, como o Ouroboros, um casamento místico. "Deixe que seus olhos o guiem..."

Essa era a pista. Através do centro da estrela, ele via algo no canto distante da sala: um fraco oscilar da luz refletida das lamparinas eternas. Buscou em seu bolso um laser indicador, acendeu-o e focou em um cristal suspenso que girava no centro do hexagrama. O feixe de laser foi dividido em duas partes e rebateu, serpenteando pela escuridão e chegando à boca do Ouroboros. Ele refletiu de volta, como se por uma superfície espelhada invisível. E, dentro da boca, flutuando na escuridão, surgiu uma imagem holográfica em 3-D. Uma porta dourada girando. Ele atravessou a sala, com Faisal logo atrás.

"... além do esoptron, ou espelho em grego", ele pensou.

Ao longe estava uma porta de bronze polido, o único tipo de espelho inventado na época de Salomão. À uma certa distância a superfície trabalhava como um espelho mágico, refletindo a escuridão que cobria a sala, e dava a impressão de que nada além do vazio ia em sua direção.

— E como passamos por ela? — perguntou o clérigo ao seu companheiro. — Você não está ajudando muito, sabe.

— Suas palavras ferem meu coração — respondeu Faisal balançando o dedo e simulando o olhar de cachorro triste. — Estou agindo apenas como o guia que lhe trouxe até a entrada. Desvendar os mistérios do templo e conseguir a recompensa é tarefa de quem busca. Assim está escrito.

— Você já pensou em se tornar ator? "Assim foi dito, assim está escrito". Você parece uma má caracterização de Moisés nos Dez Mandamentos.

— Não tenho certeza se gostei de seu tom de voz. Não distorça minhas palavras.

O clérigo estava prestes a responder, mas fez uma pausa:

— Diga de novo.

— O que? Não tenho certeza se gostei de seu tom de voz?

— Não! A parte final.

— Não distorça minhas palavras?

Caminhando até a quina da parede, o clérigo gritou por sobre o ombro:

— Você disse que a inscrição falava sobre a energia... giratória do esoptron, certo?

— Sim, mas...

Colocando as palmas das mãos sobre o frio metal e calcando com os pés o clérigo disse:

— Não fique aí parado! Empurre.

Empurrando com toda a força, enfim conseguiram movê-la, girando-a pelo seu eixo central, como uma porta giratória. O barulho do atrito do metal com a pedra ressoava na escuridão. Em alguns instantes eles estavam em pé do outro lado.

Lá, na escuridão, estavam três sarcófagos. Hesitantes, os vasos se aproximaram. O primeiro era branco e delicadamente entalhado, mas parecia ser muito sólido, como se não fosse oco, mas sim um único bloco esculpido magicamente na pedra. Faisal ficou parado, olhando, enquanto o clérigo passava as pontas dos dedos pela tampa: um selo em relevo com caracteres buscando algum significado sob a oscilante luz de sua lanterna.

Sondando com o feixe de sua lanterna, o clérigo se esforçou para ler a inscrição em aramaico, com voz vacilante: — Aqui jaz o corpo de Miriam de Magdala, filha da casa de Herod e

Chusa, irmã de Lázaro e Sara, Torre de Jerusalém, alta sacerdotisa dos curadores essenos, esposa de Jeshusa.

Por um longo período eles permaneceram calados, o muçulmano e o cristão separados por anos de mal-entendidos e derramamento de sangue.

Finalmente, o clérigo quebrou o silêncio ensurdecedor:

— Maria Madalena, esposa de Jesus — ele suspirou profundamente, seus olhos baixaram para a lateral do sarcófago. Então, ele olhou para os outros dois caixões e recuou: — O que é isso? — ajoelhou-se. — Há um anel de pequenas rosas esculpidas aqui enroscado entre as cruzes templárias.

— Eu garanto a você que a tumba não é uma falsificação — disse Faisal. — Todos acham que os templários apenas tomaram alguma coisa de valor do templo de Salomão. Agora parece óbvio que, de fato, eles não apenas tomaram a Arca da Aliança, mas também devolveram alguma coisa ou alguém ao seu local de descanso. Depois do exílio de Maria Madalena para o sul da França ela, provavelmente, foi temporariamente enterrada na região de Languedoc dos Cátaros, onde o papa empreendeu a primeira Cruzada Européia por 40 anos e massacrou mais de um milhão de europeus durante a Cruzada Albigenense. Mas os templários, temendo que Roma soubesse do local de descanso de Madalena, a levaram de volta para Jerusalém. Esse segredo de seu casamento com o profeta Jesus e o local de sua tumba eram os verdadeiros segredos que o papa Clemente V e o rei Filipe, o Justo, tentaram forçar os templários a divulgar.

Balançando a cabeça e olhando friamente para os olhos de seu acompanhante, o clérigo disse:

— Você é um péssimo ator. Mostre-me as provas!

— Ajude-me a empurrar a tampa, então. E você verá com seus próprios olhos — o tom de sua voz parecia mais uma prece do que uma afirmação.

Juntos eles fizeram muita força, com as costas retesadas, as têmporas pulsando e as veias do pescoço saltando, para conseguir mover a tampa pesada, centímetro por centímetro da pedra atritando com a outra pedra. O doce odor de temperos e algo que se assemelhava ao odor de pétalas de rosas amassadas perfumavam o ar.

— Já é o suficiente — disse Faisal, respirando com dificuldade.

Ele colocou a mão dentro do sarcófago e retirou um pergaminho que estava sobre o corpo mumificado, que trazia na cabeça uma coroa de jóias.

Com as mãos trêmulas o clérigo pegou o rolo e, delicadamente, apoiou a pele de cabra sobre a tampa. Depois ele desenrolou uma pequena parte e com o feixe de luz leu o texto.

À medida que lia, sentia o sangue sumir de seu rosto. Era o Livro do Q e, mais importante do que isso, pelo pouco que se podia ver, parecia estar mais próximo do conteúdo dos evangelhos gnósticos do que do texto ortodoxo P ou a versão do rei Jaime sobre a vida e época de Jesus. Sua garganta ressecou, seus músculos enrijeceram com a tensão e ele ponderou as conseqüências. Em suas mãos trêmulas ele

segurava um evangelho real, escrito pelas próprias mãos de Jesus.

Prosseguiu lendo e chegou a uma passagem que era uma carta para Caifás, o Grande Mestre dos Sinédrios. Referindo-se a si mesmo como Mestre dos Íntegros, Jesus esboçava a traição de Judas e sua conseqüente crucificação.

O sangue do clérigo ficou gelado; seus dedos perderam a sensibilidade.

Falava sobre um plano para substituir Barrabás, a quem Jesus se referia como seu irmão J'acov, o Justo, na cruz. O clérigo sabia que Barrabás significava, na verdade, "Filho do Pai". Ele se manteve em silêncio a respeito do mural, mas a pintura que Faisal tinha lhe mostrado anteriormente, se combinada com esse documento, era uma prova explosiva de que os assim chamados textos hereges eram reais. Então ele se lembrou dos outros dois sarcófagos.

Ele se endireitou e caminhou, com as pernas trêmulas, até a segunda tumba. Sua tampa estava apoiada na lateral. Quando ele iluminou o interior com o feixe brilhante da lanterna, nada, a não ser o vazio, foi refletido. Seus olhos se voltaram para a tampa. Percorrendo-a com a luz, ele leu em voz alta:

— Jeshusa, filho de Maria e José, Issa al-Naggar, que não sofreu nada, mas mostrou o caminho da longa jornada e descansa na cidade da grande serpente.

— Está satisfeito com a autenticidade?

Apoiando-se contra a tumba, o clérigo fez que sim com a cabeça, lentamente. Ele se virou e olhou Faisal nos olhos:

— É tudo o que você prometeu e mais. Mas você sabia que o sarcófago de Jesus estava vazio? E como você sabia que o Livro do Q estava dentro da tumba de Madalena?

— O que eu mostrei e disse para você foi descoberto por meu pai. Mas ele morreu de repente antes de compartilhar todos os segredos do templo comigo. E algumas coisas estão além do meu controle. Parece que a lenda de Issa al-Nagar também é verdadeira.

"Então ele sabe o significado da palavra nagar e compreende a mensagem retratada no afresco", pensou o clérigo. O clérigo sabia que nos textos originais em aramaico, Jesus era citado como Bar Nagara. A palavra em hebraico ou aramaico é nagar, o que significa serpente esperta ou "bons com as mãos", em alusão a um magista. Uma palavra suméria similar — nanger — que significa carpinteiro, por conta de uma tradução errada, o intitulou carpinteiro e filho de um carpinteiro. Mesmo a importância de José era confusa. Em grego, tanto ele quanto Jesus eram citados como ho tekton, que significa "erudito ou professor" ou mais especificamente "mestre das artes". E isso envolvia o conhecimento, não o trabalho com madeira. O termo foi trazido até a Maçonaria atual: Mestre das Artes.

A opinião do clérigo se fortaleceu. "Esse homem sabe muito", ele ponderou. "Num minuto ele se finge de bobo e no seguinte é o erudito estudado. Ele é um risco inaceitável".

— Diga-me, Faisal. Essa cidade da grande serpente... você sabe onde fica?

Sorrindo deliberadamente e esfregando as mãos, Faisal disse:

— Mas é claro, meu amigo. E por uma pequena taxa adicional posso ser persuadido a lhe contar.

Tendo manobrado os sinuosos túneis, o intruso pisou no último degrau da colossal escadaria e entrou no templo. Seus olhos estavam atentos, buscando informação, e ele segurava sua arma bem à frente do corpo. Ele ouviu vozes distantes e foi seguindo o som, passando silenciosamente pelas luzes âmbar e pelas sombras que pareciam fumaça.

## Capítulo 7

O clérigo deu de ombros e disse:

— Falaremos mais sobre o túmulo de Cristo depois. Mas vamos dar uma rápida olhada no terceiro sarcófago, já que estamos aqui.

Faisal fez que sim e eles caminharam para o próximo caixão de pedra.

A tampa estava quebrada em duas partes. Lançando a luz da lanterna sobre ela, o clérigo parou sobre um selo de ouro.

De trás dele, veio um suspiro sufocado. O clérigo virou-se ao ouvir o som. No feixe da luz da lanterna viu seu companheiro parado, tremendo e rezando fervorosamente para Alá. E perguntou:

— O que é isso?

Balançando sua cabeça vigorosamente e com a transpiração lhe escorrendo pelas bochechas, Faisal disse:

— Devemos sair desse local agora. Reúna o que veio buscar, mas não...

— Pegue uma alça e venha me ajudar a erguer a tampa.

— Nunca! Esse é o selo da Clavícula Salomonis, A Chave do Rei Salomão. Seu propósito é unir o mal. Rompa o selo e...

— Ok, quanto dinheiro você quer agora?

Os olhos do árabe suplicaram:

— Esqueça o dinheiro... ele não vale a minha vida, a minha alma — disse o árabe com os olhos suplicantes.

Suspirando profundamente, o clérigo empurrou a tampa. Ela se moveu somente um pouco. Quando ele se apoiou com as costas, colocando toda sua força, a metade superior rolou para o chão provocando um forte estrondo.

Alguma coisa roçou o braço do clérigo e atravessou seu cabelo. Vindos de lugar algum o forte som de asas batendo ocupou o ambiente. Estridentemente, os vermes alados enlouquecidos voavam e mergulhavam desde o teto, revelando o cintilar dos pequeninos dentes a medida que se aproximavam. Mas no último momento eles congelaram em uma massa preta que formou um enxame sobre os dois intrusos e desapareceram tão rapidamente quanto surgiram.

O clérigo passou as mãos freneticamente no cabelo, limpou suas roupas e retirou um pouco de guano de morcego. Ao olhar para baixo viu Faisal de joelhos, agachado no chão, com a cabeça sob seus braços em forma de tenda, tentando se proteger.

— Eles já se foram. Fique onde está — advertiu o clérigo.

Ele voltou até o caixão, e deu uma olhada em seu interior. Do corpo tinham sido retiradas as entranhas, mas a aparência era diferente, dos restos de múmia encontradas em museus. Em vez de parecer madeira petrificada, marrom escuro com

algumas sombras pretas, o corpo tinha uma aparência úmida, acinzentada, pálida, e tinha manchas em forma de listras amarelas. O rosto era todo anguloso, os ossos da face altos e as cavidades oculares profundas. O queixo protuberante, a testa alta e reta. Os lábios finos como um fio de navalha. Olhando mais de perto, ele viu que o peito estava murcho; cada costela claramente definida contra a pele esticada. Porém, mais desconcertantes eram os enormes olhos pretos. Era como se réplicas de obsidiana tivessem sido colocadas nas cavidades oculares por algum sacerdote egípcio. Eles irradiavam uma inteligência antiga e uma curiosa mistura de intensidade e fúria.

E, em vez de deitado de costas, o corpo estava dobrado em posição fetal. Pés e mãos unidos por correntes. Ele não conseguiu identificar o material das correntes, mas parecia alguma liga estranha. Ele foi até o outro lado. E foi então que viu.

Nas costas, onde qualquer um esperaria encontrar omoplatas, alguma coisa brotava. Curvando-se mais para perto, ele gelou. Vestígios de apêndices parecidos com asas enroladas para fora e para baixo no meio das costas.

Lentamente ele foi entendendo. Seus olhos voltaram para o peito da criatura. Ao redor de seu pescoço estava pendurada uma plaqueta dourada. As letras em hebraico do tetragramaton, o inefável nome de Deus, estavam estampadas no suave metal. E abaixo dele o nome — Asmodeus. Alguma coisa cintilou sob o feixe de sua lanterna. Um pequeno amuleto de prata próximo ao pescoço da criatura, no fundo da sepultura. O rolo de prata, ele deduziu. Sem pensar, sua mão

se moveu, arrancou o pequeno pedaço de metal e o guardou no bolso. Seu olhar contemplativo viajou pelo braço da criatura até sua mão atrofiada. Um anel dourado resplandeceu sob o brilho da luz da lanterna. Ele engoliu com dificuldade, agarrou e puxou o anel do dedo do cadáver. Depois de colocado em seu próprio dedo anular, ele o rolou para frente e para trás com o polegar e o dedo indicador de sua mão livre. O clérigo se lembrou dos textos que diziam como o rei Salomão havia dominado o demônio Asmodeus com seu anel mágico. Depois de cumprir as ordens e erguer o templo de Salomão, Asmodeus enganou Salomão deixando-o tentar usar o anel mágico. Em um instante, Salomão foi lançado para os céus e Asmodeus tomou o trono do rei. "Será que a lenda poderia ser verdadeira?"

Então, outra coisa chamou sua atenção. Um pequeno frasco feito de alguma substância parecida com cristal encontrava-se ao lado da criatura. Ele arrancou-o do caixão e o iluminou com a lanterna. Escrito em hebraico na lateral estava Shamir. Dentro do cristal âmbar havia um pequeno verme. Ele sabia da lenda que dizia que o verme tinha poderes mágicos. Quando Salomão o colocou sobre o mármore, a pedra foi dividida em duas. Colocando o frasco no bolso, ele gritou para Faisal:

— Eu acabei aqui. Traga-me o rolo e vamos embora!

O som dos passos desordenados de Faisal ecoou, sumiu e reapareceu. O clérigo estava de pé, de costas para Faisal, e segurava a cruz peitoral abaixo de sua camisa. Ele disse:

— Você fez bem, meu amigo. Eu acho que você merece ser recompensado com um pagamento adiantado.

Sua voz era suave, quase paternal, mas quando ele se virou, seus olhos escuros se fecharam como fendas. Com velocidade cega, seu braço se ergueu alto e, com o polegar, ele apertou uma trava de liberação no topo da cruz, soltando uma lâmina afiada de sua base. O aço frio reluziu no ar. A ponta da lâmina penetrou fundo na garganta de Faisal; ergueu-se de novo e se moveu rapidamente, perfurando seu peito; ergueu-se novamente e num movimento brusco, golpeou fundo seu olho esquerdo. O sangue verteu por suas bochechas em direção à garganta. Seus joelhos curvaram-se e ele tombou no chão frio, o outro olho permaneceu aberto, fixo.

O clérigo curvou-se e pegou o pergaminho de suas mãos.

Quando começou a se virar, lembrou-se de que Faisal tinha lhe mostrado imagens digitais da Cúpula. De joelhos, ele procurou nas roupas de Faisal pelo dispositivo. Quando arrancou o aparelho de vídeo da cintura de Faisal, percebeu o fio que se estendia até uma câmera de vídeo do tamanho de um botão escondida no centro da túnica do árabe. "O canalha gravou tudo", ele pensou. Ele se virou e arrancou a placa dourada do peito da criatura, Asmodeus. Seu braço se ergueu e levou a mão que portava o anel até seu peito murcho:

— Eu, rei Salomão, o invoco para cumprir minhas ordens! Nada aconteceu. Ele deu de ombros, soltou a placa, e puxou o isqueiro Zippo de seu bolso. Enquanto saía, manteve o isqueiro aceso e acidentalmente deixou-o cair sobre seu ombro dentro do sarcófago. A criatura mumificada virou chamas. Brasas estalaram alto na escuridão. E, olhando de relance para trás, pensou ter visto uma mão ardente se erguer, acenar brevemente no ar e depois descer lentamente.

O clérigo parou sobre o caixão de Maria Madalena. Ele gentilmente acariciou seu rosto e depois abruptamente quebrou a ponta de seu dedo petrificado. Depois, arrebatou uma mecha de cabelo e completou a profanação arrancando um dente.

— Minhas mais profundas desculpas. Mas vamos precisar muito da evidência do DNA.

Ele enfiou as amostras dentro de um saco plástico e começou a andar em direção à porta.

Uma intensa explosão ecoou ao longe. Estrondos de ondas de choque balançaram as paredes ao redor. Uma segunda explosão, agora mais próxima. O chão tremeu sob seus pés. Uma fina névoa de poeira se despreendeu do teto. Ele saiu em disparada pela câmara rumo à escadaria. Tropeçando, seus pulmões queimando, ele subiu os degraus desordenadamente. A lanterna de sua mão estendida piscou uma vez, duas vezes, e finalmente piscou pela última vez. Ele gelou na súbita escuridão. Tateou buscando seu Zippo, mas se lembrou que tinha caído na sepultura do demônio. Enfiando o pergaminho dentro de sua camisa, foi engatinhando, seus dedos tocando o ar como um homem cego.

Acima dele, distante, viu as lentes brilhantes de uma lanterna.

— Siga minha luz! — falou uma voz entusiasmada. Era o intruso, seu cúmplice.

Os membros carregados de adrenalina os levaram, pela abertura, para o interior da câmara principal.

— Por aqui! Precisamos nos apressar — gritou o intruso, que se virou e começou a correr.

Os olhos de pânico do clérigo varreram a sala. Teias de aranhas cruzavam as paredes como se fossem os martelos de cabeça redonda empunhados pelo demônio. Ele esquivou-se de blocos de mármore que caíam enquanto corria desordenadamente, seus olhos procurando no ar espesso de poeira alguma orientação à frente. Quando passou pelo altar, uma fissura irregular do piso o desequilibrou e o atirou ao chão. Um estrondo soou na direção dele e, de repente, a estátua de Lilith em forma de torre tombou no chão, quase o atingindo, e dividiu-se em duas enormes partes, lançando para o alto, nuvens de poeira.

Mãos ásperas o ergueram e o empurraram em direção à porta de saída.

— Há mais uma carga, precisamos nos apressar! — disse o intruso enquanto o arrastava pela porta, escada abaixo.

Nesse momento o clérigo estava tossindo violentamente, e não tinha firmeza nas pernas.

A escadaria começou a balançar violentamente quando veias gigantes marmorizaram as paredes e as colunas ao redor. Uma vez no piso inferior e já livre da escada, o intruso colocou o clérigo no chão e se abrigou em um túnel próximo. De repente, um grande pedaço de mármore caiu, imobilizando o clérigo com seu peso.

— Volte! — suplicou o clérigo, que deslizava o olhar sobre suas pernas até o profundo ferimento em sua panturrilha. — Não me deixe aqui!

Ele levou a mão até seu couro cabeludo; estava encharcado de sangue. Lutou para mover a laje. Mas ela não se mexeu. Então se lembrou do frasco. Procurando em seu bolso, ele o

encontrou e o quebrou batendo com força contra a lateral do mármore. Lentamente, o verme dentro dele voltou à vida e se movimentou sobre a superfície dura, em forma de arco, e depois começou a se infiltrar no sólido mármore. A rápida imagem de seu rabo sacudindo foi a última coisa que o clérigo viu antes da laje se quebrar em duas, libertando-o.

Da boca do túnel veio um rugido diferente. Piscando e revirando os olhos para limpar o sangue e o suor sobre eles, o clérigo viu um enorme olho amarelo encarando-o diretamente. O rugido aumentou e o olho se aproximou mais ainda. Ele enterrou a cabeça em suas mãos e gritou:

- Pelo nome inefável de Deus, eu te ordeno, demônio, por seu nome, Asmodeus, que vá embora daqui!

O dispositivo com quatro rodas acelerou até chegar ao seu lado, sacudiu e parou seu mecanismo emitindo um som bem alto. Recompondo-se, o clérigo retomou o equilíbrio com dificuldade e se levantou.

— Você disse alguma coisa? — gritou o intruso depois do barulho.

— Sim, porque raios você demorou tanto?

O mecanismo acelerou violentamente e eles se precipitaram à frente, indo parar dentro de um túnel.

Bem acima, nos degraus da Cúpula, os turistas fugiam em pânico enquanto a fumaça e o fogo brotavam da boca da mesquita sagrada. Um garoto judeu permaneceu parado, com os olhos vitrificados e pulsando com a energia de um fanático. A seus pés, os restos ensangüentados de uma garota. Em sua mão, ela segurava uma mochila.

— Eu tenho outra bomba, ele provocou, erguendo a mochila, mais alto. Quem se importa se eu queimar o templo chazar! Nós devemos destruído, derrubá-lo para reconstruir o templo de Jerusalém em seu lugar, como o rabino Mier Khane profetizou.

Um cordão de jovens oficiais das forças de segurança de Israel, ainda com rostos de meninos, mirou seus rifles de assalto Galil AR 5.56 mm sobre o garoto, os olhos arregalados cheios de ódio e confusão, seus dedos pesados sobre os gatilhos, seus corações batendo dentro de suas bocas.

— A sof! A sof! Vamos acabar com isso! Terminem isso! — o garoto gritou e correu em direção aos oficiais.

Um estouro de disparos simultâneos eclodiu e o garoto foi abatido onde estava.

Do outro lado do gigantesco muro de segurança que dividia a Palestina de Jerusalém, outro jovem entrou em um santuário diferente: o novo Memorial do Holocausto. Seus traços eram delicados, seus olhos azuis. À primeira vista, ninguém perceberia que ele era muçulmano. Ele se aproximou do ponto de fiscalização da segurança interna. Seu olhar estava vago, seu rosto relaxado e sem expressão. Quando o guarda indicou para que ele se encaminhasse ao magnetômetro, seu sorriso foi forçado, de cera, mas suas covinhas reluziram como se ele estivesse embarcando no ônibus para a escola. Ele parou e quando seus olhos azuis se inflamaram, murmurou:

— Allahu Akbar, Alá é grande. Morte aos Infieis!

Então, socou seu telefone celular, acionando o detonador. Tudo foi para os ares com uma explosão violenta, com fortes labaredas.

## Capítulo 8

### Roma, Cidade do Amor Infernal

O vôo 284 da Alitalia estava realizando a aproximação final. Enquanto ele descia através de uma barreira de nuvens, a passageira no assento 4C dormia ressonando, a cabeça aconchegada em um travesseiro, voltada para a janela da cabine de primeira classe. A luz dos primeiros raios de sol do dia banhou seu rosto com uma expressão de serenidade, o sutil jogo de luz e sombra, chiaroscuro, como em uma das Madonas de Rafael. Ela sonhou com tempos passados. Visões flutuaram em sua mente como ondas: imagens da escola particular e da vida universitária na Itália, de Carlo — não somente seu primeiro amante, mas também o primeiro homem que ela realmente amou, o homem com quem todos os demais seriam comparados —, imagens de seu pai, Tateh, suas costas curvadas pela idade, acotovelado sobre uma mesa forrada de livros e manuscritos antigos. Ela visualizou Muta, as calorosas feições italianas de sua mãe, sua beleza.

O doce som da voz de sua mãe flutuou através de seus sonhos, cantando uma antiga canção de ninar iídiche, Shlof, Mayan Tokhter:

Durma minha boa menina Durma no seu berço

Vou me sentar ao seu lado e te cantar uma canção  
Vou balançá-la no berço e cantar para você dormir.  
Lulinke, criança mayan... Silêncio, criança...

O rosto de Carlo apareceu novamente, mais velho agora, porém ainda mais bonito do que na juventude. Será que ela conseguiria vê-lo novamente, deixá-lo mais uma vez?

De repente, flashbacks violentos bombardearam seu pacífico mundo de sonhos: tiros de armas de fogo iluminando passagens compridas, escuras e estreitas; o estrondo das explosões; gritos na noite, os gritos das crianças, das mães e das filhas, dos pais e dos filhos — visões da guerra.

Ela era um membro do Mossad, Ha Mossad le Modiyh ve le Tsfikhim Mayuha-dim, o Instituto de Inteligência e Operações Especiais.

Ficou entre os Estados Unidos e Tel Aviv durante toda sua juventude, freqüentou escolas particulares em Nova York e juntou-se ao Gadna, brigadas jovens, em Israel.

Seu pai era o internacionalmente renomado professor de teologia, Dr. Max Schulman, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ele havia sido responsável por postos na Universidade de Roma, Universidade de Princeton e, agora, era professor honorário da Divinity School da Universidade de Chicago.

Mas, mais importante que isso, ele serviu como conselheiro do governo de Israel, e como Sayan, um ajudante judeu voluntário fora das fronteiras de Israel.

Sua mãe, Muta Ennoia, era judia nascida na Itália, mas praticava a religião do pai — o catolicismo —, embora a tradição judaica da mãe estivesse enraizada em sua natureza.

Uma promissora diva de ópera italiana que desistiu de sua Roma e de sua carreira por Max Schulman e a filha que tiveram, Josephine. Então, quando Josephine tinha apenas 14 anos, sua mãe perdeu a vida em um ataque a bomba de terroristas em Roma. Seu pai nunca se casou novamente, nunca entregou seu coração à outra mulher. Em vez disso, enterrou-se nos livros e no trabalho e, pouco depois do aniversário de 16 anos de Josephine assumiu um cargo em Princeton, Nova Jersey.

Para tentar se enturmar com as outras garotas na escola, ela passou a ser chamada de Josie. Porém, Josie era muito americanizado e ela nunca se adaptou muito a essa realidade.

— Você é muito teimosa, Josie! — seu pai dizia. — Por que você é tão solitária?

Ela dava de ombros e saía, sozinha mais uma vez, preferindo a solidão à companhia dos outros. Ela estava muito velha para se adaptar à perda da mãe e, como a maioria dos adolescentes que perde um dos pais, culpava a si mesma. Ela jurou se vingar.

Quando terminou o colegial, Josie mudou-se para o Brooklyn, local de nascimento de seu pai. Morou em um pequeno apartamento e estudou na Universidade de Nova York, onde completou sua graduação e mestrado. Após a formatura, ela retornou a Israel e logo foi recrutada por um dos colegas de Tateh na Universidade Hebraica. Foi treinada na academia do Mossad, a Midrasha, localizada ao norte de Tel Aviv. Conhecida apenas como Prédio 28, Sua meta de vingar a morte de sua mãe continuava firme.

Ela começou sua carreira como mensageira, depois oficial júnior da inteligência, e, finalmente, uma Kasta — agente de casos internacionais — com tarefas em vários países do terceiro mundo. Em seu último posto serviu na Bélgica, onde se afogava em waffles e era mantida ocupada vigiando a Otan. Havia sido forjada pelas políticas de compromisso — o oitavo pecado capital. Ela era um raio que precisava ser constantemente aterrado. Uma maníaca por energia. Aterre-a rapidamente ou ela pode acabar se dissipando, queimando instantaneamente na atmosfera. Mas não antes de botar fogo no mundo ao seu redor. Como resultado dessa energia, sua carreira tinha se estabelecido, mas temporariamente. Seu rabino na Agência, seu guardião, a salvou. Ela foi transferida para Metsada, um departamento dentro do Mossad que lida estritamente com Operações Secretas. Josie tornou-se uma combatente no Kidon, a Baioneta, que era usada apenas nas operações de risco: assassinatos e seqüestros. Ali, sua voltagem podia ser amplificada e ajustada para sua máxima eficiência. Josie começou a acordar, lentamente entrando no mundo que a rodeava, mas ainda estava um pouco tonta por causa do tablete de dois gramas de Xanax que tinha tomado para superar sua claustrofobia crônica, seus ataques de pânico moderados.

Uma ágil, mas rechonchuda comissária de vôo requebrava-se no corredor. Curvando-se, ela suspendeu seu traseiro diretamente no rosto do Pequeno Homem, um passageiro sentado no corredor na frente de Josie. Imóvel, sem tirar suas nádegas do rosto dele, ela simplesmente as ajustou com uma sacudida provocante. Josie percebeu a sessão de cobiça do

Pequeno Homem através de uma bruma púrpura. A comissária gentilmente balançou o antebraço de Josie. Ela respondeu imediatamente agarrando o braço da comissária de maneira instintiva, apenas um reflexo.

Erguendo a sobrancelha, a comissária explicou:

— Scussi Signorina, vamos pousar. Por favor, endireite seu assento.

Josie ficou aliviada, mas feliz por ter conseguido controlar seus reflexos quando necessário. Um ligeiro sorriso surgiu em seu rosto quando ela se imaginou agarrando o pulso da arrogante comissária e fazendo-a andar de joelhos pelo corredor, implorando o perdão de cada passageiro à medida que passava. "Essas primas donnas são tiranas tão cruéis", pensou Josie. "Dê a elas um uniforme de grife e um pequeno par de asas e observe o que acontece."

Ela dissipou o pensamento fantasioso, voltou ao momento e respondeu de forma seca, porém educada:

— Obrigada.

O Pequeno Homem do corredor, agora com o rosto vermelho devido à linguagem corporal provocante da jovem comissária e pelo rápido momento de tensão na cabine — um pequeno desentendimento —, aparentemente havia se acalmado. Ele ingeriu o que provavelmente era uma pílula para pressão e afrouxou seu colarinho.

Josie sacou seu pó compacto para reavivar a maquiagem e estudou seu reflexo. Seus olhos cor de topázio, estelares, ainda tinham brilho. Seu rosto mantinha uma textura suave; o viço da juventude e um bronzeado saudável, seu cabelo cor de mogno reluzia como o de Muta. "Sem tanta dureza no olhar,

seja uma espectadora, Tateh diria", ela pensou e piscou. "Pode apostar seus doces, baby."

Mas quando ela olhou mais profundamente o reflexo, a verdade apareceu. Ela estava exausta, esgotada, osygeshpilt, e cansada do jogo. Cansada das mentiras, do fluxo interminável de aeroportos e novos rostos inexpressivos. Cansada dos quartos, bares e lobbies de hotel. Ela havia dormido sob tantas bandeiras distintas e sob tantos nomes falsos. Com tantos homens diferentes. Os lugares que ela freqüentou variaram desde os mais simples rincões até os luxuosos palácios de opulência cinco estrelas. No final, eles eram todos iguais. Não eram a sua casa. Ela não tinha uma casa. E, acima de tudo, ela estava cansada de ficar sozinha; cansada de tudo isso.

A comissária voltou e a instruiu a guardar seu laptop. Josie inflou suas bochechas e soltou um abafado "puta" por entre os lábios. O Pequeno Homem, o voyeur, olhava para frente. Josie imaginou que a virilidade dele estava pulsando quase tanto quanto seu coração.

A superfície da borracha contra o asfalto. O zunido ensurdecedor dos motores a jato. O estremecimento e o impulso das forças de gravidade contra seu corpo. Isso tudo pareceu roubar seus pensamentos. Fazia com que ela se lembrasse da adrenalina que sua carreira sempre proporcionou. A dose de entorpecente.

Essa era uma tarefa simples. Entrar e sair rapidamente. Um jantar tarde da noite com o monsenhor Scarlotti, e Lotti, o irmão de sua mãe, da parte católica da família, pegar o livro e ir para Chicago para uma reunião há muito tempo esperada

com Tateh. O avião se aproximou do ponto de parada em frente ao portão.

O Pequeno Homem do corredor, sentindo-se, de repente, muito italiano e com excesso de fantasia sexual, se esfregou na comissária e beliscou sua bunda ao descer do avião. Ela se virou e deu um forte tapa no rosto dele. Os guardas foram chamados e ele passou a noite preso no Aeroporto Leonardo Da Vinci. Tanto pela Dolce Vita.

Depois, Josie entrou na fila mais curta para a fiscalização de passaporte, sacou seu passaporte canadense emitido pelo Mossad, impresso em papel autêntico, completo com dados legítimos e referências verificáveis, e pegou um táxi para o Hotel Excelsior logo no fim da Rua da Embaixada Americana. Ela tomou um longo e relaxante banho. Tinha o resto do dia para matar. Assim, ela fez o que qualquer mulher de respeito envolvida em intrigas internacionais faria: compras em Roma. Se desse tempo ou se a oportunidade aparecesse, ela procuraria Carlo.

## Capítulo 9

### Roma

O Pequeno Homem fez a chamada telefônica, obrigatória. Foi para Bill Cotter, o encarregado da Segurança Regional da Embaixada Americana.

— Cotter.

— O pássaro aterrissou — balbuciou o Pequeno Homem com um rosto pastoso.

— Não diga mais nada, essa é uma linha aberta, seu imbecil — sussurrou Cotter.

— Ah, eu vou dizer mais. Tire-me daqui!

Clique.

Um homem gigante, sorridente e desdentado estava sentado do outro lado da cela do Pequeno Homem. Seu hálito rançoso e o odor do corpo estavam competindo em uma Olimpíada. Quando o guarda puxou o telefone de volta através da porta de acesso da cela, o gigante em forma de tora ergueu-se e caminhou em direção ao Pequeno Homem. O efeminado Pequeno Homem olhou atentamente para a besta que se aproximava. Gotas de suor peroladas mancharam sua testa, mas ele continuou com os olhos fixos na besta. A língua da enorme besta para fora, entre lábios curvados, salivando como um lobo faminto olhando para uma cabra acorrentada. Ele chegou mais perto. O Pequeno Homem deslizou a mão para dentro do bolso, de onde retirou um equipamento eletrônico do tamanho de um telefone celular.

O gigante começou a rasgar seus ouvidos, como se algo estivesse fazendo um barulho cada vez mais alto, pulsando em sincronia com a batida de seu coração. Ele gritou, agonizante. O homem ficou gelado, com o peito parado e caiu no chão como se fosse um pacote.

O Pequeno Homem, completamente desprovido de emoção, caminhou diretamente até o gigante caído e ficou ao seu lado, observando-o por um momento. Depois, afastou seu pequeno

pé e o chutou fortemente na têmpora. Ele se sentou sobre a besta morta e suspirou:

— Ai, que história melodramática!

O guarda retornou. Sem que ele visse, o Pequeno Homem pegou o aparelho e guardou no bolso.

— Scussi, Signore Dottore. La Madre Benedetta! O que aconteceu aqui?

— Dieta pobre, eu suponho — disse o Pequeno Homem.

— Estou livre para ir?

— Si, Dottore. Si, mi perdoni... Il mio Dio, mi perdoni.

## Capítulo 10

### Cidade do Vaticano: Palavras Impronunciáveis

Era tarde quando os passos do monsenhor Scarlotti ecoaram sobre o piso frio de mármore do Palácio Apostólico. Ele caminhou rapidamente por longos corredores vazios. A maioria dos outros padres, cardeais e secretários estava participando de uma missa noturna na Capela Sistina com Sua Santidade, o papa. Os coloridos afrescos e as esculturas de mármore estavam ali, mudos, maltratados pela pátina e pela grossa camada de poeira adquirida com o tempo.

Enquanto andava, ele pensava. Seu antigo colega, professor Schulman, um excêntrico, enviou-lhe um telegrama em vez de um e-mail, no qual ocultava uma mensagem criptografada, pedindo para ele descobrir um item oculto na mensagem.

TUDO BEM POR AQUI POR FAVOR, ENVIE ÍTEM DISCUTIDO ANTERIORMENTE. PONTO. É O SUFICIENTE PARA ENLOUQUECER QUALQUER PESSOA QUE TENDE ENCONTRÁ-LO. PONTO. DISPONÍVEL EM UMA LIVRARIA LOCALIZADA NA VILLA FLORA 14-23-24. PONTO. FELIZ NATAL

Nesse dia, Scarlotti, primeiro secretário assistente da Curadoria Geral da Biblioteca Apostólica Vaticana, a Biblioteca do Vaticano, quebraria seus votos de obediência. Mas vidas estavam em risco. Talvez até mesmo a sua própria. O monsenhor Scarlotti atravessou o Pátio Bórgia, caminhando diretamente para uma colina à qual se chega através do Portão de Santa Ana, pela Via della Fondamenta, e entrou em um prédio fora do alcance do público geral. Agora ele se dirigia para baixo, por uma série infundável de escadarias sinuosas, cada vez mais fundo nas entranhas da biblioteca — Archivio Segreto Vaticano... Os Arquivos Secretos do Vaticano.

O ar mofado e úmido preencheu suas narinas e remeteu a coisas antigas e misteriosas: manuscritos amarelados. Coisas proibidas. Ilícitas e negadas.

Mais de cinco milhões de volumes encadernados e 80 mil manuscritos estavam confiscados dentro dessas paredes. Desde 1447, homens cultos, eruditos, nobres, clérigos e magos — estudantes da arte alquímica — estudaram e traduziram esses antigos volumes e tratados do grego, francês, latim, e até mesmo antigos papiros da Suméria, Babilônia e Egito.

Monsenhor Scarlotti tirou uma chave do bolso de sua batina preta, inseriu-a dentro de um cadeado de bronze manchado e a girou. Encostou seu ombro na pesada porta de latão, forçando-a e fazendo com que lentamente se abrisse.

Ele entrou na sala. A premonição de que alguma horrível maldição eslava presente, à espreita, se infiltrou em seus ossos, formando pedaços de gelo ondeantes fluía sangue quente. Sua mão buscou com cautela, tateou na escuridão e encontrou o interruptor de luz.

Uma grande placa de latão estendia-se sobre o arco mais alto do teto à sua frente. Como um aviso premonitório, suas letras grandes diziam:

### **INDEX REGISTRUM LIBRORUM PROHIBITORUM**

Ele estava no Registro de Itens Proibidos da Biblioteca. Sentiu uma gola de transpiração descer lentamente sobre sua coluna. Seus lábios estavam lívidos, sua boca extremamente seca. Ele ordenou que suas pernas se movessem. Elas relutaram a obedecer, arrastando-se uma após a outra enquanto ele avançava devagar.

Havia uma cortina pendurada bem à frente na fraca luz. Scarlotti alcançou a cortina e a puxou para trás. Lá, diante dele, havia uma caixa de vidro, e adornado em uma placa oval fina como um waffler, ele viu. Mostra 102-24

O Selo de Giovanni Caligari — Sigillo II.

Seguindo a margem havia uma inscrição em latim: Arcanum Arcanorum-Artes Perditae. Silenciosamente, ele balbuciou a tradução:

— Segredo dos Segredos - Artes Perdidas - Proibidas.

No centro havia duas serpentes entrelaçadas, coroadas pelos selos do papa: o cetro, a mitra e as Chaves de Pedro cruzadas — as Chaves de Sangue.

Essa era uma "caixa particular" do ex-curador geral da biblioteca. Entrar e romper o selo era quase um pecado mortal e certamente acabaria com sua carreira. Mas ele percebeu que uma batalha secreta estava sendo travada. Ou você toma um partido ou, como disse Cristo, é vomitado da boca de Nosso Senhor devido à sua indiferença. Ele também conhecia e confiava no professor Max Schulman há anos. A amizade tem seus próprios votos solenes.

Ele rompeu o selo. Um golpe de ar gelado bateu em suas bochechas e enviou fisgadas profundas que percorreram sua espinha de cima a baixo. Ele ergueu a tampa do vidro e lá, dentro da caixa, havia um registro e um único livro encapado com veludo rosa-avermelhado.

A inscrição da capa estava em francês:

**Le Cahier de la Rose Noire**  
**Abbé Boullan**

**Capítulo 11**

"Sempre existe um fator desconhecido. É a sombra."  
Benito Mussolini, depois de desenhar uma figura lançando  
um cone de sombra.

O coronel Carlo Rossi adorava o trabalho de vigilância porque era nisso que ele era bom, muito bom devido à sua habilidade de se misturar ao ambiente. Tomaso, seu mentor no Servizio per le Informazioni e la Sicurezza Democratica (SISD), Serviço de Inteligência e Segurança Democrática da Itália, tinha lhe dado o apelido de Ombra, ou Sombra.

O colarinho de sua jaqueta de couro contraiu com o ar úmido da noite e Rossi seguiu seu caminho pela Via Monterone. Já era tarde. O tráfego de pedestres e automóveis era leve. As lojas e os restaurantes estavam fechados. Ele mantinha uma distância segura de seu alvo, pois sabia que seu esquadrão tinha um homem infiltrado. Um agente à frente, outro movimento em seqüência do outro lado da rua, e uma equipe posicionada em um escritório próximo ao destino do alvo: o Panteão. Duas equipes estavam em carros não identificados em pontos estratégicos.

Desde 11 de setembro e do envolvimento da Itália na Guerra do Iraque, a SISD tinha apertado a segurança nacional, embora a unidade antiterrorismo reunisse, tecnicamente, a maior parte das responsabilidades pelo que acontecia nas fronteiras da Itália. Assim como com os Estados Unidos e a Europa, a al-Qaeda forçou que antigos crimes e combates fossem deixados de lado, e um novo guia entrou em jogo para sancionar táticas mais agressivas e menos preocupações com as "liberdades civis".

Rossi se lembrou do dia em que o chamado aconteceu. Durante uma batida de rotina, um policial de motocicleta tinha encontrado dois estudantes árabes. O relatório do oficial declarava que algo no comportamento dos estudantes tinha

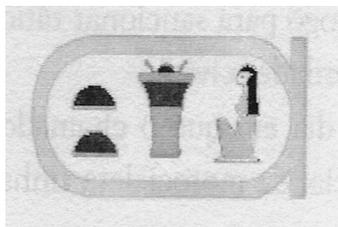
feito ele ter aquela sensação estranha. Pode chamar de sexto sentido ou do que quiser, mas Rossi passou a acreditar em avisos intuitivos e mais de uma vez foi isso que salvou sua vida.

O motorista era muito educado, extremamente prestativo, mas o homem no banco do passageiro tremia de medo enquanto seus olhos não conseguiam parar de olhar para o porta-luvas. Quando o passageiro levou a mão ao porta-luvas, o policial instintivamente puxou sua Beretta. A porta do motorista se abriu, mas o oficial estava adequadamente posicionado para evitar a explosão. Um forte barulho, a janela traseira explodiu, os estilhaços passaram perto do guarda. Sem hesitar, o oficial pulou no passageiro que tinha o revólver. A primeira bala lhe rasgou a garganta e a segunda foi nas têmporas. Seu rosto e sua camisa encharcados de sangue. O motorista sentado, imóvel, com os olhos congelados de medo. Implorando a Alá por sua vida.

Quando eles cercaram o carro alugado dos estudantes e fizeram a busca, encontraram identidades falsas, uma grande quantia em dinheiro e um laptop no porta-malas. Dois dos falsos passaportes estavam na lista de prováveis terroristas como suspeitos de serem membros da al-Qaeda. Rossi lembrava-se de ter pensado que somente amadores seriam tão estúpidos a ponto de carregar diversas identidades ao mesmo tempo. Ele lembrava-se de ter pensado que às vezes os amadores, por causa de sua natureza imprevisível e impulsividade, são mais perigosos do que os profissionais. O oficial tinha tido sorte.

Na base da SISD encontraram uma rica fonte de informações naquele hard drive. Arquivos listando contatos, celulares e posições de membros da organização. Juntos com o esquadrão antiterrorismo fizeram cinco invasões. Mas Rossi não conseguia evitar a sensação de que alguma parte do quebra-cabeças estava faltando. Os resultados dos interrogatórios não contribuíam para acabar com tal suspeita. A cabeça da serpente, de alguma forma, tinha conseguido escapar. Ele tinha certeza disso.

Uma noite, já era tarde, seu estômago estava azedo de tanto café, o pescoço travado e os olhos ardendo de tanto olhar para aquele monitor de LCD de seu computador. Ele clicou, abriu um arquivo e a resposta apareceu na tela.



Era um hieróglifo egípcio. Era... como é que aqueles detetives americanos dizem na TV? Ah, sim... uma agulha no palheiro, seu instinto guiou. Rossi tinha nascido em Nova York, mas como os pais trabalhavam na embaixada Italiana ele tinha dupla nacionalidade. Em seu coração, ainda sentia uma forte ligação a tudo relacionado aos Estados Unidos. Às vezes, como naquele momento, até sonhava em morar lá.

— Concentre-se! — ele disse para si mesmo.

A cifra usada em todos os arquivos tinha sido muito simples de desvendar para o grupo de criptografia. Uma simples cifra de substituição. Mas e quanto aos nomes dos arquivos? Seus olhos voltaram-se para o nome do arquivo: OLUTSOP/SUNELP/ANUL.Jpg. Ele colocou o nome no programa de decodificação. Não apareceu nada que fizesse sentido.

Ele olhou a hora. Quase meia-noite. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto pensava em sua esposa, Isabella. Pensava em como ela tinha escondido seu relógio na gaveta das meias, sabendo que ele encontraria na manhã do aniversário de seu casamento enquanto estivesse correndo para ir trabalhar. O sorriso sumiu rapidamente. Totalmente enrolado com seu trabalho, como sempre, ele tinha esquecido a data completamente, precisou sair correndo no almoço para comprar flores e um cartão barato para sua esposa. Mas Isabella nem chegou a vê-las. Não chegou a ver o táxi naquela tarde chuvosa quando ele virou a esquina e tirou a vida tanto dela quanto do bebê que ela carregava em seu ventre. Ele suspirou e pegou o telefone.

Com uma voz sonolenta, o professore Giovanni Battista Alberti atendeu o telefone no quarto toque:

- Pronto.
- Buon giorno — disse Rossi.
- Quem é?
- Seu sobrinho favorito.
- Carlo?
- *Zio*, preciso de um favor.

— Agora, assim tarde da noite... ah, suponho que seja oficial, é isso?

— Não pediria se não fosse.

— Pediria sim. Mas vá em frente. Depois que acordo não consigo voltar a dormir.

— Estou lhe enviando um e-mail pelo servidor criptografado de segurança.

— Agora, onde coloquei a senha? — o professor disse em um forte suspiro.

O som dos movimentos, do estrado da cama estalando, dos pés caminhando sobre o chão era transmitido pelo telefone.

Rossi conseguia visualizar seu tio procurando os óculos, vestindo um roupão e indo para a sala estudar, com o telefone sem fio na mão.

— Deixe-me pensar... — disse o tio enquanto assoviava o início de O Barbeiro de Sevilha.

Seu tio, apesar da idade, era preciso como um estilete. Preferia que todos o chamassem de Giovanni. Ele era professor de estudos egípcios e, atualmente, trabalhava no Museu Egípcio do Vaticano. Quando Rossi era um garoto, o tio Giovanni foi seu tutor e o ensinou um truque de memória associativa. Ele ligava categorias de dados a músicas, um cadastro lírico que flutuava em seu cérebro.

— L'OH mio! Come interessando — disse Giovanni. — Mas por alguma razão os símbolos foram colocados de trás para frente.

— Achei que você fosse gostar disso — respondeu Rossi.

— Velho reino... vejamos, aqui temos o som do "T"... o vaso se pronuncia bas. Colocando os dois juntos bas mais T mais T, ou BASTET.

— Basset?

— Não. Não é como o cachorro, o som do A é mais longo... Ba e então Aset, que significa literalmente a alma de Aset ou Ísis em sua forma egípcia nativa. Aqueles malditos trocaram toda a pronúncia.

— Eu ainda não...

— Uma outra pronúncia possível seria Pahst, que é de onde se deriva a gíria em inglês "gato" ou "gatinho". E o amuleto que ela tem nas patas era o Uchat, o olho que não se fecha de Horus. Então, chegamos a...

— Está querendo me dizer que o hieróglifo significa gato?

— Mais precisamente... Bast a deusa Gata.

Rossi deu um profundo suspiro:

— Preciso de mais, zio. Estou tentando encontrar um nome e possivelmente local ou horário de contato. Fale mais sobre a deusa.

— Ela costuma ser retratada como um gato de ébano sentado, serenamente, segurando um amuleto sagrado em sua pata ou Uchat, mais comumente conhecido como o amuleto do olho de Horus. Era adorada pelo Antigo e Médio Reinados no Baixo Egito, originalmente com a cabeça de uma leoa que, com o tempo, foi se transformando em um gato do deserto, Portanto, alguns a viram, de forma errada, como a versão mais tranqüila de Sckhmet, a leoa, a destruidora... que era uma deusa do Alto Egito. Daí o dotado "Ela do Norte e Ela do Sul". Mas acredite em mim, essa deusa não era um gatinho

brincalhão. Estava mais para vingadora, vista como a chama ardente do sol que queimava os mortos se falhassem em um dos muitos testes no submundo, embora sua adoração fosse, de acordo com o historiador grego Heródoto, muito agradável. Milhares de pessoas cruzavam o Nilo, bebendo e cantando, mas quando se aproximavam da cidade ribeirinha, as mulheres repentinamente levantavam suas saias e gritavam palavrões e insultos para as mulheres da cidade à medida que elas passavam...

Rossi o interrompeu:

— Você disse gato de ébano... um gato preto?

— Sim, mas...

— Espere um minuto.

Rossi começou a vasculhar um monte de papéis que encontrou na gaveta de uma mesa em uma das invasões. Preso ao recibo da lavanderia estava um guardanapo onde estavam impressas as palavras:

Le Café Du Chat Noir.

Rossi traduziu as palavras em francês em voz alta:

— O Café do Gato Preto.

— O que é isso?

— Acho que encontrei minha agulha no palheiro como dizem os americanos.

— Agulha... por quê? Como você sabe disso?

A atenção de Rossi voltou-se, novamente, para o telefone:

— Sei do que?

— Que uma agulha, um obelisco, com esse hieróglifo específico está bem aqui, em Roma, na Piazza della Rotonda.

— Na frente do Panteão? Tem certeza?

— Você me telefona, me tira de um belo sono e me pergunta se eu tenho certeza? — retrucou Giovanni um pouco irritado. — Mandei meus assistentes a uma pesquisa de campo lá na última semana.

As peças do quebra-cabeças misturavam-se na cabeça de Rossi:

— Mais uma pergunta — seus olhos focaram o nome do arquivo outra vez. OLUTSOPSUNELPANUL.jpg. Ele iluminou o nome e mandou em um novo e-mail. — Aqui está outra mensagem. Consegue ver algum sentido?

Do outro lado da linha ele podia ouvir seu tio assoviando um trecho da Flauta Mágica, de Mozart. Os segundos passavam.

— Sim, está escrito de forma espelhada, como na imagem. Como vai o seu latim? — Giovanni perguntou.

— Enferrujado.

— Então abra a resposta no seu e-mail.

Ele abriu. As palavras escritas ao contrário.

POSTULO PLENUS LUNA ou AGULHA LUA CHEIA.

— Se você tiver um almanaque acredito que tenha encontrado a locação e o horário, meu sobrinho. Agora, se não se importa, vou fazer um leite quente e descansar esses velhos olhos.

Clique.

Enquanto Rossi caminhava pela estreita e deserta rua, seguindo sombras, seu coração bateu apreensivo. A principal questão continuava sem resposta. Quem era o alvo de codinome Bast, com quem se encontraria naquela noite aos pés do obelisco egípcio? E por quê?

## Capítulo 12

### O Código

A princípio, Scarlotti havia embaralhado o texto do código do telegrama. Depois, seus olhos focaram o endereço. A seqüência de números era a chave. Considerando as palavras 14, 23 e 24, ele formou...

ENLOUQUECER

UMA LIVRARIA

...o que ainda não fazia sentido. Depois, seus olhos se voltaram para a assinatura: merry XMAS; a última palavra era um óbvio anagrama do nome do seu velho amigo MAX S. Essa era a segunda chave, sinalizando que as outras três palavras também eram anagramas. Foi tão simples, tão claro que as palavras saltaram da página.

Maldito

Livro da Rosa!

Scarlotti sabia alguma coisa dessa história.

Com o olhar fixo, sua mente viajou de volta ao tempo de seminário. Ele estava sentado em uma sala de leitura, ouvindo o cardeal Belini falando:

— Livros proibidos, conhecimento proibido, é o tópico de hoje, cavalheiros. E o preço final que os homens podem pagar por se interessarem por isso, por comerem da Árvore do Conhecimento. O preço é a loucura, a morte e a maldição. O Livro da Rosa Negra, o livro das palavras impronunciáveis, foi escrito por um padre que não usava batina, o herdeiro da

diabólica Igreja de Carmel, associada com a profana e renegada Igreja de Saint-Sulpice, em Paris. Uma igreja que foi solo fértil para a magia negra.

"Le Cahier de la Rose Noire ou O Livro da Rosa Negra, do abade Joseph Boullan, é um dos exemplos mais horríveis da insanidade que se apodera da mente incauta. Ele foi descoberto pelo novelista francês, J. K. Huysmans, autor de *Là-Bas*, ou, Lá em Baixo. Naquela época, *Là-Bas* foi um bestseller que contava sobre um culto demoníaco ficcional ocorrido em Paris e liderado pelo satânico Dr. Johannes. Sim, Boullan, tanto na ficção quanto na realidade, era um Mago Negro — um praticante do Caminho do Canhoto, um satanista e suposto pedófilo. Ele aprovava a bestialidade. Permanecendo fiel à sua natureza deturpada, casou-se com uma jovem freira, irmã Adele Chevalier, do Convento de Salette. Diz a lenda que ele sacrificou a criança dessa união profana durante a celebração da maior das blasfêmias, a Missa Negra.

"Agora devemos nos lembrar dessas épocas. Essa foi a era do renascimento do ocultismo na Europa, uma era do Tribunal do Santo Ofício — a Inquisição ainda tinha poderes. Foi uma era de sociedades secretas e seus infames necromancistas: Péladan, Papus e o grupo do Salão de Paris: Oscar Wilde, W. B. Yeats e Debussy. Paris era um fórum e um caldeirão para discussões e troca de conhecimento sobre os chamados sistemas de crença hereges de alquimia e misticismo. Crenças, blasfêmias, que tinham o sexo como sacramento e que adoravam a "divindade feminina", como a Madona Negra, em vez da Abençoada Virgem ou Nosso Senhor Jesus Cristo."

Um burburinho percorreu o ambiente. Ele continuou:

— Esse legado infernal foi passado através dos anos pelos cultos misteriosos que foram absorvidos pelos místicos sufis e pelos Cavaleiros Templários durante as cruzadas, e passados para irmandades quando os templários fugiram para a Escócia. Podemos considerar a mesma culpa em relação aos ingleses e franceses, logicamente. Dr. John Dee, o necromancista galês, e Eliphas Lévi, também de Saint-Sulpice, com o livro O Dogma e Ritual da Magia Superior, onde apareceu pela primeira vez a imagem de seu senhor: um demônio com cabeça de cabra.

Ao perceber a expressão de atordoamento no rosto de Scarlotti, Belini perguntou:

— Alguma coisa não ficou clara, Scarlotti?

Scarlotti estava se segurando, mas aproveitou a oportunidade para se expressar:

— Bom, senhor, é que...

— É que o quê?

— Não é verdade que os italianos têm uma longa história de envolvimento? A corte Médici de Florença gastou uma fortuna em pesquisas, conseguindo eruditos como Pico para traduzir os chamados textos de magia hermética, trabalhos que influenciaram inclusive o nosso Leonardo Da Vinci. Belini fez uma cara feia e disse:

— Onde quer chegar com isso? Pico, o charlatão, foi censurado pelo papa Inocêncio VIII!

Scarlotti soltou um leve sorriso e pensou: "ele está mordendo a isca!". E disse:

— Não é verdade que, enquanto por um lado a Igreja condenou esses escritos, colocando-os no Índice Papal, queimando seus autores e muitas mulheres que não eram culpadas de nada além de defender seu direito de falar e pensar livremente... que vários papas como Alexandre VI e Silvestre II recolheram e estudaram esses mesmos livros e os mantiveram trancados nos Arquivos do Vaticano? O apartamento particular de Alexandre era decorado com murais de símbolos egípcios, incluindo a mais antiga forma de Madona Negra, a deusa Ísis. E o papa Silvestre II consultava a imagem da deusa Meridiana, como uma possível forma ancestral da máquina de calcular, como as encontradas nas anotações de Leonardo Da Vinci.

As bochechas de Belini ficaram em chamas:

— Cuidado onde você pisa, jovem.

Outro aluno acrescentou:

— O papa Alexandre VI não foi acusado de ter assassinado seu próprio filho? E Lucrecia Borgia, a infame envenenadora, não era sua filha?

Antes que Belini pudesse responder, Scarlotti se adiantou:

— Sim, a mãe de Lucrecia era amante do papa. Ela também deu a ele dois filhos ilegítimos. César, que foi a inspiração real para O Príncipe, de Maquiavel e que foi ordenado cardeal, e seu irmão, João, assassinado simplesmente por ciúmes.

— Bonita família — alguém soltou.

— Ah, mas isso fica ainda melhor — continuou Scarlotti.

— Dizem que Lucrecia e o pai dela, o papa, se envolveram em um relacionamento incestuoso.

Scarlotti percebeu que Belini estava queimando de raiva, com a cara totalmente fechada.

— Talvez tenha sido por isso que o marido dela teve tamanha má sorte — disse outro.

— A deusa Vênus governava abaixo dos Bórgias — prosseguiu Scarlotti, cutucando ainda mais a ferida. - Durante a chamada orgia de 30 de outubro de 1501, conhecida como o Banquete ou Balé das Castanhas, coreografado pelo papa, 50 prostitutas e seu "rebanho ilegítimo" que eram convidados regulares, de todo fim de semana, e com quem ele havia jantado naquela noite — foram forçados a rastejar nus entre candelabros posicionados bem próximos um do outro, com velas finas e compridas acesas que revestiam o piso de um dos apartamentos do Palácio Apostólico. Seus corpos brilhavam com o suor, o rebanho se apressava em frenesi para apanhar castanhas do chão, enquanto César, dona Lucrecia e os convidados do papa os incentivavam. O papa deu prêmios àqueles serviais que conseguiram copular o maior número de vezes, àqueles que conseguiram "manter o ritmo" o maior tempo sem ejacular, e àqueles que conseguiram "usar uma prostituta e deixá-la exaurida". Finalmente, o papa juntou-se à orgia que continuou até a manhã do dia seguinte: Dia de Todos os Santos.

— Aposto que ele não rezou missa naquele dia — alguém disse.

Com a boca formando uma linha severa e os olhos em combustão, Belini julgava Scarlotti como se ele tivesse reagido a um demônio que mexia nos ossos de mártires cristãos em busca de restos de carne fresca.

— Já chega! — esbravejou Belini, esmurrando a mesa. — Não permitirei que tal blasfêmia seja discutida em minha aula.

Então ele se virou para o jovem seminarista e disse:

— Scarlotti, venha conversar comigo mais tarde e permaneça em silêncio.

Scarlotti concordou e segurou a vontade de rir.

O olhar ardente de Belini rastreou a sala, buscando outros desafiantes. Não encontrou nenhum. Então ele endireitou os ombros e continuou:

— Agora, onde estávamos? Sim... Boullan foi acusado e condenado a morte. Acusado de revelar segredos aos profanos, aqueles que não pertenciam à irmandade. Duelos reais e mágicos foram travados. Maldições foram infringidas e um pergaminho enfeitiçado, que poderia garantir a morte de quem o recebesse, foi passado adiante.

— Mas muitos historiadores sempre suspeitaram de uma agenda oculta. O abade Boullan foi solenemente despojado de sua batina e aprisionado pela Inquisição. Posteriormente, o Tribunal do Santo Ofício não o considerou culpado e o soltou. Alguns estudiosos da época viram a desprezível trilha da conspiração dentro da própria Igreja... — Belini agitou a mão de maneira desdenhosa. — Totalmente sem sentido! A Igreja tem razões nem sempre aparentes, nem sempre reveladas.

— Talvez ele estivesse trabalhando disfarçado para se infiltrar na sociedade secreta? — alguém questionou.

Belini ignorou a pergunta e continuou:

— A lenda também declara que qualquer pessoa que ler *Le Cahier de la Rose Noire*, sem estar em profundo estado de

graça sagrada, é levada à loucura pelas letras embaralhadas, hieróglifos e fórmulas que obscurecem suas páginas — Belini tirou os olhos de suas anotações e dirigiu-se aos estudantes. - Agora, meus alunos, minha experiência contra a juventude. Consegui um presente para vocês.

De repente, um livro rosa apareceu em sua mão.

— Aqui está ele! Quem será o primeiro a ousar olhar para suas páginas? - Como um dedo acusador, ele apontou o livro ao redor da sala, parando, por fim, em Scarlotti. — Bem, jovem. Quer dar uma olhada?

Scarlotti balançou a cabeça negando.

— Achei que não — acrescentou Belini com um sorriso malicioso.

Depois que a classe foi dispensada, Scarlotti se dirigiu ao escritório de Belini. Lá, outro jovem seminarista foi apresentado a ele. Marsciocco era magro e tinha o olhar penetrante. Logo, eles iniciaram uma forte amizade e com o tempo Marsciocco recrutou Scarlotti para a irmandade secreta, cujo nome anteriormente tinha sido apenas um rumor silencioso dentro das paredes do Vaticano. **Protocollo Diciassette**, Protocolo-17. E foi o cardeal Belini que lançou a rede. Assim como Boullan, Scarlotti agora atuava em ordens secretas. Ordens do cardeal que o tinha instruído a ser um agente provocador. Ele tinha sido instruído a balançar a isca, fingir um certo ódio pela Igreja. E seu mentol estava correto. "Eles caíram!"

Agora, enquanto estava parado diante da caixa, ele ponderou. Qual profundo segredo Boullan possuía que o assegurava

proteção da Santa Sé? O nome do livro em si era uma dica: Rose era um anagrama para Eros, o desejo carnal grego, em oposição a Ágape, o ato de amor altruísta cristão. Seria toda a lenda em torno do livro um anagrama para alguma outra coisa?

Monsenhor Scarlotti apertou seus lábios, fez o sinal da cruz e entou, fazendo uma silenciosa prece:

— Cose diaboliche. La Madre Benedetta lo protegge.

## Capítulo 13

O telefone sobre a mesa do coronel Pico tocou. Pico era o cabeça da Vigilância, a força policial do Vaticano e o braço da inteligência. Ele estava fazendo hora extra, esperando por esse telefonema.

— Pronto?

— Tome precauções imediatas com o pacote!

O telefone ficou mudo, mas Pico reconheceu a voz do encarregado da Segurança Regional, Cotter, e compreendeu a mensagem. Alcançando sua Beretta 9 mm sobre sua mesa, ele a enfiou dentro de sua faixa da cintura e correu para a porta. O nome de código de Pico na Irmandade era Janus; adequado já que servir a dois mestres requer os poderes de um deus de duas caras.

Monsenhor Scarlotti também sabia que estava vivendo um tempo emprestado e que cada minuto, cada segundo, contavam. Mas ele precisava de força espiritual, então se ajoelhou para rezar. Ele imaginou o imaculado coração de

Jesus, concentrando-se em sua luz radiante e banhando-se em sua glória santificada. Então, de trás, surgiu o clamor de passos correndo, batendo contra os ferros da escadaria.

Instintivamente, ele deu um salto, apagou as luzes, e se refugiou no manto das sombras que preenchiam os cantos da sala. Uma figura entrou de sopetão dentro da sala, palpitando e sem fôlego. A figura correu para a "Caixa Particular" e retirou o livro infernal e o registro. Ao virar-se, um flash de luz caiu sobre o rosto da figura, era o rosto do coronel Pico. Ele segurava a lanterna debaixo do braço e começou a amarrar os livros em papel para carne. Depois, ele pegou uma vela, acendeu, e pingou cera vermelha sobre o nó torcido do pacote. A seguir, ele pegou um selo de ouro e o pressionou firmemente contra a cera. O selo da Santa Igreja, As Chaves de Sangue.

Monsenhor Scarlotti sabia o que era preciso fazer, Ele silenciosamente alcançou o alto da prateleira que estava à seu lado. Ficando na ponta dos pés, lutando para manter sua respiração baixa, sua mão vacilante finalmente encontrou o que buscava. Ele agarrou um pesado apoio de livros de bronze bem no alto da prateleira. Ele o ergueu rapidamente e o trouxe diretamente para baixo, com um movimento em arco, golpeando o crânio do coronel Pico.

— Jesus, perdoe-me — sussurrou Scarlotti, suspirando.

Ele se curvou sobre o flácido corpo do coronel Pico e arrancou os livros de suas garras mortas e fechadas.

Enquanto corria, ele pensou...

"... deixe Deus reclamar o que é Seu e me julgar."

## Capítulo 14

Enquanto Rossi perseguia sua fonte, lembrou-se de como tinha conhecido a mulher que tinha mudado sua vida para sempre. A Unidade Sombra vinha freqüentando o Le Café Du Chat Noir há uma semana. Era um desses cafés New Age, com acesso à Internet que têm estado em alta. Só que esse servia qahwah junto com o cafezinho. Isso tornava as coisas mais difíceis. Estudantes do Oriente-Médio lotavam as mesas e tomavam shy, um chá árabe, e conversavam em sua língua natal, olhando com desconfiança para qualquer estranho que entrava e desviando o olhar quando a pessoa o devolvia. Os homens de Rossi continuavam andando pelas ruas como pessoas comuns, com calças camufladas e pés precisos, tentando se infiltrar em uma mesquita durante o Ramadan. Rossi tentou uma abordagem diferente. Depois de muito vigiar os usuários pelo outro lado da rua e cruzar seus dados em sofisticados programas de reconhecimento facial de terroristas conhecidos, a equipe do SISD estava desanimada. Mesmo os softwares de invasão mais sofisticados somente revelavam que os usuários estavam digitando trabalhos escolares, surfando na Internet em busca de informação e visitando os habituais sites pornográficos.

Depois disso, os analistas de Rossi conseguiram montar uma lista com os funcionários do café usando os arquivos do governo cruzados com os da Inteligência e verificaram possíveis passagens pela polícia. O proprietário era um francês expatriado, com algumas passagens pequenas envolvendo drogas, mas nenhuma ligação conhecida com grupos políticos.

Ele tinha o lugar há seis anos e vivia no andar de cima do café. Os outros funcionários eram, na maioria, italianos que estudavam na Universidade de Roma e trabalhavam no café meio-período. Novamente, nada muito interessante.

Rossi decidiu fazer uma última tentativa. Estava no meio da manhã, quando ele estava parado na porta pensando: "Talvez eu esteja... como é mesmo que os americanos dizem?... seguindo a pista criada". Ele entrou. O café estava vazio. Uma atraente jovem veio até o balcão, limpando a mão no avental.

— Posso *aiutarlo*? — ela disse, sorrindo.

— Um cappuccino e um croissant, per favore — respondeu Rossi, retribuindo o sorriso.

Quando ela se virou e foi em direção à máquina de café, Rossi não conseguiu evitar reparar no contorno do quadril da garota por baixo da saia curta. Ocupou-se procurando a carteira.

— Aqui está — ela disse ao entregar-lhe a bandeja.

Rossi vacilou, surpreso com a súbita troca de idioma para o inglês. Aparentemente ela tinha reparado no falso dólar americano que ele balançou ao abrir a carteira.

Seus olhos eram azuis, claros e felinos, e o seguravam com sua intensidade. Ele engoliu seco, visivelmente, e olhou em volta.

— Estou visitando meu tio na universidade e achei que deveria me ligar antes.

Ela concordou com a cabeça e continuou olhando, misteriosamente, sem entender muito bem a expressão. Ele explicou:

— Preciso de uma dose de cafeína.

— A noite foi longa?

Ele sorriu, sem graça, ao achar que ela poderia ler seus pensamentos, mas provavelmente eram seus olhos vermelhos.

— Na verdade, foi sim. Fiquei na rua até tarde com meus amigos.

— O que ele ensina?

— Quem?

— Seu tio. Na universidade.

Ela o observava curiosamente enquanto soltava o cabelo, deixando que caísse delicadamente sobre os ombros. Seus olhos repentinamente subiram e encontraram os dele.

— Lingüística, é um homem muito inteligente — disse Rossi.

Ela se apoiou no balcão e olhou ao redor furtivamente e, como se fosse compartilhar com ele algum segredo, fez sinal com o dedo para que se aproximasse:

— Acho que você está mentindo - ela sussurrou.

Rossi ficou sem jeito, pálido. E ela continuou:

— Acho que você ficou acordado até tarde lendo esse suspense americano sobre crimes que está em suas mãos.

Ela apontou com o olhar o livro que ele tinha nas mãos.

— Você me pegou. Mas na verdade é um suspense sobre conspirações.

Ela riu e perguntou:

— E você acredita?

— Em conspiração?

— Em conspirações secretas que querem dominar o mundo?

Ele olhou para o chão e depois ergueu o olhar. Seus olhos verdes ficaram com a expressão mais leve e ele respondeu:

— Não, só em jovens e belas estudantes capazes de virar a cabeça de um homem somente com o olhar.

— Você é tão jovem quanto se sente. Só precisa se perguntar quantos anos sente ter.

Seu olhar demonstrou que ela tinha falado com sinceridade, solidão.

Rossi a convidou para acompanhá-lo no café. Ela aceitou. Seu nome era Gina. Ele disse a ela que se chamava Antonio. Em meio a café e cigarros ela contou para ele sobre o sonho que tinha de conhecer os Estados Unidos um dia e escrever roteiros para filmes. Contou sobre os pais que viviam em Nápoles — seu pai era advogado —, sobre os rapazes idiotas que faziam parte de sua vida e que só se preocupavam com aparência, estudos ou com a próxima mesada que receberiam dos pais.

Ser bom em seu trabalho tem vantagens. E, no momento, Rossi estava tirando vantagem de sua facilidade em fazer com que as mulheres se sentissem especiais. Uma mulher uma vez lhe disse que ele tinha o talento singular de fazer a mulher achar que ele ouvia cada uma de suas palavras, como se ela, sozinha, fosse a mais importante, talvez única, mulher do mundo. Ele continuou ouvindo atentamente, usando a linguagem corporal para criar empatia e seduzi-la, aproximando-se no momento correto, ou soltando seu sorriso maroto de Richard Gere ao curvar os ombros fingindo vergonha. Ele se mantinha atualizado nos assuntos como cultura atual e as músicas do momento. No fundo detestava quase todas as novas músicas e adorava um bom e velho jazz, um filme noir e os suspenses americanos.

Alguns clientes entraram e quebraram o clima.

Quando Gina levantou-se da mesa e ele prestou atenção em seu corpo firme enquanto ela ia para trás do balcão, ele pensou: "talvez eu esteja gostando disso um pouco mais do que deveria". Ele desculpou-se dizendo:

— Olhe a hora! Vou me atrasar para visitar meu tio.

— Só não fique acordado até tarde essa noite.

— Essa noite?

— Eu saio às seis. Espero que não ultrapasse seu horário de ir para cama.

— Jantar e um cinema?

— Não, primeiro sexo, e depois o cinema

Ela se virou e foi para a sala de trás, deixando-o um pouco engasgado. No canto de seus olhos conseguiu avistar um homem de aparência árabe que o observava com desprezo.

Do lado de fora, na calçada, ele olhou em volta. O dia parecia mais fresco, mais vivo, e ele estava tomado por uma sensação de satisfação. A isca tinha sido mordida.

## Capítulo 15

Os sinos da Igreja de Trinitá dei Monti soaram.

Suas vibrações cercaram a cobertura dos jardins floridos de sua base, desceram os íngremes Degraus Espanhóis, ondularam através de fileiras de piedosas freiras em hábitos esterilizadamente brancos que pareciam reluzir sob a luz da lua enquanto, passando pelo casal de amantes que subia lentamente de braços dados, absortos um na existência do

outro, finalmente atravessaram a Piazza de Espanha e atingiram Josie Schulman.

Josie estava sentada em uma mesa na calçada do Café Dellini, saboreando um espresso ristretto e a pura atmosfera do momento. O tempo estava estranhamente quente para uma noite de outubro. Ela estava vestida para o seu papel, vestida com uma calça de couro Versace vermelha bem justa e jaqueta combinando que parecia ter sido pulverizada com tinta. Sob a jaqueta, ela vestia um top de couro preto que apertava as suaves curvas de seu corpo esbelto. Ela usava pouca maquiagem, apenas um pouco de brilho nos lábios e delineador, sutilmente aplicados para ampliar sua elegância desprestenciosa e beleza natural. Com esses lábios chamativos, proeminentes, ela era fascinante, equilibrada, mas tão dura quanto um prego. Sua personalidade era simultaneamente encantadora e feroz.

Um italiano de beleza sombria, vestido com um terno feito sob medida (feito com o brilho e a sutil eloquência que somente os italianos conseguem atingir), sentou-se em uma mesa ao lado.

Ele ergueu seu copo de vinho para ela em um gesto de brinde e sorriu demoradamente, bem demoradamente. O sorriso dele tinha uma forte sensualidade oculta. Ele tomou um gole de vinho, mantendo o contato visual, despindo-a com o olhar, respirando seu aroma com suas narinas quentes. Um calor pareceu tomá-la quando ela fingiu não notá-lo. Calor animal. Mas ele percebeu sua reação. Josie deu o sinal subconsciente, a linguagem corporal do ritual de acasalamento: uma passada de mão descuidada sobre o cabelo, e um levemente notável

arrepio de excitação sexual entre as omoplatas que subiu lentamente até sua nuca. O cavalheiro sorriu astuciosamente para si mesmo.

O italiano olhava para Josie por cima do menu. Ele pensou: "Uma rara ambrosia. Uma pena ter de matada sem ter a chance de provar seu sabor".

Os românticos sons de um violinista que passava tocando "Mona Lisa" dançavam no ar da noite, flutuando entre as camadas de ruídos: o vruuum dos motores das Vespas correndo, o tilintar da buzina de uma bicicleta ao passar correndo. O cavalheiro italiano bebeu seu vinho e limpou o canto de sua boca com um guardanapo de linho. Ele fechou o rosto. "Americanos e israelenses", ele bradou em sua mente com repulsa.

Ela olhou o menu, depois pediu *prosciutto crudo e bresaola*, com uma garrafa de seu mais fino *Recoaro*. Afinal, isso era uma celebração. Ela não via seu tio Lotti há anos.

Josie viu a figura alta do monsenhor Scarlotti quando ele se aproximava. Sua forma meneada e vacilante, levitando como um fantasma sobre as costas de um velho que se agachou para beber a refrescante e gelada água da fonte da Piazza. Alto e esquelético, ombros para trás, vestido com sua batina preta com botões e frisos escarlates, ele andava a passos largos e determinados.

— *Ciao, principessina mia. Come stai?*

— Estou bem, e o meu tio preferido?

— *Cosi, Cosi* — suspirou o padre, seu tio favorito. — E o seu pai, o *professore?*

— Ele está bem. Teimoso como sempre, eu acho. Vai ser tão bom vê-lo novamente. Cinco anos se passaram.

— Muito tempo. Muito tempo mesmo, mas você tem o seu trabalho e ele tem o dele. Você ainda está no corpo diplomático?

— Você sabe que sim, zio Lotti.

— É, acho que sei... e imagino que foi isso que a trouxe aqui. Mas mime um velho um pouco mais de tempo, minha doce principessina. Você sabe, eu não consigo parar de olhar para você. Especialmente aqui, agora, quando estamos juntos em Roma. Você tem os olhos e a beleza de sua mãe, esse sorriso contagiante.

— Sempre um trovador. Eu quase não tenho escutado a minha risada ultimamente.

— Sempre devemos ter tempo para rir. Eu tenho certeza de que Deus ri diariamente. Nós somos criações divertidas, não somos?

Agora ela estava sorrindo; com as covinhas à mostra e o rosto corado, Josie sinalizou para o garçom trazer a comida. Josie se lembrava do monsenhor Scarlotti como um homem bonito, com um elegante cabelo cinza-prateado penteado para trás a partir da testa, e pele elástica e lisa, quase sem rugas.

Mas agora, sob a luz das velas, ele parecia uma réplica murcha e manchada de pecado, o retrato de Dorian Grey. Suas mãos eram cinza e com manchas avermelhadas, sua pele era pálida e translúcida como leite coalhado, suas bochechas ampliavam seus olhos traídos.

Sim, os olhos contavam a brutal verdade, como a verdade costuma ser. A Morte a encarava. O demônio frio e insensível

que ela tinha visto anteriormente nos olhos marmorizados de seus inimigos pouco antes de atirar. A mesma besta impiedosa que a encarou de dentro dos olhos de camaradas e de crianças que tinham morrido em seus braços. Os milhares de suplicantes olhos que assombravam os pesadelos dela e ameaçavam explodir na fria luz do dia e, algum dia, à levariam à loucura. Esses eram os olhos que agora olhavam fixamente para ela. Ela sentiu um calafrio. O sangue dela correu frio. Frio como os olhos vazios do tio Lotti.

Scarlottti gentilmente cruzou suas mãos sobre a branca toalha de mesa. Elas tremiam. Ele tomou um longo gole do vinho e empurrou seu prato. Buscando desajeitadamente por um maço de Players, lutando para levar o cigarro do maço até seus lábios, suas mãos estavam tão instáveis agora que ele não conseguiu riscar o fósforo. Josie acendeu o cigarro dele. Ele deu uma profunda tragada e continuou:

— Josie, por que seu pai quer esse livro?

— Você o trouxe, zio Lotti?

Ele balançou a cabeça, irritado. Seus lábios brilhavam com saliva.

— Por que ele quer essa maldita coisa? — ele disse ao esmurrar a mesa. — Ele percebe o perigo que você está correndo? A perdição e tormento que seu rumor lança no mundo? A ameaça trazida a todos aqueles que já o possuíram ou meramente o tocaram? O sofrimento que ele já trouxe para mim? Ele sabe?

— Ele nem mesmo o queria, *Zio*. Eles querem.

Scarlotti olhou de forma dura e precisa bem dentro dos olhos dela como se tivessem acabado de dizer a ele que a Terra realmente é plana e que os porcos, de fato, podem voar.

— Não fale em enigmas. Não ridicularize o que você não entende. E não... — ele fez uma pausa quando suas últimas palavras ficaram presas em sua mente com suas garras pesadas e despedaçaram sua ira. Ele olhou para cima, com os olhos brilhando e compreendeu. Balançou a cabeça, engoliu seco e mordeu seu lábio inferior. — Eles querem isso e você é a isca.

— Sim, que se dane! Agora você compreende, não é, zio Lotti?

— Muito claramente, minha criança. Muito claramente.

## Capítulo 16

Enquanto Rossi descia a rua, passando pelas sombras, continuava a se lembrar. Eles tinham jantado na Osteria dell'Angello na Via Giovanni, um restaurante pequeno, próximo ao Vaticano. Tinham se sentado em uma mesa de canto, abaixo da foto de Muhammad Ali. O proprietário, Angelo, era um aficionado por boxe. Depois de tomar vinho e comer almôndegas temperadas com sultanas, Rossi percebeu que estava perdendo o controle. Aquela jovem, que gargalhava com os olhos em um momento e depois parecia estar chorando, ficou quieta e rapidamente mudou de assunto, como se estivesse se sentindo culpada por estar se divertindo tanto. Aquela jovem estava conseguindo conquistá-lo. Talvez eles carregassem um trauma oculto, uma decepção. Ele não tinha certeza do que ela escondia, mas

sabia que o que quer que fosse, era algo profundo, uma ferida mortal que provavelmente, como no caso dele, nunca cicatrizaria completamente, sem importar o quanto alguma outra pessoa se importasse. Sem importar o quanto quisessem. Eles terminaram a sobremesa, um copo de vinho branco doce e biscoitos de semente de anis, e foram embora caminhando na chuva. Ele a abraçando.

Repentinamente ela parou, virou e o beijou.

— Vamos para um hotel — ela disse, quase implorando com o olhar.

E eles foram.

Fizeram amor pela primeira vez apaixonadamente. Ele tinha se esquecido de como podia ser carinhoso quando queria. Pegaram uma bebida no frigobar, vodka com gelo, e conversaram.

— É só sexo, você sabe — disse Gina com firmeza.

— É? — ele perguntou sorrindo.

— Estou falando sério — ela disse ao se levantar abruptamente e caminhar até a janela. Ela olhou para fora, como se estivesse muito distante. — Não fomos feitos para algo além disso, Antonio. Temos muita história.

Ele se levantou e aproximou-se dela. Abaixo deles a paisagem da cidade brilhava na noite. Ele a abraçou e disse:

— Vamos levar tudo com calma. Um dia de cada vez.

Ela se virou com os olhos brilhando, úmidos.

Ele a pegou nos braços e a carregou até a cama.

Os lençóis pareciam frios contra a pele. O cheiro de seu cabelo era mais exótico do que o melhor perfume.

Da segunda vez, no entanto, tudo foi diferente. Os olhos de Gina brilharam de repente e ela passou para cima e assumiu o controle. Seus olhos cheios de luxúria e imoralidade o observavam, e ela o levou a penetrá-la profundamente. E, por um momento, quando seus lábios tocaram os dele, pareceu que ela estava sugando sua essência, sua alma. Ela parecia insaciável. Quando terminaram, ele estava exausto, exaurido, e se levantou da cama e foi até banheiro com as pernas bambas. Na pia, jogou um pouco de água fria no rosto e olhou no espelho. "Ela é perigosa, Carlo", ele pensou, "isso é perigoso". Ele afastou o pensamento.

Ela estava deitada de atravessado no lençol de algodão egípcio. Da janela o brilho prateado da lua iluminava sua pele. Deixando-a dourada, seu tom de pele moreno parecia incrivelmente luminoso, embora ela pulsasse com seu fogo interior. Seu corpo nu brilhava com as gotas de suor.

Ele acendeu um cigarro. Ela deu uma profunda tragada e soltou a fumaça para cima, sob a luz. "Hora de voltar ao trabalho", ele pensou. Lentamente ele começou a encaminhar a conversa para o café, falar sobre a clientela, sobre o jovem que ele tinha visto observando.

Nada de relevante sobre o dono do café, mas sim sobre o garoto.

Gina virou-se e apagou o cigarro no cinzeiro ao lado da cama, com a cabeça apoiada no braço dobrado. A curva inclinada de seus seios e o pigmento escuro de sua auréola apareciam e o hipnotizavam enquanto ela falava.

— O nome dele é Saud. Saímos algumas vezes. Mas já acabou.

— Você o conheceu na escola?

— Não, no café. Ele passou a freqüentá-lo regularmente desde que chegou.

— Não está aqui faz tempo, é isso?

— É, ele veio do Reino. Os pais são ricos, rígidos. Ele quer se manter o mais distante possível.

— Petróleo?

— O que mais?

— E por que não foi para os Estados Unidos?

— Talvez por ser muito longe — ela disse encolhendo os ombros. — Acho que ele não gosta muito dos americanos. Ele se afastou, mudou.

— Tenho uma confissão a fazer — ele disse suspirando.

— Lá vamos nós. Você tem uma esposa e...

— Não, eu sou repórter. E preciso da sua ajuda com uma história.

— Está só me usando.

— Nunca — ele disse ao dar um suave beijo em sua testa.

— Mas você pode me ajudar?

— Que tipo de história?

— Assassinato.

Ela franziu as sobrancelhas e concordou:

— Ok, estou prestando atenção. Pode perguntar, senhor jornalista. Ele se levantou e pegou alguma coisa de dentro do bolso do casaco.

— Você já viu alguém no café usando esse símbolo? — ele perguntou segurando o hieróglifo egípcio em sua mão.

Ela pegou o papel, analisou e olhou para o teto.

— Bom, deixe me ver... — abaixou a cabeça e o olhou nos olhos — ... tinha um cara estranho... meio manco. Meio velho. Também não cheirava bem. Uma cara meio de ameixa seca, sabe como é, não sabe?

Rossi se aproximou, segurando a respiração e perguntou:

— Temos um nome?

— Claro, deixe-me lembrar... ah, sim, era Imhotep.

O rosto de Rossi se desmanchou:

— Imhotep a múmia. Que graça.

Ela jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada:

— Eu te peguei! Por um momento você acreditou.

— Gina, isso foi encontrado no local de um assassinato.

Estou falando muito sério — ele mentiu.

Então ele foi até a cadeira e tirou outra coisa do casaco.

Entregou a ela a cópia de um guardanapo do Café Gato Preto.

Ela olhou e rapidamente desviou o olhar.

Ela olhou para as unhas por um momento e, com o olhar assustado, olhou para ele. Com a voz assustada ela pediu:

— Pegue a minha bolsa, por favor.

Rossi ficou confuso, mas entregou-lhe a bolsa.

Ela estava visivelmente abalada. Suas mãos tremiam enquanto ela procurava algo dentro da bolsa. Então ela puxou uma longa corrente de ouro. Na palma de sua mão um amuleto: o símbolo de Bast, a deusa Gato.

Cuidadosamente Rossi pegou o amuleto e o analisou sob a luminária ao lado da cama.

— Onde você conseguiu isso?

Ela encheu as bochechas e soltou o ar suspirando:

— Ganhei do Saud. Ele disse para eu sempre usado... para trazer sorte.

As lágrimas escorriam de seus olhos e ela caiu aos soluços nos braços dele.

Ela disse que ele podia ficar com o amuleto e, então, vestiu-se rapidamente e insistiu que queria pegar um táxi para voltar para casa. Ele disse que entendia.

Depois de ela ter partido, ele deitou-se na cama. Seu pressentimento, sua longa investida tinham valido a pena. Ele tinha um suspeito, um nome, um rosto para ir atrás. Seus olhos voltaram-se para a porta. "Será que vou vê-la novamente? Eu só uso as pessoas e depois jogo fora? Droga! Vou ligar para ela amanhã." Mas ele não ia ligar.

Seus olhos tinham sido puxados para a janela. A lua, quase cheia, tinha subido e aparecido no céu.

— Três dias e você vai estar cheia — ele falou para a lua.  
— E então vai contar seus segredos.

Quando ele virou a esquina, olhou para cima. A lua cheia daquela noite estava lá no alto e o trazia de volta ao presente. De volta ao enigma.

## Capítulo 17

Naquela noite, em um pequeno apartamento na Universidade de San Lorenzo, Basha estava deitada nua e quente sob os lençóis. Seus cabelos sedosos, longos e escuros espalhados pelo travesseiro. Os sonhos flutuavam por sua mente. Ela pensava no Cairo, nas aulas da Universidade Americana, em casa.

Basha, filha de um médico egípcio e de uma bela mulher americana com ascendência polonesa, tinha nascido no Hospital Copta, no Cairo. Como muitas crianças que são criadas em lares que misturam culturas e religiões, Basha às vezes se sentia quase esquizofrênica. Por um lado seu pai esperava que ela seguisse as tradições de sua terra natal, a fé muçulmana. E, por outro, sua mãe, Sônia, exigia que ela falasse inglês fluentemente, adotasse o catolicismo e os costumes americanos, especialmente em relação ao crescente movimento feminista.

Com seu tom de pele moreno claro, traços delicados e olhos felinos, azuis claro, ela era estonteante, com o temperamento de uma pantera. Sua voz profunda e rouca formava imagens em tom de âmbar e uma fumaça que enevoavam os pensamentos dos homens como se fosse um pequeno fantasma sedutor. Mas se alguém atravessava seu caminho, mentia para ela, ela grunhia, e os olhos demonstravam todo o seu ódio. O gato do inferno aparecia e agia sem misericórdia.

Basha murmurava mal-humorada e mexia no lençol com os pés delicados e bronzeados, enquanto dormia. A imagem de seu irmão caçula, Hamal, e de sua irmã gêmea, Laylah, surgiram em sua mente. E, então, aconteceu. Como nuvens encobrendo a lua, visões obscuras invadiram seu sono. Uma sombra negra se colocou sobre o rosto do pequeno Hamal.

Jack era alto, distinto, bonito. A mãe de Basha o tinha conhecido na igreja. Ele era o tipo de homem que faz com que a mulher se sinta bem, um bom ouvinte. Mas isso não fazia parte de seu trabalho? Confortar, consolar um coração angustiado? Não era isso que um padre deveria fazer? A

mulher dentro de Basha entendia. Seu pai, como muitos homens árabes, respeitava sua mãe, provavelmente a amasse profundamente, mas nunca demonstrou sua afeição, nunca em palavras. E Basha foi perceber depois que sua mãe, como muitas mulheres ocidentais que vivem na patriarcal sociedade do Oriente Médio, estava completamente sozinha.

Quando sua mãe começou a chegar tarde em casa, sempre ocupada com atividades na igreja, os gelados sentimentos de dúvida feriram o coração de Basha. Ela poderia perdoar a infidelidade de sua mãe se ela não tivesse envolvido Hamal.

Era uma tarde de sábado, sua mãe, o padre Jack e Hamal estavam para embarcar em um ônibus de excursão com um grupo da Igreja Americana para o centro da cidade depois de terem feito algumas compras. Por acaso Basha estava lá quando aconteceu. Basha tinha feito um intervalo em seus estudos o tinha ido comprar alguma surpresa para dar ao pai em seu jantar de aniversário. Ao ver seu irmão ela acenou e o chamou, mas então viu sua mãe andando de mãos dadas com o padre Jack, sem batina, vestindo roupas comuns. Andar de mãos dadas em público era um tabu, mas em um local tão cheio poucos percebiam. Basha rapidamente interrompeu o aceno.

Uma premonição misteriosa de perigo a alertou e ela seguiu seu caminho entre a multidão, tentando desesperadamente alcançá-los. Um sentimento pesado de vazio preencheu seu peito enquanto aqueles corpos a empurravam. No momento em que ela chegou ao ônibus eles já tinham entrado. A carinha de Hamal apoiada no vidro traseiro, com seus grandes

olhos castanhos e sua mãozinha acenando para ela quando o ônibus partiu ficariam em sua memória para sempre.

Tudo ao seu redor, o burburinho da rua, o som dos canos, tudo ficou em silêncio. Pesado. Sujo. E tenso. O silêncio foi esmagado pela explosão quando o ônibus ardeu em uma bola de fogo. A loja encheu-se de pânico e sangue quando uma segunda explosão balançou o chão sob seus pés. Ela deveria ter fugido, se pudesse ter fugido, se tivesse algum lugar para onde valesse a pena fugir.

Diferentemente de Basha, sua irmã Laylah foi embora. Cansada de ver o pai beber até cair, cansada da falta que sentia da mãe e do irmão, Laylah simplesmente nunca mais voltou da escola um certo dia. Desapareceu no mundo. Basha ouviu alguns boatos. Boatos nojentos, sujos, que diziam que Laylah tinha se tornado prostituta, mas Basha desmentia, dizia ser intriga de mulheres invejosas. Além disso, ela tinha seus próprios problemas.

Um ano mais tarde, depois do suicídio de seu pai, ela foi embora... direto para os braços do fundamentalismo islâmico. A Jihad, a guerra santa contra os infiéis. Seu namorado, Abdul Aziz Alghamdi, a apresentou ao mundo do ódio por meio da Gamma Islamiya, uma célula terrorista egípcia responsável pelo assassinato do ex-presidente Anwar Sadat, revitalizada por guerreiros libertários, Mujahedins, do Afeganistão. A ironia era que esses guerreiros tinham sido organizados, treinados e equipados pelas agências de inteligência norte-americanas, e depois financiados pelos dólares do petróleo saudita, para depois ainda morder a mão que os alimentou declarando uma guerra santa contra seus mestres. Como um

cacho de uvas, a al-Qaeda é formada por diversas células individuais. Quando um membro do grupo é pego pelos serviços de inteligência, as demais células permanecem inabaladas, continuam recebendo os nutrientes do vinho, a al-Qaeda.

Depois de provar seu compromisso, Basha foi mandada para o centro de treinamento de Bin Laden, no Sudão. A doutrina da al-Qaeda de ódio alimentava a sua raiva, escondia sua angústia com a possibilidade de vingança. Apesar do fato de ser na verdade a Gamma Islamiya que colocou a bomba no ônibus de turistas cristãos onde sua mãe queimou, Basha dirigia sua raiva ao mundo ocidental. À Igreja de Roma, que tinha, em sua opinião, seduzido sua mãe, matado seu irmão, destruído sua irmã e levado seu pai ao desespero.

No campo terrorista ela estudou muito. Lá, adquiriu excelência nas belas artes do terror, chantagem e assassinato. Depois de concluir diversas tarefas básicas com facilidade, ela finalmente conseguiu superar o latente preconceito da al-Qaeda contra as mulheres. Osama Bin Laden chegou a dizer que se Alá queria que seu trabalho fosse feito pelas mãos de uma mulher, assim seria. Dr. Ayman al-Zawahari, o braço direito de Osama, tinha um forte interesse por ela. O tecnocrata era um homem pragmático e viu imediatamente seu potencial.

Além disso, com seu sangue misturado, ela poderia ser uma ferramenta muito útil. Basha podia facilmente passar por ítalo-americana, canadense ou mesmo por uma fogosa espanhola. Ela tinha diversas identidades falsas, com muitas

nacionalidades e pseudônimos. Enquanto as agências de inteligência fichavam os homens descendentes de árabes.

Bin Laden tinha uma estratégia que funcionou muito bem: fazer o inimaginável. Um suicida em um carro com emblemas da polícia e cheio de explosivos em uma região saudita em Riyadh, uma combinação de famílias ocidentais muçulmanas que eram anteriormente coisas impensáveis. Seqüestrar um avião cheio de infiéis americanos não era novidade, mas mirar nas Torres Gêmeas, um prédio cheio de pessoas de todas as raças, religiões e nacionalidades tão brilhante e cruel que conseguiu a total surpresa do mundo. Assim como usar uma jovem para cuidar de um plano contra o máximo símbolo do cristianismo, o Vigário de Cristo, também seria, no que eram os antigos paradigmas do terrorismo islâmico, um ato inimaginável.

Basha acordou. Seu olhar vagou pelo quarto e foi para a janela. Seus olhos ficaram concentrados na lua cheia, mas ela estava vendo algo além. Não um pequeno quarto em Roma, mas a loja ensangüentada no Cairo; não a lua, mas o delicado rosto de seu irmão.

O som do telefone fez com que ela se voltasse para o aparelho. Levantou-se nua, caminhou pelo quarto, seus seios balançavam suavemente, e pegou o fone.

— Meia-noite — uma voz rude disse e desligou.

Ela desligou e começou a se vestir, pensando: "se eu precisasse jantar com o diabo em si, eu faria isso por você, Hamal. Posso me deitar com os maçons, com os banqueiros sionistas, os anjos do inferno em si. Não me importo". Vestida com calças pretas, botas e sutiã, ela voltou até a cama e pegou uma faca

que estava embaixo do colchão. A luz suave da lua banhava sua pele macia e a lâmina da faca. Com sua mão treinada, ela colocou a lâmina afiada em um compartimento preso à sua cintura. Colocou o casaco preto pela cabeça e depois vestiu a jaqueta e foi para a porta. Ao pôr a mão na maçaneta ela vacilou. Virou-se para a janela, para a lua e disse:

— Allahu, a'lam, Deus sabe o que é melhor, meu irmão.

## Capítulo 18

Do outro lado da Piazza, em um Fiat sedã preto, a equipe de apoio de Josie observava atentamente. No alto, sobre um telhado, o atirador observava através de uma lente de mira telescópica de precisão 2,5 10 x 40 Zeiss com visão noturna fixada sobre um rifle de atirador NATO CZ 700 7.62 mm. checo, completo, com silenciador e suporte dobrável com dois pés. Carregado com pentes subsônicos de grande calibre que se desintegram com a entrada, evitando danos colaterais desnecessários, era silencioso, mas letal. Com stock destacável, comprimento relativamente curto e peso mínimo, o rifle era facilmente transportável. Ele posicionou a extremidade mais grossa do rifle confortavelmente contra sua bochecha e pressionou-o forte contra o ombro. O dedo dele girou ao redor do gatilho. Ele ajustou o foco do alcance e a imagem do bonito cavalheiro italiano, observando cada movimento de Josie, e confiou-se dentro das marcas cruzadas de sua mira telescópica.

Ele focou na mão do homem, seguindo-a quando ele ergueu a barra de sua calça. A mão do homem lentamente tirou um

estilete de sua bota. O atirador piscou quando gotas de transpiração lentamente rolaram de seu pescoço e testa.

— Alvo Um tem uma faca. Avise-a — gritou o atirador em seu microfone.

O músico andante tocou cada vez mais rápido, esfregando seu arco pelas cordas.

— Ele está se movendo? — perguntou em voz baixa o motorista no microfone do seu rádio.

— Não. Apenas observando.

— Então verifique o outro alvo. Droga!

O atirador visualizou o outro alvo sentado em uma mesa atrás da mesa de Josie; e falou em seu microfone de lapela:

- Josie, Alvo Um à sua direita. Faca.

Assim que as palavras fluíram através da escuta sem fio em seu ouvido, ela deu uma rápida olhada no cavalheiro italiano imediatamente à sua direita, calculou a distância, e continuou sua conversa. Nenhum sobressalto. Nenhuma reação. "Nunca deixem que vejam o seu suor."

- Mas zio Lotti, o que há de errado? O que aconteceu? Você não pode mentir para mim. Nunca pôde — suplicou Josie.

- Não, eu nunca consegui enganar você, principessina. Não se preocupe comigo agora. Eu sou apenas um servo de Deus. Ele irá decidir o caminho.

Com isso, Scarlotti pegou sua pasta e deslizou pela mesa um pacote embrulhado com papel de carne com o Selo do Vaticano. Ele olhou de relance ao redor e cuidadosamente removeu um rolo, passando-o para ela por baixo da mesa.

O som estridente, agudo, dissonante do violino perfurou o ar.

A imagem do Alvo Dois se formou na mira. O homem tirou uma Beretta semi-automática de debaixo de sua jaqueta e deslizou sua mão empunhando a arma por baixo da mesa. Depois, com a mão livre ele sacou um silenciador, e habilmente colocou-o na extremidade do cano da arma.

O atirador avisou:

— Josie, Alvo Dois, atrás de você. Revólver. Afaste-se, ele está na nossa mira.

Enquanto ele respirou profundamente, o sussurro intenso do motorista soou em seu ponto de ouvido:

— Neutralizar Alvo Dois, depois Alvo Um. Atire quando quiser.

"Sempre pegar a maior ameaça, a arma, primeiro", o atirador pensou.

## Capítulo 19

Enquanto ouvia as palavras pelo ponto em seu ouvido, Josie compreendeu tudo sem muito mais que uma piscadela. Ela olhou para baixo e abriu o rolo o suficiente para ler o título: PROTOCOLLO DICIASSETTE.

— Protocolo 17 — ela sussurrou baixinho. — Mas eu achava que isso era apenas uma lenda; alguma teoria paranóica de conspiração dos americanos a respeito de um plano para a dominação do mundo. Isso tem alguma coisa a ver com o Le Cahier de la Rose Noire?

Scarlotti suspirou.

— Não cometa erros. Essas pessoas são poderosas. Elas podem acabar com você durante seu sono.

Ela pegou o pacote sobre a mesa. Monsenhor Scarlotti agarrou fortemente seu pulso.

— Você deve estar em um estado de graça, Josie! Vou ouvir sua confissão agora. Não discuta com um velho. Olhe dentro dos meus olhos e confie em mim.

Balbuciando, ela balançou sua cabeça violentamente.

— Não posso. Não! Não posso.

Agarrando seu pulso com toda força, lutando com ela, ele ralhou:

— Você precisa, caso contrário, você morrerá. Ou até mesmo pior, pode ser levada à loucura.

Os olhos de Josie se encontraram com os dele e depois se desviaram.

— Faça isso pela Mamma, então — ele disse sorrindo, gentilmente. — Faça isso pela Mamma.

Apesar de não ser uma católica romana convertida como sua falecida mãe, nem mesmo uma judia praticante, Josie tinha o maior respeito pela fé e crença de sua mãe. E assim, ela confessou e, naquele momento, pela primeira vez desde a infância, abriu sua mente e seu coração. Josephine Schulman, a mulher, clamou aos céus e liberou a angústia, a culpa, e a resina negra que havia laqueado sua alma. O tio Scarlotti, o padre, o confessor, a absolveu e a abençoou.

Seu sexto sentido aguçado chamou sua atenção para um foco novo. Ela era uma profissional completa que nunca, sob nenhuma circunstância, desviava totalmente a atenção do mundo ao seu redor.

De canto de olho, ela viu o estranho bonito se levantar e caminhar poucos passos até o seu lado em um instante. Mas

um instante foi muito lento. Os reflexos dela estavam afiados, sua mente e seu corpo permaneciam na zona de guerra, ainda banhada de sangue e adrenalina. Os movimentos dele, como se estivesse andando na lama, foram em câmera lenta para os olhos de sua mente, Josie girou, com um movimento imperceptível, a base de seu isqueiro Dunhill e pressionou a borda superior com o polegar. Uma explosão de luz do flash estroboscópico de alta intensidade embutido na parte inferior da caixa do isqueiro alcançou os olhos do atacante. Cego e desorientado, ele instintivamente ergueu suas mãos até os olhos e abriu uma janela de oportunidade.

Anulando a distância em um nanosegundo, Josie agarrou o pulso do atacante, girou violentamente e conduziu com precisão a afiada lâmina do estilete para baixo. A ponta da lâmina atravessou sua coxa interna e perfurou a artéria femoral. Os olhos do atacante viraram em terror enquanto o sangue jorrava de seu ferimento.

O dedo do atirador enrolou-se fortemente ao redor do gatilho. O Alvo Dois começou a se levantar, sua mão armada quase à mostra sobre o tampo da mesa. O dedo se contraiu, um leve som de sopro é emitido do bocal. A bala encontrou seu alvo, entrando na cavidade do olho e explodindo em pequenos fragmentos dentro do cérebro. Sua cabeça chicoteou para trás violentamente.

Josie virou-se para a Piazza. Um Fiat sedã preto, cantando os pneus, parou em frente ao café. Um agente do Mossad saiu da parte de trás do sedã, colocou o Alvo Um sobre os ombros e o levou para o carro.

O sangue corria torrencialmente pela parte interna da coxa do atacante, enchendo seu sapato, e fazendo-o patinar a cada passo vacilante. O agente sussurrava aos clientes do café algo sobre o homem ter tido um ataque do coração e o arrastava para o banco de trás do Fiat. Josie se virou e agarrou o rolo e o livro de anotações que estava sobre a mesa.

Ela se inclinou para gentilmente beijar a testa do tio Lotti. Visivelmente trêmulo, ele balançou a cabeça e beijou a mão dela.

- Vá agora, principessina mia. Saia da Itália rapidamente. E não abra o pacote. Vá!

Com o coração ainda martelando, ela correu a toda velocidade para o Fiat, arfando por fôlego. O carro se afastou do meio-fio cantando os pneus e deixando um cheiro de borracha queimada. E enquanto seus pneus derrapavam na rua de paralelepípedo, e depois se estabilizava, ele acelerava e sumia quase tão rapidamente quanto quando apareceu.

Agora o silêncio. Claro como a água.

O garçom se aproximou de monsenhor Scarlotti, parou brevemente e com movimentos rápidos dos olhos, verificou se algum cliente estava observando. Mas todos ainda olhavam para a rua. Com a mão treinada, o garçom estocou a agulha afiada de uma seringa no pescoço exposto de Scarlotti. Um frágil suspiro e instintivamente, a mão de Scarlotti agarrou o crucifixo que pendia de seu pescoço com dedos frágeis, moles, descorados. Seus lábios se curvaram em um desvanecido sorriso angelical. Ele tombou para trás gelado. Enquanto o garçom, muito gentilmente, fechava os olhos do padre. Um segundo garçom apareceu e, juntos, eles o ergueram da

cadeira e o levaram para a calçada, onde discretamente o colocaram em uma ambulância que aguardava.

A Irmandade reivindicou o que lhe pertencia.

Uma parede viva, cinza e branca, explodiu no ar.

Pombos.

Primeiro, apenas uma agitação, um alvoroço de asas. Depois, uma onda de estrondo palpitante e silhuetas contra a lua.

Acima, no alto do telhado, o atirador metodicamente desmontou sua arma e a guardou em um estojo para violão, cuja tampa era adornada com o nome Lucille em letras douradas.

Vestido como um estudante, ao se dirigir para o elevador e dali para a rua, não teria dificuldade para se misturar com a multidão de turistas e amantes com olhares enternecidos, até atingir um segundo sedã preto sem identificação, cujo motorista aguardava pacientemente por seu retomo.

## Capítulo 20

O som de um carro chamou a atenção de Rossi. Olhou por cima do ombro e viu as luzes atrás dele. Ele tinha acabado de virar a esquina para a Piazza della Rotonda. O obelisco egípcio no topo da fonte, adornada com a coroa papal apunhalava a noite. Ele disse no seu microfone de lapela:

— Posto de comando, aqui é o líder da equipe sombra, o alvo está na sua mira.

— Confirmado, alvo na mira.

Rossi camuflou-se nas sombras e colocou um par de óculos modernos, um pouco grandes. Eles usavam a mesma tecnologia que os pilotos dos helicópteros de ataque Apache. Projetava a imagem e as informações do alvo bem na frente dos olhos. Cada membro da equipe sombra de vigilância, usava um desses. Tinham sido um "presente" de uma grande fábrica japonesa de equipamentos eletrônicos que queria que a SISD fizesse vista grossa para alguns contratos que estavam sendo negociados com o governo italiano. Os "sombras especiais" também tinham uma microcâmera que transmitia o que o agente estava vendo para o posto de comando. O agente de controle, no posto de comando, agia como um diretor, mudando de acordo com as informações e monitorando as transmissões.

Agora a câmera com visão noturna do posto de comando aproximava a imagem do alvo, e uma visão esverdeada do local e o totem egípcio ao fundo flutuavam pelos olhos de Rossi.

— Carro se aproximando — outro agente sombra alertou Rossi pela escuta em seu ouvido.

— Mantenham suas posições. Sombra Posto Quatro, você pode vê-los? — sussurrou Rossi no microfone.

— Posto Quatro. Sim... estão passando por mim agora.

A imagem da silhueta do alvo contra as luzes da fonte que rodeavam o obelisco dissolveram-se na imagem de um Mercedes preto.

Vacilou um pouco e deu zoom na placa de licenciamento do carro. Um calafrio percorreu a espinha de Rossi quando ele leu as letras:

SVC 0002

Imediatamente Rossi reconheceu as placas distintivas do Vaticano.

O alvo continuava na frente da agulha, todos os olhares observavam cada um de seus movimentos. A forma verde ovalada de sua cabeça foi captada pelo mais moderno RAPTOR de visão noturna, com uma precisão extrema a longa distância, suficiente para acertar o centro de um alvo com um rifle calibre 50, se usado por mãos especializadas. As ordens recebidas pelos atiradores, assim como pelos demais integrantes da Unidade Sombra era manter Bast vivo, mas matá-lo caso tentasse fugir.

## Capítulo 21

Em pé, tremendo de frio sob as colunas do Panteão atrás do obelisco, disfarçada na sombra e vestida toda de preto estava Basha. Seu sexto sentido deu sinais. Protegida por seu gorro ela levantou a cabeça e ouviu. Os pêlos da nuca, de seu longo pescoço se eriçaram. Não era o som de um carro se aproximando, não era só o nervosismo. Era alguma outra coisa. Algo estava errado, muito errado. Atenta, seus olhos percorriam toda a praça, as sombras, a fachada do obelisco, e tudo mais. Observou os prédios que rodeavam o quarteirão. Seu coração batia na garganta embora quisesse vir para a boca. Ela permanecia completamente em silêncio.

Observando.

Aguardando.

Ouvindo.

Suas narinas, como as de um animal, buscavam algum cheiro no ar.

Então ela viu. Em sua visão periférica, captou a imagem de uma sombra se movendo à sua direita. Deu um passo para trás, agachou-se e manteve os olhos vasculhando a escuridão e os andares do prédio bem à sua frente. Por instinto, sua mão foi até o braço e seus dedos contornaram o bracelete mortal que ela trazia escondido sob a roupa, segurou-o com carinho, como se buscasse mais segurança. Trouxe um par de binóculos de alta potência até os olhos e estudou o prédio, andar por andar.

Enquanto observava, pensou em seu plano sem chance de dar errado. Ela tinha pedido para Saud, aquele tolo, para fechar o café para ela naquela noite e encontrá-la no obelisco, onde teria uma deliciosa surpresa para ele. Para não se arriscar decidiu usá-lo como chamariz para o encontro. Plantar a semente da desconfiança na cabeça daquele arrogante agente italiano tinha sido brincadeira de criança para ela, passando-se por Gina, a inofensiva estudante. Ela tinha ganhado Rossi no momento em que ele entrou no café. Essa noite ela tinha chegado horas antes, escondida sob as colunas de Titan, a deusa da Terra, Gaia, para quem seu primo distante, o Parthenon grego, tinha sido construído. Caso as coisas ficassem difíceis, Saud seria uma diversão. E, nesse momento, ela sentia que as coisas tinham sido muito, muito difíceis. Até o inferno.

No quinto andar, na terceira janela a partir da direita, alguma coisa se movia, uma delicada mudança no padrão das sombras. Ela tinha certeza.

Enquanto as luzes varriam a praça, procurando pelo falso alvo, Saud, ela se escondia na escuridão e fugia rapidamente seus movimentos eram ágeis e precisos como os de um gato.

Os holofotes brilharam de repente e iluminaram a quadra, a luz cegava, e desenhava padrões desordenados pela praça. Basha não olhou para trás. Em vez disso, acelerou o passo, procurando qualquer beco que pudesse entrar.

De trás dela veio o som de vozes exaltadas gritando, o freio repentino dos pneus, o som do motor acelerando e sumindo na distância.

Então um choro agonizante. O choro de Saud. Quando ele virou-se para correr, o atirador abriu seu peito.

Com a respiração acelerada e os olhos fixos no beco logo em frente, Bast correu.

Cinqüenta metros.

Mais sons.

O estridente som da sirene.

Passos no piso inferior chegaram até ela.

Alguém gritou sem fôlego:

— Alto!

Ao virar no beco ela sentiu pó de tijolos em seu rosto de uma bala que errou o alvo, suas costas, e acertou a parede. Outra bala com silenciador passou zumbindo por cima de sua cabeça.

Com a cabeça abaixada ela seguiu fugindo, escondendo-se de seu perseguidor. Ela se amaldiçoou enquanto corria. De

alguma forma tinha esquecido de vigiar um membro da equipe de vigilância que estava muito próximo, e esse erro quase tinha lhe arrumado uma bala em suas costas. Logo acima ela viu uma saída de emergência. Deu um salto e alcançou o último degrau da escada e impulsionou para subir. Com a agilidade de uma criança dobrou os joelhos junto ao peito, deu um chute para cima e prendeu os tornozelos nas barras verticais da escada. Então ela se soltou e se virou. Ficou ali, de cabeça para baixo na escuridão, no caminho de seu perseguidor, esperando para dar o bote.

Ao longe o brilho intermitente das luzes halógenas que a procuravam na praça, na entrada do beco, Bast viu o atacante aproximar-se.

Um gaguejar... um rosto... uma mão...

Um gaguejar... uma punhalada vinda de uma mão que parecia não ter um corpo.

Então, bem abaixo dela... um pescoço exposto.

Seu braço tinha descido com a fina lâmina acomodada no pulso e em giro acertou a garganta do atacante.

A arma dele caiu no chão. O atacante agonizava, sua mão foi até a garganta. Ela virou-se pela cintura, segurou na barra da escada, abaixou as pernas e desceu em um único e suave movimento.

Guardou a Beretta e virou-se para o homem que tinha tentado lhe atingir pelas costas. Mas não foi o rosto de um homem que ela viu, e sim o jovem rosto de uma mulher, de vinte e poucos anos. Ela endureceu e respirou fundo. Seus olhos voltaram-se para os estranhos óculos no rosto da mulher que agora estava morta. Ela pegou o equipamento e

colocou no rosto. Com o olho direito, Bast podia ver a imagem escura dos agentes que a procuravam na praça, perto do corpo de Saud. As imagens oscilaram e perderam o foco, como se alguém segurando uma câmera estivesse observando. Ela viu imagens dos faróis descendo a rua. Era seu contato, Prospero — que recebeu o nome devido ao feiticeiro de Shakespeare —, que fugia, como uma criança assustada. Então ela percebeu que agora tinha a visão de um pássaro e que podia acompanhar tudo o que seus perseguidores estavam fazendo. Ela se curvou e procurou na oficial o rádio e o retirou do cinto. Bast parou. "Se eu posso ver o que estão fazendo essas coisas devem ser equipadas com uma microcâmera." Ela olhou diretamente nos olhos da atacante, sabendo que a imagem do rosto da inocente agente seria transmitida a seus companheiros.

Levantou-se lentamente, virou-se e arrancou a câmera do canto dos óculos, jogou no chão e a esmagou com o pé. Voltando ao seu caminho, encontrou uma porta destrancada. Ela sabia cada movimento de seus inimigos, espiava cada uma de suas ações, como uma pantera, sumiu na escuridão do prédio e depois pela noite.

Escondido nas sombras, no topo de um prédio no lado, o jovem rapaz árabe mantinha a quietude e a compostura, observando cada movimento de Bast. Quando ela desapareceu de sua visão ele silenciosamente entrou em um casulo de escuridão.

## Capítulo 22

Bill Cotter permanecia em silêncio, observando de seu ponto vantajoso dentro do escritório da American Express, localizado do outro lado da rua do Café Dellini. Com o canto do olho, ele captou um brilho do seu reflexo no vidro da janela. "Você está péssimo", pensou. "Os olhos inchados; perderam seu brilho. Fios de cabelo cinza despontando das têmporas e costeletas, fruto daquela aplicação de tintura barata. Os pés-de-galinha começando a se formar nos cantos de seus olhos embotados e nublados." Ele balançou sua cabeça, seu olhar cortou de volta para a cena no café. O retrato do caos que se revelou diante de seus olhos o deixou visivelmente abalado. A respiração cresceu em seu peito, suas mãos tremiam. Jogando o cigarro com força no chão, ele amaldiçoou baixinho e pisou na bituca, amassando-a violentamente em um movimento giratório do pé. Respirou profundamente para se acalmar e abriu a porta para sentir o ar fresco da noite.

Cotter caminhou a passos largos pela calçada, olhando nervosamente como uma doninha em cada direção. Depois, dobrou a esquina e subiu a ladeira até onde seu carro estava estacionado. Abriu abruptamente a porta do carro e saltou para dentro. Lá, no lado do passageiro, o Dr. Felix Ahriman estava sentado, o Pequeno Homem do avião.

O forte odor doce de lavanda sobrepujou as narinas de Cotter. Ahriman era a personificação do irmão-gêmeo mau de Truman Capote. Seu rosto pastoso, bochechas levemente

coradas e ar efeminado de alguma forma aumentavam a crueldade de sua figura.

Ele estava sentado, mãos apontando para seus lábios, como um querubim, com um fino sorriso.

— Oi, Billy. Surpreso em me ver? — perguntou Ahriman.

— Que diabos...?

— Oh agora, Billy... que vergonha, todos sabem o seu nome!

— NÃO... eu quis dizer que eu não esperava que você estivesse aqui.

Batendo em suas coxas com ambas as mãos, Ahriman disse:

— É claro, foi exatamente isso o que você quis dizer — ele balançou a cabeça em direção ao café na parte inferior do íngreme declive diante deles, e balbuciou: — Que palavra feia... falha... você não acha?

Cotter caiu na armadilha como um peixe engole o anzol vicioso; ele rasgou seu intestino. Gotas de suor verteram nas laterais de seu torso, descendo até suas costas, grudando sua camisa à espinha.

Um olhar tranqüilo e paternal varreu o rosto do doutor. Ele bateu na coxa de Cotter.

— Vamos esquecer esse peccadillo por um momento, está bem?

— Como quiser — disse Cotter.

— Assim é melhor. Vamos brincar.

Cotter gelou em um estado de fuga. Seus cílios bateram.

— Saber — Cotter respondeu sem nenhuma expressão.

— Ousar — disse o doutor.

— Querem.

— Calar...

Totalmente imerso em um estado de inconsciência agora, Nível Alfa, Cotter era o marionete e Ahriman o mestre. De fato, esse era seu codinome, Il Burattinaio, dentro da Irmandade.

— A falha é uma coisa terrível, Billy. Ela traz vergonha e ruína. Ela desaponta as pessoas. A vida não tem mais sentido. Sua vida não tem propósito, Billy. Sem significado. Você entende?

— Eu entendo. Minha vida não tem propósito.

As bochechas de Cotter tremeram, apenas um leve tremor, enquanto uma gotícula de vergonha rolou sobre seu rosto e ele mergulhou ainda mais fundo, dentro do Nível Ômega.

— Você é uma falha abjeta, Billy Cotter. Um incompetente desnecessário. Que garoto mau. Ouça e obedeça — disse Ahriman.

— Vou ouvir e obedecer.

A porta do passageiro se fechou suavemente e os pequenos pés de Ahriman cruzaram a rua de pedras e desceram a íngreme calçada em direção à Piazza di Spagna. Ele marchava triunfalmente, gabando-se até o final da rua, onde comprou um cravo de uma bonita jovem. Ele prendeu a flor em seu paletó e cantarolou, "Zip-A-Dee-Doo-Dah". Enquanto caminhava, afastando-se, ele deu uma última olhada de relance em direção ao carro de Cotter. E sorriu sob as luzes da rua.

A mão de Cotter acionou a ignição; o motor ligou. Ele lentamente engatou a marcha.

À distância, o "EE-AW... EE-AW" da sirene dos carabinieri subiu e desceu. O sedã de duas toneladas e meia de Cotter desceu o íngreme declive da rua.

O estridente som da sirene chegou mais perto agora.

Mais alto. Mais nítido.

O sedã de Cotter ganhou velocidade. Cada vez mais rápido.

O lamento da sirene estava bem mais alto agora, muito mais perto.

EE-AWW... EE-AWWWW.

O sedã agora precipitou-se na ladeira. Ainda mais rápido.

O som agudo dos pneus freando tardiamente, o som do metal retorcido e corpos quebrados encheu o ar. Quando o carro de Cotter entrou no caminho da viatura policial em alta velocidade, seu veículo foi catapultado ao ar pela força da colisão.

SWUSHHHHH...

Como em câmara lenta, o sedã de Cotter voou através do espaço aberto, girou, capotou e espiralou como em um arremesso de futebol americano, até se espatifar no chão, batendo primeiro a frente, dentro da fonte. Um som de buzina de carro estridente e contínuo é o que recebem aqueles que falham com a Irmandade.

## Capítulo 23

### Base da NSA em Fort Meade, Maryland

De seu assento à mesa de conferência, o agente sênior, Manwich, estudava o pequeno homem submisso à sua frente; atrás dele uma enorme televisão de plasma piscava e mostrava a contínua imagem de uma cela. Sob o brilho duro da lâmpada da cela, o corpo de um homem balançava e projetava sombras pelas paredes. A câmera se aproximou do rosto do homem. Um lençol estava amarrado em seu pescoço. A expressão contorcida de seu rosto com os olhos ainda inchados.

A câmera lentamente passou pelo corpo e chegou ao chão sob ele. Em um *close* bem de perto, a imagem de um livro aberto preencheu a tela.

Os olhos do agente voltaram-se para o pequeno homem no pódio. O agente de campo chamado de "Homem das Respostas".

Ele era um analista, como um professor, que liderava uma agência de pesquisas. Se viesse atrás de algum tipo de informação obscura, seria encaminhado ao Homem das Respostas que cuidava do estranho esquadrão.

O Homem das Respostas apertou um botão do controle remoto. A imagem na tela se desfez em diversos *pixels* que se mesclaram em uma explosão digital da página.

— Senhores, o que temos aqui é o dedo de um homem morto apontando seu assassino.

Os olhares confusos se espalharam pela sala.

— Mas foi um suicídio — alguém protestou. — Só mais um que não resistiu à pressão.

- É? Embora informantes secretos freqüentemente sofram de depressão, eu não teria tanta certeza — o Homem das Respostas acenou com a mão indicando que não era aquilo. — Deixe-me explicar. Essa página que vemos é da *Tempestade*, de Bacon, Ato I, cena II.

O chefe do Diretório, Bill Loveday o interrompeu:

— Você se refere a Shakespeare.

Franzindo a sobancelha, o Homem das Respostas disse:

— Não, William Shakespeare é o que você chamaria de farsa, uma falsa fachada. Estudos detalhados mostraram que o nível de escrita e de educação requeridos para a realização desses trabalhos indicam um estudioso, *Sir Francis Bacon*. Nosso departamento de criptografia descobriu o que chamamos de cifra Bakish. Deixe-me demonstrar.

Uma nova imagem apareceu na tela.

**Inglês: abcdefghijklmnopqrstuvwxyz0123456789**

**21-letter:ABCDEFGHIIKLMNOPQRSTUVWXYZ-Y-ABCDEFGHI**

**Bakish: efgghiklmnopqrstvyabccc-d—efghiklmn**

Ele prosseguiu:

— Muitas vezes o nome Bacon aparece nas peças de Shakespeare..., mas em cifras e de trás para frente. Aqui temos uma frase em inglês, sua tradução em Bakish e em português:

When now his father's death had freed his will

Cmir rsc mna kebmiy'a hiebm meh kyiih mna cnpp

E quando a morte de seu pai libertou sua vontade

"Observe somente as letras em itálico. "Isfat", quando visto na linha de baixo traduz-se em "nakeb", que de trás para frente é "bekan", que conta como "bacon".

— Só se você não souber escrever — alguém disse.

O Homem das Respostas balançou a cabeça:

— Nessa antiga fase da língua inglesa a mesma palavra podia ser escrita de formas diferentes. Foneticamente.

— É a fonética — outra voz disse em tom de piada.

— Sim, do mesmo jeito que as crianças aprendem a ler até os dias de hoje. E transmitir uma mensagem oculta, secreta por um texto corrido usando diferentes fontes é chamado de...

— perguntou o Homem das Respostas enquanto passava os olhos pelos rostos confusos.

— Esteganografia — respondeu o chele, impaciente. — A al-Qaeda usa uma outra variante chamada Semagrama para esconder mensagens em e-mails e... dizem que também passam instruções por fotos de acordo com a disposição dos *pixels* —. Os olhos do chefe se apertaram. — Agora podemos dar continuidade?

O professor levantou a sobrancelha e prosseguiu:

— Esta última colocação, felizmente, é só uma "lenda urbana" da Internet. Mas voltemos à identificação do assassino. Aqui está uma imagem mais próxima da passagem da *Tempestade* que encontramos na cela.

Begun to tell me what I am but stopt,

And left me to a bootleese Inquistion,

Concluding, stay: not yet.

(Bem, mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou; mas paráveis, Assim, entregando-me a vãs cogitações, Concluindo, fique: não ainda.)

— Percebem algo de estranho, cavalheiros?

## Capítulo 24

### Roma

O Fiat preto de Josie seguia rumo ao aeroporto; subia pela Grumman Gulf Stream V. Estava abastecido, com os motores funcionando, pronto para a partida imediata. O avião estava registrado por um israelense proprietário de uma fábrica de equipamentos eletrônicos com negócios regulares em Roma. Ninguém achava suspeito uma partida às pressas. Quando ela entrou na cabine, o oficial Kasta, do caso em Roma, estava sentado em frente a um computador estudando o arquivo. Ele era baixo, peito largo, cabelos grossos grisalhos e olhos azul-claros. Seus traços pareciam entalhados em pedras ângulos firmes e definidos, sem suavidade. Tão pouco refinado quanto sua verdadeira natureza.

- Senhorita Schulman, seria muito amável não voltar para Roma, digamos., oh... pelo resto do milênio! — disse o Kasta, olhando por cima de seus óculos de leitura.

- Você *momze. Kush meer in tochis* — Josie ficou feliz por saber como mandar um desgraçado se danar em oito idiomas, especialmente em iídiche. — Deveria ser uma simples troca. Por quê? Você não sabia que tinha um abatedor à minha

espera? Ou talvez continuasse vendo o livro, tentando descobrir como pôde ser um total filho da puta no Cairo — o rosto de Josie estava queimando de raiva.

- Ok, acho que mereço isso — disse o Kasta, desviando o olhar por um momento, e voltando rápida e furtivamente. — E o desgraçado falou no caminho até aqui?

— Ele estava ocupado, sangrando até a morte disse Josie. — Só murmurou algo sobre ser melhor morrer rapidamente do que encarar a morte por facadas. Ele mal está vivo. Acredito que fosse um atirador *freelancer*...

O Kasta deu de ombros.

— Você pode fazer o seu trabalho sujo. Eu deixo ele em suas... capazes mãos. Ela o queimou com o olhar, com o tom de sua voz.

Josie e Kasta tinham uma história, uma feia história de traição. Ele tinha deixado um grande amigo dela para trás no Cairo há alguns anos. Ela precisou informar à mãe que seu filho, de 27 anos, tinha morrido e que o corpo não tinha sido recuperado, o que era verdade: você não pode mandar os dedos cortados do coitado para a embaixada dos Estados Unidos como sendo um corpo, pode? Em seu modo de ver, o Kasta era um imbecil que fazia tudo de acordo com o livro porque, de outra forma ele simplesmente não tinha noção.

Josie odiava o cheiro, o fedor dele. Ela não tinha ilusões sobre seu trabalho, mas sempre teve a crença de que as pessoas em seu tipo de profissão deveriam estar mais para poeta ou artesão louco do que para um porco chauvinista e incompetente. Ela seguia as orientações de *Metsada*, Abrão,

e de mais ninguém. Ela era uma agente de campo, não uma burocrata e, certamente, não era escrava de ninguém.

- Muito bem — ele disse. — Aqui estão alguns arquivos que o instituto enviou para você pelo malote. Negócios estranhos. Estão selados. Importa-se de me colocar a par, senhorita Schulman?

- Não há porque. São informações para conhecimento. E você não precisa saber. Ai, que inferno, vai se danar!

- Eu, obviamente, trago à tona o melhor de você — disse o Kasta com os olhos se fechando em duas fendas. — Vocês, povo de Metsada, são todos iguais. Estou lhe avisando, senhorita Schulman. Não me irrite...

Ela o interrompeu:

— Pegue esse livro e o documento e mande pelo malote diplomático para o meu pai. E não abra! Entendeu?

— Já que você vai direto para Chicago, por que não entrega pessoalmente?

Josie olhou para ele com frieza e respondeu:

— Você ia gostar, não é mesmo? Como vou entrar nos Estados Unidos disfarçada não terei o benefício da posição de diplomata. A alfândega pode inspecionar minha bagagem.

O Kasta desviou o olhar. Olhou para cima e decidiu tentar uma tática de abordagem diferente: destruí-la com uma falsa simpatia. Ele deixou a voz mais delicada, e a chamou pelo nome:

— Josie, é melhor se sentar, por favor. Acabei de receber um informe de acidente... monsenhor Scarlotti sofreu um ataque cardíaco na cena e foi levado às pressas para o hospital. Sinto muitíssimo, sei que ele é seu tio.

Josie afundou-se no assento e tremeu o lábio inferior, tentou parar as lágrimas, mas elas continuavam a cair. "Não vou deixar esse imbecil me ver chorando!", pensou. Ela fez um último esforço para fazê-las voltarem para dentro de seus olhos, mas falhou. Então rendeu-se e perguntou:

— Mas agora ele está bem?

— É só o que sabemos por enquanto. Mantereí você informada.

Mudando novamente sua abordagem, o Kasta disse:

— Senhorita Schulman, o corpo do encarregado da segurança americano, Bill Cotter, e o carro da embaixada foram encontrados no café. Alguma idéia do que aconteceu?

Josie recuperou a compostura, quase tão rapidamente quanto o Kasta tinha mudado de tática e respondeu:

— Já disse uma vez, *Gai tren zich!* Tenho certeza de que você sabe mais do que eu.

O rosto do Kasta ficou vermelho, e depois ele forçou um sorriso.

- Acabar comigo é fisicamente impossível.

- Você é um invejoso. Todos sabem que estamos em conflito com nossos primos da ligação da inteligência com o Vaticano desde a década de 1960. Eu mantive o monsenhor Scarlotti a uma certa distância e você sempre ressentiu isso. Pretendo perguntar ao Instituto o que é que você faz aqui. Continua sendo um estúpido incompetente!

Olhando por cima das lentes de seus óculos, o Kasta finalizou:

- Se não tiver mais nada a dizer, sugiro que parta imediatamente.

- Não tenho. Só o pacote que precisa ser enviado. Não abra! E preciso que o agente AL me contacte de Chicago com a nova identidade e as ferramentas.

Ela sabia que com a confusão toda no café precisaria de uma forte cobertura nos Estados Unidos para manter-se atualizada com os acontecimentos e com as armas.

- *Shalom*, senhorita Schulman.

- *Shalom*.

Só depois de sair do espaço aéreo italiano Josie conseguiu ter forças para começar a juntar as peças. Um jovem estudante israelense, que estava trabalhando como assistente de vôo, trouxe-lhe um scotch duplo. Quando ela foi acender o cigarro ele a advertiu sobre fumar dentro da aeronave. Mas bastou um olhar de seus olhos gelados como o mármore. E ele decidiu fechar a boca, viver o suficiente para terminar a faculdade e, um dia, deixar de ser virgem. Ele foi para o assento no fundo da aeronave.

## Capítulo 25

### Base da NSA

O Homem das Respostas franziu as sobrancelhas.

— Sinceramente, senhores. Isso é básico para resolver cifras.

O texto foi alterado. Observem o texto original. Vejam as letras em destaque e, então, comparem com a versão manuscrita na margem.

Outra imagem apareceu na tela com algumas letras em destaque:

*Begun to tell me what I am but stopt,  
And left me to a bootleese Inquistion,  
Concluding, stay: not yet.*

(Bem, mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou;  
mas paráveis,  
Assim, entregando-me a vãs cogitações,  
Concluindo, fique: não ainda.)

*Did begun to tell me what I am but stopt,  
Rent my bitter soul,  
And left me to a bootleese Inquistion,  
Gallows light the dark,  
On concluding, stay: not yet.*

(Bem, mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou;  
mas paráveis,  
Rendo minha amarga alma,  
Assim, entregando-me a vãs cogitações,  
Grande força que brilha no escuro.  
Ora, concluindo, fique: não ainda.)

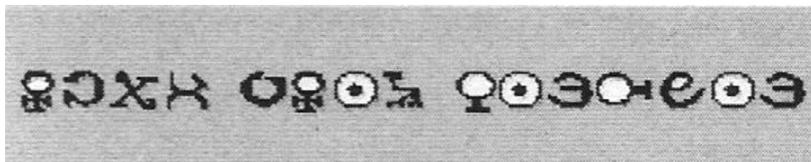
"A primeira letra da primeira e da segunda linha, combinadas com as três primeiras letras da terceira linha formam BACON!

Como um *flash*, as primeiras letras do texto escrito na margem do livro saltaram para o agente: DRAG...O. E ele disse:

— Ok, entendi. É o primeiro nome de Volante. Mas isso ainda não prova o homicídio.

Então, outra imagem apareceu.

Eram letras estranhas, símbolos, marcas em um pequeno pedaço de pergaminho:



— Isso foi achado na mão do morto. É uma cifra encontrada nas páginas amareladas de um livro na empoeirada estante de uma biblioteca maçônica. Alguém reconhece?

O agente Childress, que estava emprestado da MI6, começou a falar, hesitou, olhou em volta e disse:

- É a cifra do Golden Dawn. Uma sociedade secreta fundada em Londres no final da década de 1880. Uma parte da história obscura da Inglaterra. Com escândalos sexuais nos tablóides e tudo mais.

- Obscura? — disse o chefe do diretório sarcasticamente. — E qual delas não foi... obscura?

Childress não gostou muito, mas prosseguiu:

- Um monte de intelectuais malucos, como o poeta W.B. Yeats e Aleister Crowley, aquele charlatão que queria ser poeta. Desfilavam em segredo. Vestiam roupas egípcias e fumavam haxixe. Brincavam com rituais e coisas do tipo, senhor.

- Um monte de bichas intelectuais, você quer dizer... Ah, desculpem; estou sendo politicamente incorreto — provocou o chefe ao se virar para Childress. — Acredito que vocês chamem de bonecas na Inglaterra — ele suspirou de satisfação e inclinou a cadeira, colocando seu dedo gordo no meio de sua rosquinha. — Oscar Wilde não fazia parte do grupo?

- Não, mas sua mulher fazia — respondeu Childress, focando o nó *Windsor* da gravata de seda.

O Homem das Respostas os interrompeu:

- Eram inteligentes, sim. Crowley podia jogar várias partidas de xadrez ao mesmo tempo, sentado em outra sala, usando sua vívida memória para se lembrar das posições das peças ao ordenar as jogadas. No entanto, um pouco excêntrico. Passeava pelo Piccadilly Circus observando tudo, coberto com uma capa cheia de símbolos. Achava que a capa o deixava invisível. Ele quase matou um garçom do Café Royal que perguntou se ele queria uma mesa próxima à janela quando ele entrou coberto por sua capa de invisibilidade.

- Eu podia ter usado uma capa assim em campo no mês passado — um agente disse, rindo.

- Ei, talvez o Bin Laden esteja usando uma dessas — disse outro.

- Podem rir o quanto quiserem, senhores, mas existem documentos a respeito da capacidade de Crowley em confundir os pensamentos das pessoas, levá-las ao suicídio ou à loucura. Ernest Hemingway contou como viu Crowley movendo-se para o lado atrás de um desavisado transeunte, fazendo com que o homem se movesse em sincronia com ele.

Quando Crowley inclinou-se e seguiu andando agachado, ele fez o mesmo. Quando o mágico se jogou no chão, o homem deu um salto e caiu.

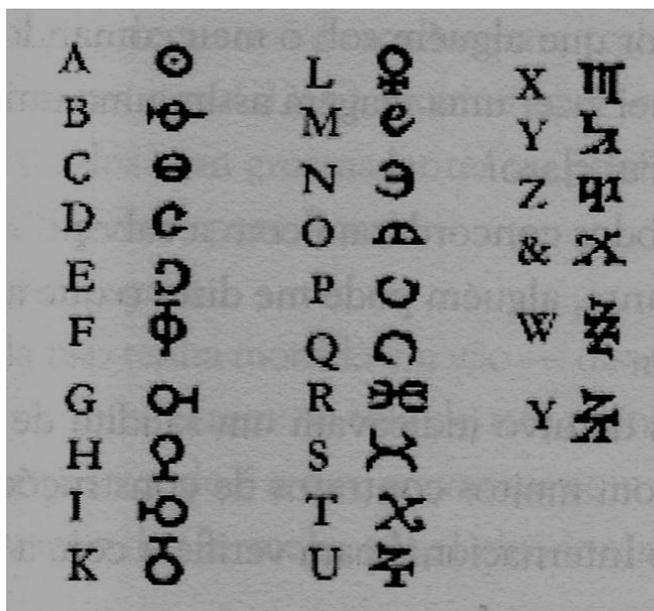
Manwich assoviava o tema de *The Twilight Zone* e olhava para o teto.

O chefe do diretório limpou a garganta:

— Adorável lição, professor..., mas qual seu objetivo e o que a maldita mensagem significa?

Clique.

— Aqui está a chave. Traduzam a mensagem por conta própria, senhores. E verão que o sujeito apenas estava seguindo ordens.



## Capítulo 26

No escritório da Unidade Sombra Rossi, andava de um lado para o outro. O relógio na parede marcava seis horas da tarde. Sua equipe estava em silêncio, com os músculos doendo devido à sobrecarga de adrenalina da missão da noite anterior e os olhares varriam o chão, tentando evitar encarar Rossi. Situações anteriores tinham ensinado a eles que deveriam esperar pacientemente o líder organizar os pensamentos. Melhor ficar em silêncio, sem dar desculpas e esperar o que iria acontecer.

Rossi parou. Em pé, com as mãos nos bolsos, expressão solene e séria.

Enrico, o atirador da equipe limpou a garganta.

— Disse alguma coisa? — pressionou Rossi. Enrico engoliu seco e fez que não com a cabeça.

— Acredito que o que aconteceu ontem à noite foi o que a marinha americana costuma chamar de "fracasso em equipe" — os olhos de Rossi vasculharam a sala e ele continuou. — Ninguém, incluindo eu, agiu de forma profissional. Perdemos um dos nossos, Carmela — disse ele, seco. — Quando terminarmos aqui, Dante me levará até a casa dos pais dela. E eu vou tentar explicar para a mãe por que alguém sob o meu comando morreu desnecessariamente. Eu só precisei fazer uma viagem assim uma única vez, e não pretendo fazer nunca mais. Fui claro?

Alguém tossiu. Todos concordaram com a cabeça.

— Já falei o bastante, alguém pode me dizer o que aconteceu? Lorenzo começou:

— As impressões do alvo indicavam um saudita de 26 anos, nascido em Mecca. Família rica com muitos contratos de construções no Oriente Médio. Pedimos ao Ministério Internacional para verificar com a embaixada saudita.

- Façam isso de forma discreta. Já verificaram o apartamento? Rossi perguntou.

- Sim, senhor. Qualquer coisa que pudesse ser de algum interesse, por mais remoto, foi embalado e etiquetado. O departamento forense está vendo as coisas agora.

- Os telefonemas ou o HD do computador indicaram alguma coisa?

- Ainda não, mas eles estão cruzando todas as informações.

- Diga para colocarem isso como prioridade — disse Rossi coçando o queixo.

Hesitante, Dante levantou a mão e mexeu em seu cabelo escuro, grosso.

- Vá em frente — disse Rossi.

- O Mercedes preto, senhor. Assim que...

Rossi o interrompeu, erguendo a mão. E disse com um olhar firme:

— Deixe isso comigo. Digam o que conseguiram, classifiquemos como Ultra... e não vamos falar sobre isso fora desta sala. Senhores, nada deve ser comentado fora desta sala. O toque do telefone interrompeu o silêncio.

Lorenzo atendeu e falou rapidamente, desligando o aparelho.

- Senhor, eles têm alguma coisa que querem que veja no laboratório.

- Dante, Enrico... venham comigo. O restante de vocês repassem tudo novamente.

Eles seguiram para o laboratório de tecnologia.

Para Rossi o serviço de tecnologia era a terra das engenhocas. Eles tinham todos os *softwares* mais recentes e toda a tecnologia para criptografia. Comparável ao do GCHQ (Base das Comunicações Governamentais da Inglaterra), sinais da inteligência, NSA e Langley, parecia um laboratório de química de colégio. Prateleiras cheias de material e cabos para todo lado. Eles ficaram na frente de vários monitores de LCD. O técnico com o rosto cheio de acnes, Claudio, arrumou os óculos com grossas lentes na ponta do nariz e foi com os dedos para o teclado. Ele disse para Rossi:

— Estou resolvendo agora.

— Talvez Carmela não tenha morrido em vão — disse Rossi, mal-humorado. Múltiplas imagens apareceram na tela de três monitores.

— O que vocês estão vendo é o que gravamos com as câmeras dos óculos. Quando passei a gravação de Carmela, achei algo interessante.

A tela central foi preenchida com a imagem estranha de uma figura de preto correndo a passos largos.

- É o nosso homem — disse Dante.

- Ele corre como um guepardo — acrescentou Enrico.

- Você consegue estabilizar o movimento da câmera e aumentar o áudio? — perguntou Rossi.

- Assim? — perguntou o técnico quando a oscilação foi suavizada. — Se fizermos assim — ele digitou alguma coisa e uma grade de informações apareceu no canto direito da tela — temos condições de definir uma média de altura e peso

com base no tamanho do passo comparado aos objetos em torno da cena.

- Não muito alto — disse Dante vendo o resultado.

Na tela, o contorno de uma Beretta equipada com silenciador subia e descia na mão esticada de Carmela. A arma foi disparada duas vezes.

A tela ficou preta quando ela começou a perseguir o alvo pelo bico. A respiração ofegante de Carmela era ouvida pelo áudio.

Poucos momentos dos ecos de seus passos e, de repente, um *flash* sem foco de um metal.

Rossi rangeu os dentes, seus punhos se fecharam.

— Agora olhem mais de perto — disse o técnico. — Eu diminui a velocidade e digitalizei essa seção.

Uma mão — uma mão pequena, reparou Rossi — com dedos longos apareceu na tela. O técnico pressionou uma tecla e um rosto, magicamente, apareceu por trás da mão.

— Dizem que os olhos dos mortos captam o último instante de vida — disse Rossi, olhando fixamente para a tela.

Primeiramente a queda de longos cabelos esconderam a face. Então, com uma virada de cabeça, os olhos brilhantes, pulsando como os de um zumbi no distorcido tom esmeralda dos óculos de visão noturna, brilharam. Lábios carnudos. Traços delicados. A imagem olhava de volta, obliquamente.

Rossi engasgou com a respiração. Ele se lembrava do olhar de Gina quando estava sobre ele no hotel, com aqueles olhos selvagens e enlouquecidos. Ele se lembrava dos macios cabelos molhados de suor que cobriam sua face enquanto ela

se movia e tremia de paixão. Uma lâmina gelada foi fincada em seu peito.

- *Figlio di puttana!* - sussurrou Dante.

- Não, não um filho da puta, mas uma *figlia* - corrigiu Enrico.

Rossi tentou tirar a imagem daquela mulher de sua cabeça. Ele esmurrou a mesa, derrubando a xícara de café do técnico.

— Devemos passar a imagem para os policiais e para a alfândega? — perguntou Dante.

— NÃO! Só para a Unidade Sombra. Acredito que sei onde encontrar essa desgraçada. E ela é toda minha!

Sem mais nenhuma palavra, Rossi virou-se e saiu da sala, batendo com força a porta ao sair.

## Capítulo 27

### Fort Meade, Maryland

O Homem das Respostas prosseguiu com seu pensamento:

- Então, agora que resolveram o enigma, precisam se perguntar... como uma simples mensagem pode induzir um homem a cometer suicídio?

- Talvez o cara estivesse tão ferrado que isso o tenha levado a agir? — disse Manwich.

- O informante era um sujeito altamente inteligente e estável. Avaliações psicológicas não demonstraram nenhum problema mental —. O Homem das Respostas apertou um botão do controle remoto e a imagem de um rosto pastoso, com finos

cabelos grisalhos preencheu a tela. — Senhores, apresento-lhes Dr. Felix Ahriman, neuro-psiquiatra pesquisador e...

- Completamente louco — completou Manwich.

O diretor deu uma olhada dura para Manwich. Enquanto ele observava a cara redonda do agente que vestia um amarrotado e barato terno de poliéster, o diretor precisou segurar o riso. Ele considerava Manwich um enigma. Ele era desajeitado, mas por trás desse exterior rude existia uma mente atenta. A palavra "ética" não podia ser encontrada no vocabulário de Manwich, o que, quando combinado com sua esperteza, o tornava um operário bastante perigoso. O diretor tolerava as atitudes do agente e seus modos rudes porque ele seguia as ordens, sem questionar e sem olhar para trás.

Manwich resmungou:

— Eu o vetei quando tentou uma posição conosco — o agente observava a cela como se tentasse se lembrar. — Ele era um contratado *freelancer* para a Langley... parte desses trabalhos estranhos assinados pela MK-ULTRA.

O diretor Loveday disse:

- O estranho programa de operações que usava LSD e hipnose para o controle da mente?

- Sim — respondeu Manwich. — O bom e velho Dr. Ahriman foi acusado de experimentar em seus colegas. Ele os dopava sem que soubessem, fazia com que passassem por um programa de sessões de hipnose designado a plantar todos os tipos de loucuras e paranóias e, então...

O Homem das Respostas o interrompeu.

- Seu melhor amigo e sócio pulou da janela de um quarto de hotel. Caiu por 30 andares e aterrissou no teto de um táxi que estava estacionado na Avenida Lexington.

- É um jeito de conseguir táxi em Nova York — um agente soltou.

- O departamento de polícia de Nova York chamou de suicídio, mas muitas perguntas ficaram sem respostas — acrescentou Manwich. — Como o motivo pelo qual ele estava completamente nu — ele fez uma pausa. — Li uma entrevista com a secretária de Ahriman na Agência. Ela o acusava de aproximação sexual inapropriada, de se aproximar fisicamente dela.

- Fisicamente? — perguntou Loveday.

- Não — Manwich corrigiu. — Ela disse que algumas vezes ele falava com ela sobre coisas muito estranhas durante o café. Primeiramente ela se afastava, mas depois, se pegava prestando atenção. Até sentiu-se atraída por ele, embora o abominasse. Começou a ter pesadelos, perdeu muitos trabalhos. Ia até a sala e de repente não conseguia se lembrar do que tinha ido fazer. Achavam que as pessoas a estavam perseguindo, lendo seus pensamentos e a escutando pelo telefone. O estranho foi um dia em que ela acordou assustada, largada na cama de um hotel barato, sem se lembrar de ter ido para lá. Seu corpo cheio de ferimentos e muito dolorido devido à violação sexual.

- Provavelmente um "boa noite, Cinderela". E o que fizeram com Ahriman? — questionou Loveday.

—Ela não estava dopada. Não fizeram nada. Investigaram e descobriram que Ahriman tinha usado o cartão para alugar o

quarto. Encontraram suas impressões e esperma por todo o quarto, mas... foi a declaração do recepcionista do hotel que encerrou tudo. Ele disse que quando ela entrou com Ahriman estava animada e excitada... inclusive convidou o rapaz para participar de uma relação a três.

— Ahriman provavelmente o subornou.

- Não. Ele passou pelo polígrafo tranqüilamente - explicou Manwich.

- E o que aconteceu com a mulher?

Manwich franziu as sobrancelhas, arregalou os olhos, engoliu com dificuldade e respondeu:

- Suicídio... enforcou-se.

- E ela não deixou um bilhete, não foi, Sr. Manwich? — disse o Homem das Respostas. — Mas um pedaço de papel foi encontrado em suas mãos.

Os olhos do agente saltaram.

— Isso mesmo, tinha me esquecido.

A tela exibiu uma foto e uma nota amassada com estranhos símbolos.

E abaixo a tradução:

**SEU MESTRE MANDOU FINGIR DE MORTO...**

O diretor inclinou-se para frente e perguntou:

- Você está dizendo que existe uma ligação entre o suicídio que tivemos aqui? O mesmo agente?

- Não podemos nos esquecer do estagiário, Kenny, que encontramos na sala de computadores com uma corda de piano amarrada no pescoço — acrescentou Manwich.

O Homem das Respostas deu de ombros e prosseguiu:

- Deixarei que julguem por conta própria. Uma vez decodificado como uma antiga forma de símbolos mágicos, o bilhete diz, "seu mestre mandou fingir de morto".

- E onde está Ahriman agora? — perguntou o diretor.

- Foi recusado, com certeza — disse Manwich. — Eu dei um voto negativo em seu formulário.

- No entanto, ele arranjou um protetor — explicou o Homem das Respostas. — Trabalha como consultor para o Instituto E — a imagem de um alto edifício, familiar a qualquer um que já esteve em Los Angeles apareceu na tela. — Uma das maiores igrejas New Age do mundo. Esse é o quartel general deles. Seu fundador e líder é ninguém menos que Drago Volante.

- Fale um pouco mais sobre isso — pediu o diretor ao se encostar novamente.

- Embora isso não esteja na fraca biografia de Volante, ele teve um passado bastante sórdido. O FBI tem uma grande ficha sobre ele de alguns anos atrás. Era parte de uma investigação de segurança envolvendo um cientista espacial que praticamente fundou o laboratório de propulsão em Pasadena.

- Jack Whiteside Parson. Tem até uma cratera lunar com o nome dele.

- A agência acha que ele é uma piada? — o diretor perguntou.

- Não. Começou com seu comportamento excêntrico e um boletim de ocorrência. Parece que os vizinhos reclamavam de coisas estranhas que aconteciam na mansão de Parson em Pasadena. Era um reduto para os boêmios, escritores e artistas

da época. Principalmente escritores de ficção científica como Harlan Ellison, Robert A. Heinlein e Ray Bradbury.

— Volante não escrevia romances de ficção científica?

Manwich se meteu na história:

— É, Viny Valentino estrelou uma adaptação há poucos anos. Uma bomba no escritório.

— Sim, esse foi o início da ligação entre Volante e Parson. Volante era um escritor amigo que queria aproximar-se dos grandes. Passou a morar na mansão. Mas isso é só uma parte. A polícia recebeu a reclamação de que uma garota grávida estava pulando sobre uma fogueira no quintal, nua. Algum tipo de cerimônia com muitas pessoas que estava incomodando. Corriam para todo lado vestindo túnicas pretas.

— Bruxas?

- Não. Um estranho grupo oculto conhecido como Ágape Lodge, um braço americano de Ordo Templi Orientis, ou OTO, para simplificar.

- Ordo Templi... — Manwich pensou alto. — Alguma relação com os templários?

- Você está parcialmente correto — disse o Homem das Respostas. — Significa Ordem dos Templários do Oriente. Mas a única ligação com os verdadeiros templários era ser uma seita que os tinha como base, quase maçônica. O que significa que os membros precisavam passar por vários graus de iniciação e rituais afins. Lembram-se de nosso velho amigo da Golden Dawn, Aleister Crowley? Bem, ele era o cabeça da OTO. Na verdade, Crowley ao saber da associação de Parson

com Volante, escreveu para ele advertindo o sobre a conexão com um "trapaceiro".

- Calma lá — disse Manwich. O agente se orgulhava de seus conhecimentos enciclopédicos sobre filmes. — Não era a esposa de Parson aquela aspirante, a atriz que estrelou um filme pretensioso?

O Homem das Respostas fez que sim e continuou:

— Seu nome era Candy Carson, foi sua terceira esposa. Belos olhos verdes e cabelos vermelhos. Os cabelos vermelhos têm um tipo de significado oculto. De qualquer forma, Parson chamou Volante, seu escritor e parceiro magístico. Para resumir, Volante gravou alguns rituais mágicos sexuais, chamados de Trabalho Babilónico. Alguns absurdos sexuais que Parson conduziu com sua esposa, então com 19 anos, e sua ex-cunhada, enquanto Volante observava e tomava notas.

"Dignificando sua reputação, Volante enrolou Parson e o convenceu a abrir Uma conta conjunta. Fugiu com uma pequena fortuna e com a esposa de Parson. Usando sua estrutura e rituais da OTO, Volante criou uma nova forma de psicologia New Age e a descreveu em um livro, CYBOTRONICS. O livro virou *bestseller*. Volante criou sua própria igreja nessa mesma época.

"Incorporando as técnicas para despir sua alma, da OTO e de outras sociedades secretas, fizeram novos membros confessarem seus segredos mais sujos, drogas, infidelidades, crimes, fraquezas... enquanto estavam ligados a um discreto detector de mentiras. Volante cobrava taxas cada vez mais altas para cada 'sessão de expurgação', de acordo com os contatos da pessoa e sem hesitar em usar chantagem. O

dinheiro começou a entrar. Templos escatológicos britaram da noite para o dia em todo o mundo."

Isso fez com que Manwich traçasse uma ligação com as técnicas usadas pelos serviços de inteligência que, rotineiramente faziam isso com seus funcionários. Logicamente, só um imbecil contaria seus pecados. O Homem das Respostas prosseguiu:

— O Instituto E pegou alguns ex-agentes da inteligência e criou uma divisão de inteligência global chamada de Agência de Assuntos Internacionais. Eles realizam operações de vigilância e matam possíveis oponentes ou membros suspeitos. Na década de 1980, em um indiciamento no Departamento de Justiça, foram condenados por abrigar fugitivos, obstruir a justiça e mentir perante a corte. Com muitas informações, fornecidas por ex-membros, não conseguiram continuar usando a intimidação e a chantagem para agir em suas causas.

Uma nova imagem apareceu na tela e o Homem das Respostas prosseguiu com suas explicações:

— Senhores, apresento-lhes Drago Volante.

O agente Manwich ficou observando a foto um pouco granulada de Volante.

- Vamos testar nosso novo sistema de projeção 3 - D - disse o Homem das Respostas, levando os dedos ao teclado. Essa fita da vigilância foi feita durante um discurso de Volante no Instituto E em Los Angeles.

As luzes ficaram mais fracas e uma imagem parecida com uma imagem real de Volante apareceu no ar. Manwich apoiou-se no encosto da cadeira. Levou a mão até o bolso do

casaco e sentiu o chocolate que sempre carregava, para trazer conforto. A face fantasmagórica de Volante projetava paz e calor, mas Manwich sentia como se fosse uma máscara como aquelas usadas por leprosos para esconder a carne destruída. Sua boca fina e rosto sem expressão eram emoldurados por um cabelo vermelho preso em um rabo de cavalo.

O agente olhou mais de perto.

Os olhos diziam a verdade.

— Os olhos inexpressivos da imagem holográfica de Volante observavam sua platéia. Por um momento pareceu que olhavam diretamente para Manwich. E de repente o agente sentiu como se os olhos de Volante pudessem ver através dele — e ao olhar bem de perto teve a profunda impressão de que algo havia se movido, como uma espiral de fumaça.

O diretor Loveday começou a falar:

— Ok, então estamos lidando com algum tipo de grupo lunático e poderoso. Descobrimos que nosso prisioneiro foi visitado pelo Dr. Ahriman que, de alguma forma, orquestrou seu suicídio. Então, temos o misterioso suicídio de Kenny — o diretor passou os olhos pela sala. — Então devem estar se perguntando, "Qual a nova esquisitice do pessoal das operações PSY?" Mas isso é mais profundo, senhores —. Um *chip* de computador apareceu na tela. — A Divisão de Segurança na Exportação rastreou uma remessa não autorizada de *chips* codificados altamente classificados para uma empresa estrangeira do grupo do Instituto E. Uma empresa que também está na lista de terroristas procurados e

que recebeu doações do mesmo grupo de caridade de fachada que arrecada fundos para a al-Qaeda.

Os agentes, calados, olhavam para os diretores. E ele continuou:

— Qualquer coisa relacionada com os códigos classificados é nosso alvo, senhores. Na mesa, na frente de cada um de vocês, está uma pasta contendo sua tarefa individual. Podem abri-las agora, por favor.

Manwich rompeu o selo holográfico e abriu a pasta. Lá estavam duas passagens para Roma; na próxima página tinha a foto de um jovem rapaz, seu nome era agente Kyle. A outra folha estava em italiano, era um papel caro. Mesmo com os conhecimentos limitados de Manwich do idioma italiano, ele conseguia determinar as datas e os locais. E, bem no topo, estava o selo do Vaticano.

Depois dos outros terem saído da sala, o diretor virou-se para o Homem das Respostas e perguntou:

— Você acha que ele vai enxergar além da nossa charada?

— Quer dizer, a história do *chip*?

O diretor fez que sim.

— Não o Manwich. Ele vai seguir as ordens sem fazer perguntas. Se tem alguém que pode encontrar o agente da al-Qaeda, Bast, esse alguém é nosso amigo Manwich.

## Capítulo 28

Josie deu um grande gole no *scotch* e deixou que descesse queimando sua alma. Ela esperava que isso fosse, de alguma forma, aliviar a dor que jazia ali. Mas não aliviou. Acendeu um cigarro e rasgou o lacre de segurança dos arquivos. O que ela leu elevava a credulidade a outros níveis.

RELATÓRIO RESUMIDO/ SCTF

PARA: SCHULMAN

DE: ABRAHAM/ TEL AVIV CENTRO DE COMUNICAÇÃO  
TOC/009/089 SOMENTE PARA VISUALIZAÇÃO:  
PELOS CANAIS OFICIAIS  
COSMIC

(PSICOLOGIA DE GUERRA)

BASE DE PROJETOS INTELIGÊNCIA (Estados Unidos):

**PROJETO ALCACHOFRA 1955 E MKULTR**  
CIA/ASSASSINO/MANCHÚRIA PROJETO DE CONTROLE  
MENTAL DOS CANDIDATOS FOI A BASE HISTÓRICA  
PARA O AVANÇO DE DROGAS  
HIPNÓTICAS/PSICOTRÓPICAS PARA ALTERAÇÃO DE  
COM PORTAMENTO. ORIGINALMENTE PESQUISAS SOB  
PATROCÍNIO DE OPERAÇÕES PSY. E SISTEMAS DE  
ARMAS NÃO LETAIS QUE PASSARAM A INTEGRAR UM  
PROGRAMA DE ASSASSINATOS, LIGADOS AO  
TERRORISMO, ALÉM DE INFILTRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO

DE ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS PARA AGIR COMO GRUPOS DE CONTROLE E MODELOS FUNCIONAIS.

**PROJETO PANDORA/EDOM** DISSOLUÇÃO ELETRÔNICA DE MEMÓRIA. CONDICIONAMENTO PSÍQUICO INDUZIDO POR HIPNOSE/ONDAS DE BAIXÍSSIMA FREQUÊNCIA COM EFEITOS NA EMOÇÃO E NO COMPORTAMENTO/FREQUÊNCIA DE 25 A 130 CICLOS/SEGUNDO. A UNIVERSIDADE DE CORNELL ESTUDA SISTEMA DE RESPOSTAS AUDÍVEIS/SINCRONIZAÇÃO DO PULSO DE MICROONDAS EMITIDAS POR UM APARELHO PORTÁTIL PARA ALTERAÇÃO DO RITMO DO MIOCÁRDIO, RESULTANDO EM FALÊNCIA CARDÍACA.

**PROJETO DEUS/ATUAL** PROJETO DE OPERAÇÕES SECRETAS/OBJETIVOS DESCONHECIDOS EM AVERIGUAÇÃO PELA INVESTIGAÇÃO DE PROVÁVEIS ORGANIZAÇÕES DE FACHADA ESPECIALMENTE O INSTITUTO E/POSSÍVEL LIGAÇÃO COM O ORIENTE MÉDIO NAS TÉCNICAS UTILIZADAS PARA EXALTAR OS RADICAIS FUNDAMENTALISTAS ISLÂMICOS/CÉLULAS TERRORISTAS INATIVAS E ATIVAS NOS ESTADOS UNIDOS/ SEM MAIS INFORMAÇÕES.

O nervoso comissário de bordo trouxe o jantar. Ela não comeu, mas pediu outro *scotch* e dois maços de cigarros. Um bonito jovem, o co-piloto, arriscou aproximar-se de seu assento. Ele tentou se apresentar, conversar um pouco

enquanto demonstrava claro interesse físico por ela, mas recebeu uma resposta curta e grossa:

— Você não deveria estar na cabine para manter essa coisa voando? Ou prefere que a gente caia das nuvens? Estou ocupada! Por que não volta para a cabine, que é onde você deveria estar, e me deixa em paz?

Ela abriu uma faca dobrável com incrível velocidade e a enfiou no pedaço de queijo sobre a mesa, como um gesto de efeito.

Em ato-reflexo de auto-proteção, o co-piloto colocou o quepe na frente de suas partes íntimas, como um homem da infantaria a cobrir sua pequena cabeça com o capacete em vez de proteger a grande. Ele permaneceu na cabine durante o restante do vôo, com o quepe protegendo suas "jóias de família".

## Capítulo 29

Josie prosseguiu lendo, contando basicamente com a memória, já que não podia fazer anotações.

AL-QAEDA AMEAÇA DE INTERCEPTAÇÃO: ALVOS VATICANO E A COROA: ABU ABDEL-RAHMAN AL-IRAQI

RECENTEMENTE RECONHECIDO COMO DEPUTADO DO TERRORISMO ABU MUSAB AL-ZARQAWI O JORDANIANO DE NASCIMENTO E EXTREMISTA MUÇULMANO PEGO EM SINAIS INTERCEPTADOS DE DECLARAÇÕES DISSEMINADS PELAS CÉLULAS DA AL-

**QAEDA POSTERIORMENTE/FRASE: O ISLAM NÃO FAZ CONCESSÕES OU FAZ TRÉGUA COM OS INFIÉIS, FICA SURDO E EXIGE A MALDIÇÃO E VINGANÇA DE ALÁ PELA JIHAD, PELO DIÁLOGO DAS BALAS, OS IDEAIS DE ASSASSINATO E BOMBAS, A DIPLOMACIA DAS LÂMINAS DE SUA IRA. ESTAMOS ATRÁS DE VOCÊ ENQUANTO ESTIVER VIVO. JÁ TOMAMOS NOSSA DECISÃO, CONTANDO APENAS COM DEUS PARA LUTAR CONTRA OS INFIÉIS, OS HIPÓCRITAS E OS VILÕES/DECLARAÇÃO FEITA ESPECIFICAMENTE PARA OS ALVOS/MESMO VOCÊ GRANDE (AL-ZARQAWI) LEVE-NOS À CASA BRANCA E À FORTALEZA DO VATICANO, VAMOS FICAR PERTO E ATINGIR NOSSO ALVO: A DESTRUIÇÃO DAS INFIÉIS INSTITUIÇÕES CRISTÃS E SEUS SÍMBOLOS.**

**PANORAMA HISTÓRICO: DADOS MAIS ESPECÍFICOS A SEGUIR/ TÉCNICAS UTILIZADAS DE ACORDO COM O PROTOCOLO-17**

**HISTÓRIA FINANCEIRA: CARTEL INTERNACIONAL/INTRIGAS SOBRE INFLUÊNCIAS E LIGAÇÕES ENTRE SEUS LÍDERES E BANQUEIROS DO PROTOCOLO 17 POUCO DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL/IDEOLOGIA: DOGMAS FASCISTAS E RACISTAS.**

O estômago de Josie começou a doer; o gosto ácido da bile subiu e ardeu em sua garganta. Ela fechou os arquivos e os

afastou de si, como se estivessem contaminados por algum tipo de bactéria. Pegou um CD em miniatura em um bolso na pasta e o inseriu no *laptop* sobre a mesa. O disco era SCTF, Sistema de Codificação Tática de Fim-a-Fim, o mais avançado para vasculhar um *hardware*, e era tão seguro quanto os lábios de Mônica Lewinski em volta de um cigarro.

Ela abriu o arquivo. Enquanto o computador organizava os dados, seu coração acelerou. De alguma forma ela sabia que essa missão seria uma viagem por "Good Ship Lollipop", como se o navio e ela, Shirley Temple, estivessem cruzando o rio Styx no inferno comendo bombons durante todo o percurso.

A tela se iluminou com a sua missão:

### **OPERAÇÃO OSCILAÇÃO/**

**OBJETIVO:** USAR CONTATO COM "M"/CODENOME RUACH ELOHIM/

CONSEGUIR O LIVRO/CODENOME FLOR/E INDUZIR A INTELIGÊNCIA (*Estados Unidos*) A APRESENTAR O CAPÍTULO DO P-17 INTO. OBTER INFORMAÇÕES CONSISTENTES SOBRE O PROJETO DEUS/DAS AGÊNCIAS E COMUNICAÇÕES INTERCEPTAR AS FONTES. AVERIGUAR SE P-17 ESTÁ ENVOLVIDO EM RECENTES BOMBARDEIOS NA PALESTINA E EM JERUSALÉM ONDE O MESMO AGENTE E OS MESMOS EXPLOSIVOS FORAM USADOS PELA AL-QAEDA E PELOS GRUPOS FUNDAMENTALISTAS JUDEUS. POSSÍVEL BANDEIRA FALSA PARA O TERRORISMO ORQUESTRADO PELO P-17 COM INTENÇÃO DE DESESTABILIZAR AINDA MAIS A REGIÃO.

AUTORIZADA A USAR ALVO PÚBLICO COMO CHAMARIZ. ESTABELECEER LISTA DE OBSERVAÇÃO E DE ALVOS/NEUTRALIZAR GRUPOS ALVO/AUTORIZAÇÃO DE ATACAR COM DISCRICÃO/FIM.

**CUIDADOS:** CANAIS E SUPORTE NORMAIS DA INTELIGÊNCIA (Estados Unidos) DEVEM SER EVITADOS A TODO CUSTO/MOLES ESTÁ NO LOCAL E TEM PRIMOS COMPROMETIDOS/DISSEMINAÇÃO DE AMEAÇAS PARA A INTELIGÊNCIA (Estados unidos) E CONTATOS ITALIANOS NÃO ESTÃO AUTORIZADOS NO MOMENTO. ARMAS NÃO-LETAIS E AGENTES BIOLÓGICOS SÃO, PROVAVELMENTE A PRINCIPAL AMEAÇA.

**CONTATOS:** UTILIZE SOMENTE AL E SAYAN/FIM.

Josie olhava fixamente para a tela. As palavras ARMAS NÃO-LETAIS destacaram-se do texto como se fossem um defeito no rosto do Brad Pitt. Candidatos a assassinos da Manchúria... "*bopkis*, vamos ver se estou equipada para o meu estilo de combate".

Ela pegou a pasta executiva do chão, destravou e abriu o fundo falso. Lá, em dois compartimentos, estava a sua artilharia. Suas Berettas semi-automáticas: a primeira uma Cougar 8045 "F", 45 ACP que atira em funções simples e duplas e um gatilho mais leve equipado com uma luz tática Tiro-Certeiro, era uma arma de homem; a outra, sua arma de

reserva, era uma sub-compacta, leve, modelo 900S tipo "F" também, essa tinha calibre 40 e balas S & W, com a capacidade de dez tiros consecutivos. Depois de analisá-las, Josie as guardou muito bem para evitar que fossem detectadas pela alfândega no desembarque.

O cheiro e o toque do óleo da arma ficaram em suas mãos enquanto ela as guardava novamente. Era como ter um amigo antigo e de confiança que aparecia inesperadamente. Algo que o coração liberal de alguém que nunca segurou uma arma de fogo jamais conseguiria entender, recusando-se a reconhecer seu propósito e sua necessidade. Como esperar Gore Vidal e Oprah Winfrey fazendo a cobertura da briga de galo em Juarez.

Essas armas, entretanto, seriam os únicos amuletos de proteção que Josie precisaria. Nos quais poderia confiar.

Ela carregou a primeira e depois colocou as balas reserva, todas, menos a última.

Pensou no *zio* Lotti, nos campos de concentração nazista, no fedor dos crematórios, na fumaça oleosa flutuando pelo ar, no rosto vazio, amorfo do demônio desconhecido que certamente aguardava sua chegada.

Josie tirou mais dez balas da caixa de munição e as colocou em uma coluna na mesa à sua frente. Pegou uma, abriu a pasta e fincou um X na ponta da bala, dizendo em voz baixa:

— Essa é pelo *zio* Lotti.

Pegou mais uma e repetiu o ritual:

- Essa pela tia Frieda, Auschwitz.

E a terceira:

- Essa pelo primo Benjamin...

## Capítulo 30

Diferente do que acontecia nos filmes, Carlo Rossi precisava dar satisfações aos seus superiores que eram do material transparente dos políticos e não do tecido opaco e duro das roupas do trabalho de campo. Ele era um servente civil que tinha desagradado seus chefes. Passaria a ter uma etiqueta vermelha de reprimenda em sua ficha, olhares desconfiados durante as reuniões de equipes e uma campanha de boatos sobre a possibilidade de talvez ele não ser a pessoa adequada para o cargo. Sofrer com esse pobre julgamento poderia inclusive levá-lo à recomendação de afastamento ou mesmo de aposentadoria precoce. Então, a resposta era simples, manter essa maldita boca fechada. "*Così un cornuto*, sou um corno", ele pensou. "Quem fez papel de idiota, Carlo? Talvez eu esteja ficando velho para esse jogo. Volte para sua casa vazia, alimente o gato, tire a garrafa de Absolut do *freezer* e beba até perder a consciência."

Mas ele não podia se dar a esse luxo. Precisava agir rápido. Foi para casa, tomou algumas doses e um banho quente, trocou de roupas. Não seria difícil encontrar Claude, o dono do Café do Gato Preto, já que ele vivia no andar de cima. Embora Rossi soubesse que Gina, ou qualquer que fosse o seu nome verdadeiro, tivesse desaparecido da face da Terra nesse momento, ele ainda precisava recorrer aos caminhos óbvios.

Claude atendeu a porta vestindo um robe *pink*. Depois de se identificar como um inspetor da polícia que estava realizando o procedimento de rotina para investigar o desaparecimento de uma pessoa, Rossi falou um pouco e perguntou sobre o

paradeiro de Gina. Claude lhe ofereceu uma taça de xerez. Rossi recusou e passou o olhar pelo apartamento, observando as almofadas coloridas jogadas por cima da colcha de veludo *pink*. As cortinas com laços.

Claude despiu Rossi com os olhos ao sentar-se ao lado da janela e arrumar o robe para que o joelho pontudo aparecesse, juntamente com as meias pretas.

- Gina não apareceu para trabalhar, *la petite putain*. Provavelmente fugiu de novo com um daqueles garotos — ele soltou uns beijinhos e um *poodle toy* entrou pulando na sala e saltou em seu colo. Ele disse para o poodle: — Você foi desobediente?

— Você tem um endereço ou telefone? — Rossi perguntou friamente, ignorando o comentário sobre Gina ser uma vagabunda e o cachorro que o encarava e rosnavava.

Levando os longos e finos dedos até os lábios, Claude suspirou e levantou-se do sofá com o *poodle* embaixo de um dos braços. Ele foi até uma mesa antiga e tirou um cartão:

— *Voilà!* — ele torceu o nariz ao olhar para o cartão. — Não é exatamente a melhor região de Roma, se pode me entender.

Ele se virou, dando de ombros, e entregou o cartão para Rossi.

— Ela... Gina deixou algum objeto pessoal para trás no café?

— Tem um quartinho lá no fundo — Claude se aproximou e colocou a mão sobre o braço de Rossi. — Podemos descer para dar uma olhada.

O cachorro grunhiu.

Afastando-se, com a cara fechada, Rossi disse:

— Acho que posso encontrar.

Quando Rossi saiu pela porta, Claude foi até o corredor e gritou:

— Estou esperando companhia para o almoço. Sempre posso colocar mais um lugar...

Rossi fez gesto de que não seria necessário sem nem se virar.

— *Mon Dieu*, que desperdício... — disse Claude encolhendo os ombros.

Já no andar inferior, Rossi foi até o quartinho. Lá estava um avental sujo, uma blusa, um par de meias-calças e um caderno. Com as mãos protegidas por luvas de borracha, ele aproximou a blusa de seu rosto, o cheiro dela dominou suas narinas. Ele fechou os olhos com força por um momento e procurou por etiquetas ou indicações de lavanderia na blusa. Nada. Olhou nos bolsos. Nada.

De dentro do caderno caiu um cartão postal. Ele pegou, o analisou. Era uma típica foto de turista da Basílica de São Pedro. Ele o virou. Atrás, a mensagem estava ilegível, escrita à mão. Parecia francês, mas ele não tinha certeza. Colocou o cartão em um envelope de provas e guardou no bolso do casaco. Ensacou os demais itens, tirou as luvas e foi embora.

No carro, digitou o telefone de Gina pelo celular. Tocou e tocou. Por fim, uma gravação disse que a linha tinha sido cortada. Ele desligou e telefonou para Dante, passou-lhe o endereço e o telefone de Gina. Também o instruiu a levar cinco homens da unidade Sombra para vasculhar o local, se existisse, já que ele duvidava. O telefone celular pré-pago registrado sob o nome de outra pessoa.

Quando ele deu partida seu V8 acordou para a vida. Era um Mustang 68, verde-escuro, 2 + 2, uma réplica exata do carro de Steve McQueen, o detetive *Frank Bullitt*, no filme de mesmo sobrenome. Rossi o tinha batizado de Frank. Era uma das pequenas vantagens de seu trabalho; idolatrar as belas falas do ator requintado do detetive Gotham. Rossi sentia-se poderoso com o mistério envolvendo seu carro. Ele tinha comprado o carro brilhando por uma fração do preço do Arso (Assistente Regional da Segurança Oficial) da Segurança Diplomática da Embaixada Americana, Skip Thomson, que detestou, mas foi obrigado a se desfazer dele rapidamente. Rossi e Skip passaram a ser colegas depois de se encontrarem uma noite no bar freqüentado pelos guardas da Marinha Americana, que servia cerveja americana e dois dedos de Johnny Walker Black Label, o drinque da escolha de Rossi na época. Ele gostava de confraternizar com os americanos, aprender algumas gírias com os bêbados. Skip foi escalado para proteger a residência do embaixador e de sua filha de vinte e poucos anos. Como ele era um barso do petróleo de Houston que tinha o armário repleto de botas de *cowboy*, o apelido do embaixador era "ol' Roy". E lá estavam os churrascos a cada duas semanas. Ol' Roy chegou inclusive a importar um velho, grisalho, com os dentes amarelados e cheiro de quem masca tabaco e toma tequila para fazer suas comidas Tex-Mex. Depois de profanar uma fonte artística do século XIX no quintal de sua casa, ol' Roy, o americano mais feio, construiu uma enorme churrasqueira em sua casa, tudo com o desejo de que seu maior ídolo, o presidente, fosse

passar um fim de semana se empanturrando de costelas e cervejas LoneStar geladas.

Mas isso nunca aconteceu.

Existem boatos de que depois de retornar de um feriado em Venice Beach, o embaixador apareceu em sua casa sem avisar e foi direto para a enorme banheira de mármore no banheiro da suíte, tomar um belo banho. O material da banheira, no entanto, era uma porcaria. Irritado e xingando, ol' Roy saiu pela mansão procurando Skip ou a empregada ou qualquer um que pudesse consertar o novo buraco. Ao se aproximar do final do corredor, ele ouviu fortes gritos vindos do quarto de sua filha. Sem parar, achando que ela estava sendo torturada por terroristas, o embaixador chutou a porta do quarto. Lá no chão estava sua filha, nua, de quatro, e atrás dela estava Skip, vestindo somente um par de botas de *cowboy* de oi' Roy. Rossi ficou sabendo que o último posto de Skip tinha sido em Gana, oeste da África, onde existiam poucas filhas de embaixadores e a Aids se disseminava entre os macacos.

Agora, o baixo ruído dos dois escapamentos passaram a um barulho ensurdecedor quando Rossi acelerou o animal de metal. Colocou o cinto, ativou o motor, pisou no acelerador e partiu. O Mustang surgiu, com os pneus cantando e soltando fumaça.

Quando ziguezagueava pelo caótico trânsito de Roma, ligou pela discagem automática para seu tio Giovanni que estava no Museu do Vaticano.

- Pronto.

- Zio, é o Carlo. Estou no trânsito.

— Mais mistérios para eu resolver? A informação sobre *Bast* não estava correta?

- Lógico que estava. Mas talvez eu não devesse...

- Ter subestimado seus poderes, não é?

Ele desligou ao parar o carro na garagem da Unidade Sombra. Pegou o elevador para o laboratório forense, mais conhecido como "bat-caverna", e deu a Cláudio a roupa e o cartão postal. Por toda a parede tinham pôsteres de quadrinhos e filmes, a paixão de Cláudio.

— Você tem 35 minutos para conseguir as impressões digitais do cartão e me dizer tudo o que for possível, *capisce?*

Cláudio lançou um olhar frio sobre ele:

— Não se preocupe... Dick Grayson, o garoto fantástico, está trabalhando, chefe.

Rossi revirou os olhos e voltou para o seu escritório. Fez o *login* no computador e entrou no Programa de Apreensão de Criminosos Violentos do *bureau* para procurar Gina com um possível codinome. Dúzias de possibilidades apareceram na tela, mas nada parecia perto de se encaixar. Então ele acessou outro banco de dados, montado pelos policiais que listavam nomes e endereços de estrangeiros que entravam no país e colocou os dados de Gina. Algo para cruzar as referências e reconhecer um padrão. Frequentemente, passageiros que entram no país usam o mesmo endereço e nomes falsos. Então, procurando mais a fundo, um investigador podia encontrar uma identidade, cartões de crédito, compras, notas e muitas informações ricas. Empreendimentos gratuitos tinham criado uma gama de informações que vão desde fichas médicas até o que você comeu ontem. Como o presidente da

Sun Microsystems disse uma vez, com um pouco de cinismo: "Você não tem privacidade alguma mesmo. Então, tire proveito disso".

A União Européia adotou a *opt-in*<sup>1</sup> para conter o fluxo de informações. Era conhecido como Diretório de Informações Européias, mas a SISD tinha parceria com empresas americanas de investigação de informações. Desde 11 de setembro, passou a ser imprescindível prevenir novos atos terroristas. Os seqüestradores sauditas tentaram diversas vezes tirar carteira de motorista e comprar passagens aéreas fornecendo o mesmo endereço na Flórida. Rossi sabia que o grande problema para os Estados Unidos era o enorme volume de pessoas que entravam no país todos os dias. Se comparado a isso, a quantidade anual de visitantes na Itália era só uma gota d'água no oceano; mas a proximidade com os países do norte da Europa fazia das viagens, uma vez que foram admitidos pela União Européia tornava as viagens muito simples.

As agências de inteligência européias estavam usando um sistema inspira do na Segurança da Pátria, um banco de dados com informações sobre incidentes, buscando registros e padrões de eventos. Um incidente é qualquer evento envolvendo a lei ou uma agência governamental para a qual uma referência ou registro foi criado, como uma multa de trânsito, prisão por envolvimento com drogas ou posse ilegal de armas, por exemplo. O sistema buscava crimes em uma

---

<sup>1</sup>Termo empregado para regras de envio de mensagens pela Internet que definem que é proibido mandar e-mails de propaganda (*spam*), a menos que exista concordância prévia do destinatário.

localidade específica, tipos específicos de prisão ou de atividades incomuns.

Uma batida na porta.

— *Avanti.*

— Aqui está o cartão postal — disse Claudio, colocando a evidência sobre a mesa. — Consegui algumas impressões claras e as estou processando agora. O novo "rastreador" detectou alguma coisa.

Rossi arregalou os olhos. Parecido aos aparelhos utilizados em aeroportos, o rastreador detectava vestígios de elementos químicos usados em explosivos caseiros.

Claudio colocou o rastreador sobre a mesa. Tinha o tamanho de uma pasta executiva.

— Como isso funciona? — perguntou Rossi, surpreendendo-se com o tamanho.

Os olhos de Claudio brilharam enquanto ele soltava as travas e abria a pasta. Ele explicou:

- É uma unidade pré-concentradora de elementos químicos que é encaixada na frente de um espectômetro ou IMS móvel que funciona com bateria portátil, logicamente.

- Faça uma demonstração, por favor.

Claudio ergueu uma placa quadrada de metal, com cerca de cinco centímetros de lado, revestida com feltro:

- Você passa isso na sua evidência ou, nesse caso específico, passa esta escova na superfície para desalojar os sinais dos elementos. Então eu uso uma seringa hipodérmica para perfurar pequenos discos de papel e tinta retirados do cartão postal e colocamos esta amostra no pré-concentrador, assim. Vê? É do tamanho de uma calculadora portátil — ele apertou

um botão. — Então ele aquece a amostra e determina os componentes mais pesados registrados no feltro.

- Tão sensível quanto os modelos maiores? — perguntou Rossi, observando o equipamento.

- É capaz de detectar menos de um nanograma de resíduo de explosivos na amostra.

Rossi franziu as sobrancelhas:

- E quanto é isso?

- Para fazer uma comparação, a impressão digital de uma pessoa que segurou uma bomba ou uma mala com explosivos conteria cem mil vezes mais resíduos.

O telefone tocou e Rossi atendeu:

— É para você — ele disse passando o aparelho para Cláudio. Enquanto passava os dedos pelas acnes em seu rosto, Claudio só demonstrava estar entendendo. Ele desligou o aparelho e disse:

— Era do laboratório. Eu mandei uma cópia da leitura do espectômetro apenas para ter certeza. Cruzaram com o banco de dados deles. E eu estava certo.

- Chega de rodeios.

- Essas são as imagens digitais dos resíduos - ele disse ao colocar um pedaço de papel na frente de Rossi.

Rossi passou os olhos pelas fotos. Cláudio prosseguiu:

- O que está em sua mão é Goma-Dois, o mesmo explosivo usado no pacote de 1,2 quilos em Madrid, na Espanha. Usaram celulares como detonadores, você se lembra?

O estômago de Rossi começou a revirar e o técnico continuou:

— Goma-Dois Eco é um tipo de explosivo manufaturado para uso industrial, principalmente mineração, de acordo com a União Espanhola de Explosivos S.A. É um explosivo gelatinoso que tem como base a nitroglicerina. É muito usado na Espanha e exportado também.

"Foi usado pelo grupo terrorista Basco, o ETA, em ataques no início da década de 1980. Depois da segurança na Espanha ter ficado mais rígida, o ETA passou a conseguir explosivos da França, roubando grandes quantidades de Titadine que foram usados em diversas explosões de carros. O relatório da MI5 diz que também foi usado nos atentados ao metrô de Londres. Enquanto o observava com o olhar frio, Rossi acendeu um cigarro.

— E tem mais — prosseguiu Cláudio. — A Interpol confirma que Goma Dois foi usado na explosão da Cúpula de Pedra e do Memorial do Holocausto, em Jerusalém.

Rossi derrubou o cigarro e se curvou para pegá-lo. Ele disse:

- Mas isso significaria a mesma fonte de fornecimento, uma conexão. Mas os extremistas judeus fundamentalistas, *Bat Ayin*, cuja declaração em hebreu trouxe tanta dor ao serviço de segurança israelense, assumiu o ataque à Cúpula.

- São aqueles que detonaram a bomba perto da escola de garotas palestinas e foram condenados a 20 anos?

Rossi fez que sim, ainda absorto em seus pensamentos. Então ele disse:

- Mas eu vi há pouco um relatório da Interpol. *Bat Ayin* roubou explosivos e armas do exército de Israel. Então, como poderiam usar os mesmos explosivos que Abbas em Jerusalém e al-Qaeda na estação de metrô de Londres?

- É você que combate o crime, chefe — disse Cláudio, encolhendo os ombros. — Eu só informo os resultados.

Rossi concordou.

- Mais alguma coisa?

- Alguns tipos de compostos orgânicos ainda não conseguimos identificar... parafina de vela e querosene.

- Bom trabalho.

Cláudio balançou a cabeça e tossiu.

— Eu lhe informarei assim que... — ele se curvou e procurou pelo apoio da mesa.

Rossi levantou-se rapidamente para segurá-lo e comentou:

- Tenho cobrado muito de você. Quando foi a última vez que dormiu?

- Há umas 48 horas.

- Vá descansar. Te procuro depois.

Cláudio guardou o cartão postal no bolso e saiu.

Alguém bateu suavemente na porta do apartamento em cima do *Le Café Du Chat Noir*.

— Já vou — disse Claude.

Ele correu para a porta, parou na frente do antigo espelho para arrumar com a mão seu cabelo e examinar seu reflexo de perfil, encolhendo a barriga. Excitado, um sorriso malicioso curvou seus lábios. Claude abriu a porta.

Quando ele viu um bonito e jovem rapaz do Oriente Médio comentou:

— Mas que bela surpresa.

Então seus olhos desceram e ele viu a pistola presa firmemente à lateral do estranho. Percebeu o olhar selvagem

naquele rosto suado. Percebeu repentes de tremor pelo corpo e mãos do homem. A mão armada do homem ergueu-se lentamente.

A arma com silenciador agora estava apontada para o rosto de Claude. Para choque e surpresa da vítima, o homem fechou os olhos como que se fizesse uma prece silenciosa. A arma disparou um tiro e fez um terceiro olho no centro da testa de Claude. O jovem rapaz parou de tremer e abriu os olhos, mas ao perceber que tinha matado o homem errado, que aquele não era Rossi, ele se abaixou e voltou a ter espasmos. Isso significava que Rossi continuava a perseguir *Bast*. Ele se virou, seguiu pelo corredor e saiu pela saída de incêndio.

## Capítulo 31

### Rodas dentro de Rodas

De volta ao escritório, em uma região protegida diplomaticamente e segura no final da rua sem saída conhecida como Via Michle Mercati, o kasta estava sentado à mesa, perdido em seus pensamentos. O Livro *da Rosa Negra* estava ali, na sua frente, chamando. As palavras de Josie incomodavam: "o que quer que faça, não abra o pacote". "Que arrogante", ele pensou. "Ela acha que eu sou um velho tolo? Superstição idiota. O que ela quer esconder?"

Ele sabia de um livro de magia negra, *Esteganografia*, que tinha sido usado como o texto simples da mensagem usada pelo pai da Criação de Códigos, Johannes Trithemius, para

distrair e confundir. Seus pensamentos vagavam e voltavam para a época em que tinha aulas sobre a criação de códigos na academia. Ele conseguia ver o professor Leiberman na frente da sala dizendo:

— Trabalho interessante, meus alunos. O livro tinha três volumes e parecia ser sobre magia negra, especificamente sobre o uso dos espíritos para se comunicar a distância.

Uma sequência de vozes rindo.

— Sim, vocês riem diante da improbabilidade desse conceito com o qual Trithemius contou. Mas desde a publicação da chave para desvendar os primeiros dois volumes, em 1606, ficou claro que realmente tinha a ver com criptografia e esteganografia, a arte de ocultar uma mensagem no meio de um texto.

A sala ficou em silêncio, dava para se ouvir qualquer barulhinho.

— Achei que esteganografia fosse o que as secretárias fazem — disse um jovem estudante.

Leiberman riu e balançou a cabeça:

— As duas palavras têm a mesma raiz, mas são escritas de forma diferente. Verifique nas suas anotações — ele limpou a garganta e prosseguiu. - Agora, se eu puder continuar... Até recentemente, o terceiro volume era tido como mágico, mas atualmente, a fórmula "mágica" mostrou-se como a conversão de textos em mais conteúdo criptográfico. O trabalho recebeu esse nome de acordo com o moderno campo da esteganografia.

Um estudante levantou a mão

- Sim — disse Leiberman. — Faça sua pergunta.

- Então você está dizendo que usando uma chave para acompanhar o texto, os inventores da escrita secreta poderiam decifrar a mensagem oculta dentro do livro de magia e aprender como escrever e como esconder códigos? *Dentro* dos encantamentos em si?

- Exatamente! — disse Leiberman com os olhos brilhando. — Mas existe um aspecto ainda mais escuso nisso tudo. Trithemius era um monge beneditino. Um de seus pupilos foi o infame Cornélius Agrippa, cuja escrita oculta combinada com sua forte defesa da divindade feminina e dos direitos das mulheres...

- Quer dizer que ele realmente defendia a liberação feminina? — perguntou uma estudante.

- Sim. Ele estudava textos gnósticos e eremitas, que honravam e respeitavam as mulheres como participantes ativas da Igreja. Ele defendia inclusive a ordenação delas.

- Nossa! Isso deve ter desnortado completamente a estrutura da Igreja — disse a garota.

- Isso, minha garota, não é tudo. Suas anotações e a *Esteganografia* foram proibidas e estão trancadas nos Arquivos Secretos do Vaticano. O que significa, logicamente, que somente o clero pode lê-las. E eles lêem!

O Kasta abaixou-se e massageou as têmporas.

Ao se lembrar das palavras do professor Leiberman, o Kasta concluiu que essa maldição ignorante não passava de falta de informação, uma forma ardilosa de manter os olhos afastados. Mais importante ainda, em seu mundo de segredos, o conhecimento era poder. Se você permitir que alguém da

Mossad lhe mantenha na escuridão, eles imediatamente ganham vantagem. Além disso, Roma era seu campo. Ele tinha o direito de ter acesso a qualquer inteligência que entrasse ou saísse da Itália. Se esse livro era a chave para alguma cifra importante, ele devia, mais ainda, lê-lo.

A porta se abriu e Holly, sua secretária, entrou.

Surpreso, ele perguntou:

— Você não pode aprender a bater antes?

- Desculpe, senhor — ela disse, abaixando a cabeça. — Mas você insistiu para que eu avisasse quando o mensageiro diplomático chegasse.

Ela era jovem, recém-contratada. Ele olhou para ela através das lentes do óculos de leitura que estava apoiado na ponta de seu nariz. Enquanto ela se mexia, nervosa, seus seios movimentavam-se maravilhosamente. Os bicos de seus mamilos apareciam pela blusa colegial, de botões, branca colocada para dentro de uma curta saia cáqui. Ele observou o fino salto da bota que ela usava para compensar a baixa estatura, a falta de segurança da juventude.

Ele cobriu a boca com a mão em um estranho e involuntário movimento, e disse:

— Peça para ele esperar.

Ela encolheu os ombros e saiu pela porta.

Ele suspirou, lembrando-se das regras adotadas pela Mossad contra assédio sexual. "Uma pena", pensou. Seu olhar voltou para o livro.

Ao ir pegar o livro, ele hesitou, e rapidamente afastou as mãos. Balançou a cabeça, advertiu-se em voz baixa e o pegou de cima da mesa. Sua tapa aveludada era macia ao toque.

Lentamente ele passou as pontas dos dedos pelos complicados desenhos, passou a ponta do dedo pela beirada da capa soltou o fecho ornamental prateado. Ao abrir, uma forte dor atingiu seu dedo. Automaticamente, ele colocou o dedo na boca e chupou o sangue que saia da pequena ferida. Seus dedos pareciam sujos, como se uma substância estranha, gelatinosa os estivesse revestindo.

No momento em que ele abriu o livro um calafrio percorreu seus ossos. Ele passou os olhos por uma página, depois por outra. Mas em momentos, começou a passar as páginas freneticamente, seus olhos se arregalavam à medida que ele via os símbolos, seu coração disparava com o esforço de sua mente para traduzir, do francês, um trecho aqui, outro ali, uma ou outra palavra em latim.

**TOUTE L'OMS A LU CES DERNIERS  
MOTS, RENONCEZ AU LEUR  
ÂME.**

**Je crée le prince puissant et efficace de thou du thee O  
Lucifurge Rofocale, qui marchent ici et là dans l'Ayre ; avec  
les ducs thy et d'autres spiritueux thy d'domestique (d'autre  
thy)**



Ao prosseguir a leitura, profundamente perturbado, pensamentos estranhos e obscuros dominaram sua mente. Necessidades selvagens pulsavam em seu sangue. Pontadas lancinantes atrás dos olhos e por toda a espinha. Sua visão perdeu o foco e ele começou a sentir náuseas. Tentou gritar, mas tudo o que ouviu foi uma voz fraca com os soluços de uma criança assustada com a insanidade dizendo:

— *Alguém me ajude, por favor...*

Tonto e atordoado, como um garotinho pego em um carrossel, a diversão ficou escura e começou a entrar pelos cantos de seus olhos.

Quando ele melhorou, a dor tinha passado. Seus pensamentos estavam nítidos. Ele tocou o interfone e se ouviu dizer:

- Holly?

- Sim, senhor.

- Venha aqui, eu *preciso* de você.

## Capítulo 32

Zach Talman, o mensageiro diplomático, caminhava, nervoso, do lado ele fora da sala do Kasta.

Cada vez que ele passava pela mesa da secretária, dava uma olhada. Os olhos dela, enormes, outonais desviavam rapidamente sempre que os olhares se cruzavam. Ele gostava do jeito como o cabelo dela estava preso com grampos, deixando as pequenas e bem desenhadas orelhas a mostra. Gostava do fato de ela não usar maquiagem, e da forma como mexia no cabelo sempre que percebia que ele estava olhando.

Ele tinha conhecido a mãe, o pai e o irmão mais novo dela antes de se rem destroçados por uma bomba suicida no ônibus a caminho da sinagoga. Sabia que naquele dia ela estava doente e tinha ficado em casa com a avó. Sabia desde a primeira vez que a viu indo para a escola no antigo bairro em que moravam, e todos a esperavam. Quando o Instituto lhe deu um emprego, ele ficou realizado. Mas só até ela terminar o treinamento, no mês passado, quando a mandaram para Roma. Ele rapidamente pediu transferência para o departamento de mensageiros. Essa era sua primeira viagem para Roma e a primeira vez que a via em meses.

— Da próxima vez que eu vier para Roma, Holly... — disse ele, nervoso.

— A gente sai para jantar. Combinado — disse Holly com um sorriso no canto dos lábios.

Quando ele foi responder o interfone tocou e ela se levantou rapidamente, arrumou a camisa, respirou fundo e entrou no escritório.

Ele ficou sentado por alguns minutos, pensando na resposta: "Quando ela sair eu...".

O grito apavorado de Holly interrompeu seus pensamentos. Por reflexo ele se levantou e foi em direção à porta.

A porta estava trancada.

Ele bateu:

— Holly! Abra a porta!

Mais um grito.

Ele bateu com força o corpo contra a porta. Quando conseguiu abri-la, entrou na sala.

No chão, com a blusa rasgada, o pescoço virado em um ângulo que não era natural e os olhos sem piscar virados para cima, suplicantes, estava Holly. E sobre seu corpo morto estava o Kasta. Sua mão direita segurava uma grande faca, cuja lâmina estava molhada de sangue. Entre a respiração ofegante ele murmurava:

— Sangue... sacrifique-a... sacrifique-a... temos sede.

A cabeça do Kasta se ergueu. Seus músculos faciais contorcidos, os olhos vidrados.

— Temos sede — ele sussurrou.

Repentinamente ele se lançou. A lâmina brilhou. Talman foi rápido e ergueu o braço esquerdo para bloquear o ataque. Funcionou, mas a lâmina cortou sua camisa e sua testa, deixando um ferimento profundo. Ele deixou que o próprio peso do Kasta o impulsionasse para frente. Então, Talman o agarrou e girou, batendo-o fortemente contra a parede. O Kasta saiu de forma hábil. A grande faca passou próximo do rosto de Talman, fazendo som ao cortar o ar, mas não acertou o seu pescoço. Se não tivesse saltado para trás, teria sido decapitado.

Um som forte, selvagem veio da garganta do Kasta. Ele atacou e Talman caiu de joelhos. O Kasta ficou em pé bem na frente dele e balançou a lâmina novamente. Ela soou no ar na altura do pescoço de Talman. Ele rolou para a direita e a lâmina ficou presa ao chão. Enquanto o Kasta lutava para soltar a lâmina presa, Talman rolou novamente e chutou com força o joelho de seu atacante. Com o estalar do osso, o Kasta caiu no chão ao lado dele, gemendo de dor.

O Kasta estalou o pescoço e levantou, gemendo. Ele ficou em pé com a perna ferida esticada para o lado, um pouco cambaleante.

— A vadia estava pedindo — disse o Kasta. — Vamos fazer você encontrá-la, garoto.

Talman estava com o olhar duro, buscando mais ar. Mas sua mão foi até o tornozelo e ele rapidamente pegou uma faca dobrável. Com um movimento preciso do pulso a faca se abriu.

Talman não disse uma palavra. Os dedos de sua mão virada chamavam, silenciosamente, o Kasta a se mover.

Com o olhar selvagem, os lábios para dentro e gritando feito um louco, o Kasta atacou.

Talman deu um passo para o lado no último segundo e virou. O Kasta bateu fortemente no arquivo de metal. Em um segundo Talman estava sobre ele. As mãos duras seguraram o cabelo do Kasta, puxando sua cabeça para trás.

Talman curvou-se e disse, baixinho, no ouvido dele:

— Isso é pela Holly!

Então ele passou a faca afiada pela garganta do Kasta e a deixou exposta.

Enquanto o Kasta se esvaia no chão, Talman foi para perto de Holly. Ele se ajoelhou e, delicadamente, fechou seus olhos. Segurou a mão dela entre as suas, abaixou a cabeça ao rezar e chorou.

Como se por mágica, as páginas do Livro *da Rosa Negra* foram viradas por uma mão invisível e ficaram abertas em uma xilogravura do papa vestido com suas roupas, com os braços

cruzados, o rosto em uma feia caricatura, distorcida pelo ritual da dor, deitado sob as asas de um dragão de fogo e, na página ao lado... o símbolo templário.

## Capítulo 33

### Aeroporto O'Hare, Chicago, Illinois

Enquanto o avião taxiava, Josie colocou um jeans desbotado, um casaco preto e um colete à prova de balas. O visual grunge. Com um par de meias, grossas e botas Doc Martin, sua personagem estava completa. Só mais uma estudante universitária. Com uma importante exceção, uma Beretta semiautomática escondida e presa em volta de sua cintura.

A porta do avião abriu quando ela terminou de se trocar e o agente El Al entrou na aeronave, cumprimentando-a com um largo sorriso. Na verdade, ele era o Al *agente* local, Benjamin Levine, cujo disfarce era de gerente da estação. Ele era alto, magro, com cabelos ondulados pretos e olhos castanhos profundos. Trocaram breves formalidades e ele entregou a ela um envelope contendo um passaporte limpo e a chave de seu quarto de hotel.

— *Shalom*, senhorita Schulman. Ou devo lhe chamar pelo seu novo nome? Anna Spelman.

Josie sorriu e recebeu o envelope.

- Bom vê-lo novamente, Benjamin. Como vai sua família?

- Bem. As meninas estão se adaptando bem e minha mulher se tornou uma típica mãe suburbana.

- Bom — disse Josie. — Alguma novidade sobre Abraão?

- Sim, ele mandou as condolências pelo desaparecimento do monsenhor Scarlotti e lhe deseja as bênçãos de Deus.

O rosto de Josie ficou vermelho.

— Desaparecimento? Me disseram que ele tinha sofrido um ataque cardíaco e sido hospitalizado.

- Aparentemente ele nunca chegou ao hospital.

- Alguma informação sobre quem pode tê-lo raptado? Benjamin respirou fundo, encheu as bochechas e soltou o ar lentamente.

- Até o momento ninguém assumiu a ação.

Josie abaixou a cabeça por um instante, olhou para suas mãos.

Benjamin deixou que ela refletisse por um momento e continuou:

— Vamos voltar ao trabalho? Seu carro está lhe esperando na rua. É um Buik preto sem identificação com placa secreta. O nome do motorista é Uri. Vai sei o seu parceiro nessa tarefa. Se precisar falar comigo use a linha de segurança e as mensagens. Seu pai já está sabendo de seu retorno e está à sua espera.

Josie demonstrou ter entendido as orientações. Um brilho de alegria iluminou seus olhos e ela disse:

— Obrigada... obrigada por sua simpatia e profissionalismo.

— Mais uma coisa — ele acrescentou. — Seu *amigo*, o Kasta, finalmente caiu. Assassinou a secretária. Ele está morto. Foi uma coisa estranha. Eu nunca achei que ele usasse drogas.

— Como assim?

— A autópsia mostrou vestígios de alucinógenos em seu sangue e outras drogas psicotrópicas que ainda estão tentando identificar.

Josie ficou em silêncio por um momento e, então, murmurou para si mesma

- O idiota não conseguiu resistir e abriu o livro.

- O quê?

- Nada. E o livro?

— Não se preocupe — ele suspirou. — está sendo entregue pelo mensageiro diplomático como planejado.

Josie concordou e ele prosseguiu, com o olhar extremamente sério:

- Josie, tenho um mau pressentimento sobre isso tudo...

- Eu também.

- Se cuide! — ele disse ao virar-se para ir embora.

Antes que ela pudesse responder os oficiais entraram. Fiscais da alfândega, da inteligência e da agricultura tinham o hábito de inspecionar aviões privados. A inspeção superficial foi terminada. O inspetor de segurança local, de pele pastosa e com grampos na bainha da calça carimbou seu passaporte I-94. Estava escrito: F-1 visto de estudante.

## Capítulo 34

### Chicago

Sentada no carro, Josie olhava pela janela enquanto seguiam para a cidade, descendo pela I-90 east, pelo Lago Shore Drive

South. Embora estivesse um pouco frio para outubro, e estivesse caindo uma fina neve, nada se comparava à sua última viagem pelas ruas salgadas da cidade dos ventos. Existiam muitas pilhas de lama suja na lateral da estrada, encobertas por um manto de neve recém-caída. A neve continuava a cair e a cobrir a cidade. A voz de Uri a despertou, a tirou de seu devaneio. Ele lhe passou algumas informações durante o caminho. Ele era jovem, cerca de 26 anos, com a disposição dos jovens. Seus traços eram bonitos, porém duros. Seus olhos castanhos, alertas e cuidadosos. Quando o carro fez a curva no Museu da Ciência e da Indústria, Josie voltou a olhar para fora da janela. Sua respiração embaçava o vidro frio, tremia contra ele. Pensando em seu pai ela suspirou e fez uma pausa, então, desenhou um coração com o dedo no vidro embaçado.

O carro parou e Josie desceu e caminhou a leste a partir da Rua 58. O campus da Universidade de Chicago era enorme, com muitos quarteirões. O escritório de seu pai ficava da Divinity School, no Swift Hall, um edifício bonito, gótico, feito em pedra e com muitos arcos e pórticos, até torres de castelo. As vinhas congeladas de hera se espalhavam como um esqueleto pelos velhos tijolos e pelas pedras cheias de colunas. Enquanto estava no silêncio do outono, novamente seus pensamentos voltaram no tempo. Ela esteve nesse mesmo lugar, com a alegria de uma garota nessa cena de inverno maravilhosa. Um cobertor de neve cobrindo a vegetação e os empoeirados telhados. "Anjos podiam dobrar as asas e ir descansar em tais telhados", ela pensou. Em seus pensamentos a neve era mais grossa, inexorável. Quase escondia a

encardida cara da cidade e as roupas sujas de baixo sob o virginal vestido de noiva branco... "vestido de noiva", seus pensamentos repetiam a frase, fazendo com que se irritasse. Ela foi repentinamente transportada para uma grande e vazia igreja, decorada com lírios murchos; a ironia de uma música de carnaval em vez de um órgão solene incomodava o ambiente. Logo à frente, sozinha no altar, estava a noiva com o vestido longo de ombros caídos, alguns cabelos grisalhos que podiam ser vistos sob o véu. A noiva se virou lentamente e, quando o fez, Josie se viu olhando para si mesma, seu rosto envelhecido, com os olhos avermelhados, confusos. Então a visão do pesadelo se dissolveu, sua imaginação cobriu-se de neve em um turbilhão ainda mais forte.

Ela chacoalhou a cabeça, voltou ao presente e murmurou:

— Besteira!

Puxando a gola do casaco para perto do pescoço, Josie seguiu seu caminho, passou por campos de flores congelados, onde a terra nua parecia um túmulo.

Já no Swift Hall, do lado de fora do escritório do seu pai, Josie levou a mão até a maçaneta. Ela hesitou.

O som da música e de vozes preencheu seus ouvidos. Embora não ouvisse a voz de seu pai há anos, nem a música, podia reconhecer ambas imediatamente. A música era *Bei Mir Bist du Schoen, Means That You're Grand*, de Andrews Sisters: a favorita de seu pai. Ela entrou. Seu pai estava em pé, atrás da mesa, cantando e orquestrando com uma régua. Do lado de fora o vento com seu invisível bastão, conduzia um coro de vozes. Ela engoliu seco ao vê-lo. Max Schulman era um típico professor com as sobrancelhas escuras eriçadas e bigode

escuro que se encontrava com a barba grisalha. Cabelos brancos e cabelos enfeitavam sua cabeça. E olhos escuros, brilhantes olhavam através das lentes de seus óculos de armação preta. Seu rosto irradiava com o brilho interno da paz que ele carregava em si. Max parou, como se tivesse sentido sua presença. Seu sorriso aqueceu a sala e o coração de sua filha. Ela correu até ele. E se abraçaram por um minuto, o que pareceu, ao mesmo tempo, muito demorado e muito breve.

Max segurou Josie à distância do braço, observando-a.

— Gott, como você cresceu, Josephine!

Ela ficou sem graça e encolheu os ombros, mergulhando no amor e na atenção do pai. Max balançou a cabeça. Seus olhos brilhavam, e continuou:

— Se Muta pudesse ver você, filha. Ficaria tão orgulhosa — então uma expressão confusa em seu rosto. — Mas essas roupas... Eles não lhe pagam um salário descente, menina?

Josie riu e explicou:

— Discrição, *Tateh*. Meu disfarce de estudante estrangeira. Não lhe contaram?

Max Schulman se virou, tirou a agulha do disco e indicou com a mão para que Josie se sentasse. Todo o espaço das paredes estava coberto por livros. Sua mesa estava coberta por papéis. E, sobre a mesa, sentado como se num trono, estava um angorá grande, gordo, Lilith. Ronronando suavemente. Sonolento, indiferente.

— Ah, sim, as questões da clandestinidade de sua profissão. Não importa, não está tão mal vestida para andar por aí. Mas me conte, Josephine. Está feliz?

Ao fazer essa pergunta o olhar de Josie se desviou e ele concluiu:

— Como imaginei. Posso ver isso no seu coração, *mayan tokhter*.

Ele deu a volta na mesa, puxou uma cadeira para o lado dela. Pegou sua mão e segurou com força. Lágrimas se formaram nos olhos dela e então se rendeu a fortes soluços até que, por fim, jogou os braços em volta dele. Ele a abraçou forte, com as bochechas pressionadas, e fez cafuné.

Sua dor, seu medo e solidão sangravam nos braços dele. Ao recompor-se, ela, lentamente, começou a falar:

— Sinto muito, *Tateh...* muito mesmo. Sou muito velha para isso — ela endureceu, o ódio voltou. — Aqueles desgraçados... pegaram o *zio* Lotti! — ela engoliu com dificuldade. — Eu precisava de você, precisava tanto de você que...

Max a interrompeu e segurou o queixo da filha, mantendo seus olhos nos dela.

— Nunca se desculpe por ser humana, tolinha. Eu sei que você acha que em suas veias corre água gelada. E, talvez, no momento, seja verdade. Mas às vezes precisa esquentar um pouquinho, não é?

O gato pulou da mesa no chão. E veio se aproximar dela, roçou em suas pernas enrolou a cauda em sua panturrilha.

O sangue voltou para o rosto de Josie. Um fraco sorriso surgiu no meio da expressão nebulosa.

- É claro que você tem razão. Podemos jantar essa noite?  
Max ergueu as sobrancelhas.

- Bem, sim, se você puder me encaixar na sua agenda.

Ela riu.

A expressão dele mudou e sua voz passou a apresentar um tom mais sério:

- Josephine, existem questões que precisamos discutir, questões pessoais que eu demorei muito a trazer ao seu conhecimento. Sua mãe e eu pretendíamos contar quando você ficasse maior. Mas a morte prematura dela...

- É um pouco tarde para me explicar sobre os pássaros e as abelhas, *Tateh*...

Ele sorriu.

- Concordo, mas isso é sobre... — ele fez uma pausa, virou-se para a janela como se as palavras que buscava pudessem ser encontradas nas escuras nuvens no céu, e voltou seu olhar para ela —... sobre uma coisa do seu passado.

Ao se inclinar para frente, ela disse em voz baixa:

- Você se refere ao fato de eu ser órfã e ter sido deixada na porta pelos ciganos?

Max ficou olhando para ela por um tempo e depois soltou:

— Vamos deixar a conversa para o jantar. Vai ser um pouco longa. Acredito que queira falar sobre assuntos mais importantes.

Um estalo na mente de Josie. De volta ao trabalho. Ela se levantou, caminhou pelo escritório e parou. Virou-se para o pai e perguntou:

— O Benjamin te entregou o livro?

Do lado de fora uma rajada de vento soprou pelas beiradas do prédio. Uma nota única tocava na flauta feita de gelo.

— Sim. Um livro notável. Um mal notável em termos de sua complexidade e mistério. Benjamin me contou sobre o

desaparecimento do monsenhor Scarlotti e sobre a insanidade do seu Kasta e os exames de sangue dele.

Josie concordou, solenemente.

Falando agora como professor Schulman, ele continuou:

— Fiz do estudo das religiões e das crenças humanas o trabalho da minha vida. Como o homem disse uma vez, "Não sei tanto quanto Deus, mas sei tanto quanto Deus sabia com a minha idade". Alguns livros apresentam os melhores momentos, as mais nobres conquistas dos homens. Mas outros... demonstram seu lado obscuro, seus instintos básicos.

- E esse livro?

- Você já pôde ver o resultado do seu mal. Pode, literalmente, matar.

A expressão de Josie demonstrava sua confusão. Então ele continuou:

- O livro é uma armadilha. Qualquer um que não seja versado nos antigos sinais que decoram sua capa, irá abri-lo a esmo e será vítima de uma toxina mortal. Os símbolos dizem ao adepto qual a forma segura de abrir o livro.

- Então o Kasta não estava louco?

- No final, sim. Mas foi levado à loucura por toxinas psicoativas emitidas pelo livro.

- Mas como...

- Por enquanto esses detalhes não têm importância. O que descobri é, entretanto, das mais sérias consequências. Você já ouviu falar na cifra Atbash?

- Não é um tipo de cifras de substituições da antiga cabala? Acho que estudamos isso na academia quando aprendemos a desvendar códigos.

Os olhos de seu pai brilharam.

— Precisamente, deixe-me lhe mostrar — ele vasculhou sua mesa buscando um livro e, então o abriu em um determinado ponto. — Olhe aqui — disse ele apontando.

א ב ג ד ה ו ז ח ט י כ  
ת ש ר ק צ פ ע ס נ מ ל

Ele prosseguiu:

— Aqui temos a cifra hebraica Atbash — ele foi com a mão até o fim da página. — É assim que ficaria em português.

A|B|C|D|E|F|G|H|I|J|K|L|M  
Z|Y|X|W|V|U|T|S|R|Q|P|O|N

"Só foi descoberto recentemente pelo Dr. Schonfield. Você simplesmente substitui a última letra do alfabeto pela primeira e assim por diante, seguindo a linha. Logicamente, em hebraico lemos da direita para a esquerda. Mas ao examinar algumas passagens do *Le Cahier de la Rose Noire*, consegui descobrir uma nova versão da cifra Atbash que incorpora a Gematria.

- Isso não é como Numerologia?

- Não exatamente. Primeiro os judeus místicos atribuíam um valor numérico a cada letra hebraica. Depois somavam os valores.

- Então convertiam palavras e nomes em números?

- Sim, e buscavam palavras que tivessem os mesmos valores numéricos. Por exemplo, se atribuirmos os valores às letras de A=1, B=2, C=3 e assim por diante... então, o valor de GOD, Deus em inglês, é de 7 mais 15 mais 4, o que dá 26.

Josie sentou-se e continuou ouvindo atentamente. Seu pai prosseguiu:

- Parece que dentro dos encantamentos e afins, *Le Cahier* traz a chave para essa modificação da cifra Atbash. O livro foi escrito primeiramente em francês e em latim, com algumas poucas passagens em inglês antigo, usado, aproximadamente, nos séculos XII e XIII. O uso de cifras do hebraico antigo no livro fazem todo o sentido. Confirmei que o *Le Cahier* contém a tradução mais antiga, original da *Clavicula Salomonis, A Chave do Rei Salomão*.

— Um outro livro de códigos?

- De certa forma... você poderia chamar de Código de Salomão. É o livro de magia escrito e usado por ninguém menos do que o rei Salomão em si.

— Deve ser muito valioso, não?

— Sem preço para alguns colecionadores. Mas fica ainda mais interessante. O livro se refere a passagens dos evangelhos gnósticos, inclusive o recém-traduzido evangelho de Judas que acreditava-se ter se perdido para sempre.

O rosto dele ficou menos tenso e ele se jogou na cadeira. Sentou-se em silêncio, então levantou a cabeça com o olhar cansado. Josie parecia confusa e inclinou a cabeça. Ele continuou:

— O livro faz alusões a provas incontestáveis de que os evangelhos gnósticos são os verdadeiros evangelhos. Insinua um evangelho de Jesus, escrito por suas próprias mãos: uma revelação de proporções absurdas para a comunidade cristã.

— Você tem trabalhado muito — disse Josie delicadamente.

Seus olhos se cruzaram e ele prosseguiu:

- Fala da prova de que Adoni, o Deus da minha fé judaica, não passa de um deus inferior, um anjo caído, se preferir. O anjo caído que um dia esteve em *En Sof*, e teve a confiança e a mais profunda admiração do Pai Todo-Poderoso.

- Mas assim seria Lúcifer...

Por um momento, o simples pensamento sufocou suas vozes em silêncios separados.

Max interrompeu o silêncio.

— Você não precisa acreditar e nem entender de energia termo-nuclear para ser vaporizado por uma ogiva de dez megatoneladas, precisa? Se esse evangelho desaparecido de Jesus confirmar tal heresia e for autenticado, então o mundo como conhecemos...

— Mas você não pode acreditar...

— Acreditar? — seu pai a interrompeu, com os olhos a observando e, então, olhou para dentro e prosseguiu. — Certamente. Assim como acredito nos estudos antigos de nossa fé, *Tokhter! A Cabala!* — ele curvou a cabeça; seus dedos passaram pelo volume de *Zohar* que estava sobre a mesa.

A palavra encheu sua cabeça de memórias. Josie se lembrou com clareza cristalina de ocasiões em sua infância em que

acordava durante a noite com um choro vindo do quarto dos pais. A mãe garantia a ela que não era nada; que seu pai tinha tido mais um de seus pesadelos. Josie ficava se revirando na cama e, depois de um tempo, dormia. Mas mesmo agora podia ouvir a voz do pai, como se lamuriasse, um homem preso e torturado por coisas que não conseguia nomear. *Dybbuks*. Os fantasmas-demônio da noite.

— Sim, *Tateh*.

Josie percebeu que isso não levaria a lugar algum. Seu pai talvez tivesse gasto horas demais sozinho com seus pensamentos, sozinho com seu conhecimento enigmático. Ela completou:

— Você colocou o livro em um local seguro?

Ele bateu no bolso do casaco e disse:

— Bem aqui. Para nunca deixá-lo fora do meu campo de visão. Se esse livro cair nas mãos erradas e for usado para decifrar esses evangelhos...

— E como luto contra eles, *Tateh!*

- O ponto fraco deles é o orgulho, a vaidade. Se insistir em bater de frente com ele eu sugiro colocar um anúncio no jornal acadêmico anunciando uma conversa sobre o livro como parte de uma série de palestras. Você fica sentada e espera.

- Como a aranha faz com a mosca?

- Sim, mas você precisa tomar cuidado para não passar a ser a mosca!

- Você tem alguma idéia de quem possa ser o líder...?

A porta se abriu. Um homem alto, vestido em trajes tradicionais do movimento Lubavitcher dos judeus hasidi —

roupa preta com camisa branca, cachos e barba - entrou. Seu rosto era cheio de planos duros, uma proeminente linha da mandíbula, um nariz grande e anguloso, e pontudos ossos nas maçãs do rosto. Mas seus olhos eram quentes, até simpáticos, e sua boca grande e generosa. Ela observou os ombros imponentes e os braços. Mãos grandes. Mas quando ele as movimentou foi com uma graciosa timidez, como se tivesse medo de assustar quem não o conhecesse. Sua voz tinha um tom sério, porém melífluo.

— Ah... me desculpe, professor, mas tem alguém que veio ver o senhor.

Lilith foi correndo para trás da mesa.

O professor olhou confuso e perguntou:

— Me ver? — ele checou sua agenda de compromissos. — Tem mesmo, tinha me esquecido. O professor Nemo Bugenhagen de Viena — ele começou a procurar alguma coisa na pilha de papéis sobre sua mesa. — Ah, sim. Aqui está. Ele ergueu um folheto onde estava o título: USANDO GEMATRIA PARA DECODIFICAR AS GRAVURAS DE ALBRECHT DURER.

Josie cumprimentou o homem alto com a cabeça.

— Ah, sim. Deixe-me apresentar meu sócio, rabbe Jacob Yomach Myers. Rabbe, minha filha, Josephine.

Josie sabia que o termo "rabbe" denotava que ele era um teólogo muito respeitado, e não um rabino comum. Josie levantou-se e estendeu a mão. Mas percebeu que embora o rabino tivesse sorrido com os lábios, seu olhar estava muito distante.

Max levantou-se e caminhou em direção à porta.

— Você me desculpa? Não devo demorar muito. Você pode esperar no escritório do rabbe Myers, no andar de baixo. Ela concordou.

Para o rabbe Myers ele disse:

— Achei alguns dos conceitos desse amigo do Nemo um pouco distantes, mas sua sabedoria é impecável. Eu poderia, no entanto, decodificar somente metade das mensagens nas gravuras de Durer. Foi por isso que pedi para você mandar cópias de tudo para o meu velho amigo, *professore* Giovanni, em Roma.

— Foram enviadas pelo serviço expresso ontem — disse o rabbe Myers.

— Esse amigo do Nemo acredita que as três gravuras de Durer estão ligadas de alguma forma, e que quando decifradas passam uma mensagem completa...

Ao caminhar para a porta, Josie cruzou com um homem pequeno, que trazia um leve sorriso no rosto e se apoiava com uma bengala. Era um pouco curvado e tinha cabelos brancos longos e desgrenhados e puxava a perna esquerda ao se movimentar. Sua aparência era de um papel antigo, frágil. Com um forte sotaque alemão ele disse:

— Com licença, Fraulein.

Por um momento seus olhares se cruzaram. Os olhos úmidos dele piscaram. Ela ficou parada por um momento e depois saiu.

## Capítulo 35

### O Vaticano

Por causa de sua posição, Rossi podia entrar pelo portão do *Vaticano*, o mais próximo ao Museu do Vaticano. Os policiais e a guarda suíça verificaram suas credenciais e o deixaram passar.

Um assistente de seu tio Giovanni o encontrou na entrada e o acompanhou até seu escritório particular. Como sempre, o museu estava cheio de turistas, com os pescoços virados observando a gigante escadaria da entrada, de Giuseppe Momo.

Os olhos profundos e úmidos de Giovanni olhavam com simpatia enquanto seu sobrinho contava os acontecimentos dos últimos dias. A sedução, como ele foi enganado e a misteriosa fuga de *Bast* do Panteão.

Giovanni se aproximou, apoiou os cotovelos sobre a mesa. Pegou o cachimbo, com a mão artrítica e paralisada e o levou aos lábios, riscou um fósforo e acendeu o cachimbo. Uma nuvem de fumaça surgiu entre eles.

Com as mãos no colo, sentado do outro lado da mesa, Rossi esperava em silêncio pela resposta do tio.

— *Cosa fatta capo ha*, o que está feito está feito. Homens muito melhores do que você ou eu cometeram erros muito maiores, Carlo. A medida de um homem é como ele reage, se consegue aprender com seus erros — Giovanni fez uma pausa e prosseguiu. — Seu trabalho requer que você lide com a

duplicidade, use muitas máscaras. Mas sempre seja verdadeiro consigo mesmo. Continue centrado.

Rossi respirou fundo e concordou.

Professor Giovanni sorriu, apoiando o sobrinho. E continuou:

- Como você deve saber, temos nossa própria tragédia dentro das paredes do Vaticano. O coronel Pico foi encontrado morto nos Arquivos Secretos e, nessa tarde, o monsenhor Scarlotti, curador da biblioteca... desapareceu.

- Ficamos sabendo — disse Rossi. — E Cotter, o encarregado da segurança, da Embaixada Americana morreu em um estranho acidente de carro, tirando a vida de dois policiais.

Alguma ligação?

- Gostaria de não estar tão propenso a achar que sim. Pode chamar de paranóia de um velho tolo, mas meus instintos me dizem que as escuras amarras de uma perigosa e diabólica conspiração estão por trás dessa onda de mortes, entre inocentes e culpados, sem prejudicar o invisível.

"O comandante Sato, da guarda suíça, fez pouco para diminuir minhas suspeitas. Ele veio até o meu escritório ontem para me perguntar sobre um raro livro, *Le Cahier de la Rose Noire*.

- Nunca ouvi falar. Mas por que ele demonstrou um interesse repentino por esse livro? E por que veio procurar você em vez de procurar o curador da biblioteca?

Você não entende as "políticas oficiais" do Vaticano. O pai de Sato era um amigo próximo e eu conheço o Sato desde que ele era criança. Talvez ele tivesse suas razões para não consultar alguém da biblioteca. E meus conhecimentos sobre...

- Seu peculiar *hobby*... sua obsessão pelos super-heróis americanos?

Os olhos de Rossi voltaram-se para a pilha de quadrinhos para colecionadores, romances e fitas com programas antigos de rádio espremidos em uma estante no canto da sala. Quando ele era garoto, passava muitas horas ouvindo as histórias do Fantasma, do Sombra e do Doc Savage no escritório de seu tio.

Giovanni franziu as sobrancelhas e respondeu:

- Não. Meu outro *hobby*. As sociedades secretas e ocultas.

- Estou enfrentando um inimigo real e não um lunático de algum culto com magos negros e cientistas malucos. Um inimigo que mexe com sangue, terror e sofrimento reais: al-Qaeda.

- E eles fazem isso em nome de Alá — Giovanni disse olhando nos olhos do sobrinho. — Chamam de Jihad, guerra santa, oferecem sacrifícios do sangue de inocentes com suas bombas, oferecem inclusive suas próprias vidas a uma causa religiosa, a eliminação dos infiéis e um caminho para...

- Uma nova ordem mundial? - Rossi o interrompeu, virando os olhos.

- Você pode zombar o quanto quiser. Meus anos de estudo de lingüística e de egiptologia e de seus rituais também me levaram a caminhos estranhos. Você é muito jovem para se lembrar de Mussolini, o *Duce*, muito jovem para se lembrar do início do fascismo na Alemanha, como foi nutrido e floresceu no solo negro do fanatismo racial e do ódio disfarçados em ciência pelos seguidores de Lynton e da teosofia de H.P. Blavatsky. E mesmo aqui, dentro dessas paredes sagradas, a busca pelo controle e pelo poder e o conhecimento secreto transformou muitos clérigos bons em

forças malignas que pulsavam dentro de seus corações e mentes.

— Algo como "o poder corrompe"? — ofereceu Rossi.

- Você não teve essa experiência em sua própria vida, meu sobrinho? A história de como você tentou usar essa mulher não é um exemplo de como é fácil nos enroscarmos? Justificar nossos instintos primitivos como sendo por um bem maior?

Rossi ficou calado, pálido, por um momento e então falou:

- Está certo. Você nunca escolhe as palavras, não é? Mesmo quando vai machucar.

- Você veio aqui buscar a sabedoria de um velho homem. Uma coisa perigosa de se fazer, a menos que queira ouvir a verdade. Os velhos não têm tempo e não apreciam o culpado prazer da hipocrisia — Giovanni estendeu a mão. — Você disse que tinha algo para me mostrar.

Rossi entregou-lhe o cartão postal.

Com a cara feia, seu tio se levantou, abriu uma tela de projeção e caminhou até um antigo projetor. Então ele retirou o cartão do saco plástico e, usando uma pinça, colocou o cartão virado na bandeja.

— As luzes, por favor.

Depois de apagar as luzes, Rossi ficou em pé ao lado de seu tio. O barulho da ventoinha do projetor e um fecho de luz preencheram a sala. Lá, projetada na tela, estava uma imagem desfocada do cartão.

Giovanni procurou mais para baixo e girou um grande botão.

— Vamos dar mais foco. Assim... muito melhor.

Para Rossi ainda parecia sem sentido.

Assobiando um concerto de Bach, as luzes dançavam nas lentes dos óculos de Giovanni enquanto ele analisava a imagem atentamente.

Os minutos passavam.

Finalmente, o *professore* foi até a tela, pegou uma caneta e apontou palavras e símbolos enquanto murmurava para si mesmo.

Rossi limpou a garganta.

O *professore* se virou, levantou os óculos e sorriu. Seu rosto de fechou e ele deu uma gargalhada, erguendo o dedo. Com a voz profunda ele disse:

- Somente a Sombra sabe o que o mal espreita no coração dos homens.

Rossi reconheceu a frase antiga do rádio:

- Zio...?

— Desculpe minha exuberância. Mas tudo começa a se encaixar. O texto da mensagem está em francês, mas é somente um rude semagrama que esconde uma mensagem no texto escrito. Nesse caso, uma nota aparentemente inocente feita por um turista francês. Vê essa frase? — ele se virou e apontou com a caneta. — *La Vie en Rose*, uma expressão francesa que significa "veja o mundo com óculos de lentes rosa" é a chave. Você percebe algo de diferente na escrita aqui?

Rossi se esforçou, observou o texto:

- As letras estão tortas para a direita, diferente do restante do texto, em que as letras estão um pouco inclinadas para a esquerda...

- Para a esquerda! — Giovanni aplaudiu com suas mãos enrugadas. — Precisamente, o que separa isso do restante.

Como um garoto excitado, seguindo as dicas de um mapa do tesouro, o *professore* foi até o projetor, colocou uma luva de látex e pegou o cartão. Depois ele foi até a estante e pegou o que parecia ser um romance antigo, com as páginas amareladas. Ele se virou para Rossi e disse:

— Vamos precisar de uma tecnologia um pouco mais sofisticada para desvendar o restante do mistério.

Ele caminhou até a porta e desapareceu no corredor. Enquanto isso Rossi ficou lá, confuso, olhando para o corredor, de onde a voz de seu tio ecoou:

— Venha, Carlo! Não tenho o dia todo.

Sentado em frente a um computador no laboratório de artefatos do museu, Giovanni digitalizou os dois lados do cartão. Rossi estava ao seu lado, passando os olhos pela sala. Clérigos e não-clérigos, vestidos com aventais brancos de laboratórios estavam ocupados abrindo uma encomenda. Outros estavam sentados, curvados sobre as mesas de trabalho, examinando artefatos antigos, manuseando-os com muito cuidado.

Giovanni levantou-se e foi até uma outra máquina:

- Agora vamos colocar óculos com lentes rosa para ver o mundo como ele realmente é — ele colocou o cartão sob as lentes de um sofisticado microscópio e mexeu em um botão.

— É tudo uma questão de percepção. Nesse caso, a ciência da luz. O mundo como nós o percebemos pelos nossos cinco sentidos não é, de acordo com a física moderna, o mundo

real. Quando olhamos para um objeto e ele parece estar em pé, na verdade, as lentes do nosso nervo ótico o inverte. É o nosso cérebro que coloca a imagem na posição correta — de uma sacola de papel que estava à esquerda, no balcão, ele tirou uma laranja e jogou para Rossi. — Que cor é isso?

— Laranja, é claro — respondeu Rossi, virando os olhos. Givanni balançou a cabeça:

Na verdade é azul. A luz laranja é o espectro de luz que reflete da fruta. Um antigo mestre Zen perguntou uma vez aos seus estudantes: "Quem é o mestre que deixa a grama verde?". Cheio de confiança, um jovem discípulo respondeu: "Deus é o mestre que colore o mundo". O mestre Zen fez que não vigorosamente.

- Mistérios... — disse Rossi virando a fruta em sua mão.

- É sólido ao toque, não é? — perguntou o *professore*. — Mas qualquer estudante sabe, a física quântica demonstrou que é uma massa de energia em movimento. A "Árvore do Conhecimento", nosso sistema nervoso central com suas glândulas liberando substâncias em nosso grande cérebro mamífero, monta a ordem a partir do caos, razão científica para a superstição, compreensão do mistério. Esse supercomputador biológico cria um subproduto místico que chamamos de consciência. "Penso, logo, existo." Nossos circuitos neurais processam as informações dos nossos sentidos em um holograma tridimensional que projetamos fora de nós mesmos e teimosamente chamamos de "realidade".

Uma jovem técnica loira tropeçou ao passar por eles enquanto passava pó compacto no nariz e olhava pelas grossas lentes de seus óculos.

— *Scusi signorina*, você poderia me emprestar o seu pó por um momento? — perguntou o *professore*.

Enterrando o rosto em um arquivo ela estendeu a mão e entregou o pó compacto a ele. Giovanni ergueu a tampa onde ficava um espelho e colocou na frente do rosto de Rossi:

- Você está vendo o rosto do deus, o rosto do mestre que faz a grama ser verde.

- Parece uma blasfêmia, *zio*. Poderiam lhe queimar em praça pública em pouco tempo.

Giovanni riu, fechou o pó compacto e colocou sobre a mesa.

— Os delírios de um velho.

Ele piscou para a moça e ela abriu um sorriso largo e emoldurado por covinhas, seus olhos azuis, vívidos, atrás das lentes. Ela disse:

— Nem tão velho, *professore*. Só um pouco excêntrico.

Então, ela pediu licença e saiu, seu salto foi fazendo barulho sobre o chão ladrilhado, seu rebolar desmentindo sua aparência óbvia.

Com o rosto corado, Giovanni olhou por cima dos óculos para os quadris dela enquanto ela andava e suspirou:

— Essas novas assistentes da universidade ficam mais jovens a cada dia. Mas vamos deixar a ciência... nos iluminar

— ele se virou na cadeira giratória e levou as mãos ao teclado.

— O mundo cor de rosa da luz infravermelha.

A imagem do cartão postal brilhou em um tom azulado na grande tela de projeção. E, entre as linhas, apareceu uma seqüência de letras e formas feitas à mão.

## Capítulo 36

Na sala dos artefatos, Rossi estava parado, olhando para a tela:

— Um código escondido nas linhas do texto. Não é exatamente a última palavra na evolução dos *softwares*.

Giovanni riu.

— Bastante eficiente para passar por uma inspeção rudimentar e trazer você aqui para me pedir ajuda, não é?

Seus olhos voltaram-se novamente para a tela.

SABE QUEM MAL ESPREITA CORAÇÃO DOS HOMENS

- Mas você consegue quebrar o código?

- Não, mas o *Sombra* pode.

Tirando o romance do bolso, Giovanni o jogou no colo de Rossi. Na capa, parecia o conde Drácula, um par de olhos profundos e um nariz em gancho olhavam hipnoticamente de baixo de um chapéu preto e viam um braço pendurado vestindo uma capa de zibelina. Giovanni explicou:

- A imagem na capa é um criminologista amador, milionário, Lamont Cranston: o vigilante da capa-preta. Todo programa de rádio começava com a mesma frase. Vá na página 22 e leia as primeiras linhas.

- O Homem da Scotland Yard — Rossi leu o título, e depois o jargão. — Quem sabe o mal que espreita o coração dos homens? — Rossi voltou a olhar para a tela. — A frase no cartão é só uma mistura de letras.

- Precisamente. É a reimpressão do roteiro de um antigo episódio do rádio. Se você se lembra, o Sombra tem alguns poderes psíquicos que aprendeu com os monges tibetanos e que lhe permitem ler os pensamentos dos criminosos e nevoar suas mentes. Mas, ocasionalmente, ele encontra alguma cifra que precisa ser decifrada. Nesse caso, uma versão da cifra do Arco Real da Maçonaria.

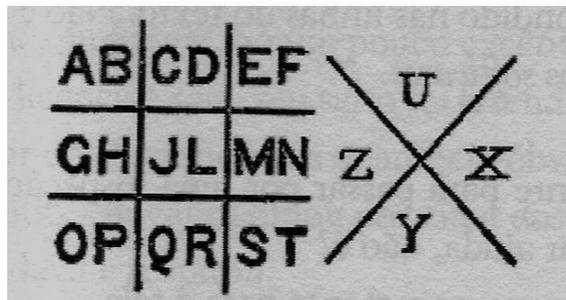
- *No capisce*, zio.

- Lógico que não... deixe-me terminar. Olhe a resposta no livro, Carlo.

Ele olhou.

A cifra maçônica é um código de substituição simples usado para manter os registros dos alquimistas ocultos para os olhos curiosos. Foi inspirada na aik bekar, a cifra cabalística. Às vezes se referem à cifra como "chiqueiro" porque as formas se assemelham à de um curral.

Na cifra maçônica, as letras são organizadas em duas figuras: As letras dentro da figura são substituídas pelo símbolo de sua posição; a segunda letra de cada figura é representada por um ponto:



Apontando para as figuras na tela, Giovanni disse:

— Você consegue decodificar?

⌊.⌊▷⌋. ⌋.⌋.⌋.  
R o y a l A r c h

Rossi franziu as sobrancelhas:

— Esqueci meus óculos de leitura. Por que você não continua e resolve para mim?

— Achei que não fosse pedir nunca!

Giovanni pegou um bloquinho e uma caneta e começou a trabalhar. Um assistente apareceu e entregou um *cappuccino* a Rossi. Enquanto ele bebia, estudava a tela.

Nervoso, Rossi batia o pé e tomava seu café.

>⌊.⌋.⌋.⌋.  
⌊.⌊.⌋  
⌋.⌋.⌋.⌋.⌋.⌋.⌋.

Giovanni fez uma pausa e olhou para o sobrinho por cima das lentes dos óculos, e depois voltou a olhar suas anotações. Ele disse:

- Não parece bom... não mesmo.

- Muito difícil? — perguntou Rossi, levantando-se e olhando o tralhalho de seu tio.

- Não, muito simples.

- Fácil para você falar.

Giovanni se virou e xingou, coçou o queixo. Olhou para cima e disse:

— Carlo, essas pessoas têm um estranho senso de humor. Essa mensagem foi deixada para você!

Rossi franziu as sobrancelhas. E seu tio perguntou:

— Qual é aquele nome tolo e melodramático que você batizou sua unidade de inteligência?

Eles se olharam nos olhos:

— O...M...B...R...A — disse Rossi, dando um tapa na própria testa.

Giovanni balançou a cabeça:

— Sim, um jogo de palavras. *Ombra*, ou SOMBRA. Motivo pelo qual eu imediatamente reconheci a fonte do código.

Ao se levantar do banquinho e esticar as costas, Giovanni colocou suas anotações e o cartão postal no bolso. Ele viu que o pó compacto continuava sobre a mesa e o pegou.

- Onde está aquela jovem moça tão simpática que me emprestou isso?

Ele passou os olhos pela sala e chamou seu colega:

- Rosario, você viu aquela jovem que estava aqui agora há pouco?

- Que jovem?

- A nova assistente de pesquisas.

Rosario franziu as sobrancelhas e encolheu os ombros:

— Não temos nenhuma nova assistente, *professore*.

Rossi ficou arrepiado.

Os dois trocaram olhares de entendimento intuitivo.

— Caramba! Ela estava bem debaixo do nosso nariz! — disse Rossi, com o rosto vermelho.

Uma movimentação repentina veio de um dos cantos.

Eles se viraram ao ouvir o som.

Um grupo de funcionários estava em volta de um pacote.

Depois de trocarem olhares confusos, os dois foram investigar.

Giovanni perguntou ao assistente chefe:

— O que está acontecendo?

Lá, no meio de todos estava uma escultura de um dragão branco sem a cabeça.

- Íamos catalogar isso, mas não consegui encontrar nenhum formulário de requisição. E parece que sofreu alguns danos durante o transporte — disse o assistente chefe.

- Muito curioso... — Giovanni curvou-se e pegou a peça. — Vamos olhar mais de perto — ele colocou sobre a mesa, sob um microscópio. — Acho que tem algo gravado no pé da figura.

Rossi estava de pé, atrás dele e olhava por cima de seus ombros.

— Sim, parece uma data em numerais romanos — ele disse ao ajustar o foco. Os números X XIII XIII 0VII flutuavam sob a grande lente.

Rossi leu os números:

- Dez... treze... treze... zero... sete. Isso significa alguma coisa para você, *zio*?

Ignorando-o, Giovanni virou-se para o assistente e ordenou:

- Encontrem a cabeça!

- O que é isso? — perguntou Rossi

Concentrado na estátua, Giovanni fez sinal com a mão para que ele esperasse.

— Aqui está — alguém disse.

— Rápido, agora vamos colocá-la no microscópio — ordenou o *professore*, ansioso.

Depois de observar por um momento, Giovanni se ergueu e virou para todos, com o rosto pálido.

Os olhos de Rossi o questionaram e ele disse, com a expressão assustada:

— Dê uma olhada você mesmo.

Rossi se aproximou e analisou o que via. Sob o vidro, uma cabeça esculpida com a grotesca face de um bode e os olhos pulsando de raiva.

Rossi respirou fundo.

- Treze de outubro de 1307 foi o dia do ataque do papa Clemente V contra os Cavaleiros Templários — seu tio lhe explicou.

- *Professore!* É uma carta — gritou um animado assistente que correu para o lado deles.

- Deixe-me ver - disse Rossi ao pegá-la da mão do rapaz. - Alguém pode me trazer um par de luvas de látex?

Segurando a carta com cuidado pela beirada, Rossi a levou até a luz. "Não parece uma carta bomba", ele pensou. Um assistente lhe entregou as luvas. Ele colocou a carta no microscópio, vestiu as luvas e abriu o envelope. Usando uma pinça e uma pequena espátula, ele abriu a carta e leu:

*Pedido formal de desculpas na forma de resgate de Eleanor.*

*Vamos assistir o 700º aniversário da perseguição de nossa ordem em 13 de outubro de 2007. É justo que o Vaticano saiba de nossa inconformação por esse dia de luto antecipadamente.*

*Seguidores dos Cavaleiros Templários.*

Demonstrando confiança, ele se virou para Giovanni:

— Gente estranha. E o que é esse negócio de resgate de Eleanor?

O rosto de seu tio estava branco:

— Um costume antigo, mandar partes do corpo da vítima até o resgate ser pago.

— Chamem a guarda suíça — Rossi gritou. — E não toquem em nada!

— Alguém nos mandou uma mensagem grotesca — disse Giovanni, suspirando.

Rossi continuava calado, sua mente sendo bombardeada com imagens obscuras do passado.

— Venha, meu filho. Não temos tempo a perder — acrescentou seu tio. — Eles parecem fantasmas que andam entre nós sem serem vistos.

Ele se virou e foi rapidamente na direção da porta. Rossi o seguiu e perguntou:

- Onde estamos indo?

- Ver o Pai Sagrado, rápido!

## Capítulo 37

Josie fumava enquanto aguardava seu pai. Ela cruzou uma perna sobre a outra, contando os minutos a cada movimento de seu tornozelo. Depois de um tempo, um sentimento de medo a dominou. Pensamentos fragmentados vieram à sua cabeça. Ela se levantou da cadeira e foi até o corredor. Vazio... ninguém... quieto.

Andou rapidamente, buscando, ouvindo; então ela ouviu: o barulho do elevador. O choro veio.

Correu desesperadamente até chegar na porta do elevador que tinha acabado de se fechar.

— Merda!

De alguma forma ela sabia, sabia em seu interior, que seu pai estava em perigo e naquele elevador. Ela apertou o botão. Primeiro andar.

Segundo.

Ela correu para a escada, abriu a porta violentamente e subiu correndo os degraus de concreto. Seu Doc Martins batendo, ecoando, em um coro que a seguia escada acima e mordida seus calcanhares.

Ela subiu dois andares, e percebeu que aquilo era inútil — ainda faltavam dez andares até o escritório de seu pai. Empurrou a barra de emergência da porta e olhou para os dois lados ao sair no corredor e foi até a porta do elevador.

Ela ouviu. Ding.

Parada na frente da porta, com os pulmões cansados, ela viu a porta se abrir. Ela deu um passo, hesitou e se forçou a seguir. A claustrofobia era seu “Calcanhar de Aquiles”. Ela se

apressou e entrou no elevador. Seus olhos procuravam o que fosse, ela foi para o fundo e se virou com firmeza.

O elevador começou a ficar sufocante; o ar tão pesado que Josie mal conseguia respirar. Gotas de suor apareceram em sua testa.

Sua blusa, também molhada de suor presa em seu corpo.

O perigo está nos detalhes e em um instante seu mundo se tornou obcecado por detalhes: o barulhinho da porta do elevador se fechando, a dura luz do teto, o sacudir do compartimento e o atrito dos cabos durante a subida.

Terceiro andar. Quarto andar... Sexto andar... O zumbido da ventilação.

Mas ela não estava sozinha. No canto, perto dos botões, estava um distinto homem baixo. Ela olhou para ele. Seu casaco tinha a costura atrás, sua expressão era serena, rosada, como bochechas de bebês — não, mais como um elfo, com poucos cabelos grisalhos. A mão dele estava apoiada sobre uma bengala de ébano com a empunhadura em prata. Enquanto ele girava seus pequenos pés, assobiava a música da Disney: *Heigh-Ho*.

- Andar? — ele disse ao se virar com um sorriso inócuo, porém estranho.

- Décimo segundo, por favor — ela respondeu calmamente, devolvendo o sorriso. "Duas pessoas conseguem fazer isso."

As paredes pareciam se aproximar dela, como os pratos de uma prensa hidráulica.

Nono andar.

Décimo.

Encolhendo seus pequenos ombros ele balbuciou:

— Esses prédios com elevadores antigos, exigem paciência. Seus olhos a observaram, secaram. "Você é uma pessoa paciente, jovem? Parece um pouco nervosa. Consegue aproveitar o momento? O êxtase da dúvida? A intensidade do desconhecido? Consegue? Sua pequena *Hmeshe Kurve*, sua puta!"

Ela conseguiu escutar essas palavras, mas os lábios dele não se moveram. Só aquele sorriso diabólico. "Devem ser os meus nervos", ela pensou. Então ela fixou o olhar na bengala. Sim, era a mesma. A mesma que aquele senhor que passou por ela na entrada do escritório do seu pai levava. O mesmo homem, a mesma bengala?

Quando ela ia falar o elevador parou. As portas se abriram e uma mulher de seios fartos com seu consorte sob o braço entrou — um mini *poodle* — seguida por diversos estudantes. O espaço foi diminuindo. O pensamento de dividir esse pequeno compartimento com a pressão desses corpos a apavorava.

Ela olhou por cima do chapéu da senhora, conseguiu ver o pequeno homem. Ele não parecia mais velho e frágil, mas seus instintos lhe diziam que, de alguma forma, era o mesmo homem. Tinha de ser. Sua mão foi até sua cintura, onde estava a bolsa de velcro que guardava sua arma. O frio metal da arma aumentou sua coragem, afastou sua fobia.

Décimo primeiro andar.

Ela sentiu uma coisa em seu pulso, uma coisa úmida.

Plop...

Olhou para baixo. Ali, na sua pele, uma pequena mancha vermelha, e depois outra. Ela sentiu um calafrio. Olhou para

cima. Uma mancha escura estava aparecendo no teto da cabine do elevador.

Plop...

Uma gota caiu no nariz de uma estudante. Ela ergueu a mão para limpar. Ao olhar para baixo ela gritou.

Décimo segundo andar.

Como um dominó, os estudantes, depois a viúva e, por fim, seu poodle, entraram em pânico. Um coro de gritos, o *poodle* uivando... os corpos se empurrando... movendo-se em frenesi contra a porta.

Ding.

Décimo terceiro andar.

Usando as barras laterais para apoiar os pés, ela subiu e empurrou o teto do elevador. Lá, suspenso nos cabos de aço, um corpo. Seu pai. Seu corpo estava pendurado de cabeça para baixo, balançando. Seu tornozelo direito preso ao joelho esquerdo, formando um "4" invertido. Sua garganta cortada de um lado ao outro.

As portas se abriram e o pequeno demônio, com a velocidade e a graça de um turbilhão, estava do lado de fora. Ele segurava um livro de capa rosa acima da cabeça. Apontando-o para o teto manchado de sangue do elevador, sua voz mudou de um leve balbucio e passou a ter um forte sotaque alemão. Ele disse:

— Meus sentimentos pelo seu pai, senhorita Josie. Ah, e muito obrigada por recuperar o meu livro.

O mundo parou... ficou tudo em câmera lenta.

Josie desceu das barras com a arma na mão e deu uma sequência de tiros para cima para dispersar a multidão.

TODOS se abaixaram; todos menos a viúva, que como uma verdadeira aristocrata, se virou para a arma para se render. Sua boca foi atingida pelo segundo tiro, que fez o pequeno homem ser banhado por seu sangue velho e não por uma sequência de furos.

Josie xingou e, quando as portas do elevador se fecharam, o pequeno demônio curvou-se e fez uma última reverência.

De alguma forma, o pequeno homem tinha sumido no ar. Uri, seu parceiro, também usou seu próprio tipo de magia. Apareceu, com o distintivo do FBI e tirou Josie do prédio. As testemunhas do elevador estavam muito apavoradas para protestar ou prestar atenção.

Enquanto corria para o beco próximo ao Swift Hall, o pequeno demônio, Dr. Ahriman, retirou a longa peruca branca e a maquiagem do bolso e jogou no lixo. Como que por milagre, ele não mancava mais, mas corria pela neve, seu casaco se agitava como uma longa e engomada saia preta de bruxa.

## Capítulo 38

Entorpecida e enraivecida com a perda, Josie sentou-se ao lado de Uri no sofá. Eles foram para uma casa segura que já tinha sido providenciada. Sobre a mesa queimada por cigarros, uma garrafa pela metade de Jack Daniels. E, ao lado, um sanduíche e um cinzeiro cheio até o topo. Os minutos e horas desde a morte de seu pai demoravam como séculos para passar. Ela chorou até não ter mais lágrimas para derramar,

como se a raiva que queimava em suas veias as tivessem consumido em sua conflagração.

Uri olhou fundo nos olhos dela e foi com a mão na direção do copo de uísque que ela levava à boca:

— Josie, já basta! Você já bebeu muito!

Empurrando a mão dele, ela deu mais um longo gole:

— Basta? NÃO. Talvez nunca seja o suficiente. Não até eu pegar aquele pequeno desgraçado. Não até ele pagar com a própria vida!

Uri engoliu seco, sentindo a dor de sua parceira.

— Nós vamos pegá-lo, Josie. Mas você precisa descansar. A bebida não vai fazer a dor passar, nunca faz. Por favor, seu pai não gostaria de vê-la assim... gostaria?

Josie se virou e deu um forte bofetão no rosto dele, deixando-o com a bochecha vermelha. Seus olhares se cruzaram e ela caiu, soluçando, nos braços dele. Sua cabeça pendeu, ela estava apagada e fria. Uri tinha colocado um sedativo nesse último drinque, pois sabia que seria o único jeito de fazer essa mulher corajosa e teimosa parar.

*Música de violino... o cheiro agradável de flores do campo... o calor do sol em seu rosto. Uma voz. Ela olhou e viu Tateh ao seu lado; a luz do sol passando entre as folhas iluminava seu rosto em sombras que dançavam. Muta ao seu lado, seus cabelos longos e sedosos se moviam com a brisa do verão. Um jovem se aproxima. O desejo preenche seu olhar: É o pequeno Daniel, seu amor de infância. Ele está cantando Tumbalayka:*

*Moça, moça, me diga a verdadeira*

*O que pode crescer, crescer sem orvalho?*

*O que pode queimar por anos e anos?*

*O que pode chorar sem derramar lágrimas?*

*E com a voz de uma garotinha, ela respondeu:*

*Menino bobo, vou lhe contar a verdade!*

*O amor pode queimar por anos e anos; um coração pode chorar sem derramar lágrimas...*

Um toque em seu braço e uma voz suave trouxe Josie de volta da terra dos sonhos. Ela acordou, com os olhos embaçados, uma ressaca latente. Sua boca com gosto de fundo de cinzeiro. Outro toque em seu braço. Era Levine, o oficial local responsável pelo caso.

— Josie, hora de acordar — Levine lhe jogou um roupão.

— Vá tomar um banho e se vista rapidamente. Você é muito quente! Precisamos te tirar de Chicago agora!

Josie se virou, colocou os pés para fora da cama e sentou. Seu cérebro parecia sacudir dentro do crânio, como uma gelatina em uma vasilha grande. Ela procurou um cigarro na mesa de cabeceira, hesitou e trouxe a mão de volta.

Olhou para Levine e disse:

- Sair de Chicago? De jeito nenhum! Não até eu encontrar o desgraçado que matou o meu pai!

- Minhas fontes no departamento de segurança disseram que o caso foi levado a instituições superiores, foi assumido pela NSA. Convocaram a segurança nacional e assumiram a investigação. Mas eu consegui descobrir que o atirador saiu do país.

- Então você sabe quem ele é.

Levine fez que sim.

- Então? — perguntou Josie.

— O nome é Ahriman, está na folha da NSA como um agente oculto intelectual. Mas seu disfarce é de consultor do Instituto E.

- O culto New Age?

- Esse mesmo — concordou Levine.

- E para onde ele foi?

Ele olhou para abaixo e depois para Josie

— Para Roma. Mas você tem ordens expressas de não encostar nele.

Josie olhou para ele por um tempo longo, mas decidiu conter a língua.

Levine pegou no bolso do casaco um telegrama em código e jogou no colo dela. Ela não acreditou quando viu o telegrama e leu pela segunda vez. Então, assumiu uma expressão diferente. Raiva.

Levine disse, com um pouco de cuidado:

- Sabia que você não escutaria uma palavra do que tenho a dizer. Não posso dizer que seria diferente se fosse o meu pai. Mas você estragou tudo. Matou uma inocente, e não foi uma qualquer. Matou uma senhora estupidamente rica com milhões de conexões políticas.

- Aquela louca ficou no caminho...

- O nome Carlyle lhe diz algo?

- Não, não pode dizer que eu... Não me diga que...

- Sim, você matou a tia-avó do senador Carlyle!

- Mas...

- Ninguém menos que sua tia rica que dava muito dinheiro para a máquina de guerra dos republicanos. Alguém dentro

do distrito está espalhando o boato de que a Mossad tem algo a ver com isso. Abraão quer que você volte para Tel Aviv, mas eu o convenci a deixar você se acalmar trabalhando dentro da embaixada em Toronto por um período.

- Eu deveria ter matado um democrata.

Uri apareceu na porta do quarto, com sacolas de compras e balançou a cabeça.

Olhando para as sacolas, Levine disse:

— Você vai encontrar algumas roupas e uma peruca aí dentro — ele jogou um envelope na cama — uma passagem para Toronto, um passaporte canadense limpo, cartões de crédito e uma carteira de motorista.

Em pé, na frente do balcão da companhia aérea, a moça loira, alta como uma estátua disse:

— Desculpe, mas mudei de idéia no último minuto.

A funcionária, de cara amarrada, forçou um sorriso ao olhar para o passaporte sobre a bancada.

- Sim, Sra. King, como posso ajudá-la?

Os olhos cor de topázio de Josie apareceram por cima dos óculos escuros quando ela perguntou:

- Qual o próximo vôo para Roma?

A funcionária digitou as informações e respondeu:

- Temos um vôo saindo em uma hora.

- Esse está perfeito.

## Parte II



**O**bserve nosso segredo.

Lembre-se de que os fins justificam os meios... e que o sábio deve usar todos os meios para fazer o bem que os maus usam para o mal.

**Adam Weishaupt, fundador dos Illuminati**

### Capítulo 39

#### Roma

O capitão Enzo Moretti estava fora depois do toque de recolher. Ele não deveria ter tomado a última taça de vinho e, certamente, não deveria ter saído com aquela vadia. Mas ele era piloto de elite da força aérea italiana do 36 *Stormo groupo* que vivia no limite todos os dias.

Além disso, ela estava lá, do lado de fora do bar, com aquelas longas pernas, sedutora, apoiada no prédio, semi-escondida

nas sombras, com um pedaço da coxa aparecendo por baixo de sua saia curta. Seus lábios úmidos, carnudos, seios e quadris fartos. Na verdade, tudo nela parecia atraente e úmido.

Em seus braços ela exalou um agradável perfume almiscarado. Seus lábios e sua testa molhados pelo suor.

Ele deveria ter percebido a falta de dureza em seus claros olhos azuis, o jeito como o beijou forte. E quando estavam deitados, enrolados em lençóis cinzas encharcados de suor naquele pequeno quatinho, ele deveria ter percebido a mão dela deslizando para baixo do travesseiro quando ele violentamente chegava ao orgasmo dentro dela. Ele deveria ter visto a pistola antes de estar nas mãos dela, antes de ser pressionada contra a pele do seu pescoço, antes de Laylah puxar o gatilho. Laylah, ao completar sua tarefa na Suíça obtendo os documentos do árabe no clube, tinha novamente ido cuidar dos seus negócios. Funcionando como uma perfeita máquina de matar. Sem preocupação em trancar a porta, sem hesitação — Laylah matou porque estava na hora de matar.

## Capítulo 40

### Itália — Região do Lazio, norte de Roma

A Mercedes do Dr. Ahriman fez uma curva fechada na principal rodovia de *Cássia*, cantou os pneus e entrou em uma rua privada que rodeava montanhas cobertas por uma cinza de carvalho branca. Na ladeira curva, seus faróis faziam uma pequena trilha pela escuridão. Olhando para a esquerda, as

árvores que contornavam a estrada se tornavam mais densas a cada curva e pareciam vir ao encontro dele. Ele pisou no acelerador; o velocímetro passou para 75... 80 e foi subindo. As copas das árvores se curvavam para dentro, formando uma arcada gótica que vinham cada vez mais embaixo.

Acordes dissonantes do *Prelúdio* de Rachmaninoff vinham do aparelho de CD.

Um pedacinho de lua crescente brilhava de forma incomum no céu da noite como uma armada de nuvens escuras passeando como espíritos desgarrados.

Então, logo acima ele viu. Um enorme portão de ferro na rodovia.

Reduziu a velocidade até frear. Olhou para cima e viu as gigantes letras gregas formando um arco no topo do portão:

## **INSTITUTO de ESCATOLOGIA**

O portão foi se abrindo lentamente, rangendo.

Ao longe, mais acima, uma monstruosa formação rochosa iluminada por holofotes e, adiante, uma fantástica casa de vidro.

Era uma expressão da natureza excêntrica de Volante, seu gosto pela extravagância, seu palácio de verão na Itália. Suas janelas formavam ângulos de 45 graus, paredes transparentes de pedra e vidro, cuja forma geral era parecida com a de uma pirâmide invertida com seu vórtice enterrado na terra. As camadas do telhado pareciam um bolo, cresciam à medida que ficavam mais altas.

Ahriman seguiu o caminho e estacionou no topo. Por um curto período, ficou olhando o íngreme morro, o contorno da costa de pedra ali abaixo, onde batiam as espumantes ondas

do Lago di Bolsena, o maior lago vulcânico da Europa. Ele sabia que as paredes de pedras dos dois lados e a densa floresta tornavam o forte de vidro quase impenetrável.

Ele caminhou até a porta do elevador na parede de pedra e olhou no leitor de íris, a porta se abriu.

Um guarda protegido atrás de um vidro duplo, fumê, o cumprimentou e pressionou o botão para que a porta se fechasse.

Ahriman entrou e passou os olhos pela sala. Nessa grande altitude o vento zunia e tremia os painéis de vidro. Uma almofada vermelha de veludo percorria toda a extensão da janela; pedaços de pedras formavam as paredes interiores que iam do chão ao teto. Aqui e ali nichos na parede. A sala tinha luzes escondidas sob as janelas e na base das paredes de pedra. Elas emitiam uma luz fraca e sutil que não dava reflexo na janela.

Dr. Ahriman foi até o canto da sala, onde estava Drago Volante, ocultado pelas sombras. De repente, um trovão. As paredes de vidro e o telhado vibraram como um prato de bateria. A luz da lua passava por uma colmeia octogonal, chanfrada nos painéis da janela atrás da cadeira de Volante, refratando-se e formando uma clara coroa dourada.

Sua esposa, Honora Celine, estava deitada, glamorosa, no assento almofadado sob a janela vestindo uma leve camisola transparente. As mãos delicadas da suave luz da lua acariciavam seu delicado e macio corpo.

Um pequeno pedaço de sua língua aparecia por entre seus dentes brilhantes.

Provocando.

Tentando.

A cabeça de Honora curvou-se para trás, ficando com os ombros a contornando. Longas ondas de madeixas platinadas caíam como ouro derretido sobre suas costas enquanto suas mãos amassavam suas tentadoras coxas.

Ahriman se sentou, cruzou suas pernas pequenas e grossas, balançou efeminadamente o tornozelo e suspirou. Pegou um lenço branco do bolso e secou o suor das sobrancelhas.

Volante procurou pelo console em seu apoio de braço e ativou um controle. Uma enorme e fina tela de LCD desceu do teto. As imagens mostraram o objetivo. Seus olhos fechados em profunda concentração. Então, repentinamente, abriram-se.

— Boa viagem, eu espero — disse Volante gentilmente, porém o tom sutil em sua voz deixava claro o fato de não gostarem um do outro.

Ahriman deu de ombros. Volante prosseguiu, deixando óbvios seus sentimentos no tom de sua voz:

— Qual a condição de nosso paciente?

Enquanto falava, o indicador da Ouija-board<sup>2</sup> passou a se mover em círculos rápidos que mudavam de tamanho. Dr. Ahriman limpou a garganta:

— Nosso ás voador, capitão Moretti, é Delta nível 4. O tranqüilizante não tem efeitos de longa duração. Ele tem uma saúde excelente. Tem alguns *flashbacks* e delírios devido aos componentes alcalóides que usamos, mas o resultado geral e o prognóstico são excelentes. As memórias falsas de abuso nas

---

<sup>2</sup>Marca registrada de uma base que suporta uma tela com palavras, letras, símbolos etc. que, quando comandada por médiuns supostamente responde perguntas, também conhecida como "mesa ouija".

mãos do padre foram profundamente implantadas e sua paranóia está em níveis altíssimos.

As luzes fizeram sombras assustadoras pelas geladas e curvas paredes de pedras. Enquanto os lábios tentadores de Honora sussurravam questões, o indicador movia-se na tela de LCD.

- Prossiga — disse Volante.

- Eu preparei um vídeo para nossos associados estrangeiros e para a edificação do Instituto da Escatologia. Posso? — perguntou Ahriman com um *palmtop* na mão.

Volante fez que sim.

Ahriman pressionou o botão para iniciar em outro console ao seu lado e uma segunda e maior tela começou a descer. O símbolo do Instituto da Escatologia — o olho aberto de Horus dentro da pirâmide colocada sobre a letra E enlaçada a dois triângulos — apareceu no fino monitor.

Honora Celine deu um gole em seu champanhe lentamente, eroticamente, enquanto olhava para a tela. O indicador moveu-se para um "D"... depois um "A".

Uma imagem do Dr. Ahriman vestindo um avental branco e com os olhos contornados apareceu. As palavras **Danos — O Projeto** e a advertência: CLASSIFICAÇÃO A-2. NECESSÁRIO RECONHECIMENTO DE CÓDIGO DE VOZ.

— Volante, Drago.

I Ima voz feminina, computadorizada veio do monitor e disse:

— Código aceito.

A imagem de Ahriman começou a falar e, atrás dele, a imagem de dois pergaminhos prateados projetadas na tela.

- Os pergaminhos prateados, recentemente descobertos pelo clérigo, foram traduzidos. São semelhantes em tom e palavras com um pergaminho velado — o Evangelho de Jesus — que também foi encontrado pelo clérigo no Templo de Salomão. Agora sabemos a origem do fragmento templário, que foi passado a nossa Ordem através dos tempos. É a "arma de fumaça" que estávamos procurando.

"Semelhante aos pergaminhos prateados encontrados em Jerusalém pelo Dr. Barkay, nossa descoberta data do final do século VII a.C. ou do começo do século VI a.C, antes do cativeiro babilónico. Isso os torna 40 anos mais velhos do que os Pergaminhos do Mar Morto. Nossos pergaminhos prateados foram amuletos, um tipo de fetiche, como o "objeto de oração prata" mencionado pelos papiros egípcios de 30 a.C. ou aqueles de outras culturas antigas ou, inclusive, as medalhas sagradas usadas pelos católicos atualmente. Os pergaminhos estavam em uma corrente, em volta do pescoço, como forma de proteção contra o mal. Na fé judaica, segundo as instruções de Moisés, para manter o mundo do Senhor fechado para seus corações e mentes, mesmo hoje, os judeus usam uma pequena bolsa com escritos no braço ou na sobancelha esquerda. São amuletos chamados de *tephillin* em hebraico."

Outra imagem apareceu na tela, mostrando um *close* de uma seção:

— Quando aberto, descobrimos que os pergaminhos, feitos da mais pura folha de prata, estão escritos em paleo-hebraico, delicadamente gravados na superfície. Usamos fotografias e técnicas de imagens computadorizadas para que a delicada

inscrição ficasse mais clara. Ou seja, uma técnica chamada "pintura de luz".

"Diferente dos pergaminhos de Barkay, com suas benditas orações de conforto recitadas ao fim de todas as missas católicas, os nossos revelam uma perturbadora verdade para os chauvinistas cristãos. Deus era reverenciado tanto no masculino quanto no feminino, o feminino sendo preferido e incorporado aos atributos da sabedoria. Descobrimos que a "Linha Dourada", que data de 600 a.C., ou antes, tece seu caminho pelo tempo. Pelos tempos dos pergaminhos do Mar Morto. Presa a todo pedaço do tecido do Evangelho de Jesus, escrito pelas mãos do próprio Cristo. E a Linha Dourada diz que Cristo reconhece, em suas próprias palavras, que ele era um homem comum, que como toda a humanidade poderia se unir ao sagrado feminino, tornando-se o filho de Deus."

## Capítulo 41

A tela foi preenchida pela imagem de um pergaminho de pele de cabra.

- Os pergaminhos "templários" posteriores foram examinados usando infravermelho e imagens digitais. Ficou confirmado que os códigos chamados hereges encontrados em Nag Hammadi, em 1945, eram, na verdade, do Evangelho do Q, que estava desaparecido. Protegendo a chave para a variação da cifra Atbash, O Livro *da Rosa Negra*, foi guardado e trancado pelo Vaticano, por ser o instrumento para a tradução dos textos. Há alguns anos, depois de localizar o fragmento do Livro do Q escondido no pilar de Rennes-le-

Château, Abbe Saunière, um dos quatro iniciados, o levou para o Saint Sulpice, em Paris.

"Le-Chatéau... uma igreja na França decorada com símbolos maçônicos e muitas lendas sobre ser o local onde o tesouro secreto dos templários está enterrado. Alguma besteira do tipo Indiana Jones sobre como a luz do sol bate nos olhos de safira da estátua do demônio guardião, as lendárias "maçãs azuis", onde o fecho de luz resultante da refração mostrará o caminho."

Ahriman deu uma risada forçada:

— Besteira, certamente, mas os turistas engolem. Uma vez em Saint Sulpice, Saunière contou a Abbe Boullan que usava a explosiva, porém real, contradição dos dogmas da Igreja para chantagear o papa. A consequência foi que a verdadeira fonte de Saunière, de repente, enriqueceu. O Livro *da Rosa Negra* contém o texto codificado do fragmento Q, oculto na forma de um livro de magia negra, e a chave para a complexa variação da cifra Atbash que, como em várias partes dos Pergaminhos do Mar Morto, é usada no Livro do Q.

"Atbash era uma cifra simples de substituição usada mil anos depois dos Pergaminhos do Mar Morto terem sido escritos pelos templários. Isso só pode significar que foram os templários que levaram de volta à França o fragmento do Livro do Q que encontraram no Templo de Salomão. De alguma forma eles decifraram o código e, depois, o documento original foi passado para residentes das regiões dos Cátaros, ao sul da França, para que ficasse em segurança, na mesma região onde fica Rennes-le-Château. Mas, de alguma forma, os templários negligenciaram a importância do

pergaminho que o clérigo conseguiu recentemente na Palestina. Isso nos levará diretamente ao túmulo.

## Capítulo 42

A imagem de Ahriman prosseguiu:

— Aliás, a lenda da maldição ligada ao livro vem da alquimia aplicada. Escondida no broche que fecha *O Livro da Rosa Negra* existe uma pequena agulha constantemente abastecida pela ampola recarregável oculta na lombada do livro. A agulha é abastecida com uma combinação extremamente poderosa e de rápida atuação de alucinógenos: bufotenina, secretado por sapos; psilocibina, de cogumelos; e, por fim, os alcalóides da antiga planta síria do arrependimento. Combinando-os com os modernos inibidores MAO, que ampliam os efeitos psicoativos dessas triptaminas. Como os sapos na época de acasalamento, depois de injetados, os tolos intrometidos que abrem o livro se tornam psicóticos, são levados à loucura por uma libido psicodelicamente exacerbada que assume o controle de seus pensamentos e ações. Para garantir seu efeito duradouro, uma toxina que imita os efeitos nocivos causados ao cérebro e ao sistema nervoso central por uma paralisia progressiva ou sífilis, como é popularmente conhecida, é acrescentada à mistura fatal. Se não for um adepto, se não conseguir ler as instruções escritas em símbolos na capa, quem abrir o fecho de forma casual, morre.

Um pergaminho amarelo preencheu a tela.

— Esse fragmento que falta, assim como nos pergaminhos templários, prova que os evangelhos posteriores eram uma farsa, uma mentira criada por São Paulo para ocultar a verdade...

Volante fez uma cara feia e pressionou um botão do console ao seu lado. O vídeo foi desligado e a tela voltou para cima. Ele se virou para Ahriman e disse:

— Já basta de sua falsa glória. A verdade é que você estragou tudo. Matou o professor Schulman, o único que poderia decodificar o real segredo do livro.

Ahriman estalou os dedos:

— Sua avaliação não está totalmente correta. Max Schulman não era o único erudito que poderia decifrar o segredo supremo. Eu fiz uma armadilha para pegar o colega de Schulman.

Volante inclinou-se para frente, com os olhos firmes:

— Quem?

*Professore* Alberti Giovanni — disse o doutor com um sorriso malvado em seu rosto.

Você pode tirar esse ar de satisfeito do rosto. Minhas fontes na Grã-Bretanha me informaram que estamos correndo contra o tempo. Nossos rivais, os rosacruz, podem já saber sobre a localização da tumba!

— Mas como? — perguntou Ahriman, perplexo.

— Você se esqueceu do garoto Palestino que deixou escapar? Ele foi adotado por um membro Rosacruz que atualmente ocupa um alto cargo no MI-6.

Olhando para suas abotoaduras francesas, Ahriman resmungou sobre a novidade:

— Naquele momento, eu não tinha como saber da importância do garoto, e nem da importância de suas irmãs. Não serei culpado por não saber enxergar o futuro, por não imaginar que algo chamado exame de DNA viria a existir. Além disso, não saberia de nada. Devem ter descoberto outro documento secreto que lhes mostrou a localização.

— Ou existe um traidor entre nós — disse Volante, friamente.

Na tela Ouija-board, o indicador moveu-se para "I"...

... e depois "L"... "H", "A".

Depois de girar em círculos velozes por um momento, escreveu... "DE" e, então... "D"... "E"... "U"... e, finalmente, "S".

Lendo tudo junto, as letras verdes piscavam e formavam...

**FILHA DE DEUS.**

Honora levantou-se lentamente e saiu da sala.

## Capítulo 43

Em um dos quartos da mansão, Honora Celine Volante deitou-se de bruços em lençóis de cetim vermelho. Com uma das belas e longas pernas levantadas no ar, ela gemeu de prazer quando as firmes mãos do massagista começaram a massagear sua pele macia. Ele tinha vinte e poucos anos. Um garoto firme.

Ela era loira, estonteante, e se movia com a graça feroz de Uma Thurman.

— Derek, massageie minhas coxas — disse Honora com a voz mole. Seus largos ombros e fortes músculos peitorais

ficavam marcados na justa camiseta enquanto ele massageava sua coxa.

— Ai! Não tão forte! — ela resmungou virando-se de frente. Seus olhos verdes brilharam. — Estou entediada — ela fazia biquinho e suspirou. Faminta, ela o mediu dos pés à cabeça. — Vamos fazer um jogo.

A voz sensual dela entrou suavemente em seu cérebro, ele ficou tenso e respondeu:

— Estou ouvindo.

Honora deslizou até a beirada da cama, sentou-se com as pernas cruzadas, os cotovelos apoiados nos joelhos e riu, como uma jovem estudante. Lambeu o canto de sua boca e seus lábios naturalmente vermelhos e úmidos brilharam.

- Você quer transar comigo, não quer?

- Quero?

- Quer, e muito.

Ele vacilou. Começou a respirar mais rápido, seu rosto ficou vermelho.

— Tire a calça.

As mãos dele chegaram ao cinto, lentamente passando pela fivela, abrindo a calça e deslizando-a pelo quadril. A calça caiu no chão, em volta de seus tornozelos, ele deu um passo e as deixou ali. Usava uma pequena cueca, justa como uma segunda pele.

— A blusa, tire-a.

Ele tirou a camiseta de decote V pela cabeça.

- Você me quer, Derek. Como nunca quis uma mulher antes.

Eu te deixo excitado.

- Eu quero você.

- Tire a cueca.

Ele tirou e a deixou à sombra.

Honora se jogou contra ele. Começou a se curvar lentamente e a esfregar o rosto em sua ereção... tirou a liga preta e posicionou os quadris. Jogou os longos cabelos loiros e curvou-se para trás, gemendo de prazer. Com a boca aberta, buscou o ar, colocou as mãos atrás da cabeça dele. Carne com carne. Ela sentia o calor pulsando em seu corpo.

— Toque-me, morda meu pescoço — ela disse, ofegante.

Ela abaixou os braços. Pegou a mão dele e levou até o decote do sutiã, levando os dedos dele até seu mamilo ereto.

— Assim. Puxe, aperte. Bom garoto.

Sua mão livre passeava entre suas coxas macias. Ela estremeceu.

O interfone tocou, interrompendo o ritmo. Com os cabelos embaraçados e molhados, curvada sobre a cama, apoiada nos cotovelos, seus olhos se voltaram para o aparelho. Uma voz metálica disse:

— O Sr. Volante quer que você desça novamente.

Ela resmungou.

— Merda! — ela disse afastando Derek. Ela foi até o aparelho e pegou o microfone. — Diga a ele... que estou indisposta.

Recompondo-se, Honora passou os longos dedos pelos cabelos e foi até a mesa de cabeceira. Pegou um pacote de cigarros de dentro da bolsa e acendeu um. Deu uma profunda tragada, exalando a fumaça lentamente.

— Você está assustado. Apavorado, mas quer me tocar, não é? — disse ela passando a mão pelo colo.

— Quero?

— Quem é o garotão da mamãe?

Ele abaixou a cabeça, sem graça, e respondeu em voz baixa.

- Me responda!

- Sou eu — ele disse com a voz chorosa.

- É, você está atormentado com a culpa, mas não consegue se controlar.

- Não consigo me controlar.

- Diga de novo.

- Não consigo me controlar.

Derek estava em pé, tremendo, os braços colados ao corpo.

— Ajoelhe-se, garotão. Rasteje até mim.

Derek ficou de quatro e engatinhou até ela, chorando.

Alguns meses antes, Honora tinha contado com a ajuda do Dr. Ahriman. Ele adorou ter uma aliança secreta com Honora, treinou ela no uso de drogas hipnóticas e na aplicação prática das mais recentes técnicas de controle da mente. Tudo o que ela precisava fazer era incentivar Derek e pressionar os botões corretos. Ela sabia que os abusos sádicos, dominantes que Derek tinha sofrido na infância, nas mãos de sua mãe, eram a chave. Isso desbloqueava seus demônios internos, o medo e a ambivalência sexual que sua memória invocava. Era seu "Calcanhar de Aquiles". O suave sussurro de Honora dizendo: "quem é o garotão da mamãe", era a frase-chave. Isso o transformava em um garotinho assustado. Na verdade, funcionava tão bem que Honora tinha feito piada a esse respeito com Ahriman, dizendo que deveria ir à televisão para compartilhar com as mulheres do mundo todo.

— Derek! Levante-se! Vá se sentar ali — ela disse apontando para o canto com desinteresse.

Quando Derek se agachava no canto da suíte, Honora caminhou até o canto oposto. Honora se curvou e passou os dedos, carinhosamente, no rosto da jovem:

— Ok, onde estávamos?

Vestindo somente uma camiseta velha, sentada com os joelhos confia o corpo e tremendo, sabendo em algum ponto dentro de sua mente nebulosa que a virada estava para acontecer, estava Laylah. Seu rosto ficou corado, os olhos perdidos. Ela se levantou.

## Capítulo 44

O telefone verde, atrás da grande mesa decorada tocou e chamou a atenção dele. O clérigo virou a cadeira e atendeu, como combinado, no sétimo toque.

- *Pronto.*

- *Buon Cugino* — disse Volante.

- *Buon Cugino.* Como vão as coisas por aí? — perguntou o clérigo enquanto procurava o botão que acionava o mecanismo de tranca de seu escritório.

- Estou ansioso para visitar Roma novamente.

- Então vem logo!

- Sim, os preparativos já estão prontos?

- Está tudo em ordem. Receberam a mensagem e o agouro hoje.

- Aprecio seu talento para o drama. O dragão branco sem cabeça, simbolizando a cabeça cortada do Vicar de Cristo, foi um bom toque.

- *Grazie*, você é muito gentil.

- Agora, de volta aos negócios. Suponho que o vírus será administrado com cautela, na dosagem adequada. Não queremos matá-lo, ainda não. E as distrações estão no local?

- Logicamente. Testei o vírus em um dos meus assistentes que tem altura, peso e idade parecidos com o dele. Todos os sintomas adequados se manifestaram em uma hora. E, como devo dizer... as inflamações estão só esperando o aviso — disse o clérigo enquanto olhava pela janela de seu escritório no Palácio Apostólico, vendo a Praça de São Pedro:

- Excelente. E o operário que está cuidando do pacote?

- *Bast* é tão inteligente quanto linda — ele mexia no selo do anel que usava na mão esquerda, girando-o nervosamente. — Seu patrono, o Beduíno, pediu-me que lhe agradecesse pelos panfletos do Protocolo de Sião que você enviou. Ele conseguiu persuadir a *Al Jazeera* a fazer um trio para mostrar especialmente a conspiração sionista que será veiculada por satélite para todo o Oriente Médio.

- Maravilhoso, que sejam dominados pelo ódio. É uma faca de dois gumes. Os israelenses ficarão enraivecidos e vão mostrar pedaços do programa, que, por sua vez, serão captados pelas maiores redes norte-americanas e européias. Eles sempre caem, inconscientemente, em nossos esquemas. Vejo que o primeiro-ministro israelense visitou a Cúpula pouco depois da bomba que preparamos. Os palestinos revoltaram-se em praça

pública e as forças de segurança israelenses os atacaram com balas de borracha, jovens e velhos.

- Você aprova mandar aos beduínos o nono grau maçônico?

- Deixe-me verificar minhas anotações.

Enquanto aguardava, o clérigo destrancou a gaveta e pegou uma ilustração. No topo um grande numeral 9 entrelaçado com um punhal apontando para baixo e outro de atravessado, formando uma cruz — 9...1...1. Abaixo, dois braços, uma das mãos segurando uma cabeça decapitada, escorrendo sangue; a outra com uma longa e curva cimitarra. O clérigo sabia que esse era o verdadeiro símbolo do nono grau da loja de Memphis-Mizraim. O avô do clérigo tinha sido um grande mestre.



Volante voltou ao telefone:

- Foram pelo mensageiro na semana passada.

- Já colocamos a fortuna em ouro das reservas abaixo do World Trade Center para nossos bancos?

- Sim. Encontraram um caminhão com meia carga e escoltaram pelos túneis sob a segunda torre, mas deixamos uma trilha fria. Os milhões desaparecidos em ouro nunca vão vazar para a imprensa. As imagens das torres gêmeas caindo

em Nova York afetaram os nervos de todos. Como a torre representada na carta de tarô sendo golpeada pela luz e os corpos saltando para a morte súbita, a queda do WTC é um símbolo arquetipo que instiga terror e presságios das mudanças cataclísmicas pelas mil os dos fanáticos muçulmanos. Também estamos conseguindo uma boa milhagem com aquelas fitas sem cabeça. Passam terror para os corações do Ocidente e, ao mesmo tempo, endurece seus corações e alimenta o ódio contra os árabes em geral.

Com a voz cansada, o clérigo disse:

- Preocupo-me por nosso plano ser muito complicado.
- Suas preocupações são infundadas, *Buon Cugino*.
- Você tem razão. E usando esse grupo de fundamentalistas islâmicos para uma explosão maior temos tudo de graça. Entendo que nosso programa de lavagem cerebral daqueles muçulmanos convertidos, ansiosos, está seguindo o planejado.

A voz de Volante mudou de tom:

- Concordo, usamos eles para o segundo ataque a bomba em Londres e estão se preparando em Roma, como conversamos. Os serviços de inteligência não deram atenção ao fato de que esses jovens tenoristas, recém-convertidos ao islamismo, parecem ter motivos produzidos que surgem da tristeza. Quando menos esperarem, nós passamos para a segunda fase da operação de terror no ar. Dessa vez, vamos ter como alvo o coração dos Estados Unidos. Já que as providências da segurança para os vôos comerciais são tão frágeis, a aviação em geral será nosso próximo alvo. Imagine o pânico quando Gulfstream IVs e Vs, alvos de sequestros, caírem de nariz em suas lojas Wal-Mart, matando centenas de moradores locais.

- Como está indo a campanha de desinformação sobre o Evangelho de Jesus?

- Seguindo o cronograma. Estudiosos bíblicos de diversas fés estão, silenciosamente, autenticando o Livro do Q enquanto conversamos. Vamos soltar pequenos fragmentos para a imprensa, criar um frenesi na mídia, mas manter a parte mais suculenta para o final.

- Mal posso esperar para ver a cara daquele cachorro velho — disse o clérigo, ávido.

— Mantenha-me informado sobre o andamento. Vamos manter contato.

Depois de desligar, o clérigo se levantou e foi até a janela. Na praça, logo abaixo, viu um bando de freiras passando por uma manta de pombos. Uma outra freira juntou-se a elas correndo, arrumando o grande chapéu branco ao se misturar ao grupo. *Bast*, vestida no hábito de uma freira, corria com uma misteriosa graça *felina*.

Ele sorriu. Sabia o que estava acontecendo.

## Capítulo 45

Enquanto passavam pelos corredores do Palácio Apostólico, eles conversavam. O vermelho de seu rosto enfraquecia, mas a respiração continuava ofegante. Giovanni disse:

— Vamos nos encontrar com o comandante Stato, mas antes precisamos conversar com o cardeal Moscato.

— Mas o chefe de segurança precisa...

Giovanni balançou a cabeça:

- Você não entende a grossa camada de *romanità* que impregna o Vaticano. O protocolo, as políticas oficiais que devem ser seguidas. Entendo que, na sua perspectiva, esse é um problema de segurança. Mas Stato se reporta ao cardeal Moscato. Nesse caso, precisamos brincar de pular a sela no Vaticano. É diferente do que acontece no Governo, devemos respeitar a cadeia de comando, mas começar pelo topo em um assunto de tamanha urgência.

- Eu entendi a mensagem do dragão branco e dos templários, mas são uma ameaça lunática, no máximo. Acho que Stato deve ser ao menos informado, saber das coisas.

Giovanni parou e colocou a mão no ombro de Rossi:

- Você se esqueceu do cartão postal?

- Há alguma ligação? — perguntou Rossi, confuso.

Eles estavam do lado de fora do escritório do cardeal Moscato.

— Guarde esse pensamento — disse o tio ao abrir a grande porta.

O monsenhor Porcello Bertone os cumprimentou na entrada e os acompanhou até a ante-sala onde se sentaram. Depois de uma breve conversa durante o café, o digno Bertone, com sua cara de focinho de porco, levantou-se e chegou ao ponto:

— Vocês precisam entender. Sua Eminência tem a agenda muito ocupada. Estou fazendo o que posso para encaixá-los, mas é difícil.

Giovanni baixou os olhos e os ergueu lentamente, olhando nos olhos estrábicos de Bertone:

- É um assunto de máxima urgência.

Bertone deu de ombros e disse:

- Talvez, se eu soubesse a natureza exata dessa urgência, então...

- O que tenho a dizer é somente para os ouvidos de sua Eminência — disse Giovanni, cruzando as pernas e indicando que a discussão tinha se encerrado.

- Muito bem... farei o que puder.

Giovanni se levantou e foi até uma pequena mesa onde escreveu algo em um bloco de papel. Ele arrancou a folha e colocou em um envelope. Ao colocado nas mãos de Bertone, ele disse:

— Dê isso a ele imediatamente se você valoriza a sua vida e a dos filhos das viúvas a quem você serve! Você não tem dó? Oh, Senhor, não há esperança.

Com o olhar indignado, Bertone saiu, pediu licença e foi até a porta do escritório. Ele bateu e desapareceu do outro lado da porta.

Rossi riu:

- Você certamente acendeu uma fogueira embaixo dele.

- Só fiz com que ele soubesse que eu também sou maçom.

— Mas você não é.

Giovanni piscou:

- Não, mas obviamente Bertone é. Eu usei uma variação do argumento universal da aflição, O Grande Sinal de Clamor dos Maçons. "Oh, Senhor, não há esperança para os filhos da viúva?". E a secreta peça maçônica.

- Mas como você sabia?

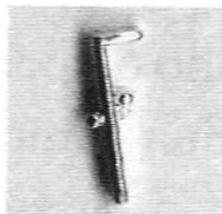
- Suas abotoaduras.

- O quê?

- Eram símbolos disfarçados de Tubal-Cain. Parece um campo de golfe delimitado por bolas nas duas pontas. Na verdade, tem uma conotação muito diferente na maçonaria.

- Eu quero saber isso?

- O nome eufemístico para isso é Bengala com Duas Bolas. Representa uma parte da anatomia típica ao gênero masculino.



Rossi coçou a cabeça, olhou entre suas pernas e sorriu.

Tirando um pequeno pedaço de papel do bolso, Giovanni disse:

- Aqui, essa é a tradução da cifra do cartão postal.

Rossi pegou o papel e o analisou.

Rappini

Il

Pesatore

Ele leu em voz alta, traduzindo:

— Seqüestre... o pescador... — ele sentiu o sangue fugir de seu rosto. - se essa mensagem era para *Bast*, temos uma grande ameaça em nossas mãos.

Ele pegou o celular. Seu tio perguntou:

— Para quem está ligando?

— Para o meu diretor, que vai jogar isso na mesa do Vaticano no ministério e chamar o comandante Stato.

Seu tio balançou a cabeça:

- Parece que não estamos saindo do lugar. Ligue e termine de se ferrar.

Rossi desligou o telefone e começou a andar, ansiosamente, pela sala.

- Sente-se, Carlo. Você vai gastar esse caro tapete persa.

Relutante, ele sentou-se.

Giovanni mordeu o lábio inferior e disse:

- Isso é um pouco confuso. Estou tentando imaginar a ligação possível entre um terrorista da al-Qaeda e um grupo de velhos que se chamam de templários. Podemos estar errados. Pode ser que exista mais de um alvo.

- Como você sabe? — perguntou Rossi.

- Descendentes da alta Cúria que compartilhou do seqüestro e da tortura dos templários com o papa Clemente V continuam muito vivos, e alguns estão bem aqui, dentro das paredes do Vaticano. E um, em particular, está desaparecido.

- Refere-se ao monsenhor Scarlotti?

- Seu antecessor assinou o Venice Papal Bull.

- Então você levou a carta a sério?

- Temo que precisemos levá-la a sério. Vou montar uma lista com possíveis alvos para Stato e você se concentra na ligação com o Oriente Médio.

Antes de Rossi poder responder, a porta para o escritório de Moscato se abriu. Sem nem notar a presença deles, o cardeal Moscato passou e saiu do escritório.

Quando Bertone passou, Rossi o agarrou pelo braço.

Parecendo aflito e nervoso, Bertone disse:

— Por favor, cavalheiro. O Pai Sagrado nos convocou em seu escritório. Uma emergência, por favor, dê-me licença.

Rossi soltou seu braço e Bertone saiu correndo.

Ao se virar, Rossi deu de cara com o olhar de seu tio.

— Já começou — disse Giovanni, friamente.

O telefone celular de Rossi tocou e ele atendeu a chamada.

## Capítulo 46

Estacionado na Via degli Scipioni, uma van branca Fiat. Dentro, sentada, ela aguardava impacientemente, batendo com os dedos no volante e olhando para o outro lado da rua. Os transeuntes não prestavam atenção na freira atrás do volante. Finalmente, as portas do Azzurro Scipioni Theater, um clube de cinema independente que exibia filmes locais e clássicos de Hollywood em inglês, se abriram. Alguns casais de idosos, um monte de estudantes e alguns limpadores de rua entraram livremente, passando por baixo do letreiro luminoso onde estava escrito: Broadway Melody 1940.

Apesar de ter passado dos 70 anos de idade, Kystyn Lazarz atravessou a rua com a graça e a agilidade de Fred Astaire. Seu terno tinha o corte impecável e duas finas faixas na altura do peito. Sua camisa feita sob medida com abotoaduras francesas. E, como Fred, suas meias e gravatas azuis combinavam. Seu cabelo era grosso e grisalho e ele estava um pouco acima do peso. Mas a característica mais notável eram seus extraordinários olhos cor de esmeralda. Olhos como o pecado

"caseiro", disse uma vez um crítico no início de sua carreira de dançarino e cantor nos palcos e nas telas.

Ele entrou pela porta do passageiro na van. Sorrindo ele perguntou:

— O que houve, querida?

— Estou esperando por você há meia hora. Você está atrasado — disse a freira olhando para ele.

Ele soltou um arroteo:

— Uau, aquela Coca-Cola gigante e a pipoca com manteiga extra não fez bem aos antigos canos do Johnny Boy aqui.

Você tem antiácido?

Ela balançou a cabeça e apontou com a cabeça para trás:

— Sua sacola está aí atrás.

Virando o assento ele pegou a sacola, procurou e, por fim, encontrou a garrafa.

Depois de tomar um grande gole, ele disse:

- Nunca saia de casa sem isso.

- Você não tem jeito — ela disse.

- É, uma vez eu estava andando pelo set, atrasado uma hora para um teste, e o velho Hitch... ele gostava de ser chamado de sr. Hitchcock pelos homens, mas eu sempre o chamei de Hitch... disse: "Boa noite, sr. Johnny Brett. E bem-vindo ao nosso show" — ele deu mais um gole e arrotou novamente.

- Como você arranjou esse nome artístico?

- Fred usava na dança — ele disse, apontando com a cabeça para o letreiro.

Ela ligou o motor e saiu com o carro.

- Amontoado naquele pequeno cinema em Krakov, eu os assisti flutuando pela tela prateada, vestidos em brilhantes

ternos brancos contra um fundo preto espelhado, simplesmente deslizando em meio a brilhantes pontos pretos como patinadores no gelo. Eu soube, naquele momento, que eu iria para Hollywood.

- Fred e Ginger?

Não, aquela era Eleanor Powell, querida.

Ela franziu as sobrancelhas e pressionou os lábios.

— Então, o que foi? — ele perguntou.

Os olhos azul-claros dela brilharam abaixo de suas sobrancelhas escuras:

— Por que não vai para trás e se troca? Temos um horário. Quando ele se levantou e passou, espremido, entre os bancos, peidou. Ela pisou firme no acelerador, mandando-o de cabeça para o chão. Ela sorriu e gritou por cima do ombro:

- E não me chame de boneca ou de querida, Johnny Boy! Colocando a cabeça contra o banco dela e esfregando a testa ele disse:

- Entendido, desculpe pelos gases.

Ela cortava o caótico trânsito de Roma como uma motorista de táxi profissional, buzinando e xingando à medida que seguia seu caminho. Sua mão deslizou por baixo do hábito e conferiu que a pistola 22, moldada em plástico, continuava firmemente presa à parte interna da sua coxa. Uma 22 não era tão bem potente, mas a munição era barata. E se você treinasse o tiro mortal – bem no olho — ela servia bem.

Johnny Boy voltou e sentou-se no banco da frente. Ajustou o colarinho e arrumou as mangas de sua batina preta. Então ele avaliou sua imagem em um espelho portátil e passou os dedos pelo cabelo curto e branco:

— Nunca gostei desse corte. Deixa minha cabeça parecendo pontuda - ele colocou um par de óculos com lentes grossas e sorriu. — Bem, o que você acha, irmã?

- Vai passar, eu acho — disse ela dando de ombros.

Passando o dedo na lapela ele disse:

- Parece de verdade. Belo tecido e ótimo corte.

- Deveria parecer mesmo... é de verdade.

- Como você... deixa pra lá. Eu não preciso saber.

- Exatamente. Dê uma olhada no bolso do casaco.

Ele pegou uma credencial de couro e a examinou:

- Você é a menina do meu coração.

- Achei que fosse gostar.

Ele ajustou a postura e entrou no personagem, falando com o forte sotaque de Boston:

— Monsenhor Charles O'Malley, Arquidiocese de Boston, embaixador de Sua Eminência, o cardeal Lawless. Mas por favor, pode me chamar de Chuck.

- Muito bem, Chuck.

- E você vai fazer o papel de Ingrid Bergman, certo?

Ela sorriu discretamente e baixou o olhar:

— Irmã Maria Benedita, temporariamente na função de enfermeira cirúrgica.

O olhar dele percorreu o corpo dela:

— Você sabe, como brincadeira, na cena final, Bing pede mais um beijo. Então ele pega Ingrid em seus braços e dá um grande beijo molhado nela.

— Guarde seu Viagra para alguém da sua idade.

Quando a *van* parou no estacionamento da Policlínica Gemelli, Johnny Boy começou a cantar Os *Sinos de Santa Maria*, com o tom grave, barítono de Bing Crosby.

## Capítulo 47

### Cidade do Vaticano: O Processo

Nas tardes frescas do outono, as luzes entram pelas grandes janelas do estudo papal, situado no terceiro andar do Palácio Apostólico. Suas chamas sobre os tapetes, destacando suas cores banham paredes e altos tetos com abandono voluntário.

Aquela quinta-feira, em outubro, era só mais um dia. Na parede, a luz do sol duelando com as sombras da caneta do papa enquanto ele escrevia, fervorosamente, em sua mesa.

Uma voz firme na porta da sala de estudos lhe chamou a atenção.

Sua pálida santidade e seu rosto debilitado lentamente viraram-se para a porta. Seu rosto refletia o tormento que perturbava sua alma. Ele estava pálido; seus olhos, normalmente da radiante cor do mar, hoje, estavam tão assombrados quanto velhas mansões. Ele disse:

— *Avanti!*

A mão trêmula do pontífice soltou a caneta e ele se apoiou na cadeira, soltando um suspiro de exaustão. Chegava a hora da reunião padrão matinal. O cardeal secretário dos estados, Luciano Moscato, junto com o chefe da segurança papal, comandante Gustavo Stato, entraram segurando dossiês

vermelhos. Com um aceno de sua fraca cabeça, Sua Santidade orientou que se sentassem.

O cardeal Moscato tinha o rosto e o corpo redondos, queixo duplo, era um pouco careca e tinha o pescoço gordo. E para piorar, uma mancha de nascimento, roxa, cobria metade de seu rosto. O comandante Stato, por outro lado, era sua completa antítese. Com sua notável combinação de traços mediterrâneos — belos cabelos pretos, olhos escuros amendoados — sua bela fisionomia e corpo em forma davam a Stato a aparência de um herói de cinema confiável, corajoso e sempre alerta. Ele treinou com a guarda suíça. Fez dois anos de treinamento adicional em Berna e foi colocado no Regimento *Corazzieri* da Polícia, o equivalente ao serviço secreto norte-americano. Depois da tentativa de assassinato do papa, em 1981, ele foi recrutado e assumiu a posição de chefe da Segurança Papal.

Seus olhos brilhavam enquanto ele falava:

- Como solicitou, Sua Santidade, preparei um relatório detalhado sobre as circunstâncias da morte do coronel Pico e sobre o desaparecimento do monsenhor Scarlotti.

- Sim, mas poderia ser ainda mais gentil e nos apresentar um resumo? Continue, *per favore*.

Stato acertou a postura e disse:

— Como vocês têm consciência, o Vaticano tem recebido um generoso apoio financeiro no decorrer dos anos de várias agências ocidentais de inteligência com a intenção de que uma Igreja forte e unida possa ajudar no combate ao comunismo. O monsenhor Scarlotti foi recrutado por sua sobrinha: Josephine Schulman, uma agente da Mossad.

Com a expressão confusa, o papa se inclinou para a frente e demonstrou ter compreendido.

— A Santa Sé tem sido foco da inteligência ocidental como no caso do anúncio do "enviado especial" norte-americano, Sr. James Wilcox — Stato prosseguiu. — Wilcox era um oficial de carreira da inteligência que trabalhava para a CIA e que foi colocado em postos de conflito e centros de espionagem política como Teerã, Havana, Bangkoc e Tegucigalpa.

O cardeal secretário Moscato mexia-se, impaciente, na cadeira, virando o pescoço como um mastim acorrentado, aguardando sua vez de falar.

Embora o comandante Stato já estivesse ciente da crescente agitação do cardeal, não interrompeu sua explicação:

— O suspeito falecimento do oficial da Segurança Regional Americana, William Cotter, na cena do desaparecimento do monsenhor Scarlotti, demonstra o envolvimento da comunidade da inteligência americana no evento — Stato parou e respirou fundo. — Agora, quanto ao roubo do arquivo. O coronel Pico foi morto... pelas mãos do monsenhor Scarlotti. Impressões digitais encontradas no apoio de livros de metal encontrado ao lado do corpo de Pico confirmam isso.

O papa eslavo baixou a cabeça, suspirou e voltou a olhar para Stato, que continuou:

— Eu acredito que a comunidade da inteligência, depois de anos de luta, determinou que *Le Cahier de la Rose Noire* é a "chave" para decifrar o código diplomático. Sem esse conhecimento e sem essa chave, nem os colossais

computadores Cray 900 da NSA, em Fort Meade podem resolver o código!

O cardeal secretário Moscato o interrompeu:

- O que ele quer dizer, Santidade, é que eles podem quebrar o código, mas sem a chave seria apenas uma confusão de letras sem sentido.

- E agora? — perguntou o pontífice.

- Agora a comunicação entre nossos núncios papais é um livro aberto — respondeu Moscato.

O pontífice olhou para ele friamente, sem nenhuma expressão de emoção, como se estivessem sentados frente a frente, em uma mesa de pôquer e ainda não quisesse destruir o blefe de Moscato.

Stato prosseguiu:

— Santo Papa, o monsenhor Scarlotti era um agente *dippio*, um agente duplo! Eu recomendo que protocolos rígidos da inteligência de segurança sejam autorizados de uma vez — ele empurrou seu relatório pela mesa do pontífice.

Moscato permanecia em silêncio, deixando que as palavras do jovem comandante Stato girassem no ar como os cadáveres na forca.

O papa eslavo colocou a mão sobre o documento sem lê-lo ou mesmo olhar para ele.

Um leve sorriso, de aparente satisfação, surgiu no rosto do cardeal Moscato. Ele se virou para Stato, seus olhos tentando penetrar nos dele. Mas os olhos de Stato estavam fixados na expressão do papa, tentando desesperadamente decifrar a mensagem escondida atrás daquele rosto pálido.

— Concordo com sua avaliação plenamente, comandante  
— uma leve centelha acendeu nos olhos do papa quando ele disse isso. — Desejo aumentar seus deveres, suas responsabilidades. Você deve assumir imediatamente o comando da Vigilância assim como o da guarda suíça e dos assuntos da inteligência.

O comandante Stato engoliu seco.

O papa eslavo virou-se para o cardeal Moscato. O cardeal encontrou o olhar fixo, ingênuo do papa da melhor forma que pode quando o papa perguntou:

— Não concorda, *Eminenza!*

- Sim, Santidade. São exatamente as minhas opiniões! - enquanto respondia Moscato girava o anel, nervoso.

- *Grazie, Eminenza* — voltando sua atenção para Stato novamente, o papa continuou: — Entretanto, primeiro tenho uma missão para você que deve ser conduzida com calma e máxima discrição. Há muito mais nisso do que encontrar o olho. Mesmo agora, enquanto conversamos, certas forças estão trabalhando com um propósito único, resolutivo.

- Não entendo, Santo Papa... Quer dizer...

- Os perseguidores do Senhor, Domini Canes, vai lhe ajudar.

O papa apertou um botão que ficava sob a sua mesa, sinalizando para a secretária deixar que o homem que estava do lado de fora entrasse.

— O senhor disse os perseguidores do...

A porta se abriu e interrompeu as palavras de Stato. O mestre general dominicano, Damien Spears, entrou. Ele poderia ser um cavaleiro teutônico, por sua origem germânica, que o fez um gigante. Com mais de dois metros e pesando algo em

torno de 125 quilos, ele era como um tanque. Seu apelido no Vaticano, em alusão ao seu serviço compulsório quando jovem na Juventude de Hitler e, mais tarde, no exército nazista, era general Panzer.

Mas vestido em seu robe cor-de-creme da Ordem Dominicana, Stato achou que ele parecia mais um enorme fantasma. Sua fisionomia clara, os cabelos grisalhos e expressão dura magnificavam sua postura altiva alemã. Ao correr para se sentar, gotas de suor surgiram em sua testa. Por um momento, o ar ficou espesso e pesado com o silêncio.

Sua Santidade cruzou os braços sobre a mesa, respirou fundo e disse:

— O que estamos prestes a discutir jamais será repetido nesta sala — seus olhos passando por cada um deles. — Isso foi plenamente entendido?

Eles fizeram que sim com a cabeça. O papa continuou:

— Comandante Stato, sua avaliação está apenas metade correta. Sim, o monsenhor Scarlotti era um agente duplo. Mais corretamente, um agente *provocateur* que tinha sido nomeado pelo Escritório Sagrado para se infiltrar e reportar-se diretamente a mim.

Stato engasgou, surpreso. Ele prosseguiu:

— E sim, a Igreja tem inimigos infiltrados, mas são inimigos muito mais poderosos do que qualquer serviço governamental de inteligência. Foi meu querido amigo, o professor Max Schulman, que persuadiu o rabino Ben Yetzach a convidar esse papa para uma importante primeira visita a uma sinagoga e que me forneceu muitas provas documentais.

O olhar de Stato procurou pelo olhar do papa, virou-se para Spears, cujos olhos verde-escuros só demonstravam aceitação. Voltou a olhar para o papa e disse:

- Desculpe-me, Santo Papa... mas eu não entendo.

- Certo, meu filho. Estou falando do *Protocollo Diciassette*.

- Mas, Sua Santidade, eles foram licenciados, eliminados pela reforma do governo.

- Você tem tanta certeza assim? Uma cobra quando troca de pele não continua sendo uma cobra? Não fica esperando, sob as pedras, escondida nas sombras, pronta para dar o bote novamente? A heresia tem muitos nomes: gnosticismo, humanismo, a iluminação dos Illuminati pela pura razão, colocando a ciência acima de Deus. A meta deles é a criação de uma Nova Ordem Mundial. As cruzadas, a inquisição, podem, em retrospecto, parecer desumanas, mas o *adversário* também é igualmente desumano.

Stato olhou nos olhos do papa e, em tom de desculpas, disse:

- É lógico que ouvem-se os boatos. Mas, Santidade, são apenas...

O enorme Spears se levantou e disse:

- Sua Santidade, posso?

O pontífice demonstrou concordância. E como um espírito enraivecido, o colossal dominicano de robe cor-de-creme dirigiu-se a Stato:

— Como os americanos dizem: "onde há fumaça, há fogo". Um fogo sem fim ameaça as paredes dessa Igreja e sua língua em chamas atormenta os corações e as almas do clero e dos fiéis — seus olhos brilhavam, como se pontuassem cada sílaba com um olhar cortante.

Ele fez uma pausa para que Stato pudesse refletir e falou:

— Vejo, por sua reação, que você de alguma forma sentia intuitivamente que a Igreja havia se corrompido.

Stato fez que sim.

— Aqui — disse Spears entregando um pergaminho a Stato. — Veja você mesmo.

O cardeal secretário Moscato ajustou sua mitra e segurou sua cruz peitoral. Seu rosto cada vez mais vermelho.

Com as mãos trêmulas, Stato pegou o pergaminho. No topo estavam as palavras *Protocollo Diciassette (P-17)*, ladeada por cruces invertidas; uma pomba branca planada sob o título, E, abaixo, a assinatura de numerosos membros da alta cúpula da Opus Dei — a filha mais conservadora do papa — e de membros dos Cavaleiros de Malta, em geral, oficiais de alto escalão da área de legislação ou inteligência. Homens como o diretor fundador da CIA que tinha ficado ao lado do papa em sua forte luta contra o comunismo. Até o primeiro advogado geral dos Estados Unidos.

Na seqüência uma lista de nomes e cargos no Vaticano: o ministro internacional, o cardeal vicar de Roma, o chefe da Vigilância, o serviço de inteligência do Vaticano.

Os olhos de Stato queimavam de indignação à medida que passavam pela lista de nomes: arcebispo Marsciocco, ex-diretor do Banco do Vaticano... e, bem no fim da folha, circulado: cardeal Moscato.

## Capítulo 48

Stato levantou os olhos e encontrou o olhar desconcertado do pontífice. Ele deveria ter visto o olhar antes, visto o olhar repleto da dor vazia da traição, com o pesar da tristeza.

Os olhos do cardeal Moscato encontraram-se com os de Spears, encarando-o como se fosse um pit bull enraivecido. Sem aviso ele foi para o outro lado da mesa, com os braços agitados, e tentou pegar o papa eslavo, suas mãos cheias de verrugas seguravam a garganta do pontífice.

Ele se curvou como uma vadia excitada.

Seu rosto manchado de roxo enquanto gritava obscenidades. Sua mão segurando a cruz peitoral, apertou um botão oculto. Com o brilho do frio aço, a lâmina surgiu da parte inferior da cruz. E ele a ergueu, pronto para atacar...

As mãos enormes de Damien Spears seguraram o cachorro louco, afastando-o do papa e o arremessando ao chão. Assim que o cardeal se ergueu e foi para um segundo ataque, Stato estava em posição: com a Beretta na mão. Ele bateu com a empunhadura da arma no queixo dele.

Os olhos do cardeal reviraram, não de terror, mas de ódio. Stato arrancou o crucifixo do pescoço de Moscato.

Ouvindo a movimentação, dois guardas, em seus uniformes desenhados por Miguelângelo, invadiram a sala, olhares furiosos, armados com armas originalmente feitas para a infantaria acabar com o cavalo de cavaleiros em armaduras. Armas selvagens feitas para abrir o alvo como uma lagosta. Feitas para destruir.

Stato rapidamente escondeu a Beretta nas costas do cardeal Moscato:

— Me dê só um motivo, seu porco! — ele disse em voz baixa, no ouvido de Moscato.

O mestre general, Damien Spears, como um urso, um homem gigante como era, estava ao lado do papa, atrás da mesa. Uma imagem de um comportamento discreto, uma preocupação gentil em seus atos e expressão enquanto ajudava o papa. Ele dispensou a guarda suíça com um movimento de sua grande mão. O papa consentiu.

A porta se fechou com o silencioso toque da madeira.

Stato jogou o cardeal em uma cadeira de encosto alto e prendeu seus braços aos da cadeira com algemas plásticas que ele sempre carregava.

Uma luz suave passou pelos jardins e chegou aos painéis das janelas, deixando o rosto do papa na penumbra. Stato tinha sido golpeado pelo efeito celestial das lágrimas fantasmas. Em oposição, somente a força resoluta, a vitalidade, pareciam coroar a leve e branca vestimenta do papa enquanto tinha seu perfil iluminado.

O papa se levantou lentamente, com as pernas bambas e se moveu na direção de uma porta lateral. Ele virou para Moscato e disse:

— Cristo não deve mais permanecer no recinto. Você o substituiu pelo deboche e pela avareza, mas o verdadeiro corpo de Cristo, o Corpo Místico de Cristo, vive. Vive na fé das multidões que vivem suas vidas no desespero, às vezes, sob a tirania, mas têm esperança, têm fé. Vive nas faces dos valentes homens e mulheres que fazem a boa luta, às vezes contra os dominantes. Que se erguem sob a luz do dia, certos de suas convicções. Que não se acovardam com a sombra do segredo, conspiração ou desejo. Seu sacrifício, suporta o ridículo e o sofrimento, mas eles não hesitam, não se rendem.

Moscato tentou se soltar:

— Seu fraco velho tolo. Você não tem a coragem, o estômago, não é?

Abrindo os ombros o papa disse:

— Eu não vou permitir que esse papado retorne à suas origens do século X, quando o antigo deus romano, Janus, tinha duas faces, uma cristã e outra anticristã; uma amigável e benevolente e outra horrenda e maléfica, personificada pelos antipapas da antiguidade. É doloroso para mim expor corrupções tão chocantes; mas peço a Deus e a abençoada Virgem que guiem minha mão, dêem-me força. Com a ajuda da Sagrada Mãe, vou fazer a minha parte para silenciar o grunhido do grande urso, o comunismo. Eu fiz minha parte buscando o perdão dessas pessoas tão prejudicadas pela Igreja. Me lancei de portas abertas aos outros caminhos de salvação do mundo e fui acusado de ser muito liberal, enquanto que, por outro lado, de ser muito linha-dura com a doutrina da Igreja. Mas nessa eliminação do mal, eu não vou vacilar, não vou fraquejar. A verdade deve ser dita, com suas lições de nutrição da humildade com a humilhação.

— Você não sabe de nada — disse Moscato, lutando contra suas amarras.

O gentil olhar do papa recaiu sobre ele:

— Você tem mais do que os braços acorrentados, *Eminenza*. Você acorrentou sua alma com as maquinações do caminho da Mão Esquerda. Mas nunca é tarde demais. Deseja renovar seus votos de batismo, sua sagrada ordenação e rejeitar satanás?

O rosto de Moscato se contorceu em um sorriso irônico:

— Basta! Antes desse dia chegar, você e sua Igreja estarão arruinados; as rodas já estão em movimento. A cruz do Nazareno continua a esmigalhar. Você não pode nos deter. Nós nos movemos no meio de vocês, visível e invisivelmente.

A face do pontífice ficou triste de pesar:

- Stato, consiga o que puder dele.

- Sim, Santidade. Com prazer — respondeu Stato que, aproximando seu rosto do de Moscato, completou: — Você vai se surpreender com o que eu tenho estômago para fazer.

A sobancelha do papa se dobrou de dor ao dizer para Stato:

— Você deve cooperar plenamente com o *professore* Giovanni e seu sobrinho da SISD. O ministro internacional ligou há pouco. A vida do próprio Giovanni está em perigo. Ele é um filho bravo e nobre da Sagrada Igreja. Proteja-o com sua própria vida, se necessário, *commandante*.

Stato demonstrou ter compreendido, solenemente. O papa continuou:

- Estou com um forte mau pressentimento. Esse clérigo vira-casaca tem algo diabólico planejado para a nossa Sagrada Igreja. Ainda estamos tentando decifrar os detalhes do plano. Damien lhe informará posteriormente, quando os fatos vierem à tona. E mande um *uomo di fiducia*, um de seus oficiais mais confiáveis, para Turim... para a *Cattedrale Di SanGiovanni il Battista*. Deixe o Santo Sudário sob sua custódia, cardeal Saldarini e traga-o para cá imediatamente.

- Como quiser, Sua Santidade — disse Stato.

Erguendo a mão na tradicional bênção papal, com o dedo anelar e o mindinho curvados próximos à palma da mão, e o

indicador e o dedo médio estendidos, com o polegar para dentro, o papa abençoou Stato.

Uma forte luz brilhava pelas janelas do Palácio, banhando a mão estendida do papa e projetando uma imagem na sombra sobre a parede, um presságio nebuloso. O inverso diabólico: *Daemon est Deus Inversus*.

A cabeça chifruda de satanáas.



Sozinho em seu escritório, com seu secretário de confiança, o cardeal Stanislaw, o papa selou os últimos envelopes e os entregou ao secretário:

— Há quantos anos estamos juntos, meu velho amigo?

Embora o papa tivesse idade para ser o pai de Stanislaw e o tratasse como filho, gostava de brincar, referindo-se a Stanislaw como um velho amigo.

— Mais do que gosto de me lembrar, Sua Santidade.

Com a mão trêmula, o papa empurrou os envelopes pela mesa para seu ajudante:

— Isso precisa ser entregue em mãos pela manhã. Stanislaw pegou as cartas e curvou-se, humildemente.

— Fiz um relatório detalhado e anexei aos papéis do Protocolo-17 — disse o papa, abrindo a gaveta da mesa e pegando um dossiê vermelho.

Ao entregá-lo para Stanislaw o papa acrescentou:

— Coloque esses documentos juntos com o meu testamento...

Repentinamente o pontífice tombou para frente e ele levou as mãos à cabeça, esfregando as têmporas.

- O senhor está bem?

O papa fez que sim.

- Preciso de um pouco de água, por favor. Sinto-me um pouco fraco hoje.

Depois de entregar-lhe uma taça de cristal e observar suas mãos duras esforçando-se para levar o copo até os lábios, Stanislaw disse:

— Talvez o senhor devesse descansar agora.

Quando o papa colocou o copo sobre a mesa, seus olhares se encontraram. Com a voz calma, ele voltou para sua língua natal, o Polonês, e olhou para uma imagem da Sagrada Mãe que tinha recebido de Fátima:

- *Nie opuszczaj mnie teraz*, não me abandone agora.

Para Stanislaw, ele disse:

- Peço que a Virgem Abençoada dê-me forças para manter o rumo. Seu olhar voltou-se para os envelopes na mão do secretário. Cada um contendo uma carta pedindo a imediata resignação dos que eram membros da Irmandade. Ele prosseguiu:

— O que os desencaminhou? Que mal é esse que me faz pedir a esses homens sua resignação no momento em que deveriam estar sendo coroados por seus serviços a Deus?

O secretário permaneceu mudo, com os olhos emanando simpatia.

— Sinto a lápide me chamando, velho amigo. E isso tem um peso forte e frio em meu coração.

Ajudando-o a se levantar da cadeira, o secretário guiou o papa até o dormitório papal.

## Capítulo 49

Depois de receber as instruções do diretor da SISD, Rossi e seu tio seguiram o caminho pelos corredores do Palácio apostólico.

— Vamos nos encontrar com o comandante Stato em seu escritório — disse Rossi. — A base está despachando um grupo do Comando de Assuntos Internacionais dos Carabinieri. Geralmente ficam envolvidos com a segurança do ministro de Relações Internacionais e dos representantes diplomáticos no país e no exterior. Também estão mandando reforços do Regimento de paraquedistas, da Toscana.

- Quanto tempo vai demorar? — perguntou Giovanni, lutando para manter o ritmo da caminhada.

- Estão a caminho. Stato provavelmente vai torcer o nariz, mas isso vem de cima e foi confirmado pelo papa.

- Então o pontífice está ciente da ameaça?

- Foi isso o que entendi — continuaram andando e Rossi olhou no relógio de pulso. — O diretor insistiu em conversar com Stato e com mais algumas pessoas. Disse para eu me conter e não falar com mais ninguém.

- Então por que não se acalma, meu sobrinho? Precisamos estar de cabeça fria em uma situação como essa.

Rossi franziu as sobrancelhas e mordeu o lábio inferior:

— Algo um tanto estranho. Fiquei sabendo também que um dos meus técnicos, Cláudio, foi levado às pressas ao hospital. Sintomas de gripe, mas tão forte que precisou ficar em observação.

Antes de Giovanni poder responder, um de seus assistentes apareceu, com o rosto vermelho e sem ar e entregou-lhe um pacote:

- *Professore*, isso veio por um mensageiro especial.

Giovanni agradeceu e perguntou:

- Onde está o pergaminho Chinon?

O assistente o olhou confuso, por um instante e, depois seus olhos brilharam!

- No seu cofre?

- Você tem a combinação? Vou precisar dele depois.

O assistente partiu, correndo.

Enquanto olhava para o envelope, Giovanni ergueu a sobancelha:

— O endereço do remetente é de Chicago. É do meu colega, Max Schulman.

Caminhando para um banco, mexendo no pacote, o professor disse:

- Tenho o mau pressentimento de que devemos abrir isso agora.

- Mas preciso falar com Stato — insistiu Rossi.

- Você já tomou as providências para garantir a segurança do papa. Agora sente-se e escute. Há algo terrivelmente errado acontecendo por aqui.

- *Certtamente!* Estão planejando matar o pontífice.

- Sim, mas a pergunta é quem? — disse Giovanni, duramente.

- Sabemos que são os templários.
- Não tenha tanta certeza — ele rasgou o envelope. — Todo esse negócio com os templários me incomoda. Encontrei documentos nos arquivos do Vaticano, incluindo um grande pergaminho perdido, que prova que o papa, na verdade, interrogou o Grande Mestre Jacques de Molay e outros líderes templários nos calabouços do castelo de Chinon, em Loire Valley, em 1308, sobre a escolha papal.
- Mas Molay não foi queimado em praça pública?
- O documento mostra que o papa Clemente V perdoou secretamente os Cavaleiros Templários.
- Talvez o papa estivesse convenientemente um dia atrasado e sem dinheiro na forma de ver dos templários? — ofereceu Rossi.

Giovanni suspirou:



— Pecado por omissão, sim, mas agora é uma história antiga. E usar seu vernáculo não é um motivo muito forte. Quando ele tirou uma impressão de uma gravura em cobre, seu queixo caiu.

— Morte, Cavaleiro, Diabo, de Albercht Durer, 1514 —  
Giovanni leu em voz alta o título impresso logo abaixo.

Seu rosto perdeu a cor.

— Mais más notícias, imagino — disse Rossi observando a figura. — Para mim, parece o pesadelo de alguém.

- E bem que poderia ser - disse Giovanni. - Durer é um importante representante da Renascença do Norte. Da Alemanha, ele viajou para a Itália onde pode conhecer os principais personagens do então chamado Iluminismo desse período. Mas ele era muito mais do que um artista no sentido contemporâneo... ele era um adepto!

- De que?

- Magia.

- Mão leve, tirando coelhos de cartolas? — Rossi riu.

- Não! Magia, e não mágica, do grego, *Kteis* e *Kosmos*, para ser diferenciada da tradicional mágica de espetáculos. Ele sabia dos segredos do Grande Trabalho, a Alquimia.

— *Kteis* e *Kosmos*! Soa como coito e cosmo.

Giovanni corou e revirou os olhos:

— Você chegou perto. *Kteis* significa a concha feminina ou o órgão sexual feminino. Simboliza a divindade feminina — seu tio ergueu a mão e, unindo as pontas dos dedos indicadores com as dos polegares, formou uma forma oval e alongada de um oito. — Um modelo rude, porém suficiente — ele disse vendo a forma. — O *vesica piscis* também simboliza a vagina, que é o portal para Deus.

Rossi olhava, incrédulo.

Giovanni abaixou as mãos e piscou:

- Agora você sabe o segredo, meu sobrinho, o segredo de todas as sociedades secretas, estão bem guardado pelos templários e muitos homens que foram torturados, ridicularizados e ofendidos ou até mortos, mas não revelaram seu maior segredo. O segredo do Santo Graal.

- Parece nojento... como uma desculpa para orgias.

- Isso porque a Igreja transformou o sexo em algo demoníaco. Quase todo mundo que leu *O Código Da Vinci* não viu esse obscuro segredo ser revelado. Em vez de "maçã" ser a combinação final para decifrar o código, deveria ser "sexo" ou "orgasmo". No romance, o avô de Sofia e seus amigos veneravam a força sobrenatural que residia em seus próprios corpos. Na verdade, a palavra "orgia" é derivada da palavra grega *orgia*, que significa, simplesmente, "trabalho, ativação". Eles acreditavam que o sexo, que o casamento químico ou Heiros Gamos... era a chave ou a ponte para o cosmo.

- E como o Durer entra nessa história? — perguntou Rossi.

- Durer era um estudante de Alberti, o autor de *Hpynerotomachi Poliphili; A Discussão do Amor em um Sonho*. Esse *bestseller Regra do Quatro* também fugia completamente do propósito de Alberti. É um guia simbólico que conta como comungar com Deus no ponto do orgasmo, o que os franceses chamam de "pequena morte" porque nossas mentes ficam limpas no momento do clímax. O véu cai, a névoa cede e podemos ver e falar com Deus em um nível pessoal.

Rossi riu:

— Aposto que o mestre general Spears gostaria de vê-lo esquartejado por propor algo assim.

Giovanni sorriu:

- O bom mestre general e eu concordamos em discordar desse ponto. Mas ele vai para o ponto borbulhante enquanto eu digo que tudo isso está na Bíblia... o Código de Salomão.

Pára com isso! — Rossi disse, incomodado.

- A Canção de Salomão do Velho Testamento é um guia do caminho para um corredor secreto. Onde era originalmente a liturgia do ritual sagrado do rasamente.

- E o que isso tem a ver com os templários?

- Tudo. Vejo que você precisa de mais informações gerais para entender o que está acontecendo. Houve uma batalha longa, que durou séculos, uma luta de crenças.

- Está falando do islamismo contra o cristianismo?

- Estou falando do que muitos, como os templários e os alquimistas acreditavam ser verdade, antes da doutrina do cristianismo *versus* a "grande mentira" exposta pela Igreja de Roma. Verdades secretas foram passadas dos gnósticos para os templários. Verdades que sobrevivem hoje com os maçons e alguns adeptos de sociedades secretas.

- Então porque não dominam o mundo se estão tão certos?

- É uma guerra mortal. Milhares foram sacrificados e perseguidos por tentar. O que precisavam era de provas!

- Provas de que? De que o sexo é a ligação com Deus?

- Provas de que o sexo é o Santo Graal! Fortes evidências endossadas por Seu único Filho. A lenda diz que os templários encontraram sua prova escondida próximo ao Templo de Salomão e a usaram para chantagear a Igreja.

- Parece que o ás que tinham na manga não era de muito peso.

- Alguns dizem que lhes faltava a chave final para resolver o enigma. A chave que destrancaria alguns pergaminhos antigos, a prova escrita pela própria mão de Cristo dizendo que ele e Maria Madalena eram casados.

- Você não está falando sobre aquele negócio de Jesus e Maria Madalena criando uma prole? O Santo Graal?

Giovanni fez uma cara feia:

— Não. O "casamento sagrado" foi distorcido no mito do Sangue Sagrado de Cristo. Os templários sabiam da verdade secreta. Maria era a noiva de Cristo, mas não no sentido tradicional. Como a deusa Ísis, Maria era a noiva, a iniciadora sexual. E o que os templários eram acusados de venerar?

Rossi buscou na memória:

— A cabeça de Lúcifer, *bahfã*... alguma coisa...

— O Bhaphomet — *Caput 58* — a cabeça de um bode que alegava-se ser símbolo de virilidade. Na verdade isso era a deusa Sofia disfarçada por um código secreto, a cifra Atbash. Como nos evangelhos gnósticos, os templários veneravam... Maria Lúcifer... o portador da luz.

— O diabo — protestou Rossi.

Balançando a cabeça, Giovanni riu:

— Ridículo! Lúcifer significa, literalmente, "portador da luz". De *lux*, *lucius*, "luz", e *ferre*, "trazer". Milton aumentou a confusão com sua ficção do *Paraíso Perdido*.

"Cristo também era citado na Bíblia como *a brilhante estrela da manhã*, e, junto com seu cônjuge, o planeta Vênus, a estrela do anoitecer encontrava a constelação de virgem, sua mística união sexual simboliza a morte, a ressurreição e o despertar... o verdadeiro legado da Crucificação. Esse é o

verdadeiro Lúcifer que os templários veneravam. A luz do conhecimento. Os templários simbolizavam seu entendimento da verdade cuspiendo no crucifixo. Rejeitando a mentira de Roma."

Rossi assobiava:

— Posso ver por que os templários assaram onde cuspiram. *Zio*. Bela historinha de ninar, mas vamos seguir com o *show*.

Rossi fechou a cara, mordeu o lábio inferior. Teclou a discagem rápida no celular. Depois de algumas breves palavras, desligou e colocou o aparelho no bolso:

— O diretor continua ocupado, inferno!

— Então continue aqui comigo, por favor. Agora que você sabe um pouco mais sobre os templários, quais as duas figuras históricas que eles estavam destruindo? — seu tio perguntou.

— Rei Filipe e papa Clemente V — sugeriu Rossi.

— Certo. Olhe a gravura mais de perto. Vê as duas figuras atrás do *cavaleiro* sob o cavalo, claramente representando os templários?

Rossi inclinou-se:

— Parece um rei em um péssimo dia, com uma coroa de cobras.

- E esse seria o rei Filipe, o Justo, representando a morte e com a bruxa da mitologia grega, Medusa, uma alusão à vaidade do rei. Nenhum ser vivo podia olhar para ela sem ser transformado em pedra. Por fim, Perseus cortou sua cabeça enquanto ela dormia e a levou para Athena.

- Parece uma alusão à... decapitação. Talvez uma ameaça oculta ao papa?

Seu tio fez uma careta:

- Temo que você esteja correto. Agora, encontre o papa, por favor.

Os dedos de Rossi passeavam pela imagem e, então...

- Ali, o cara feio com a cabeça de... um bode!

— Mais precisamente, o *Diabo* — seu tio o corrigiu. — Durer está dizendo que os templários viam o papa como o Príncipe das Mentiras porque ele escondia o caminho secreto para Deus do resto do mundo — seu tio fez uma pausa e começou a assobiar um concerto de Mozart.

Rossi olhou no relógio:

- *Zio*, precisamos mesmo nos mexer.

- Silêncio! Estou pensando — Giovanni disse, fazendo sinal com a mão para que ficasse quieto. — É isso. Agora me lembro — ele disse com os olhos brilhando. — As dimensões da gravura também apresentam uma dica simbólica. É quase uma relação exata de 10 para 13... um dia infame para os templários, lembra-se?

- Outubro... terça-feira 13? O dia em que foram cercados. E esse é o dia! — Rossi disse levantando-se.

Giovanni o olhava fixamente, com o olhar frio:

— Sente-se e mantenha o controle sobre suas emoções. Não deixe que lhe comandem.

Rossi reclamou e sentou-se novamente.

Giovanni sorriu:

— Mais tarde, quando o Grande Mestre Jacques de Molay foi queimado em praça pública, ele jurou vingança. Tanto o papa quanto o rei morreram no mesmo ano. De acordo com o número código da Cabala, eles dois dividiram a carta da... Morte.

— 666 — disse Rossi, rindo.

Balançando a cabeça, inflexível, seu tio prosseguiu:

- Não! Um, zero, seis — ele pegou uma caneta. — Jacob De Molay, papa Clemente e rei Filipe, o Justo, todos somam 106.

- *Zio*, chega desses símbolos e dessas aulas de história, por favor.

- Não me apresse, sobrinho. Max achou que isso era importante o bastante para me mandar com urgência. Ele não é tolo. Lembre-se de que para os adeptos do ocultismo, esse é um mundo cheio de símbolos e correspondências. Se você quiser entrar na cabeça deles, precisa ver o mundo como eles vêem. Se você tem um assassino serial, um sociopata, solto que acredita em astrologia você...

- Estuda astrologia para pegá-lo. Determina seu próximo passo — Rossi abaixou a cabeça em um pedido de desculpas.

— *Mi dispiace*, sinto muito, *zio*.

- Agora você está pensando da forma correta. Você conhece o baralho de Tarot?

- Aquelas cartas que as videntes usam?

- O baralho, também utiliza a alegoria e os símbolos para esconder uma sabedoria antiga que vem da época dos egípcios. O número 106 também é o valor de uma carta do Tarot... a carta da morte — Giovanni olhou para Rossi. — Agora, olhe para a parte inferior da imagem... vê o crânio sobre a bandeja?

Rossi fez que sim.

- Novamente, o *caput*, a cabeça e a data da bandeja...

- É só mais uma data — disse Rossi, dando de ombros. — Quinze... treze d.C.

- Não tenha tanta certeza. Não, na verdade é uma mensagem codificada. Uma mensagem horrível.

## Capítulo 50

Uma seqüência de vans e limusines estava parada na frente da base fixa de operações no aeroporto de Ciampino, em Roma. O vento uivava na rampa, o Learjet particular virou-se e taxiou até a parada, o som alto de seus motores diminuindo. A porta com o emblema da Igreja da Escatologia, um E em chamas entrelaçado a duas pirâmides viradas, abriu-se. Duas limusines e duas SUVs Mercedes seguiram em fila e pararam na base da escada. Um guarda-costas sério saiu primeiro, cumprimentou seus companheiros que estavam na base da escada e virou-se, sinalizando a seus superiores que a área estava limpa. Honora e Drago Volante, seguidos por uma tropa de empregados, saíram e foram para as limusines.

O vidro escurecido de separação ergueu-se para Volante ao tocar em um botão quando servia um caro *scotch* maltado na taça de cristal. Ele virou-se para Honora e disse:

— Que tal um brinde de celebração?

— Vou tomar uma taça — disse ela, reclinando-se no assento de couro e esticando suas longas e definidas pernas.

Ela usava um vestido Versace, creme, de mangas longas, logo acima do joelho com um cinto de couro escuro na altura dos quadris. Donnatella o tinha desenhado especialmente para ela. O material luxuoso destacava suas formas curvilíneas sempre que ela andava, lânguida, com a confiança de uma modelo de passarela.

Quando Honora retirou o par de luvas de couro que combinava com o cinto, ele ergueu a taça e entregou a ela. Eles brindaram.

— Como está nossa boa italiana? — ele perguntou. — Nossos amigos beduínos a estão protegendo como um tesouro para barganhas no caso das autoridades italianas tentarem interferir em nossos planos.

- Ela está bem, junto com Oba. Aquela bruxa repugnante, desculpe a expressão.

- Erro cultural — ele riu. — Oba é do oeste da África, foi encontrada no Templo Nigeriano. Sacerdotisa de um culto devotado à deusa do rio. Ela recebeu o nome da deusa nigeriana do Rio Oba, esposa do deus do trovão e protetor das prostitutas.

- É verdade que ela usa uma roupa mágica por baixo da bata e que não a troca há anos?

Volante deu de ombros:

- Ela cheira um pouco forte, não é? Eu nunca vi, mas é muito provável. É o seu... Mojo, funciona como um amuleto que contém seus poderes.

- É?

- Certamente.

Honora distraidamente mexia na orelha e depois arrumou a saia com a mão:

- Você continua pensando em usar nosso pequeno anjo negro da morte?

- Laylah é uma parte integrante do plano. Mas estou mais preocupado com o segredo supremo do *Le Cahier*.

— Então decifrou a mensagem? — ela perguntou, com a voz duvidosa. Ele soltou um sorrisinho:

— Ainda não, mas estamos muito perto. Ahriman jogou a armadilha e, em breve, terá as passagens pertinentes do *Le Cahier* decifradas por um amigo acima de qualquer suspeita, *professore* Giovanni. Estamos, entretanto, correndo contra o tempo. Suspeito que nossos rivais, os rosacruz, e seu pessoal da Inteligência Britânica já têm informações sobre o supremo segredo.

— Está falando do MI-6?

Volante fez que sim. Ele sabia que o Serviço Secreto Britânico tinha sido fundado por membros da ordem Rosacruz e que seus descendentes continuavam em atividade.

Honora franziu as sobrancelhas:

— Ainda não vejo qual o grande problema nisso, toda a história religiosa. As pessoas estão mais preocupadas com o casamento de J. Lo ou em saber quem está dormindo com quem em *Desperate Housewives* ou em como vão conseguir pagar pela nova SUV que consome horrores em gasolina do que em um monte de tolos misogênicos que viveram em cavernas séculos atrás.

Ela abriu sua bolsa de mão Chanel, tirou um tubo e retocou o batom, tirou o excesso com um guardanapo e brindou novamente.

Volante observou as próprias mãos por um momento, então, levantou a cabeça e disse calmamente:

- Aparentemente, principalmente nos Estados Unidos, sua avaliação está correta. Mas por trás da fachada consumista, artificial, as pessoas do inundo todo ainda carregam algumas

coisas sacrosantas. Mais de um bilhão de pessoas seguem a fé católica. Mas se os fizer questionar os ensinamentos que receberam desde a infância, questionar a veracidade de seus líderes religiosos, criará uma tempestade de dúvidas. As bases começam a balançar.

- Você quer que o castelo de cartas desmorone?

- Esse é o nosso objetivo e eles estão bem na minha mão. Os cristãos têm se aberto aos judeus, desencaminhados por nosso portentoso semear na mídia sobre o fim dos tempos. Colocar o evangelizador de televisão, Pastor Lee Kohinson em nossa folha de pagamento foi uma das boas idéias de Ahriman.

Honora cruzou as pernas e tirou o sapato; deixando-o pendurado na ponta de seus dedos enquanto mexia seu delicado tornozelo:

- Esses evangelizadores de televisão não passam de velhas putas em novas roupas.

- Não devemos julgar assim, querida. Você precisa reconhecer suas habilidades em tirar até o último centavo de velhas viúvas. Estou roubando alguns de seus melhores marketeiros. Nosso último estudo demográfico mostra uma forte queda nos números dos usuários de Viagra e dos membros na casa dos 30.

- Sim, nosso pão com manteiga sempre foram os desgraçados mais jovens, com sentimento de culpa e ambiciosos. Falando em ambiciosos, eu vi nosso palestrante cara de bebê, Gil Slade, na televisão na noite passada. Percebi que ele ter sido estrela de filmes enlatados o torna um forte endosso para os produtos do Instituto E, mas...

- É isso que ele é. Nosso departamento de RP monta o circuito padrão de entrevistas para destacar a nova paixão de Slade, a jovem atriz que é a mais desejada por quem tem entre 18 e 35.

- ... Suzie Wentworth?

- Sim. Então, qual o problema?

- Divulgação ruim, querido. Mostraram uma cena de Slade e Suzie na entrada da *premiere* de seu último filme de ficção científica.

- Exatamente o tipo de publicidade que queremos para todos os garotos americanos. O pessoal de RP soltou o boato de que Suzie está grávida. E os tablóides engoliram.

— Deixe-me concluir. No fundo da imagem daquela mulher que você coloca na sombra de Suzie, Eles aproximaram e a identificaram como sendo uma funcionária do Instituto E. Deduziram que estamos cuidando e monitorando todos os movimentos da Sra. Wentworth para que se torne membro.

Drago franziu as sobrancelhas:

- Entendo seu ponto. Vou ligar para a divisão de inteligência e mandar que deixem a Sra. Wentworth um pouco mais solta, com o cão de guarda um pouco mais recuado.

- A inteligência precisa recuar, ponto. Ultimamente eles têm estragado os trabalhos. A argumentação da não culpa de Little Nick no caso de abuso infantil foi destruída por causa daquela vadia barata que eles arranjaram... a mãe vítima, passou a ser uma fraude total, uma trapaceira. O júri viu isso nela. Um argumento de acusação nos garantiria os direitos sobre o álbum dos Beatles que vale cerca de 500 mil... e agora não temos.

Ele balançou a cabeça:

— É uma pequena consequência. Little Nick tem os direitos, mas um dos bancos de nosso grupo é que recebe. E o nosso "imperador do Rock" está dormindo em um hotel de um beduíno no Oriente Médio enquanto conversamos. Ele continua sob nosso controle. Além do mais, quando envolvemos Tanya Lee Tishly nesse vergonhoso casamento com Little Nick, colocamos nossas mãos nas posses do pai dela.

Os lábios dela começaram a se contrair e ela tirou o cabelo do rosto:

- Você poderia ter me contado. E quanto aos bombardeios?

- Estamos prontos. Nossos amigos islâmicos estão fazendo suas fitas de suicídio nesse mesmo momento. Os egocêntricos hipócritas mantêm as mulheres de lado, ao mesmo tempo, suas mentes são repletas de sonhos com as 70 virgens que os aguardam no paraíso.

Honora riu:

— Se esses pobres garotos soubessem alguma coisa sobre mulheres ou sobre sexo saberiam que uma prostituta experiente seria muito mais satisfatória do que 70 virgens e seus véus.

Ele parou e acendeu um cigarro:

— Precisamos trazer de volta os velhos tempos da religião

— Volante apontou para a cúpula de São Pedro que aparecia por trás dos telhados enquanto subiam a colina e disse solenemente: — Isso vai passar.

— Eu acho que isso é um erro — disse Honora, pegando um papelote de cocaína dentro da bolsa.

Ela trouxe a pequena colher e inspirou, depois esfregou o dorso da mão no nariz.

— O que você disse? — perguntou Volante, furioso.

Ela lhe ofereceu cocaína, mas ele recusou. Dando de ombros ela guardou a droga na bolsa e pegou a maquiagem.

— Laylah. Ela é instável, por Deus — disse Honora, com firmeza, enquanto passava maquiagem em seu rosto olhando-se no espelho da embalagem de pó compacto. — Você mexeu tanto na mente dela que ela virou um monstro.

Ela passou a sombra, fez uma cara feia e fechou o estojo. Volante deu o último gole em seu *scotch* enquanto a observava com um olhar frio:

— Laylah está completamente sob o nosso controle. Ela é brilhante e se adapta ao ambiente como um camaleão. Na verdade, ela já está no local, aguardando a chegada dele.

Honora virou-se para a janela do carro e suspirou, fingindo estar observando a paisagem enquanto seguiam para a cidade.

- E se Giovanni e Rossi ligarem os pontos? E aí? — ela perguntou, em tom desafiador, virando-se para ele.

- Se o fizerem usaremos o nosso tesouro para barganha. Além disso, o plano de Ahriman fará com que fiquem girando em círculos, concentrando-se no alvo errado. Então, quando acharem que se desviaram da tragédia maior, entramos com a vingança.

Ele sorriu maliciosamente e continuou:

— Agora, se você me desculpar, preciso fazer algumas ligações.

Ele pegou um telefone protegido Satcom, que não podia ser rastreado devido ao sistema de códigos que mudavam

automaticamente. Um micro-chip, ou um *chip* criptografado, era usado para as complexas seqüências de algoritmos. Sempre que usado, o esquema de criptografia era alterado. Ele discou o número para falar com seu operador no Vaticano, que usava um telefone similar.

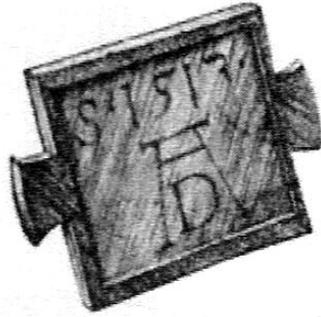
Enquanto isso, em algum lugar de Roma, o monsenhor Scarlotti estava na cama em um quarto escuro e frio. A luz entrou e o cegou. Piscando ele mal conseguia formar o contorno das figuras que estavam na cela com ele e que vinham em sua direção. Eles colocaram um saco preto em sua cabeça e o tiraram da cama. Suas pernas fraquejaram. Ainda de joelhos, eles o puxaram para o corredor.

## Capítulo 51

Giovanni prosseguiu:

— Olhe para a bandeja mais de perto.

"Se pegarmos o S, e substituímos os números da data na bandeja pelas letras correspondentes... transformando o 15 em O, e o 13 em N, e juntarmos ao AD, temos **SONAD**, um anagrama. De trás para frente temos a palavra de origem grega **DANOS**, que pode ser traduzida também como "queimadura", uma alusão a Molay, que foi queimado. Acho que Max concordaria que a mensagem oculta de Durer nessa gravura é: "Vamos buscar a vingança com um ardente inferno".



Por alguma razão inexplicável, como se fosse um presságio, a imagem das chamas tocando o corpo de Molay deixaram Rossi gelado.

Giovanni retirou os óculos, pegou um lenço e limpou as lentes. Então, olhou para o teto:

— A linguagem dos símbolos nos rodeia. Muitos pintores dessa era, Leonardo Da Vinci, para citar um, usava a geometria sagrada para ocultar uma mensagem em seus trabalhos.

— Como assim?

Seu tio apontou para cima, para o teto em tapeçaria:

— Primeiro perceba o símbolo acima da mulher virginal que está flutuando nas nuvens, rodeada por querubins.

Apertando os olhos, Rossi disse:

— É um olho em uma pirâmide, um símbolo dos Illuminati. Bem no Vaticano. E ela está segurando uma cobra?

— O olho dentro da pirâmide, apontando para cima ou para baixo, apareceu com freqüência na arte cristã. Às vezes colocado bem acima do altar, como na igreja de Fisherman, em Traunkirchen, outras, na porta, como na igreja do monastério de São Floriano, perto de Linz.

— Mas e a cobra?

— Mais precisamente um Ouroboros, o símbolo da regeneração. A serpente comendo sua própria cauda. Novamente, temos mais uma referência sexual.

Rossi fez uma careta:

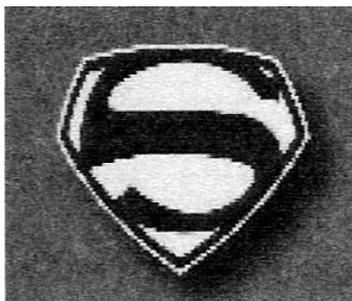
— Então acabamos de fazer um raio-X, a olho nu, de uma obra decadente no teto de um dos locais mais sagrados do mundo?

Giovanni piscou:

— O símbolo da serpente, representando a força, a virtude e os superpoderes pode ser visto ainda hoje na cultura popular.

— Superpoderes? — Rossi balançou a cabeça. — Por favor, *zio*. Agora você está misturando o mundo da fantasia de seus quadrinhos com o simbolismo religioso?

— Veja você mesmo — Giovanni pegou um gibi do bolso interno de seu casaco e apontou para o emblema no peito do super-herói: — A ponta do "S" mostra claramente o olho da serpente. E o escudo é um pentágono invertido.



— Acho que você tem lido muito Freud. Superman é tão americano quanto...

— Torta de maçã? — Giovanni o interrompeu. — Você já se perguntou por que a maçã é o símbolo do fruto proibido, do conhecimento proibido?

— Não. Mas tenho certeza de que você vai me contar mesmo assim.

Giovanni colocou a mão no bolso e pegou uma maçã. E sorrindo disse:

— Meu almoço.

Então ele vasculhou os bolsos de sua calça e achou uma pequena faca. Ele cortou a maçã ao meio, colocou uma metade no banco e apontou para o centro da outra parte com a faca:

— Preste atenção no centro... tem uma forma familiar, não tem?

Rossi inclinou-se para frente, para olhar mais de perto:

— Deus me perdoe. Um pentagrama!

Giovanni sorriu:

— Freud, com sua crença no esmagador poder da libido, quase acertou, mas Carl Jung chegou mais perto. Ele era gnóstico como muitos de nossos amigos templários. Acreditava no contato pessoal com Deus, sem intermediários, como a Igreja, por exemplo.

— Isso esvaziaria os cofres de Roma, assim como da maioria das demais igrejas, não é?

— Por isso os templários eram uma ameaça tão grande. O verdadeiro ponto que você precisa compreender é que não importa o nome que as sociedades secretas tenham, Illuminati, Rosacruz ou Cavaleiros de Malta, são todas a

mesma coisa. E, infelizmente, muitos líderes desses grupos foram levados à loucura pelo poder.

Giovanni pegou uma nota de um dólar no bolso, uma caneta marca-texto e prosseguiu:

— Mais uma coisa que gostaria de usar para demonstrar um ponto. Os fundadores da nação mais poderosa do mundo, os Estados Unidos, eram maçons e ocultistas velados — ele apontou para a nota. — Esconderam, na moeda mais usada no mundo,... um talismã mágico.

— Algo carregado com poder, como um amuleto? — perguntou Rossi.

— Muito bem — Giovanni traçou algumas linhas na nota.

— Vê como os dois selos são ligados por uma coluna onde se lê "Em Deus Nós Confiamos"?

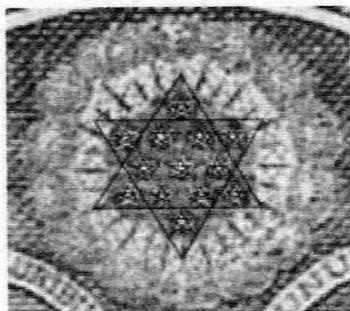


— Claro.

— Agora, quando você dobra a nota e coloca um sobre o outro, têm dois talismãs unidos por seus versos. Os dois selos com palavras de poder escritas dentro de um e nas extremidades do outro foram pensadas tendo como base esses talismãs mágicos encontrados na Grande Chave de Salomão, o mais infame livro do ocultismo ocidental.



— É o Selo de Salomão, assim como na tapeçaria acima de nossas cabeças.



Pegando novamente a gravura de Durer. Os olhos de Giovanni já brilhavam de contentamento e brilharam ainda mais quando ele disse:

— Agora que seus olhos se abriram, Sr. burocrata melindroso, encontre o desenho escondido aqui. E lembre-se, os templários foram queimados na fogueira por venerá-lo.

— Se você traçar uma linha da ponta da lança... até...

— Ai, meu Deus! — seu tio reclamou. — Nós não temos o dia todo. É um pentagrama ou pentágono invertido.

Rossi ficou branco:

- Então eles realmente veneravam o demônio.

- Você ouviu tudo o que acabei de dizer? Essa é uma calúnia espúria e subjetiva sobre um simples símbolo de regeneração.

Anteriormente os cristãos atribuíam ao pentagrama as Cinco Chagas de Cristo e desde então, até a época medieval, era o símbolo cristão menos usado. Os símbolos geométricos retratam a vida e o mundo à nossa volta — ele pegou um lápis e desenhou o pentágono: — Agora, se eu ligar os cinco cantos

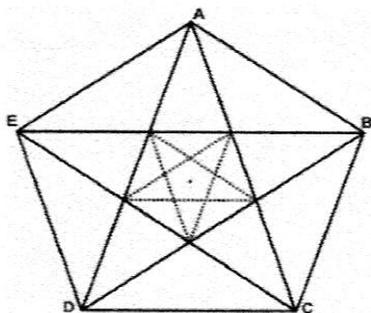
internos do pentágono... temos uma estrela de cinco pontas em pé. Imagine o homem vitruviano de Leonardo no meio da estrela, com os braços e as pernas estendidas. Assim, a estrela é o símbolo do homem, o microcosmo do macrocosmo do Universo.

- Estou acompanhando, prossiga.
- Veja o centro da estrela e verá as inversões claramente.
- Você tem razão... forma um pentagrama invertido, o escudo do Superman.

— E dentro do pentágono?

Rossi respirou fundo:

- Mais um pentagrama invertido.



- O poder da renovação.
- Ok, mas um símbolo de regeneração? Deus e sexo mais uma vez?
- Se não fôssemos férteis e não nos multiplicássemos, eu e você não estaríamos aqui tendo essa conversa. E Sua Santidade, o papa João Paulo II, fala muito mais sobre isso em seu Evangelho do Corpo.

Fortes holofotes se acenderam. Scarlotti estava de joelhos na frente de um bando de homens encapuzados. Mais um homem se aproximou e entregou a um deles uma afiada cimitarra. Então ele se virou e assumiu a posição atrás da câmera de vídeo.

## Capítulo 52

Enquanto isso, a Unidade Sombra estava posicionada no corredor do apartamento do fugitivo. Dante surpreendeu-se ao descobrir que o endereço que Rossi havia lhe passado pelo telefone realmente existia. Em verificação com o proprietário, descobriu que o aluguel tinha sido pago por ninguém menos que Claude, o proprietário do Café do Gato Preto. Ele achou que conseguiria o respeito de Rossi por seu bom trabalho de detetive.

Dante e Enrico cobriram a porta vestindo seus uniformes pretos e seus capacetes em kevlar, com as armas em posição. No telhado, uma segunda equipe aguardava para descer de rappel e entrar pela janela. Lorenzo monitorava tudo do apartamento de cima por uma microcâmera inserida por um pequeno furo pelo teto do apartamento do fugitivo.

Dante disse baixo:

- Ouço água corrente. Enrico concordou.
- Lorenzo, Dante. O que temos?
- Parece vapor saindo por baixo da porta do banheiro. Deixe me ver em volta. É um apartamento de um quarto, com algumas roupas espalhadas sobre a cama e uma pilha de louça suja na pia. Nenhum alvo visível.

- Roupas de mulher?
- Parecem meias-calças e calcinhas... vermelhas.
- Você consegue colocar mais uma câmera no banheiro e tentar escutar?
- Talvez se eu tivesse mais um par de mãos. Ok, um minuto.

A palma de sua mão estava suada e segurava a H&K MP-10, pressionando-a fortemente contra a parede. Dante disse:

- Unidade Sombra, alerta um — cobrindo o microfone com a mão livre ele disse para Enrico: — Você vai por cima, eu vou por baixo, ficou claro?

Enrico concordou e disse:

- Devíamos ligar para o chefe.

Dante balançou a cabeça:

- Depois de estragarmos tudo da última vez? Merda, não!... vamos levá-la conosco — seus olhos voltaram-se para Paulo que estava em posição para atirar no corredor, alguns passos à esquerda da entrada da porta, sua arma colocada na porta. Ele completou: — Eu vou chutar, jogar a granada e você entra primeiro.

O som do microfone:

- É mesmo uma mulher. Aqui, vou iluminar para você. Projetada no visor do capacete de Dante estava a imagem de uma mulher nua, em pé, com a cabeça para trás sob a ducha, seios fartos cheios de espuma, suas mãos passavam a esponja pela barriga definida e pelas coxas brilhando com a água.
- Lorenzo, você consegue pegar o rosto? — perguntou Dante.
- Repita...

— Coloque seu cazzo de volta nas calças. O rosto dela consegue uma identificação positiva?

— Negativo. Mas seu cabelo é longo e escuro.

— Entendido... Unidade Sombra, é Dante. Máscaras colocadas e visores abaixados. Entramos na minha marca.

Eles entenderam o comando.

Como uma máquina bem lubrificada, a unidade avançou. Simultaneamente, a porta foi violentamente aberta, a granada rolou pelo chão e foi detonada no flat com uma luz de cegar, e o vidro da janela foi estourado quando o agente desceu do telhado e entrou na sala. Outro agente agachado rolou pelo ar enfumaçado, com a máscara colocada. Dante entrou por cima, enquanto Enrico entrou por baixo. As luzes abaixo do cano das carabinas faziam rastros estreitos na pesada nuvem de fumaça.

— Está limpo — gritou Dante, com a voz iniciando uma seqüência de gritos vindos do banheiro.

Assumindo posições estratégicas na sala, com as armas colocadas na entrada do banheiro, Dante sinalizou para a porta com um gesto firme.

Quando Dante estava prestes a dar à mulher no banheiro a última chance para que ela se rendesse, a porta começou a se abrir lentamente.

— Ela está saindo – a voz de Lourenço disse pela escuta.

Dante estava tenso, observando do meio do corredor, com a ponta do dedo firme no gatilho, a respiração acelerada, como Darth Vader atrás daquela máscara.

Instantaneamente, vindas dos dois lados, mãos grossas agarraram os braços dela e jogaram seu corpo nu contra o

chão, prendendo seus pulsos para trás com fita adesiva. Enrico levantou o visor, habilmente procurando no meio de seu longo cabelo entre as coxas. Dante percebeu que os olhos de Enrico saltaram. Confuso, Dante sinalizou para ele, com a cabeça, a direção do corredor. Enrico a ergueu pelas axilas com a ajuda de Lorenzo e, juntos, eles a levantaram e arrastaram, de joelhos, até o corredor.

Quieta, ela continuava ajoelhada, com a cabeça baixa, uma cortina de cabelo escuro, molhado e embaraçado.

Eles tiraram as máscaras, Dante ficou na frente dela.

— Stronza — disse Dante, tirando o cabelo da frente e levantando seu rosto.

Seus olhos ferinos brilhavam de raiva, ela cuspiu na cara dele. Enfurecido, Dante limpou o cuspe dos lábios com a mão e deu um forte tapa com o dorso da mão na boca dela. Um pouco de sangue escorreu de seu lábio inferior.

— *Tua madre si da per niente!* — disse ela com a voz profunda, ofendendo a pureza da mãe dele e cuspidando o sangue que estava entre seus carnudos lábios.

Uma outra porta no corredor foi aberta, um rosto deu uma espiada e rapidamente a porta se fechou.

À distância sirenes soavam.

— Precisamos tirá-la daqui... agora! — disse Enrico.

Dante concordou.

— Existe algo que você precisa saber — disse Enrico, sem graça.

— Deixe para depois — disse Dante, rude.

Tomado pelo momento, Dante colocou seu dedo dentro da luva na cara dela. Antes que pudesse falar, ela abriu a boca e

lhe mordeu o dedo, virando a cabeça como um voraz gato selvagem. Ele uivou de dor e chutou o estômago dela com a bota. Ela soltou os dentes e se contorceu com a dor.

— *Mannaggia fessacchione!* ...maldita idiota — ele gritou enquanto colocava a mão ferida embaixo do braço, com muita dor.

— Você vai precisar tomar vacina anti-rábica e fazer um teste de HIV — acrescentou Paulo com sarcasmo.

Dante fez cara feia e disse:

— Coloquem-na de pé e a levem para a van.

Quando a colocaram de pé, Dante ficou paralisado, descrente. Ela era mais alta do que ele esperava, e no meio de suas pernas, um grande pênis estava pendurado.

Vendo sua expressão de choque, Enrico disse:

— Era isso que eu estava tentando dizer. Ela, ou ele... é um *finnochio*.

— Um transexual — corrigiu Paulo, estudando seu corpo.

— Belas *tette*, mas ele... quero dizer, ela, ainda não mexeu na parte de baixo.

Ela virou a cabeça, orgulhosa, e disse entre soluços, com a voz rouca:

— Claude ia me emprestar o dinheiro para a cirurgia, mas dizia que gostava mais assim.

Dante sentiu o sangue fugindo de seu rosto. Suas mãos foram até o bolso do casaco onde ele colocou a arma. Seu olhar fixo no tamanho do pomo de Adão dele, e subiu os olhos para seus olhos castanhos, fixos:

— *Ciposa*, feia cara de sapo — ele murmurou balançando a cabeça.

Ele pegou a foto para fazer a comparação, piscou, seus olhos iam da foto para o rosto, e vice-versa, vendo as delicadas e altas maçãs do rosto da mulher da foto.

Então ouviram passos descendo a escada e Lorenzo voltou perguntando:

— Onde está a minha amável Madonna? — ele olhou para o lado de Dante e seu queixo caiu. — *Palle!*

— Grandes como cocos verdes — disse Paulo, rindo maliciosamente.

Com o rosto pálido, Lorenzo balançou a cabeça e disse:

— Bem, *ciucciami il cazzo*, vamos sossegar o pinto. Sorrindo, ela piscou e disse com a voz grossa:

— Eu adoraria ajudar, querido.

— Será possível que você estivesse tão preocupado com suas *tette* que você ferrou a identificação e pegamos a pessoa errada, Lorenzo? — perguntou Dante, friamente.

— Rossi vai querer o meu rabo, não vai? — sugeriu Lorenzo.

— O de todos nós, senhores — disse Dante.

— Ah... parem com essas palavras baixas, garotos — ela disse. — Estou ficando excitada.

Quando todos olharam para baixo, ficaram horrorizados e Dante disse:

— Coloquem um cobertor... nela. Agora! E tragam-na junto. Vamos dar o fora daqui.

Lorenzo fechou o apartamento, com as mãos cobrindo os olhos.

Atrás dele, Dante gritou:

— Lorenzo, você fica, fala com os policiais e faz uma busca. Acha que consegue fazer isso?

A voz trêmula e fraca de Lorenzo disse:

— Vou ficar doente... não me deixem aqui sozinho com ela.

## Capítulo 53

Giovanni continuou:

— Mas há um lado pervertido, obscuro e obsceno do gnosticismo que ficou fora do Código Da Vinci. Para simplificar, certos segredos foram pendurados no degrau mais baixo da escada da iluminação espiritual de Jacob. Seus próprios egos devoraram suas almas e eles buscaram o Graal não-Santo, o Cálice de Judas, e se afundaram em uma viagem pelo poder. Ou, para usar outro termo da cultura pop... o lado escuro da força.

— Veneravam o diabo? O carinha com chifres e pés rachados.

Um sorriso suave:

— Você foi programado para ver a imagem de Zeus como um homem velho, barbudo, em um trono, como sendo o arquétipo de Deus. Você está se referindo a outro deus: Pan. Assim como a serpente, esse arquétipo foi corrompido pelos cultos, mesmo certos membros dos templários e os atuais maçons o vêem como o Senhor do Lado Escuro da Força. Mas o diabo não comanda o escuro. Não é um demônio com um forçado e cauda, mas sim o nosso próprio ego egoísta, aquela criança mimada que mora no fundo de nossas almas. Freud

entendia sua natureza. Ele acreditava que com o desenvolvimento saudável, normal, o superego, ou consciência, da criança acaba se tornando o comandante daquele pequeno demônio. O demônio que quer uma gratificação insignificante, recusa-se a compartilhar e venera a si mesmo e a seus poderes sobre os outros. Esses ocultistas mal direcionados deixaram esse pequeno vilão sair da jaula.

— Espere um pouco. E o carinha com a flauta, chifres e os pés rachados que seduzia as virgens nas florestas também era deus. Não. Agora você está errado.

— Você já ouviu a música do órgão na missa de domingo? Maravilhoso com aqueles belos e polidos tubos que vão até o teto das igrejas mais antigas?

— Lógico, mas...

— Bem, então você está aproveitando a flauta de sete tubos de Pan. Encerro o caso.

— Isso é distorção dos fatos.

— Já ouviu referir-se a Cristo como o Bom Pastor que levou seu rebanho à salvação?

Rossi fez que sim.

— A flauta de Pan é o instrumento padrão do pastor, então, o Bom Pastor, na arte cristã, costuma ser representado com uma flauta de sete tubos, a clássica flauta de bambu de Pan.

Embora Rossi tivesse a intenção de deixar a discussão enquanto estava ganhando, ouviu sua própria voz dizendo:

— Certo..., mas o que isso tem a ver com o cálice de Judas?

— Esse assunto vamos deixar para outra hora. Depois, os cristãos esconderam o fato de que os antigos judeus

veneravam a deusa, esposa de Yahuah, que os gnósticos chamavam de Sofia. Miguelângelo sabia da verdade e a pintou ao lado de Deus no teto da Capela Sistina.

— Refere-se à pintura onde o dedo do homem e o de Deus quase se tocam?

— Sim. Siga o braço de Deus até a Sua imagem e, ao lado dele... verá Sofia. Nas escavações em locais como Kuntiller Ajrud, no norte de Sinai, encontramos construções do século VIII ou IX com inscrições como: "Yahuah por seu Asherah". Isso prova que os judeus veneravam a fertilidade da deusa, uma mulher de seios fartos com um corpo parecendo um pilar.

— E o que é Asherah? — perguntou Rossi.

— A deusa que era venerada pelo rei Salomão no primeiro templo, em Jerusalém. A maioria dos judeus não sabe que eles honravam a esposa de Deus quando deram o nome ao seu país.

"Observe o nome, IS-RA-EL. É a trindade sagrada. Ísis... Ra... e El."

— Quer dizer...? — perguntou Rossi.

— Sim. IS é o princípio feminino; ou Ísis, a antiga deusa egípcia da fertilidade, a irmã de Osíris. RA é o princípio feminino; o deus do sol, a deidade suprema, representada como um homem coroadado com um disco solar.

Rossi foi levando o olhar lentamente até Giovanni e disse:

— Só tem uma coisa que você não explicou.

Giovanni levantou as sobrancelhas:

— Não, tenho quase certeza que cobri toda a base.

— *Zio*, por que o professor Schulman lhe enviou essa imagem?

— Quer dizer imagens. Algum professor... deixe-me ver...

— ele deu uma olhada na carta retirada do envelope — ...sim, Nemo Bugenhagen, de Viena, pediu a ajuda de Max para encontrar uma mensagem secreta nas gravuras de Durer. Max concordou com a teoria de Nemo de que as três gravuras tinham sido feitas para serem combinadas e, assim, passar uma mensagem para aqueles que pudessem decifrá-la.

Giovanni continuou lendo e prosseguiu:

— Sim, e Max foi capaz de decifrar alguns dos símbolos cabalísticos, mas sentiu que só tinha encontrado a primeira das três mensagens.

— Que era...

— Deixe-me ver... — disse Giovanni olhando novamente a carta. — Isso é bastante extraordinário. Ele diz que as gravuras são a chave para uma passagem encontrada no *Le Cahier de la Rose Noire*.

Rossi olhou confuso para seu tio.

— O livro que foi levado dos Arquivos do Vaticano —, explicou Giovanni. Outra figura caiu do colo de Giovanni no chão. Quando ele a pegou, seu rosto ficou branco como papel.

— O que há de errado? — questionou Rossi.

Com a voz trêmula de tensão, seu tio disse:

— Max escreveu uma nota aqui na margem. Diz que Nemo pediu que eu em particular recebesse essa ilustração de um templo maçônico... Max pede para que eu tenha paciência com a natureza aparentemente excêntrica de Nemo e cita a

frase que ele disse: "o *professore* vai precisar disso para encontrar seu amigo".

— Não entendi a piada — disse Rossi.

— Não é uma piada — Giovanni ficou mais pálido e bateu com a mão na testa. — *Mah!* Acaba de me vir à mente que Nemo, em grego, significa "ninguém". E temo que esse professor "Ninguém" esteja se referindo a ninguém menos do que o monsenhor Scarlotti!

Vindo do fim do corredor, pesadas passadas soavam no chão de mármore. Uma brigada do Regimento Aéreo da polícia vinha rumo aos aposentos do papa. Tomaram suas posições ao lado da guarda suíça que estavam em seus postos estratégicos. Vestidos com a farda azul-escura do exército, com as calças para dentro das botas de combate, Berettas e H&K PG-1 penduradas nos ombros e segurando uma arma, o GIS, *Gruppo Invento Speciale*, os oficiais fizeram com que a guarda suíça parecesse ter saído de um buraco espaço-tempo direto no presente. Um agente do GIS, com o rosto firme, com a patente de major, marchou até Rossi. Fingindo não notar o anacrônico guarda suíço ao seu lado, que lutava para marchar a passos tão largos quanto ele, seu rosto vermelho de indignação.

Simultaneamente eles gritaram:

— *Colonnello* Rossi?

Ele se levantou.

— Telefonema urgente para o senhor.

Como cães de ataque treinados respondendo à ordem do chefe, "corta", os dois oficiais viraram firmemente sobre os calcanhares, indicando, na linguagem militar, que Rossi

deveria segui-los. Rossi e Giovanni trocaram olhares e os seguiram.

### Parte III



**O** julgamento da Igreja em relação às Associações Maçônicas permanece inalterado já que os princípios sempre foram considerados irreconciliáveis com a doutrina da Igreja e, portanto, sua participação nelas continua proibida. Católicos que participam de associações maçônicas estão em estado de grave pecado e não devem receber a sagrada comunhão. Autoridades eclesíásticas locais não têm a permissão para pronunciar um julgamento sobre a natureza da Associação Maçônica, que pode incluir uma diminuição dos julgamentos supra citados.

**Cardeal Drechsler, declarando, novamente, o banimento da maçonaria pelo Vaticano, 1983.**

### CAPÍTULO 54

No escritório de segurança do Vaticano, Rossi levou o telefone até o ouvido. Na sua frente, uma seqüência de monitores de televisão trocando de imagem e o sistema de luzes de alarme piscando. As câmeras de vigilância

mostravam imagens ao vivo dos corredores e das salas. Sempre que o papa se movia pelo Vaticano, um supervisor, no escritório de segurança, monitorava cada um de seus passos. Com incrível precisão, equipes de guardas já estavam em seus postos, garantindo a segurança da área. Quando o papa saía de cada uma das locações, como uma rede computadorizada de portões de aço automatizados, os guardas tomavam suas posições, impedindo o acesso por trás. No canto de seu olho, Rossi viu a imagem do papa em sua roupa branca seguindo por um corredor, seguido por um grupo de cardeais solenes resplandecentes em suas casacas carmins e padres que vinham logo atrás.

— Sr. Rossi da SISD? — uma voz com forte sotaque árabe.

— Eu mesmo.

— Sugiro que coloque em viva-voz para que todos possam escutar. Ah, e também sugiro que grave.

Rossi sorriu para si mesmo e olhou para o oficial que estava como fone de ouvido prestando atenção em cada palavra e lhe disse:

— Coloque nos alto-falantes, por favor.

Então ele voltou a falar com quem estava do outro lado da linha:

— Pronto, todos podem ouvir.

— Muito bom. Agora ouça com atenção. Trouxemos a Sagrada Jihad até a sua porta.

— Seja mais específico. Nós quem?

— Acredito que se refiram a nós como al-Qaeda.

— Sou pedido?

— A imediata resignação do falso al-Nabi.

- Suponho que esteja se referindo ao papa?
- Correto. E à liberação de uma lista de pessoas injustamente presas por seu serviço de segurança.
- E se não aceitarmos?
- O padre, rotundo, com cara de bode que vocês chamam de Scarlotti, será o primeiro a morrer.
- Eu preciso de provas de que ele está vivo.
- Não entendo essa exigência.
- Prove-me que está com ele, que ele continua vivo.
- Veja o noticiário, signore Rossi.

Rapidamente Rossi rabiscou a solicitação de que colocassem em algum noticiário local e deslizou o papel para o guarda do outro lado da mesa. O major concordou e o guarda com o controle colocou no noticiário.

Na tela, apareceu a imagem do monsenhor Scarlotti. Atrás dele, três homens em pé, vestidos de preto, com o rosto escondido, os olhos escuros aparecendo por trás das *guitras* com xadrez em vermelho e branco, as cabeças encapuzadas. O homem no centro segurava uma grande cimitarra. Sua lâmina refletiu a luz, gelada. A câmera aproximou-se do rosto de Scarlotti. Os lábios inchados e rachados, o olho direito machucado e quase fechado de tão inchado, a face do terror e da agonia. A câmera passou para outra figura de preto que segurava o *La Repubblica* do dia nas mãos.

— A julgar pelo seu silêncio, percebo que teve sua prova de que ele está vivo — disse a voz.

A mente de Rossi desmoronou. Sua irmã mais nova, Bianca, era uma trabalhadora no campo de refugiados do Afeganistão. Ele tinha implorado para que ela voltasse para casa,

alertando-a da constante ameaça de seqüestro, da violência, mas ela usou a frase da mãe: "Deus me protegerá da tempestade do diabo". Sua última carta tinha sido há meses. Agora, em sua mente, ele via Bianca ajoelhada na frente daqueles homens de olhos escuros, e não o monsenhor Scarlotti. Os olhos vivos dela chorando, demonstrando o desespero. Sua suave voz implorando, "Carlo, me salva!".

A risada provocante do árabe do outro lado da linha o trouxe de volta à realidade.

- Por que estão fazendo isso? - perguntou Rossi, com a garganta trancada e o coração disparado.

— O falso profeta não fala contra a ocupação do Iraque, nem contra o sofrimento dos palestinos nas mãos dos zionistas. Em vez disso, fala em entendimento ecumênico e em concordar com a veneração em seus templos de blasfêmia. Seus servos atacam crianças inocentes, os cordeiros de Alá. E ele se faz de cego, preferindo não chatear a vergonhosa rameira, o ouro de satanás... os Estados Unidos.

À sua volta, guardas e oficiais do GIS estavam em pé, com os punhos cerrados ao lado do corpo, as faces enraivecidas. Seus próprios dedos seguraram a borda da mesa com tanta força que sentiu câimbra. Ele sabia que precisava manter a calma diante disso, manter o homem do outro lado da linha falando o máximo de tempo possível.

Do outro lado da sala, o oficial do GIS observava o aparelho que analisava a voz durante a conversa. Outro oficial sentado na extremidade da cadeira aguardava o resultado do rastreamento da ligação.

— À volta dele o passado é velado por lágrimas — prosseguiu a voz. — Os mártires do passado presenciaram os momentos finais da morte desse padre com cabeça de boi. A primeira pedra foi jogada na lagoa e sua repercussão será sentida em todo o mundo. Você tem uma hora. E, se duvidar de nossa sinceridade, veja, ouça e aguarde. Fique colado em sua televisão. Veja as chamas do inferno.

O som contínuo de discagem tomou seu ouvido.

## Capítulo 55

Na ante sala, do lado de fora da capela do hospital, Johnny Brett entregou o telefone Satcom de volta para Bast, que aguardava na porta, disfarçada de irmã Maria Benedita e estava guardando a porta.

— Bom, e como foi minha performance? — ele perguntou.

— Nada mal, um pouco acima da média, xeiue Alibaba — ela provocou.

— Críticos, todos são críticos. O que você esperava? O script que você me deu parecia um thriller de segunda.

— Você leu palavra por palavra? — ela perguntou, apertando os olhos. — Aquelas eram as suas instruções.

— Lógico que sim — ele deu de ombros e foi até as velas acesas.

Ele pegou o papel que ela tinha lhe entregue e colocou sobre uma das velas, deixando que a chama devorasse tudo. Ela o olhava fixamente. Ele segurou o papel tempo demais e queimou o dedo:

— Ai! — ele colocou a ponta do dedo na boca e virou-se para ela: — Então, quem é esse tal de Rossi? E de quem era essa ligação? A conexão estava horrível.

Os olhos atentos dela cortaram diretamente para ele, que completou:

— Ok... entendi tudo. Desculpe por perguntar.

— Você vai viver um pouco mais se esquecer que fez essa ligação. Ele concordou e perguntou:

— E o que fazemos agora?

— Esperamos.

## Capítulo 56

No escritório privado do comandante Stato, o cardeal Moscato estava largado em uma cadeira, com o rosto machucado, o olho direito fechado de tão inchado. Uma seringa no braço. Stato estava na frente da pia em seu lavabo privado, de costas para ele, lavando as mãos compulsivamente.

O padre Damien Spears encobria Moscato com seu enorme tamanho. Ele pegou seus dedos flácidos e conferiu a pulsação do cardeal na artéria carótida e ergueu uma das pálpebras dele. Virou-se para Stato e disse:

— Acha que ele ainda está desmaiado?

Stato aproximou-se, secando as mãos com a toalha e disse:

— O sódio pentotal e rohypnol já devem estar fazendo efeito. Vamos tentar.

Ele jogou a toalha sobre a mesa, pegou uma cadeira e sentou-se na frente do cardeal quase em coma. Spears puxou uma

cadeira e colocou ao lado da de Stato e, lentamente, soltou seu grande peso sobre ela.

— Cardeal Moscato, pode me ouvir? — perguntou Stato.

O cardeal fez um grunhido e mexeu um pouco a cabeça.

— Quanto você deu para ele?

— O suficiente para fazer um elefante cantar...

Spears olhou profundamente nos olhos de Stato e disse:

— Acho que você está gostando mais do que devia disso.

O olhar de Stato voltou-se novamente para o cardeal:

— Cardeal Moscato, esqueci o código de reconhecimento.

O cardeal se mexeu, mas permaneceu calado.

— Inferno. Ele não vai cooperar.

— Deixe-me tentar uma coisa — Spears curvou-se para frente e colocou suas pesadas mãos sobre os joelhos do cardeal. — *Buon Cugino*.

— *Buon Cugino*... — murmurou o cardeal.

Um olhar confuso ganhou a expressão de Stato.

— Significa "bom primo" — explicou Spears.

— Mas como você...

— Quando afrouxei seu colarinho encontrei esse medalhão em seu pescoço — Spears segurava a medalha pela corrente de ouro e a lançou para Stato.

— Parece uma medalha sagrada.

— A primeira vista parece uma medalha sagrada de São Teobaldo. Mas olhe mais de perto e você perceberá que o santo está segurando uma machadinha.

— Que santo?

— Explicarei em breve. Deixe-me concluir.

Virando-se para Moscato, Spears perguntou:

— E como, *Buon Cugino*, fazemos nossa vingança?

Virando os olhos, o cardeal soltou:

— DANOS!

— DANOS?

— A Operação Respiração do Dragão irá devorá-los com as chamas.

— Mas como? Quando? — pressionou Spears.

O rosto de Moscato começou a se contorcer, o corpo todo tendo espasmos. Ele ficou duro e tombou para a frente.

Spears aproximou-se e o chacoalhou violentamente. Sem respostas. Suspirando profundamente, virou-se para Stato:

— Não tem mais utilidade. Está gelado.

— Já tinha ouvido falar sobre isso, mas nunca tinha visto em ação — explicou Stato. — Aparentemente implantaram nele um mecanismo de bloqueio pós-hipnose. Chama-se Azriel Lock nas Operações Psy.

"Quando Moscato disse as palavras 'Operação Respiração do Dragão', funcionou como um ativador hipnótico, sinalizando para que sua mente se fechasse. Mesmo se eu lhe injetar um estimulante, no momento em que ele disser outra palavra ativadora, vai ser bloqueado."

Spears resmungou, desapontado.

— Mas, talvez, se me explicar sobre o medalhão que ele usava e o "*Buon Cugino*", possamos decifrar seu significado — sugeriu Stato.

— *Buon Cugino* é o sinal de reconhecimento dos Carbonari, uma sociedade política secreta, uma *società segreta*, que adotaram os nomes das carvoarias - Spears começou a explicar. - A machadinha denota um chefe,

considerando que um pequeno broche na lapela denota um aprendiz. Quando falam um com o outro, usam muitas expressões tiradas do antigo comércio de carvão. O local onde se reúnem é chamado de barraca ou choça; seu interior, *vendita* ou local de venda de carvão e os arredores, *foresta* ou floresta.

Stato balançou a cabeça:

— Quer dizer, assim como os maçons adotaram as ferramentas como o compasso e o esquadro como símbolos?

— Exatamente, porque os Carbonari são um braço da maçonaria estabelecido em Nápoles e na França no início do século XIX — os olhos do dominicano ficaram apertados. — Mas os símbolos apresentam significados mais profundos para membros do mais alto posto. No centro do esquadro o do compasso os maçons colocaram a letra G. Os membros da Loja Azul, inferior, recebem a informação de que representa o Grande arquiteto, entretanto, quando passam para o próximo nível, ficam sabendo a verdade... o verdadeiro segredo do Santo Graal.

Spears foi até o computador e entrou em um site. Colocou o símbolo maçônico na tela e continuou:



— O compasso representa o masculino, a ponta em coito com o esquadro, símbolo do feminino ou cálice. E, no centro do símbolo sexual, encontramos o "G", que representa gnose. O compasso e o esquadro igualam a posição do missionário. Imagine-se em pé, na frente do leito nupcial enquanto o casal faz amor — Spears fez uma pausa e olhou para Stato. — Está entendendo?

— Não tenho certeza se quero. Mas o Santo Graal é o Cálice de Cristo.

— NÃO! Para eles é o CÁLICE DE JUDAS. O cálice das abominações da Prostituta da Babilônia.

Stato estremeceu:

— Quer dizer que a Rameira das Revelações é o cálice?

— Um cálice vivo de depravações. Eles acreditam que tanto o masculino quanto o feminino fornecem o elixir mágico, que deve ser tomado, como a comunhão. Mas o ritual deles é totalmente de luxúria e a mulher não é colocada em um pedestal; na verdade... costuma ser vítima de cerimônias de estupro grupal. Essa é a verdadeira natureza do chamado ritual "sagrado" dos Hieros Gamos. Depois, bebem diretamente do Cálice de Judas, da vagina da rameira.

— O elixir mágico é o próprio sêmen deles?

— Os símbolos da alquimia, da mesma forma, são um código: as pombas brancas simbolizam as secreções vaginais; o dragão vermelho, o sangue menstrual e a serpente, o espermatozóide. Os perversos misturam seu elixir "gosmento" com o da deusa, o sangue menstrual, e tomam como comunhão diretamente do Cálice de Judas!

O rosto de Stato ficou vermelho, depois verde, enquanto ele ouvia tudo.

Moscato gemeu. Virando-se por causa do som, Stato achou ter visto um pequeno sorriso nos lábios do cardeal.

Uma luz pequena, âmbar, pulsava e chamou a atenção do chefe de segurança. Significava que o papa estava se movendo por algum lugar dentro do Vaticano. Os olhos de Stato focaram o circuito interno de televisão que seguia os passos do papa.

## Capítulo 57

Um grupo de oficiais estava amontoado na frente do monitor no centro de Comando da segurança do Vaticano. Rossi acendeu um cigarro e tentou conseguir algum prazer, acalmar seus desgastados nervos. Um oficial da guarda suíça sentou-se enquanto falava ao telefone. Rossi deu-lhe um tapinha no ombro e perguntou:

— Alguma informação sobre a localização?

O técnico olhou para cima e o analisou por um momento, sem olhá-lo nos olhos disse:

— Acho que o comandante Stato deveria...

— E onde está Stato? — questionou Rossi.

— Deu ordens para que não fosse incomodado — disse o técnico, sem jeito. O major do GIS apareceu ao lado deles e pegou o telefone da mão do técnico. Disse algumas palavras, curtas e grossas, no aparelho e desligou. Olhando pela sala, fez sinal para que Rossi o seguisse para um canto mais separado do ambiente.

— Ok, estou prestando atenção. O que foi, major? — disse Rossi.

— Meu nome é Brazi, senhor. Eu não confio nesses oficiais da guarda suíça.

A impaciência tomou o rosto de Rossi:

— Vamos deixar as disputas para outro dia ou você vai estar lambendo as botas do ministro de Interior dentro de cerca de três segundos. Entendido?

— *Capisce*. É que a central me disse que a ligação veio de dentro do Vaticano.

Rossi suspirou e ficou olhando para Brazi em silêncio por um momento:

— E a gravação?

— Foi entregue ao Escritório de Imprensa do Vaticano. A fita e o pacote foram enviados para a CCIS para processamento. Vão fazer o trabalho usual que fazem com os vídeos para tentar determinar uma localização.

— E a análise da voz?

— Também já temos a análise de um lingüista. Sem máscara, adulto, sexo masculino, meia-idade ou um pouco mais. Mas o padrão do discurso mostrou fluência.

— Mentiras?

— Sem mentiras, exceto por uma resposta. O lingüista disse que está mais para... uma mudança geográfica não específica de um dialeto do Oriente Médio para a costa americana.

— Qual resposta foi uma mentira?

— Quando o senhor pediu que fosse mais específico e ele disse... "al-Qaeda".

A cabeça de Rossi caiu para trás, como se tivesse tomado um leve soco no queixo:

- Conclusão primária?
- Possivelmente pretexto étnico fabricado.
- Um impostor?
- O lingüista usou outra palavra... o chamou de ator.

Do grupo de oficiais em volta do console com os controles, um som foi ouvido.

Simultaneamente, Rossi e Brazi viraram-se para o som.

Todos os olhos fixos na tela da TV. Um jornalista estava do lado de fora de Termini, a estação central de trens em Roma, localizada a leste do Vaticano, do outro lado da cidade.

Veículos de emergência parados atrás dele, com as luzes das sirenes piscando no meio da fumaça e do pânico das pessoas que saíam da estação, com os rostos cobertos de fuligem e sangrando, os olhos arregalados de pavor.

A voz intensa do repórter preencheu a sala:

- Testemunhas relatam que quando o trem vindo de Nápoles estava saindo da estação, ele explodiu, seguido, momentos depois, por várias detonações no terminal em si. Em segundos, uma parede de chamas cobriu o terminal. Estilhaços se espalharam pelo ar. Um passageiro diz ter ouvido a explosão e, na seqüência, uma chuva prateada, que era, na verdade, fragmentos de vidro que penetraram no lado direito de seu rosto, deixando o outro lado intacto. Relatórios não-oficiais dizem que pouco antes da explosão, um homem cobriu a cabeça e gritou algo que uma das testemunhas chamou de "delírio em árabe" —, uma imagem embaçada de passageiros dentro do terminal apareceu. Com lenços no

rosto, eles corriam no meio dos escombros e de partes de corpos. — O que estamos vendo são imagens capturadas pela câmera do celular de um sobrevivente imediatamente após o ataque.

Rossi passou os olhos pela sala. Uma estranha combinação de medo e raiva estava estampada no rosto de cada um.

Rapidamente, Rossi pegou um telefone seguro e ligou para o escritório.

Enrico atendeu.

— O que aconteceu em Termini? — perguntou Rossi.

- Dante acabou de ligar. Relatórios preliminares indicam o mesmo explosivo usado nos ataques de 11 de março na Espanha, mas dessa vez parece que eram homens-bombas. Combinando-se isso com a ameaça de decapitação certamente parece o grupo de Zarqawi da al-Qaeda.

— O cabeça por trás das decapitações em vídeo no Iraque — concordou Rossi. — Al-Zarqawi decapitou pessoalmente um americano na frente das câmeras. Os americanos dizem que ele participou da ajuda oficial dos Estados Unidos a Amman, na Jordânia e nos bombardeios de Casablanca e Istambul.

— Colocaram 25 milhões pela cabeça dele. Ele era jordaniano, não era?

— Certamente, ele era um combatente livre treinado e apoiado pela CIA para lutar no Afeganistão. Depois de baterem os soviéticos ele voltou para a Jordânia. Os jordanianos o colocaram atrás das grades por sete anos por ter ajudado na queda da monarquia e conspirado sobre o estabelecimento de um califado islâmico. Mas quando o

soltaram, ele fugiu para a Europa e começou a comandar células terroristas na Alemanha. Um dia depois e com menos dinheiro, os jordanianos provaram sua culpa nos atentados contra turistas israelenses e americanos.

— Mas ele não foi exterminado quando bombas de 250 kg pulverizaram sua casa não tão segura assim?

Rossi deu de ombros:

— Corte a cabeça de uma hidra e outra cresce em seu lugar.

Com a voz engasgada, Enrico disse:

— Tem outra coisa. A vigilância do aeroporto gravou a chegada de dois agentes da NSA.

— *Le palle*, as bolas desses *stronzos*! Quem eram?

— Dê-me um segundo para verificar, chefe.

Rossi podia ouvir o som dos dedos de Enrico no teclado verificando a informação. Enrico disse:

— Lá vamos nós. Você não vai gostar disso. É aquele velho cavalo de guerra, o agente especial Peter Manwich, e...

- Aquele gordo pomposo de merda! - Rossi respirou fundo e continuou. — Aquele boçal, Manwich, é um canhão desgovernado. Fort Meade utiliza ele para projetos de operações obscuras. O homem tem a integridade de uma hiena no cio. Quem é o outro agente?

— Nunca ouvi falar nele, deve ser algum novato qualquer.

— O infeliz tem um nome?

Rossi sabia que por todo o mundo, todo agente do serviço secreto tinha uma estima especial por novos agentes que eram somados à equipe, peixes novos que precisavam aprender as

funções testando a paciência desses experientes agentes de campo.

— Kyle, agente Kyle — disse Enrico ao voltar ao telefone. Rossi buscou na memória, mas não encontrou nada:

— Distribua fotos dele e coloque vigilantes atrás deles. Coloque um sistema de GPS no carro deles e um pequeno localizador neles se puder simular um esbarrão quando estiverem na rua.

Já se passou o tempo em que a vigilância precisava ser feita por agentes que ficavam seguindo seus alvos, tentando se aproximar sem serem notados. Agora, os vigias podiam ficar sentados, confortavelmente em seu cano, com um laptop com o software que mostra as imagens do rastreamento em tempo real em um mapa da região. O sinal também poderia ser transmitido novamente pela Internet para um centro de comando em qualquer local do mundo. Rossi prosseguiu:

— Quero saber cada movimento deles. O que almoçaram... o que é que estão fazendo na minha área.

— Considere isso feito, chefe.

— Ok, de volta ao bombardeio. Vítimas?

— Ainda não temos a contagem dos corpos..., mas parece grave — disse Enrico com a voz fraca.

— Quero que você coloque dois esquadrões em standby e coordene com a base da força aérea de Pratica di Mare. Diga para a Unidade de Comando dos Guardas do *Raggruppamento Elicoteri* para colocarem helicópteros para dar suporte aos nossos esquadrões. Eu posso precisar que você esteja no ar no caso de uma notícia.

— As bombas no trem e o seqüestro do padre têm relação? Estranha coincidência.

— Não existe essa coisa de coincidência no nosso ramo, Enrico. Apenas deixe as equipes preparadas e mantenha-me informado. Ah, e mande outro helicóptero para mim aqui no Vaticano.

— Certo, três helicópteros. Mas você não quer saber notícias do Claudio?

— Merda. Tinha me esquecido. Como ele está?

— Não muito bem, chefe. Uma infecção viral muito rara, mas estão tentando estabilizar o quadro dele.

— Qual a fonte?

— Continua indeterminada.

Rossi respirou fundo:

— Arranje também um estoque extra de antídoto para esse vírus com o departamento de bem-estar, só para garantir.

— Garantir o que, chefe?

— Garantir no caso do meu palpite estar certo.

— Você também tem um recado.

— Pode falar.

— Era uma mulher. Dante disse que a voz era sensual.

— Poupe-me dos comentários.

— Disse para lhe dizer "as time goes by", ou "com o passar do tempo".

Rossi engoliu seco. Seu coração acelerou:

— Ela deixou um número?

— Não, essa é a parte estranha... ela disse que tinha o número do seu celular e que entraria em contato.

Rossi desligou.

A porta da sala abriu-se repentinamente e Giovanni entrou correndo, tão rápido quanto sua perna podia carregá-lo, os olhos vidrados:

— Acho que sei onde Scarlotti está. Alguém poderia, gentilmente, me fornecer uma cópia da fita de áudio?

Ninguém se mexeu.

Rossi olhou para Brazi, que concordou e gritou:

— Alguém dê a fita para esse homem, e agora!

O telefone tocou e um guarda jovem atendeu. Seu rosto ficou branco, ele murmurou um curto "imediatamente, senhores", e desligou.

— Imediatamente? — perguntou Rossi.

Quando iam para a porta, o celular de Rossi tocou e ele atendeu. Uma suave voz sussurrou:

— As Time Goes By, Carlo.

## Capítulo 58

A voz da mulher o tomou como uma onda gelada. A imagem de seu rosto, seus olhos brilhantes, cor de topázio azul, os lábios carnudos e macios lhe arrepiaram a espinha. Fazia anos que ele a tinha conhecido, quando ainda era um adolescente. Primeiro amor, inesquecível. Então, novamente por acaso, seus caminhos se cruzaram em uma missão no Cairo. As coisas não estavam muito bem em casa com sua esposa, Isabella; ela detestava ser deixada quando seu trabalho exigia que ele fosse viajar pelo mundo. Os ânimos se alteravam e eles trocavam palavras duras, palavras que não podiam ser esquecidas. Um olhar choroso quando ele saía para o

aeroporto. Sem despedidas, sem beijos, só um olhar perdido, molhado e ela se virava.. Dois dias antes, cansado de ouvir ela desligar o telefone na cara dele sempre que ele ligava, decidiu sair mais cedo do escritório e ir atrás dela. Ele percebeu tarde demais o grande erro que tinha cometido. Às vezes é melhor não saber a verdade, às vezes é melhor não ver a imagem dela de mãos dadas com o chefe, os dois de braços dados entrando naquele pequeno e sujo hotelzinho no fim da rua ao meio-dia, pois essas imagens o atormentarão para sempre.

A missão no Cairo era de prioridade máxima. O navio italiano de passageiros, Achille Lauro, tinha sido seqüestrado quando estava na costa do Egito por quatro terroristas palestinos. Um passageiro judeu-americano, inválido, Leon Klinghoffer, tinha sido baleado e jogado ao mar em sua cadeira de rodas. Depois de se renderem às autoridades egípcias no porto, o presidente do país, Mubarak, deu aos terroristas, passe livre para saírem do país. O líder do grupo terrorista pela libertação da Palestina, Abu Abbas, tinha viajado de Turim para o Cairo para acompanhá-los.

Rossi foi enviado para fazer a vigilância e passar a localização para o departamento antiterrorismo.

Até hoje, Rossi se lembrava daquela noite como se estivesse fechado em um globo de vidro, esperando ser acordado para a vida. Sentado no bar do hotel Salam Hayat, tomando seu drinque e aguardando seu contato egípcio aparecer, viu uma mulher estonteante indo até as equipes de imprensa que se encontravam ali. Quando passou por ele, ela sorriu e deixou o rastro suave de seu perfume como uma leoa marcando seu território.

Quando estava seguindo seu caminho, ela virou a cabeça e olhou rapidamente na direção dele. Seus olhos brilhavam pura sexualidade. Ele ficou encantado. Sem compromissos, sem expectativas e a quilômetros de casa... por que não? Ainda assim ele se sentia desconfortável. Algo nela parecia muito familiar.

Ele foi até a mesa onde ela estava, pagou-lhe um drinque e conversaram um pouco. Ela disse que se chamava Alexis, uma jornalista *freelancer* que estava cobrindo o seqüestro. Ele sabia que era mentira, mas realmente não estava preocupado. Quando seus olhares se cruzaram, por apenas um segundo, ele detectou um sinal de reconhecimento, como se ela parecesse uma antiga amante ou amiga depois de muitos anos. O ar pulsava a tensão sexual enquanto o pianista tocava *As Time Goes By*, o tema de Casablanca. Depois de um tempo ela pediu desculpas e foi ao toalete feminino. Mas antes perguntou, com os olhos carentes, se ele ainda estaria ali quando ela voltasse.

Ele pediu mais uma rodada de drinques, olhou no relógio. Seu contato estava atrasado.

Então ele o viu, um pequeno homem, abrindo seu caminho pelo bar lotado e vindo em sua direção. Os olhos estreitos e pequenos do homem miravam o bar quando ele informou em que vôo os terroristas embarcariam e quais os acordos com a segurança. Então ele escreveu a informação em um pedaço de papel e deslizou pela mesa. Rossi entregou-lhe o envelope com o pagamento escondido dentro do jornal e o funcionário da companhia aérea se levantou, despediu-se e sumiu no meio da fumaça de cigarro que cobria a sala.

Ele olhava pela sala, a procura dela, então seu sexto sentido falou mais alto. Os pelinhos de sua nuca ficaram arrepiados. Instintivamente, ele se levantou da cadeira e caminhou, ansiosamente, até os toaletes. Colocou a cabeça na porta do banheiro feminino e chamou por seu nome. Nenhuma resposta. Foi quando ele ouviu. Um grito abafado.

Vinha de fora.

Sem pensar, ele abriu a porta e sua mão, instintivamente, procurou a arma em seu quadril. Ele se xingava enquanto corria por não ter trazido arma nenhuma. Como estava usando a identidade falsa de um repórter para evitar problemas com o serviço secreto egípcio, ele não tinha usado o passaporte diplomático ao entrar no país. Poderia ter sido revistado e simplesmente não teve tempo para conseguir uma posse de arma com a embaixada. Apesar do que era retratado nos filmes, Rossi logo aprendeu a verdade. Os agentes de inteligência, ou qualquer agente que esteja visitando um outro país, mesmo aqueles sob proteção de estar na lista do livro azul de visitantes ou registrados na lista diplomática (e ele não estava no caso dessa operação), ficavam à mercê da máquina burocrática do país no que se tratava do porte de armas. Quanto menos amigável o país, mais restritivas são as regras para o porte de arma; maiores as chances de pegarem pesado com os agentes e os tipos de armas permitidos. Embora armas sejam transportadas rotineiramente nas malas diplomáticas, a verdade é que portar uma é outro problema. Na maioria da América do Sul tudo é simples, na Europa já é mais complicado, e no Oriente Médio é um pesadelo. Rossi

poderia estragar toda a missão de vigilância se, inadvertidamente, estivesse com uma arma.

Outro grito veio do corredor oposto. Ele se virou e seguiu por outra direção.

Mais gritos.

Ele abriu a porta com um chute e entrou na rua.

Lá, presa contra a parede, com um braço lhe travando o pescoço, estava a origem dos gritos. Os olhos arregalados do jovem árabe olhavam a lâmina da faca que estava a poucos centímetros de sua córnea. O suor brilhava em seu rosto agora tomado pela raiva. Alexis estava em pé, empurrando-o contra a parede. Ela fazia perguntas em árabe para ele. Suas respostas eram falsas, o discurso inarticulado. Os olhos de Rossi olharam o chão, uma seringa usada estava nos pés de Alexis.

Ele deu um passo a frente. E a cabeça dela se virou, seu olhar congelante fez com que ele parasse. Ela disse:

— Fique fora disso! Não é da sua conta, volte para os seus drinques.

Embora parecesse drogado, o árabe viu sua chance. A mão dele se virou e colocou uma faca contra a garganta dela. Ela esquivou, deu um passo para trás e soltou a faca.

O árabe se lançou contra ela. A lâmina cortou seu peito, rasgando a blusa dela. Um calor quente escorreu de seu seio.

Tirando o casaco e amarrando-o no braço, Rossi gritou:

— Vem aqui, Abdul. A moça já teve o suficiente.

Como hienas, eles se encararam, com os olhos apertados, aguardando. O árabe abaixou a faca, jogando-a de um lado para o outro enquanto se movia, parecendo bêbado. Mas Rossi continuava concentrado na mão do homem. A lâmina veio,

mas Rossi defendeu-se com o braço, pegou com firmeza o pulso do árabe. Com o estalar da cartilagem a faca caiu de sua mão.

Enquanto o homem estava abaixado, com muita dor, Alexis calmamente veio aproximando-se e colocou a ponta de seu sapato de salto no meio das pernas dele e pisou no seu saco.

Com a voz engasgada, buscando o ar, ela disse:

— Já tenho tudo sob controle.

Rossi abaixou-se e pegou a faca:

— Claro que sim. Suponho que vá me dizer que estava dando a ele uma aula de dança.

Ela sentia dor, mas se recompôs:

— Ele me atacou na saída do toailete, trouxe-me para o beco e quase...

O árabe gritou:

— Sua puta mentirosa!

Ela se virou e deu um chute no rosto dele. Ele chorou em agonia. A blusa dela estava destruída, seu seio esquerdo levemente coberto com sangue, seu batom todo borrado.

— Por que não coloca isso? — ofereceu Rossi pegando o casaco.

Então ele pegou um lenço e entregou-lhe, apontando para os lábios. Ouviram vozes vindas do corredor.

Segurando-a pelo cotovelo, com firmeza, correram pelo beco.

Alguns minutos depois de um telefone público em um hotel próximo ao local, ele ligou para a embaixada. Mas quando foi procurar no bolso o pedaço de papel com as informações, viu que não estava mais ali. Ele procurou freneticamente.

Olhou para o outro lado do saguão e viu Alexis conversando com um homem baixo de cabelos pretos com alguns fios brancos. Ele tinha sobrancelhas grossas e um nariz reto. Rossi o reconheceu como um Kasta local da Mossad. Ela entregou alguma coisa para ele. Ele sorriu, trocaram algumas poucas palavras e ele partiu.

Rossi desligou o telefone e tentou decifrar o rosto dela. Não conseguiu.

— Acredito que a informação foi passada para as mãos certas — disse Rossi.

Ela deu um sorrisinho:

— Uma hora depois da decolagem, quatro Tomcats F-14 americanos interceptarão a aeronave e a farão aterrissar em uma base da OTAN na Sicília. Então os alvos serão enviados para nosso governo para o processo. Queríamos explodir o avião, mas o Cowboy da Casa Branca não permitiu.

Ele balançou a cabeça.

— Você me pegou. Mas e quem era o cara do beco na verdade?

— A verdade: me seguiu até o hotel e entrou no banheiro feminino atrás de mim.

— E a seringa?

— Acho que gostava de mulheres mais lentas. Provavelmente queria me vender no comércio de escravas brancas. Só dei a ele uma dose de seu próprio remédio.

Lá em cima, em um dos quartos do hotel, ele a pegou em seus braços e eles caíram na cama. Ela acidentalmente bateu a cabeça na cabeceira. Eles riram. Ela beijou o lábio superior dele suavemente, usando a língua para abrir a boca. Então,

explorou avidamente o interior de sua boca. Ele respondeu, quase hesitante, como se estivesse com um leve sentimento de culpa. Ela mordeu o lábio dele delicadamente.

Quando ele pegou em seu seio, Alexis arrepiou-se:

— Tudo bem, foi só um corte, já parou de sangrar.

Ela pegou a mão dele e a guiou pela lateral de seu corpo, até a barriga.

Quando os dedos dele encontraram a suave curva de sua coxa ele percebeu a marca de nascença. Ela tremeu com a energia, com o desejo. E com a voz ofegante sussurrou:

— Me possua.

Depois do sexo eles ficaram deitados, fumando e conversando.

Seus olhares se encontraram:

— Carlo, foi melhor do que a nossa primeira vez?

Sem perder tempo ele respondeu:

— Da primeira vez que fizemos amor, Josie, quando éramos crianças lá em Roma, foi a minha primeira vez com uma mulher. E nada pode superar isso.

Ela ficou olhando para ele, sem acreditar. Sem aviso, ela se virou e deu-lhe um tapa forte:

— Desde quando sabe que sou eu?

Ele apontou para a pequena marca de nascença em forma de coração na coxa dela. Ela riu o deu outro tapa nele

— Esse é por ter mentido para mim hoje e por ter me trocado por aquela esnobe.

Rossi passou a mão no rosto, onde tinha apanhado:

— Eu não te troquei. Seu pai descobriu sobre nós e mandou você para os Estados Unidos, lembra?

— E aquela garota, baixinha e dentuça?

Rossi franziu as sobrancelhas, tentando buscar na memória. Josie se aproximou:

— Eu vi vocês saindo da biblioteca. Ela beijou você!

Rossi começou a rir descontroladamente. Ela deu um soco no braço dele. Ele segurou o pulso dela e a puxou para perto. Ela relutou, tentou se desvencilhar, mas já que estava por cima, o apertou entre suas coxas, pressionando-o contra o colchão.

— Era minha prima Lúcia — disse ele tentando respirar.

— Eu a ajudei com um trabalho para a escola. Juro que foi só isso.

O queixo dela caiu. Os dois se beijaram intensamente. Ela estremeceu, seus lábios tocando o pescoço dele, sua respiração quente contra a pele dele. Fizeram amor novamente.

Depois, deitaram-se lado a lado, com os dedos entrelaçados delicadamente, uma reafirmação e uma sensação reconfortante de formigamento passava pelas mãos deles enquanto falavam sobre as carreiras, os sonhos e sobre momentos difíceis do passado, como o caso da esposa dele com o chefe. Ficaram surpresos, mas não chocados, por terem, os dois, escolhido o caminho das agências de inteligência. Por fim, dormiram, juntos, entre os lençóis frios. Ele sempre teve o sono leve, o que era essencial para sua profissão. Um tipo de aviso intuitivo veio de seu sono. Ele abriu os olhos e permaneceu imóvel, esperando que sua mente encontrasse o que seu instinto tinha lhe mostrado.

Alguns sussurros, um resmungo. Palavras pela metade fluíam na escuridão.

Imaginando a direção de onde vinha o som, ele se sentou e ficou com os olhos e com os ouvidos investigando as sombras.

Mas não tinha nenhum intruso no quarto. As palavras vinham da boca de Josie. Ela se virava na cama violentamente, seus olhos se moviam, as mãos seguravam os lençóis com firmeza. O suor deixava seu rosto brilhando.

Ele aproximou-se para tocá-la e recuou.

Uma respiração engasgada na garganta. E, de repente, uma estranha calma tomou a expressão do rosto dela. Ela disse em voz alta:

— Quarto escuro. As paredes se fechando. Cada vez mais perto... mais perto.

Era a voz de Josie, mas mais baixa, mais grave, como se viesse de seu peito. Suas costas se curvaram e os sussurros inarticulados voltaram a sair de seus lábios.

Ele decidiu tentar acordá-la. Colocou as mãos em seus ombros e disse seu nome com força. Ela tremia nos braços dele e, finalmente, acordou.

— Está tudo bem. Você está a salvo — ele disse, reconfortando-a.

Então ele tirou os cabelos molhados de seus olhos. E acariciou seu rosto enquanto as lágrimas lhe molhavam os dedos.

— Terrores noturnos — ela disse com a voz distante e um sorriso forçado.

Ele concordou.

Ela contou para ele que tinha sido capturada por militantes. Foi enterrada por dois dias, com um pequeno cano que ia até a superfície para que tivesse ar. Foi resgatada e recebeu o diagnóstico de estresse pós-traumático, que se manifestava na forma de claustrofobia e de pesadelos.

Ele ouvia, cativado por sua *vulnerabilità*.

Embalada nos braços dele ela rapidamente voltou a dormir. A luz da manhã o acordou. Ele pensou se a encontraria ainda nas mãos de seus demônios. Ao virar-se para o lado viu que a cama estava vazia. Ela tinha partido.

— Carlo, você está aí? — a voz dela veio pelo telefone e o tirou de suas lembranças, ainda um pouco tonto.

— Josie? — disse ele. — Onde você está?

— Perto... muito perto.

Giovanni o observava, perplexo. Rossi ergueu a mão para indicar que era uma ligação importante.

Quando o oficial da guarda suíça começou a protestar, Rossi olhou com firmeza e fez com que se sentasse.

— Preciso da sua ajuda, Carlo. Eles estão com o meu tio Lotti — disse Josie com a voz engasgada.

— Quem são? Al-Qaeda?

— Que nada! A Irmandade. Precisamos encontrá-lo... encontrá-lo antes... — a interferência cortou a voz dela.

— Irmandade?

Com a voz cortada pela interferência ela disse:

— É muito complicado. Mas verifique o Instituto E, e procure as telas de fumaça. Tudo o que posso dizer, por ora, é que as coisas não são o que parecem. E, Carlo...

— Estou aqui.

— Eles também mataram o meu pai.

— Sinto muito pela sua perda. Quer que eu conte ao meu tio?

Ela fez uma pausa de alguns instantes e, então, disse:

— Meu pai respeitava muito o *professore* Giovanni e, como o meu pai, ele é um homem muito sábio. Mas, Carlo...

— Você acha que eles vão querer tirá-lo do caminho.

Em seguida, um longo silêncio, só o vazio da ligação. Ele podia ver seu belo rosto se fechando com a preocupação. Ela falou:

— Se ele souber muito, e o virem como uma ameaça... Meu pai me disse que enviou um pacote para Giovanni. O professor Nemo Bugenhagen queria que ele decifrasse um enigma. Se seu tio recebeu o pacote e decifrou o enigma... então...

— Acha que Nemo está envolvido?

— Seu verdadeiro nome é Dr. Ahriman, trabalha para o Instituto E. E, Carlo...

— Vou encontrar seu tio Lotti, não...

— Ahriman matou o meu pai.

Ele não sabia o que dizer. Ouvir a voz dela depois de tantos anos, ouvir sua voz repleta de necessidades, quase destruía seu coração por completo.

— Estou fazendo o melhor que posso — ele disse, se amaldiçoando.

Ele sabia que a resposta era no mínimo péssima, um rapaz sensível.

— Não! Prometa que vai encontrá-lo.

— Não posso...

— Prometa!

Ele respirou fundo:

— Ok, Josie. Vamos encontrá-lo. Talvez se me contasse mais...

Ela o interrompeu:

Eles estão armando algo grande. Só estou seguindo um pressentimento, mas não posso estar em dois locais ao mesmo tempo. Mas se eu encontrar esse maldito Ahriman... — a voz dela sumiu.

— Josie, você está falando em códigos.

— Eu entro em contato.

Então ela desligou. Ele ficou parado, congelado, com o olhar perdido no espaço.

— Quem era? — perguntou seu tio.

Rossi suspirou:

— Um fantasma do passado.

O brilho das luzes na parede chamou a atenção deles. Enquanto o guarda suíço pedia atenção, ele tentava arrumar a transmissão. Ele percebeu e ao se virar estava pálido.

— O que está acontecendo? — perguntou Rossi.

— O Santo Papa está muito doente. Estão levando ele às pressas para o hospital.

## Capítulo 59

O comandante Stato os encontrou do lado de fora da porta. Depois de cumprimentar Giovanni, Stato olhou para Rossi com o olhar cansado:

— O Santo Papa está muito doente. Meu pessoal e o GIS estão levando ele para o Gemelli enquanto conversamos.

Rossi demonstrou ter entendido:

— Já sabemos. Você tem alguma pista para podermos encontrar Scarlotti?

Os olhos de Stato voltaram-se para Giovanni que consentiu e ele virou-se, novamente, para Rossi:

— Seu tio e o Santo Papa parecem ter uma grande confiança em você, Sr. Rossi — ele olhou para o relógio. — Temos pouco tempo. Os terroristas nos deram uma hora e já temos só 40 minutos, então vou ser direto. Apesar das aparências e do que a inteligência diga, não é a al-Qaeda que é a verdadeira ameaça.

Rossi permaneceu com a mesma expressão, pois já estava chegando à mesma conclusão.

Stato franziu as sobrancelhas e continuou:

— Ouvi o noticiário, as solicitações, mas...

— A ligação veio de dentro do Vaticano — disse Rossi, interrompendo-o.

— Merda! — disse Stato. — Isso significa que existem mais deles do que eu previ.

— Deles?

— Talvez eu possa explicar — Giovanni interrompeu. — Mas se você compartilhar o que sabe, comandante, as coisas vão andar muito mais rapidamente.

Stato suspirou:

— Muito bem. Existe um grupo subversivo operando dentro do Vaticano, *Protocollo Diciassette*. O Santo Papa me mostrou provas e temo que Scarlotti, ao tentar se infiltrar, tenha sido descoberto, Eles não vão parar com o objetivo de difamar e destruir a Igreja. A vida de Scarlotti e de outras pessoas estão correndo grave risco — ele disse, virando-se para Giovanni.

Giovanni passou a mão nos lábios e disse:

— Prossiga, conte a ele.

Stato concordou:

— Scarlotti e seu tio são descendentes do alto escalão de cardeais que condenaram os templários. Jurei ao pontífice não deixar mal algum acontecer ao seu tio. Dois guardas suíços o estão aguardando do lado de fora para se tornarem seus guarda-costas, *professore*.

— Isso é realmente desnecessário...

— Ele vai seguir as orientações do papa e muito obrigado

— disse Rossi, com firmeza.

Suspirando e balançando a cabeça, Giovanni disse:

— Tamanha besteira, mas vamos voltar aos negócios. Acho que pode ser que eu saiba para onde Scarlotti foi levado... isso se vocês, cavalheiros, me ouvirem.

Ele foi para uma mesa e abriu as gravuras que tinha recebido. Depois colocou a fita com a gravação das solicitações do seqüestrador. E disse para Stato:

— Você pode me arranjar um mapa de Roma, por favor?

Stato apertou um botão na mesa central de controle e uma das paredes se virou, com um detalhado mapa da cidade:

— Serve esse?

— Mecanismos — resmungou Giovanni. — A escolha de palavras do seqüestrador foi bastante peculiar.

A expressão de Stato e de Rossi demonstravam confusão.

— As palavras rotundo e cabeça de bode — explicou o *professore*. — O que, logicamente, não descreve nem Scarlotti e nem o Santo Papa.

— Uma mensagem oculta? — perguntou Rossi.

Giovanni fez que sim e perguntou ao sobrinho:

— Agora você está começando a ver os caminhos que eles usam. Se buscar na memória, a gravura tinha um homem com a cabeça de bode, não tinha?

— Papa Clemente V.

— Muito bem.

— Está querendo dizer que, na verdade, estão atrás do papa? — perguntou Stato, incrédulo.

Rossi explicou!

— Chamei o CIS mais ou menos por instinto, comandante. Você compartilhou comigo e vou retribuir a gentileza. Uma agente muito hábil da al-Qaeda está solta na cidade. E tenho a péssima suspeita de que esteve dentro do Vaticano hoje.

Stato apertou suas mãos:

— Mas se não é a al-Qaeda... precisa ser... — ele olhou para Giovanni. — A menos que o Protocollo Diciassette esteja operando...

Giovanni terminou por ele:

— Em parceria com eles ou os tenha enganado.

Stato pegou o telefone:

— Preciso aumentar o grau de ameaça.

Rossi impediu Stato de telefonar:

— Já estamos cuidando disso. O major Brazi, do GIS, já está tomando precauções extraordinárias.

Giovanni limpou a garganta. Seus olhos voltaram-se para as gravuras novamente:

— Agora a outra palavra... rotundo. Alguma idéia?

Stato mordeu o lábio, balançou a cabeça:

— Talvez redondo?

— Isso mesmo. O Panteão, como antes — disse Rossi.

— Algo me diz que não. Lembrem-se de que eles também mencionaram que os mártires seriam testemunhas — disse o *professore*.

Os olhos de Stato brilharam:

— Então é o Coliseu. É redondo e muitos cristãos foram martirizados ali.

Ele foi correndo até o mapa, com Rossi logo atrás. Rossi pegou o celular e ligou para a Unidade Sombra. Mas ao discar viu que Giovanni continuava estudando as imagens.

Stato disse, suspirando:

— Não vai ser tão simples. O Coliseu é enorme, com muitos pontos. Mas ao menos a equipe de policiais pode chegar lá em minutos.

Giovanni levantou a cabeça. Olhou para o relógio e olhou, novamente, para Stato:

— O que foi que você disse?

— Que os guardas podem chegar lá...

— Não, a primeira parte.

Stato pensou por um segundo e disse:

— Não vai ser tão simples?

— É isso! Estamos errados — disse o *professore*, tranqüilamente. — Entendemos tudo errado.

Rossi o observava, confuso.

— Não é o Coliseu, mas sim o templo redondo de Fannus, o Pan romano, que o papa Simplício depois deu o nome de San Stefano Rotondo!

O queixo de Rossi caiu.

— Recebeu o nome por causa de São Estéfano da Hungria e os primeiros mártires cristãos. O primeiro mártir da Terra Santa. A igreja foi modelada com base na sagrada sepultura, em Jerusalém.

— Tem certeza? — perguntou Rossi olhando para o relógio.

Giovanni se levantou e desenhou o Pan, com sua cabeça de bode segurando uma virgem em um templo maçônico:

— Os seguidores de Simão, o Mago, o feiticeiro que desafiou São Pedro no duelo dos milagres aqui em Roma, em 60 d.C., veneram o local — ele fez uma pausa. — Sacrificam cabras ali. E para a referência à cabeça de boi, antes disso era um templo Mitríaco, e durante as escavações encontraram no local uma cabeça de boi feita em ouro.

Giovanni arrumou a postura, com um sorriso de satisfação nos lábios.

Stato olhou para Rossi, que deu de ombros. Ele se virou para o *professore*:

— Mas você disse os olhos dos mártires, no plural, e não no singular.

Com o dedo erguido, Giovanni começou a assobiar uma ária de Rossini com os olhos fechados, pensando concentradamente. Seus olhos se abriram e ele disse:

— Ah, sim. Os afrescos. Tinha me esquecido. Niccolo Pomerancio decorou as colunas externas com afrescos da agonia dos mártires. Em 1510, os jesuítas instruíam os jovens seminaristas a irem lá contemplar o chocante e horrível destino que poderiam ter quando se tornassem missionários. Vi uma vez. Foi horrível. Herod com a cabeça de João Batista,

Jael assassinando Sisera durante o sono, Pedro se contorcendo na cruz, Sebastião cheio de flechadas, Laurence queimando sobre o carvão, Bartolomeu em carne viva... olhos torturados caindo sobre o altar.

Rossi e Stato trocaram olhares. Seus olhos voltaram-se para o mapa, buscando.

— Aqui — disse Stato, apontando para a localização da igreja.

Uma batida na porta.

— Avanti — disse Stato.

Um guarda entrou:

— Desculpe-me, senhor. Mas um helicóptero acaba de pousar. Ordenei que saísse, mas...

— Deve ser para mim — explicou Rossi, com os olhos fixos no relógio da parede enquanto os minutos passavam.

Rossi foi para a porta:

— Oficial, passe um rádio para eles dizendo que já estamos indo. Diga para aquecerem as turbinas.

O guarda olhou para Stato, que consentiu, e depois falou no rádio.

Com Giovanni ao seu lado, Rossi fez uma pausa na porta e virou-se para Stato:

— Você vem, comandante?

Stato fez que não:

— Tenho alguns assuntos não encerrados por aqui. E, de acordo com os pedidos do papa, preciso fazer uma viagem — solenemente ele foi até Rossi, colocou a mão sobre seu ombro e olhou nos seus olhos. — Sei que o papa está em boas mãos, mas ele pediu para arranjar um bom homem, um homem de

confiança para me auxiliar. Acho que esse homem é você, signore Rossi. Você assume minha posição em minha ausência?

Rossi ficou confuso e, por um momento, ficou mudo, lutando para encontrar as palavras:

— Tenho um prato cheio... Ataque terrorista, essa agente da al-Qaeda que continua livre.

Stato lhe apoiou com a força de seus penetrantes olhos escuros.

Rossi respirou fundo, inchou as bochechas e soltou o ar:

— O major Brazi é um homem honrado e capaz. Mas se quiser que eu cuide dele... eu poderia...

Stato ficou contente:

— Que Deus lhes acompanhe.

Ele deu um tapa no ombro de Rossi e voltou para dentro do escritório.

Por rádio, entraram em contato com o guarda, que disse:

— Senhor, eles querem saber qual o destino.

Com os olhos assustados e a voz sem expressão, Rossi disse:

— Diga a eles que vamos para o inferno na Terra. E que lá é uma igreja, San Stefano.

## Capítulo 60

A policlínica Gemelli é o hospital de escolha do pontífice; tornou-se conhecido como "o terceiro Vaticano", depois da Santa Sé e do Castel Gandolfo, fora de Roma. O hospital, localizado no norte de Roma, a cerca de 4 km do Vaticano, recebeu esse nome devido ao teólogo franciscano e médico,

Angostino Gemelli, fundador da Universidade Católica, em 1922. O grande complexo ocupava cerca de 90 acres ao lado de um parque nacional e incluía uma igreja, laboratórios de pesquisas, um banco, uma biblioteca e uma barbearia. Os médicos da clínica já tinham salvo a vida do pontífice quando ele sofreu um atentado à bala no abdome, na tentativa de assassinato em 1981.

O hospital tinha em torno de 1.900 leitos, divididos em dois locais; cerca de 5.000 funcionários entre médicos, enfermeiros e pessoal administrativo.

Quando internado, o papa ficava em uma das suítes dos apartamentos do décimo andar reservadas para seu uso. Os apartamentos papais incluía uma capela, uma cozinha, e quartos para seus companheiros, freiras e equipe do Vaticano. Na frente do hospital, uma equipe de televisão estava entrevistando o porta-voz do hospital, um senhor idoso e distinto, com cabelos ralos que, a julgar pela raiz, pareciam tingidos de preto.

A repórter tinha a típica aparência firme e educada apresentadora bem treinada. Ela era amável como qualquer estrela de cinema que já andou pelo tapete vermelho no Oscar, seus olhos cinzas, predatórios, e seu sorriso, tão genuíno quanto o de um manequim.

Arrumando a blusa para mostrar mais o colo, limpando o batom dos dentes com o dedo e verificando suas anotações pela última vez, o rosto da repórter instantaneamente se transformou do cansado e entediado para um falso brilho radiante de uma candidata a um concurso de beleza. O

*cameraman* fez a contagem e apontou para ela no último abaixar da mão:

— Ronda Stewart, ao vivo de Roma. Estou do lado de fora da Clínica Gemelli com Giuseppe Bardino, o porta-voz do hospital — ela se virou para Bardino. — Senhor Bardino, as recentes visitas do papa afetam o funcionamento normal do hospital?

Do canto do olho ela observava um monitor que mostrava as imagens do âncora nos estúdios em Nova York. Se ele não trabalhasse no noticiário, poderia ter sido um ator de novela. Enquanto falava, seus dentes alvos brilhavam como os de um cavalo puro-sangue. Abaixo de sua imagem, uma faixa com notícias rolava, falando de casamentos e divórcios de celebridades, julgamentos criminais em Hollywood e escândalos na ONU. Ele olhava intensamente para a câmera, fingindo um comportamento indiferente, profissional.

No monitor apareceu um close de Bardino.

Bardino balançou a cabeça e sorriu:

— Apesar da importância de atender o papa, aqueles pacientes que precisam ser tratados continuam em tratamento. Na verdade, o décimo andar, onde ele fica, está parcialmente fechado. Não existe uma mudança em nossas prioridades de tratamentos ou interrupção nos serviços e procedimentos hospitalares.

Ela começou a falar, mas antes de conseguir terminar sua próxima pergunta, o forte som das sirenes encobriu sua voz. Instintivamente, sua cabeça se virou na direção do barulho; abaixo do nível da câmera, seu braço sinalizou para que ele filmasse o movimento. Escolta de guardas e seguranças, o Jeep

Renegade blindado, uma ambulância e um polido Alfa Romeo.

— Parece que algo está acontecendo — disse Ronda, colocando, propositalmente, um tom de preocupação em sua voz para aumentar o drama da cena. — Como podem ver, uma comitiva acaba de chegar à entrada principal do hospital. Senhor Bardino, não é a insígnia papal saindo do Jeep?

No monitor, o âncora se curvava para a frente. A voz dele falava no ponto de Ronda:

— Ronda, você consegue confirmar de quem é essa comitiva que estamos vendo?

Mantendo a expressão nervosa, Ronda disse:

— Acredito que seja do papa, Chad.

Um ajudante aproximou-se do porta-voz e lhe disse algo no ouvido. Bardino disse:

— Desculpe-me, preciso terminar essa entrevista imediatamente.

Atrás deles, a comitiva estava parada e oficiais da guarda suíça e do GIS faziam o cordão de segurança para o carro e para a maca que estava saindo da ambulância. O grupo de agentes de segurança e de médicos que rodeavam a maca rapidamente desapareceu dentro do hospital. Quando o Sr. Bardino se virou e foi na direção da entrada, a repórter gritou:

— Você sabia que o papa estava vindo para cá? Pode nos informar se seu estado é grave?

Bardino tropeçou ao olhar para trás e responder um seco:

— Sem comentários, obrigado.

Depois de encerrar a filmagem e fumar um cigarro, o *cameraman* segurava o equipamento enquanto Ronda

pensava. Ela se parabenizou por ter conseguido uma gravação que seria exibida no mundo todo e vista em todos os grandes canais de TV a cabo. Abriu a bolsa e pegou alguns euros que entregou ao *cameraman*, com um sorriso frio:

— Vá me comprar cigarros e um café, gordinho. Vamos ficar plantados aqui a maior parte da noite. E não estrague tudo como da última vez.

Ele deu de ombros e arrumou as calças enquanto atravessava a rua, rumo à loja de serviços no parque. Ela gritou:

— Por que eles me mandam um imbecil como você que nem consegue me trazer um café rápido?!

Ela foi até a van da emissora, abriu a porta traseira e se sentou. Quando olhou para a frente, deu de cara com uma arma.

— Feche a porta — disse a voz do outro lado da pistola. Com as mãos tremendo, Ronda fechou a porta, virou-se e permaneceu de cabeça baixa. O interior da van estava escuro, exceto pela fraca luz de teto. Uma divisória bloqueava a luz que vinha da cabine frontal. Ela se esforçava para ver o rosto do outro lado da arma.

— Tire a roupa. E seja rápida.

Ronda engoliu seco e disse:

— Você não pode me estuprar, seu louco. Sabe quem eu sou?

— Faça o que mandei!

A arma estava apontada para ela.

Nervosa, ela abria os botões, sua respiração estava ofegante.

Ronda tirou a blusa de seda.

— A saia — disse a voz, duramente.

Sua braveza se transformou em medo e Ronda implorou, com a voz trêmula:

— Por favor, não...

— Rápido! Ou eu tiro para você.

Relutante, sua mão foi para trás e abriu o zíper da saia. Tremendo, ela se apoiou no piso do carro, levantou os quadris e tirou a saia.

Ela se sentou, com os lábios tremendo, as longas pernas dobradas junto ao corpo e os braços protegendo o peito, tentando esconder seus fartos seios que apareciam pelo decote do sutiã.

— Preciso do seu sapato e das suas meias.

— Você é louco — disse Ronda com a voz engasgada, indo para trás.

Na frente, um par de olhos cor de topázio a olhavam por trás do cabelo escuro que brilhavam sob a fraca luz.

Com a voz doce, Josie Schulman disse:

— Você não faz o meu tipo. Dê-me sua roupa e o passe de imprensa e, talvez, viva para contar sua história no Today Show.

Algum tempo depois, o *cameraman* retornou e encontrou o local onde a van estava parada vazio.

— Merda! — ele disse, derrubando o café e os cigarros no chão. — Provavelmente arranjou alguma coisa e me largou de novo — ele disse para si mesmo.

Balançando a cabeça, ele foi até um ponto de táxi.

## Capítulo 61

O helicóptero branco e preto, com CARABINIERI escrito em letras grandes e o símbolo do olho de boi vermelho e branco com o centro verde na parte posterior voava pela cidade. O sol fraco tingia as nuvens de fumaça que cobriam Roma como uma mortalha, transformando-as de cinza em um delicado tom de amarelo.

Do Vaticano, saíram voando rumo ao sul, seguindo o Tiber. Como estavam cerca de cem pés acima da água, os motores provocavam uma agitação nas águas escuras do rio logo abaixo. Preso ao assento na parte traseira do helicóptero, veio à mente de Rossi que se Deus realmente estivesse olhando para baixo, acharia que o helicóptero parecia uma vespa brava, com asas afiadas, indo atrás de seu alvo.

Ele olhou no relógio.

— Qual a previsão? — perguntou Rossi ao piloto.

— Previsão de cinco minutos, senhor.

Rossi virou-se para Giovanni e apontou para o fone que estava ao lado dele:

— Coloque o fone — ele gritou.

Giovanni respondeu:

— O quê? Não ouço absolutamente nada.

Rossi riu e fez a mímica para ele entender que deveria colocar o fone.

Giovanni olhava para ele e, então, seus olhos demonstraram ter entendido e ele pegou os fones de ouvido e tentou ajustá-los à cabeça.

— Como está? — ele gritou no microfone.

Rossi estremeceu:

— Não precisa gritar, *zio*.

O vento mudou e eles enfrentaram uma certa turbulência. Rossi ficou enjoado. Ele tinha enjôo com coisas assim, detestava as montanhas russas nos parques de diversão, até o carrossel lhe deixava enjoado.

Ao olhar para baixo ele viu a ilha do Tiber. Ele percebeu que ela tinha a forma da popa de um navio.

O helicóptero seguia rápido, indo a leste, passando pelo Templo da Fortuna e de Palatino. Em momentos, o enorme Coliseu apareceu.

— CC-80 para CC-90. Estimativa de dois minutos. Deve estar nos vendo. Fim — a voz de Dante veio pelo fone.

Rossi tinha instruído o esquadrão Sombra a encontrá-lo no local.

— Lima Charlie, CC-90 — confirmou o piloto.

Rossi perguntou ao co-piloto:

— Alguma equipe tática em solo?

— Uma em espera — disse o co-piloto. — No canal 2.

A voz nervosa de um membro da equipe tática veio pelos fones:

— Tiros foram disparados, oficiais feridos. *Mandare un ambulanza rapidamente!*

O som do rádio:

— *Si... paramédicos in roto* — respondeu a calma voz do oficial na central.

— Estamos chegando ao alvo, senhor — disse o piloto.

A fumaça subia do chão, flutuava sobre a igreja.

— Aterrisse, agora! — gritou Rossi para o piloto.

O helicóptero desceu de forma tática, em um mergulho.

A bile quente subiu pela garganta de Rossi. Ele a engoliu e sentiu o sangue fugindo de seu rosto.

As copas das árvores vinham na direção deles, um pequeno campo verde atrás da igreja, um parque. Desnivelado e chicoteando a grama e a terra, o helicóptero pousou em segurança. O segundo helicóptero com o esquadrão de Dante vinha logo em seguida.

Rossi foi o primeiro a sair do helicóptero. A equipe Sombra desceu do segundo helicóptero e Dante veio correndo ao seu encontro. Giovanni, com sua perna fraca, ficou para trás.

Rossi levou a mão até a Beretta. Ele a pegou e foi para baixo das hélices, a mão com a arma estendida, verificando possíveis alvos. Logo à frente um grande portão ladeado por paredes de tijolos de construção. Ao passarem pelo portão viram o corpo do primeiro oficial, estirado sobre uma piscina de sangue, perto do veículo. Quando entraram na Chiesa em si, a fumaça de querosene deixou os olhos de Rossi ardendo. Ao longe ele ouviu um gemido, como um choro melancólico de um animal ferido. Por um momento, Dante ficou congelado, forçando os ouvidos, lutando para ver através da fumaça que cobria o ar.

Enquanto o fraco choro o rodeava, Rossi teve um pressentimento que lhe deu calafrios, de que o mal, pacientemente, o esperava logo mais à frente. Um som abafado ecoou e veio pela fumaça na direção deles.

Era o som de alguém que tinha chorado até os pulmões não agüentarem mais, que tinha passado do choro sem palavras de horror e agonia, que tinha rezado e suplicado. Alguém que soluçava em silêncio só porque ainda estava sendo torturado.

Então ele sentiu o cheiro que vinha com a fumaça. Carne queimada. Carne torrada e o cheiro de gordura frita, picante, pungente e gorduroso, congelado com o odor do medo.

Rossi se virou para Dante, que segurava um extintor de incêndio em uma mão e uma pistola MP-5 na outra, e gritou:

— Acho que vem ali da frente.

Eles apressaram o passo.

Na vastidão do vão central da igreja, a fumaça ficava mais rala. Como a Igreja era redonda, a única luz que entrava pelas janelas emolduradas, deixando uma atmosfera brilhante, porém pouco clara.

Rossi foi na direção do altar, a origem das chamas que consumiam o ar. Ele se virava, meio atordoado, com os macabros afrescos que o rodeavam por todos os lados. Imagens que pareciam se mover, pareciam estar vivas nas sombras oscilantes das chamas. Ele se lembrou de como Giovanni tinha se referido a Charles Dickens que, depois de visitar a igreja, fez a seguinte descrição: "uma abóboda mofada e úmida, cujas paredes horrorosas são um panorama do horror e da carnificina que nenhum homem pode imaginar durante o sono, embora consiga comer um porco inteiro no jantar. Homens de barbas cinzas sendo fervidos, fritos, tostados, cortados, queimados, comidos por animais selvagens, queimados vivos, separados em diversas partes por cavalos, golpeado por machadinhas: mulheres com os seios queimados com ferro, línguas cortadas, orelhas arrancadas".

Rossi estava todo arrepiado.

Dante gritou:

— *Mio Dio in Paradiso*, o altar!

Rossi se virou e correu para o altar, mas não conseguia se aproximar por causa do calor. No meio da fumaça ele mal podia ver o monsenhor Scarlotti sentado, nu e amarrado a uma cadeira de ferro sobre o altar oitavado. Ao redor dele uma pira funerária ardia. Ao menos o que restava dele - o que continuava reconhecível. Sua pele do peito já tinha sido destruída e estava pendurada em pedaços. Chegando mais perto, Rossi viu que as partes íntimas de Scarlotti não passavam de um monte de carne viva.

Por um momento Rossi ficou congelado, com repulsa.

O som e o jato do extintor de incêndio fizeram Rossi agir. Ele correu para ajudar Scarlotti. Em pé, na frente dele, pegou uma faca e cortou as tiras de couro que prendiam os braços e as pernas do padre, tentando não olhar para a carne viva, os pedaços brancos dos nervos e os ossos que apareciam por trás do tecido escuro, carbonizado.

Scarlotti piscou e olhou para ele sem compreender o que acontecia. Enrico estendeu um cobertor no chão. O som de fortes passadas ecoaram na vastidão da sala. Os focos de luz das armas da Unidade Sombra no meio da escuridão que os rodeava.

Uma voz gritou:

— Está limpo!

Outra gritou, em seguida:

— Tenho mais um guarda caído aqui.

Ao longe o som das sirenes das ambulâncias podia ser ouvido, aproximando-se.

Quando Rossi e Dante tentaram levantar o monsenhor da cadeira, ouviram um som forte de água.

Atrás deles, uma voz familiar:

— A cadeira de ferro conduz o calor como um ferro quente que derrete a ele das costas, dos quadris e dos braços. Essa pele fica presa na cadeira. Foi uma técnica inventada por Nero para que ele pudesse se divertir ao ver os antigos mártires cristãos se contorcendo com a insuportável dor enquanto a multidão se agitava em seu lindo circo de sangue. Rossi se virou para trás. Giovanni estava em pé, com um lenço no rosto e a mão trêmula.

— Devem sedá-lo primeiro — disse Giovanni, tossindo. Dante pegou, em seu kit médico, no uniforme de campo, uma seringa e injetou morfina em Scarlotti. Depois de dar droga suficiente para sedar os sentidos do padre, eles o levantaram delicadamente da cadeira e o colocaram no cobertor, colocando-o de lado para evitar irritar ainda mais as piores feridas.

Rossi ajoelhou-se ao seu lado. As pálpebras de Scarlotti tremulavam, assim como seus lábios. Rossi curvou-se, mais perto, e colocou o ouvido perto da boca dele.

Muito fraco, Scarlotti conseguiu dizer:

— Papa... ardente respiração do dragão... cuidado... — e sua voz sumiu.

— Não tente falar — disse Rossi gentilmente.

Mas Scarlotti ainda sussurrou:

— Josie... o ardente cetro de Satanás. Malaquias... a parte oliva. Diga a ela para... — seus olhos úmidos suplicavam.

Rossi sentiu um calafrio em suas veias que o imobilizou, como se ele tivesse caído nas frias águas do oceano ártico.

Giovanni ajoelhou-se ao lado de Scarlotti e disse:

— A ajuda está a caminho, meu velho amigo. Vamos lutar valentemente, juntos. Como nos velhos tempos.

Com isso, os olhos de Scarlotti se fecharam, à medida que perdia a consciência.

Mais tarde, depois de os paramédicos terem levado Scarlotti para a ambulância e partido, Rossi aproximou-se de um outro paramédico que estava dando oxigênio para o seu tio. Giovanni piscou, por trás da máscara de oxigênio; seu rosto coberto de fuligem e susto, o cabelo grisalho desgrenhado davam a ele a aparência de um palhaço maluco de circo.

Para o paramédico, Rossi perguntou:

— O padre vai conseguir sobreviver?

A expressão do paramédico endureceu e ele ficou olhando para Rossi por um momento:

— Tudo depende da força dele, seu limite para a dor e, principalmente, sua vontade de viver. As queimaduras em si não matam as pessoas. Às vezes é o choque, o coração fraco. Existem pessoas que se recuperaram depois de ter mais de 50 por cento do corpo queimado.

Rossi demonstrou ter entendido. O paramédico continuou:

— Já vi casos de pessoas que, apesar dos ferimentos, conseguiram sair de prédios em chamas.

— Como será o tratamento dele? — questionou Rossi, acendendo um cigarro.

— Ele será colocado em uma câmara hiperbárica pressurizada para combater a hipoxia dos tecidos e oxigenar seu sangue. Então vai receber muito ácido ascórbico, vitamina C... e antibiótico por injeções intra-venosas. Uma grande quantidade de oxigênio para os tecidos evitará que o sangue

fique acumulado nos locais das queimaduras de terceiro grau. As escaras vão sumir e dar lugar ao tecido normal. O ácido ascórbico também ajuda com o envenenamento pela fumaça. Rossi olhou para seu tio. Olhou para o cigarro e o jogou no chão.

Dante apareceu ao seu lado. Rossi perguntou:

— Já tem a contagem dos corpos?

— Tivemos sorte... só dois policiais atingidos e um deles parece que vai sobreviver.

Um padre gordo, com o rosto inchado veio mancando até eles:

— O que aconteceu aqui? — ele perguntou com o sotaque fiorentino. — Sou o pastor dessa igreja, padre Fallace.

— Infelizmente sua igreja se transformou na cena de um crime, padre — respondeu Rossi.

— Que horror! Alguém ficou ferido?

Rossi soltou o ar com força:

— E feio. Mas o criminoso não vai mais se divertir. Como isso pôde acontecer? Essa não é uma atração turística?

O padre concordou:

— Normalmente..., mas estamos fechados para reformas e os trabalhadores não aparecem há dois dias. Um tipo de disputa trabalhista.

Para Dante, Rossi disse:

— Isso explica as coisas.

- Estamos investigando a área — disse Dante. — Nenhuma testemunha. Ninguém viu nada fora do normal.

Rossi virou-se para o padre:

— Algum guarda... alguém que possa ter visto o que aconteceu?

O padre segurou o queixo e olhou para baixo, pensando na pergunta. Então ele levantou a cabeça:

— Só aquela velha curiosa, irmã Maria Isabella.

— Podemos falar com ela? — perguntou Rossi.

Uma intrometida poderia ser exatamente o que eles estavam precisando.

O padre caiu na gargalhada:

— Desculpem, senhores, mas acho que isso será impossível. Ela é cega como um morcego e surda como uma pedra.

Rossi suspirou e olhou para Dante.

— Mas temos a câmara de vigilância - ofereceu o padre.

Rossi ficou mudo. Seu celular tocou:

— Vou precisar levá-la, padre. Pode aguardar um momento?

— Certamente.

Depois de uma rápida conversa, Rossi desligou:

— Dante, encontraram outro corpo.

— Onde?

— Pendurado sob a Ponte Fabricius, na ilha do Tiber.

Pegue um helicóptero e vá até lá agora. Vou ficar e ver o que temos aqui. Entre em contato assim que tiver informações, ok?

Dante fez que sim:

— Primeiro fazem churrasco de um padre em uma igreja e depois lincham outra vítima sob a ponte mais antiga de Roma. Desgraçados.

— Não sabemos se isso tem alguma ligação — corrigiu Rossi. — Descubra!

— Sim senhor... Estou indo.

Com o corpo cheio de oxigênio fresco, Giovanni foi até Rossi, limpando a fuligem do rosto com o lenço.

Quando Dante corria para o helicóptero, Rossi perguntou:

— O senhor tem um gravador de vídeo conectado a essa câmara, padre?

Concordando, entusiasmado, o padre disse:

— Lógico. Está no meu escritório e parece que vocês dois precisam de um brandy, estou certo?

Giovanni disse:

— Talvez um bom vinho do porto?

Rossi riu:

— Vá na frente, padre.

## Capítulo 62

Enquanto estavam sentados na reitoria de San Stefano, tomando um brandy servido pelo padre e aguardando que ele retornasse com a fita da câmara da vigilância, Rossi tentava entender o problema. Seu olhar vasculhava a mesa do padre Fallace, que tinha pilhas de papéis e de correspondências não abertas, com uma grossa camada de poeira por cima. No canto um cinzeiro cheio até a borda com bitucas de cigarro.

Pensativo, batucando com os dedos, Rossi disse:

— Estou me sentindo um peão no tabuleiro de xadrez, nada além de uma peça para proteger os cavaleiros, as torres e a rainha. Eles parecem sempre desviar de nós.

Giovanni, sentado na cadeira ao seu lado, aproximou-se e deu-lhe um tapa no ombro:

— Você está fazendo o melhor que pode. Mantenha os olhos e os ouvidos abertos e só acredite em metade do que seus sentidos lhe dizem — ele disse, terminando seu brandy e colocando o copo sobre a mesa.

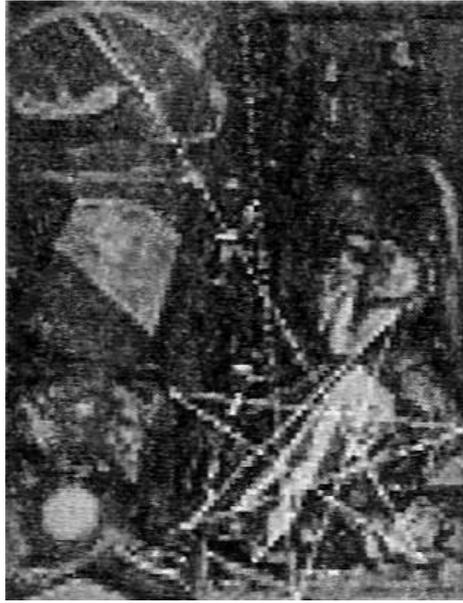
— Se ao menos eu soubesse o que Bast vai fazer... qual será seu próximo passo? — virando-se para seu tio, Rossi disse: — Você conseguiu entender alguma coisa das últimas palavras de Scarlotti?

— Infelizmente ele, provavelmente, estava delirando.

Giovanni começou a assobiar Wagner e a passar os olhos pelo escritório. Ele foi até uma mesa grande e tirou as gravuras de Albert Durer que tinha trazido consigo em uma maleta e as colocou sobre a mesa.

— O que você está fazendo? — perguntou Rossi.

— Meus instintos me dizem que preciso resolver esse enigma aqui e agora — ele disse, ignorando a pergunta de seu sobrinho. — Essa aqui, nomeada erradamente de Melancolia é uma das mais interessantes. Olhe a face da figura angelical que está sentada, com o livro na mão, uma expressão profundamente confusa.



"A figura espelha seu sofrimento em sua busca pela verdade. Como você, ele está tentando entender os sinais pelo caminho. As ferramentas simbólicas do alquimista estão ao lado dele, mas só trazem respostas vazias: a balança significa o equilíbrio dos gnósticos e, na parede de trás, você pode ver um quadrado mágico, ou quadrado do demônio. Somando os números nas linhas, nas colunas, ou nas diagonais, temos 44. Mesmo quando somamos a cada dois quadrados ou as bordas, obtemos, novamente, 44. Aparentemente como você, novamente, Durer, na forma de um filósofo angelical, encontrou alguma coisa além do reino de suas crenças sagradas. Talvez um diabo impenitente que não obedece a convenções naturais da sociedade porque parecem todas diabólicas e, portanto, nada de bom pode sair dali."

Olhando para suas mãos rapidamente e de volta para Giovanni, Rossi disse:

— Bando de assassinos e de corações negros malditos.

O rosto de Giovanni se encheu de simpatia:

— Tente imaginar P-17: uma elite, ultra-secreta, neofascista, maçônica, cabalista, envolvida em...

— Aparentemente, lavagem de dinheiro, assassinatos e terrorismo com falsa bandeira.

Seus olhares se encontraram:

— Por falsa bandeira, posso supor que tenha suas dúvidas quanto a serem os terroristas islâmicos os verdadeiros executores desses ataques a Roma e ao Vaticano?

— Alguém está manipulando as coisas — disse Rossi. — *Zio*, aquela ligação que recebi era de Josie Schulman.

As sobrancelhas de seu tio subiram, como dois pontos de exclamação. Seu rosto se iluminou!

— E como está o pai dela? Talvez eu devesse ligar para o Max e ver se ele conseguiu ir mais adiante nesse enigma — disse ele, rindo.

Rossi mordeu o lábio, desviou o olhar e disse:

— Está morto. Foi assassinado.

Giovanni abaixou a cabeça, e depois olhou para seu sobrinho:

— Então devo cumprir uma promessa que fiz a Max. Preciso ter uma conversa em particular com Josie.

Rossi olhou curiosamente para seu tio:

— Josie me disse que teve algo a ver com o Instituto E. Isso faz algum sentido para você?

Giovanni fechou os olhos com força; um leve tremor em sua bochecha direita. Recompôs-se e encarou Rossi.

— Sim. Foi uma morte ritualística?

— Ela não disse. Por que pergunta?

Ele balançou a cabeça:

— Suspeitei por anos que o Instituto E fosse uma organização de fachada cujas raízes vêm da facção germânica da maçonaria conhecida como OTO. Seus símbolos a anulam. Os membros são instruídos a "entrar em contato" com seu *Thayton*, seu verdadeiro eu. Essas pessoas têm um estranho e feio senso de humor. Se você disser Satã com a língua presa... fica...

— *Thayton* — respondeu Rossi, virando os olhos.

Seu tio suspirou:

— No máximo um trocadilho óbvio. Drago Volante, o fundador, embora não vá encontrá-lo, era originalmente membro da OTO. O mais famoso mestre do século XX da OTO se chamava de Mestre Theron.

— E quem era?

— O ocultista inglês, Aleister Crowley.

Rossi soltou:

— Já ouvi falar nele. Dizem que trabalhou para o Serviço de Inteligência Britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Ele fugiu da guerra e foi para Nova York. Editou alguns jornais com apologia ao imperador, mas parece que se infiltrou entre os alemães contra a Mãe Inglaterra.

— Ele está mais para quem joga dos dois lados — corrigiu Giovanni.

— Lembrei-me de Ian Fleming, criador de James Bond, que estava com a Inteligência Naval britânica durante a Segunda Guerra Mundial, e queria que Crowley interrogasse Rudolf Hess depois de ter saltado de pára-quadras em uma batalha alemã contra a Escócia na primavera de 1941. Existia

a suspeita de que Hess tivesse se encontrado com o duque de Hamilton, mas na verdade tinha sido preso e ficado incomunicável.

— Sua memória é boa, meu sobrinho. Os nazistas realizavam práticas ocultas do lado negro, que Fleming conhecia, assim como o duque. Aquele velho bulldog, Churchill, entretanto, recusou o relato.

— Políticos intrometidos — disse Rossi.

— Volante adotou os padrões maçônicos e da OTO no que chamou de sistema de psicologia atual, New Age, e os colocou em um novo disfarce.

— Acha que isso tem alguma relação com o que está acontecendo em Roma?

Giovanni deu de ombros:

— Eu não ficaria surpreso se os encontrasse por trás disso. Ele se virou novamente para as gravuras.

Rossi se levantou e foi para o lado do tio. Olhando para a obra de arte, ele fez uma careta:

— Essa gravura tem alguma mensagem oculta como a outra que vimos?

Seu tio fez que sim:

— Melancolia é o trabalho mais enigmático e cheio de símbolos ocultos de Durer. Ele era um mestre em sua arte, a arte dos significados alusivos, metáforas que se misturam umas às outras. Mas vamos olhar de perto os outros trabalhos dele antes — ele apontou com a cabeça para a imagem que estava ao lado e prosseguiu: — O astuto malandro deve ter dado uma boa gargalhada quando clérigo e público apareceram em seu retrato de São Jerônimo, mais conhecido

como São Gerônimo, que tem o crédito de ter sido o primeiro tradutor da Bíblia do grego para o latim.

— Acho que está me dizendo que Durer foi algo como o que me contou uma vez sobre Leonardo Da Vinci, que escondeu suas verdadeiras crenças do olhar da Inquisição, é isso?

— Sim, mais uma vez, a verdade escondida a olho nu para aqueles com olhos de ver. Veja a placa, ou *cartellino* no canto com as iniciais de Durer, AD, e a data, 1514. Assim como a placa na gravura *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo* que estudamos anteriormente, a data aponta para a mensagem secreta.

— Não é São Gerônimo que está Folheando o livro e estudando. Não é a Igreja Católica que ele honra, ou os evangelhos. Durer está, isso sim, prestando uma homenagem à morte de um famoso adepto Illuminati e a suas próprias crenças gnósticas.

Rossi balançou a cabeça:

— Melhor trazer o giz de cera.

— Primeiro as dicas menos óbvias. Na linguagem dos adeptos, a gematria da cabala, o valor de AD é de um mais quatro, ou seja, cinco. Somando isso à data, 1514, temos...

— 1519. E?

— Agora olhe o animal deitado confortavelmente na parte inferior da pintura.

— O leão?

— Que no zodíaco representa o signo de...

— Leão.

Os olhos de Giovanni procuraram e não viram um traço de entendimento no rosto de Rossi, ele balançou a cabeça e disse:

— Ou Leo. Leo é a abreviação de...

— Leonardo...

— Da Vinci... que morreu em 1519 e pintou São Gerônimo no deserto em...

Rossi ergueu as mãos em sinal de entendimento e suspirou:

— Não diga! 1514.



Giovanni acrescentou:

— Se você se lembrar da única imagem existente de Leonardo, seu auto-retrato, e compará-lo ao rosto da obra de Durer... a similaridade é notória.

O celular de Rossi tocou com um som diferente, sinalizando que ele tinha recebido uma mensagem e uma foto.

— Chegou algo de Dante na cena do homicídio — disse ele a seu tio.

Ele abriu a mensagem. Os telefones da SISD capturavam imagens digitais ou gravavam até cinco minutos de vídeo acompanhado por mensagem de texto logo abaixo. Giovanni olhou por cima do ombro e viu a imagem da Ponte Fabricius, na ilha do Tiber brilhando na tela do celular. Rossi aproximou a imagem e foi descendo, a partir da ponte. Um corpo de cabeça para baixo, com roupas pretas, pendurado na ponte pelo tornozelo, o outro tornozelo amarrado ao joelho da vítima apareceu. Suas mãos amarradas atrás do corpo, a imagem embaçada do corpo balançava. Logo abaixo o texto:

DE DANTE: NA CINTURA DA VÍTIMA SACOLAS COM MOEDAS DE PRATA. EXATAMENTE 34 MOEDAS. IDENTIFICAÇÃO PRELIMINAR NÃO É POSSÍVEL. DECAPITADO. CORTE LIMPO NA ALTURA DO PESCOÇO. ESTAMOS COMEÇANDO A FAZER AS BUSCAS NO RIO. NOTA PRESA AO PEITO DIZIA: "AESCULAPIUS, CURE A SI MESMO".

O olhar de Giovanni encontrou o de Rossi com frieza:

— Coisa nojenta, eles ferem como uma criança brinca de caça ao tesouro.

— Como assim?

— Você percebeu quando passamos pela ilha do Tiber, a caminho daqui, que seu contorno lembra o de um navio. A lenda diz que um navio uma vez afundou ali. Mas, na verdade, uma grande estrutura na forma de um navio, um

templo ao Deus romano, Esculápio, já cobriu quase toda a ilha, que foi dedicada a ele no século III a.C. Algumas das paredes de mármore continuam ali. Um obelisco no centro do templo, representava o mastro do navio.

— E daí?

Giovanni ergueu o dedo:

— O nome popular da ponte é *Ponte Quattro Capi*.

Rossi entendeu:

— A Ponte das Quatro Cabeças.

- Exatamente, de cada um dos lados você no balaústre. Embora sejam provenientes dos antigos romanos, não fazem parte da estrutura original. O papa Xisto V, nos anos de 1500, acrescentou durante a restauração. Veja, o papa contratou quatro arquitetos, que discutiam constantemente sobre o trabalho. Como punição, o papa Xisto mandou decapitá-los. Mas com a restauração da ponte completa, a satisfação final do papa foi colocar os retratos deles ali.

Rossi fez uma cara feia:

— Ok, entendi a parte da decapitação. Mas além de mostrar que esses desgraçados conhecem bem a história, isso serve para alguma coisa?

Giovanni observava o teto com expressão de frustração e olhou para Rossi, que estava confuso:

— Esculápio... era o deus romano da medicina.

— Um médico?

Giovanni concordou e acrescentou:

— É só uma pista, mas se eu fosse você...

Rossi terminou a frase:

— Checaria para ver se algum dos médicos do Vaticano está faltando.

## Capítulo 63

O Santo Papa estava em sua cama na Policlínica Gemelli, seu rosto coberto pela transpiração, o tom rosado de suas bochechas substituído por uma aparência pálida, um tom de leite azedo. Ao seu lado, o monitor dos sinais vitais fazia o bip no ritmo insistente em que as colunas de linhas tortas aparecia na tela. Um respirador zumbia na sintonia da fraca respiração do papa. Quando ele chegou ao hospital, suas vias aéreas estavam tão fechadas e inflamadas que os médicos precisaram fazer uma traqueotomia. Firme na mão de João Paulo, estava um escapulário da Sagrada Mãe, o mesmo escapulário promulgado nos Segredos de Fátima como sendo a chave da queda da União Soviética e da salvação do mundo — simplesmente pela reza com fé por sua intercessão. E agora, em todo o mundo, milhões de católicos enchiam suas igrejas locais, saíam pelas ruas com velas acesas firmes nas mãos. Mesmo na Praça de São Pedro um mar de pequenas chamas pontilhava o fim da tarde. Em seu brilho oscilante a noite espelhava a abóboda estrelada do céu que flutuava logo acima. Seu amigo e auxiliar de longa data, o cardeal Stanislaw, um companheiro próximo dele por quase 40 anos, quase um filho, sentou-se ao seu lado, sua voz era um suave sussurro rezando o rosário fervorosamente. Médicos, ajudantes e clérigos também estavam na suíte privada, andando de um lado para o outro e esperando por um milagre.

No chão ao lado da perna do cardeal Stanislaw, estava uma grande mala preta.

Distraidamente, ele ficava mexendo nela com o dedo do pé, verificando se ela continuava a seu alcance. Trancadas em segurança, lá dentro, estavam as cartas do testamento papal, pedindo a resignação dos membros da Santa Sé e da Opus Dei que tinham sido descobertos. Tão repentino foi o ataque do papa que pegou Stanislaw de surpresa. Apenar da confusão e do caos que acompanharam a corrida para levar o papa ao hospital, Stanislaw conseguiu manter a cabeça fresca e teve a intuição de levar a mala com ele quando saiu de sua mesa.

Do lado de fora da sala, as tropas do major Brazi estavam de guarda. Mais à frente, as equipes da guarda suíça estavam posicionadas nas entradas e saídas. Embora a guarda suíça e o GIS adotassem medidas de segurança desenvolvidas e testadas pelo serviço secreto norte-americano, a teimosia burocrática e, em alguns casos, a arrogância tinha feito com que alguns elementos dos protocolos de segurança fossem violados.

O major Brazi comentou várias vezes sobre ocasiões em que observava flagrantes de violação da guarda suíça no procedimento padrão de operação. No último mês, tinha visto no noticiário o papa no banco da frente de um Jeep Renegade branco, enquanto o comandante Stato e outro guarda estavam no banco traseiro. Inconsciente do perigo, o papa acenava para os passantes. Brazi sabia que o alvo principal devia sempre estar à direita do banco traseiro — atrás do oficial que, por sua vez, sempre dirigia à direita. E somente agentes altamente habilidosos deveriam dirigir o veículo onde ele estivesse.

Da mesma forma, o serviço secreto dava broches de lapela diferentes para as diferentes classes de pessoas que teriam o direito de ter acesso ao papa. Assistentes tinham um tipo, visitantes, outro, equipe de serviços, ainda outro. O tamanho, o formato e a cor dos broches eram mudados regularmente para eliminar possibilidade de falsificação. E os broches usados pelo Serviço Secreto e pelo Departamento de Estado, DSS, tinham a mesma proporção de um distintivo. Qualquer um que estivesse usando um broche sem autorização poderia ser, e seria, processado por falsidade ideológica na polícia federal.

Mas por causa da falta de disponibilidade para verificar e assegurar tais processos, a guarda suíça, e nesse caso o GIS, caíam na tolice e desdém que os poderes de estar no Vaticano trazem para as medidas de segurança. Não querendo ser importunados "por tal besteira". O major Brazi sabia que embora o hospital fosse quase uma segunda casa para João Paulo, uma lista precisa das pessoas checada e verificada para possíveis ameaças deveria estar atualizada. As atualizações deveriam ser feitas. Mas, nesse caso, o secretário de Estado do Vaticano e o chefe do gabinete, o camerlengo, tinha passado por cima dos desejos do pessoal de segurança.

Um som e as portas do elevador se abriram e, de dentro, saiu um padre e uma freira.

O guarda verificou na porta a lista de acesso e disse:

— Seus nomes, por favor.

Com a voz recatada, a freira respondeu:

- Irmã Maria Benedita... — fez um gesto indicando o padre e acrescentou: — e monsenhor Charles O'Malley, da

arquidiocese de Boston, enviado de Sua Eminência, o cardeal Lawless.

Olhando nos olhos do guarda, O'Mailey disse:

— Não seja tão formal, irmã! Todos me chamam de Chuck. O guarda franziu a sobrancelha e passou o dedo pela lista. Lá, no fim, seus nomes estavam colocados à lápis e, ao lado dos nomes, estava escrito: "assistentes de um cardeal do alto escalão". O guarda olhou para cima, observou-os por um segundo e pediu as identidades.

Eles concordaram.

Depois de olhar as credenciais, o guarda suíço consentiu que entrassem e lhes devolveu os documentos. Ele colocou os broches neles e os instruiu para que entrassem. Na metade do corredor, encontraram outro clérigo:

— Estamos precisando de uma xícara de café, padre. Poderia nos mostrar onde podemos consegui-la? — disse a freira, com um sorriso caloroso.

O padre os levou até a área da cozinha.

Quando o padre saiu, a irmã Maria Benedita esperou que o som de seus passos se afastassem e disse:

— Aqui está o plano. Falei com um médico no andar de baixo que disse que a condição do Santo Papa estabilizou, mas de forma geral, parece estar piorando. Depois de desenvolver infecção no trato urinário, o papa sofreu choque séptico que, naturalmente, será seguido pela falência dos órgãos. Aos poucos seu corpo está sendo desligado.

O monsenhor fez uma cara feia:

- Uma pena — disse ele, fingindo simpatia. — Vamos rezar para que seu coração continue forte.

- Mas não está. O médico também disse que ouviu rumores de que o papa queria morrer em casa, em seu apartamento.

O monsenhor suspirou.

— Você sabe o que deve ser feito — ela disse.

— A lista de resignação que você mencionou — ele sussurrou.

— Exatamente.

— Mas como? — ele perguntou passando os olhos pela sala. — Você disse que o cardeal está guardando a lista com a própria vida.

Seu olhar duro cresceu. Ele estremeceu.

Quando ela estava prestes a responder, um médico e outro cardeal entraram, serviram-se de café e sentaram-se do outro lado da sala.

— Entregue-me essas xícaras e a bandeja — ele instruiu o monsenhor.

Depois de colocar as xícaras e o açúcar na bandeja, ele a ergueu na frente dela. Esperta, a freira pegou duas cápsulas de seu hábito e olhou rapidamente sobre os ombros para ter certeza de que ninguém estava olhando. Ela as abriu e deixou que o conteúdo caísse no café. Ela encheu as xícaras e lavou a vasilha na pia.

Ela colocou a xícara com a droga na parte mais perto dela e pegou a bandeja.

Arrumando os ombros, ela disse:

— Acredito que o cardeal Stanislaw vai gostar de uma forte xícara de café.

O monsenhor O'Malley riu silenciosamente:

— Que maravilha... certamente não queremos que ele durma, não é mesmo?

## Capítulo 64

A irmã Maria Benedita, disfarce de Basha, com os olhos azuis baixos, humildemente, caminhou pelo corredor até a porta da suíte do papa. Ela indicou as xícaras com a cabeça e aproximou a bandeja para que o oficial do GIS pegasse uma da fileira da frente. Enquanto a agradecia entregou uma segunda xícara a seu parceiro, seus olhos cruzaram com os dela, seus olhos azuis ficavam ainda mais bonitos emoldurados pelo chapéu de freira. Por um momento houve um grande silêncio, então ela quebrou o encanto e sorriu timidamente. Ele deu um passo para trás e abriu a porta para ela. Ela podia sentir o calor dele olhando o seu pescoço enquanto entrava na sala. A porta se fechou e ela atravessou a sala, tentando manter os olhos baixos, evitando olhar para o papa à medida que se aproximava. "O vírus está funcionando bem", ela pensou. Sua ação lenta era necessária para evitar suspeitas e imitar o vírus comum da gripe. O papa queria retornar ao Vaticano e essa era uma variável não prevista, assim como o cardeal Stanislaw ter levado consigo as provas ao sair do Vaticano para ir ao hospital. O responsável pelas ações dentro do Vaticano tinha dito para ela conseguir esses documentos a qualquer custo.

Enquanto se aproximava do cardeal, ela virou a bandeja deixando o café com o remédio na frente. Um sorriso

apareceu em seus lábios quando ela se lembrou de seus treinadores comentando como suas mãos eram rápidas.

Parada na frente do cardeal Stanislaw, ela se curvou e aproximou a bandeja:

— *Dziękuję Jestes taka uprzejma* — disse ele, já tão cansado que acabou demonstrando sua gratidão em polonês.

Ele pegou a xícara mais próxima.

— *Proszę* — ela respondeu, delicadamente.

— Fala polonês, irmã?

- Um pouco, Sua Eminência. Trabalhei em um hospital em Chicago com uma grande clientela polonesa.

— Ah, sim. Eu acompanhei o Santo Papa a uma visita lá. Bela cidade. Sua voz tremeu quando ela perguntou:

— Há alguma esperança? — seus olhos começaram a lacrimejar. "Se ele soubesse que são lágrimas de alegria", ela pensou.

— Sempre há esperança, minha criança. O Santo Papa, como todos nós, está nas mãos de Deus.

— Ele parece tão tranqüilo.

Sob a voz dela o som do aparelho que mantinha os pulmões do papa com ar.

No canto dos olhos, Basha viu um médico rodeando um grupo de freiras, padres e guardas do lado de fora da sala. Ele disse:

— Sua Santidade precisa de paz e silêncio, por favor, esperem no corredor.

Olhando para João Paulo, com sua expressão de cera, os olhos do cardeal começaram a ficar úmidos:

— Vamos rezar para que ele encontre um final tranqüilo para essa jornada.

Ele bocejou, deu mais um gole. Ao baixar a xícara dos lábios, seus olhos começaram a revirar, e se fecharam. Enquanto se fechavam, ele mal conseguiu dizer:

— *Jestem spiqcy.*

Rapidamente, antes de o cardeal derrubar a xícara, Basha a tirou de suas mãos. Ninguém percebeu. Ela passou os olhos pelo quarto e foi, discretamente, até o canto onde colocou a bandeja sobre uma mesa e voltou para o lado do cardeal que, agora, dormia.

Com a calma e a facilidade de um mágico de espetáculos, ela pegou a pasta do chão e entrou em um banheiro à sua direita. Lá dentro, ela trancou a porta, tirou os arquivos e as cartas e escondeu tudo sob o hábito. Então guardou a pasta no armário.

Uma leve batida na porta do banheiro a assustou. Calafrios percorreram sua espinha.

— Irmã, está tudo bem aí dentro?

A voz familiar do monsenhor O'Malley atravessou a porta e ela disse, irritada e em voz baixa:

— Tonto! — então aumentou o tom de voz e respondeu:

— Sim, monsenhor. Estarei com vocês em um minuto.

De repente, sem querer ela se viu no espelho e se assustou. Olhou fundo em sua imagem refletida, buscando aqueles olhos calmos. Foi quando aconteceu. Ela começou a diminuir; seu corpo parecia encolher e enrugar dentro de sua pele. "O que está acontecendo comigo?". Uma estranha voz saía de sua garganta, dizendo delicadamente, como uma criança:

— Não conte... não conte, é o nosso segredinho. Eu nunca vou contar.

Ela colocou as mãos sobre o rosto, apertou as bochechas e os lábios, as pontas de seus dedos passavam por seus traços como um pincel passa pela pintura de um retrato. Então ela começou a se afastar da consciência. Por um momento, ficou parada, olhando o mundo como se fosse somente uma espectadora. O medo arrepiou seus ossos. Em sua mente, ela se via correndo, mas a imagem embaçada de uma jovem garota passou por ela, indo na direção oposta, rindo enquanto corria.

Basha viu-se em uma floresta escura. A voz infantil sai de seus lábios. Esconde-esconde. Esconde-esconde. Procurando pela voz desesperadamente, Basha correu para baixo das imensas árvores. Enquanto corria, imagens de fantasmas flutuavam pela escuridão, imagens impensáveis. Rostos aterrorizados, com os olhos vermelhos implorando. Então uma mão branca, pálida, sem corpo, surgiu no meio da escuridão, segurando uma seringa, sua brilhante e longa agulha vinha, firme e lentamente, aproximando-se, pairando bem na frente de seus olhos. Fortes dores em seu peito quando foi vencida pelo vício do terror.

Em sua mente, a jovem voz gritava:

— Três, dois, um... pronta ou não, aí vou eu!

O mundo rodava. O rosto da jovem garota olhava para ela do espelho. Com a voz engasgada, Basha disse:

— Mas essa não sou eu.

Como se fosse fumaça, o rosto da garota sumiu e foi substituído pelos rostos distorcidos de jovens mulheres, versões levemente alteradas de si mesma. Em uníssono, suas vozes saíram dos lábios de Basha:

— Não se trata de você! E sim de nós. É o que queremos, sua puta egoísta.

Seus joelhos fraquejaram e ela se apoiou na lateral da pia. A bile quente subiu por sua garganta. Ela segurou e vomitou. Olhou para suas mãos. De repente, a camada do vômito ficou escura, um tom de vermelho escuro. Sangue. "Não. Limpe-se, garota. Limpe-se", sua mente repetia como se fosse um mantra. Ela abriu a torneira completamente. Esperou até a água ficar quase escaldante e colocou as mãos sob o jato quente. Obsessivamente, ela começou a esfregar, esfregar e esfregar, até as mãos ficarem feridas. O vapor subia e embaçava o espelho. Ela se recompôs, secou as mãos que tremiam na roupa e limpou o espelho com a palma das mãos. Olhou para o seu reflexo. O rosto gentil e delicado de uma freira olhou de volta. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e Basha os secou com o dorso da mão. Soluçando, ela estremeceu com medo, confusa:

— Você só está cansada. Muito estresse — ela mentiu em um forçado sussurro.

Mais uma batida na porta a fez despertar.

"É tudo por Hamal... lembra-se?", ela disse para si mesma. Arrumando-se, ela enxugou os olhos, ajustou a postura e foi para a porta.

Mas quando ela saiu, o monsenhor não estava ali. Ela passou os olhos pela sala e o viu conversando com um médico. "Porco, não consegue resistir à atuação", ela pensou. Com a expressão confusa, ela atravessou o quarto e ficou ao lado do falso monsenhor.

— Não sabemos como explicar sua ausência — disse o médico, arrumando a armação metálica de seus óculos. — Não que tivesse algo que o Dr. Corneli pudesse fazer.

— Ele já é o médico chefe do Vaticano há muito tempo? — perguntou o monsenhor.

— Serviu a João Paulo I e Sua Santidade.

Franzindo as sobrancelhas, o monsenhor perguntou:

— Perdoe-me minha curiosidade mórbida, mas o estado insistirá que seja feita autópsia no caso do Pai Sagrado chamá-lo para junto de si?

Basha lutava para esconder a raiva, as mãos fechadas ao seu lado, com as unhas forçando a delicada pele da palma de suas mãos. "Vamos precisar matá-lo, você sabe disso", disse a voz estranha em seu ouvido.

O médico balançou a cabeça com vigor:

— Nunca! Nenhum papa passará, ou precisará passar... por tamanha indignidade. Mas por que você pergunta isso?

Dando um forte, porém não perceptível chute no calcanhar do monsenhor, Basha curvou-se e disse:

— Com licença, senhores — ela se virou para o monsenhor. — Acredito que o senhor tenha uma importante ligação, monsenhor O'Malley — disse ela com a voz tão baixa que quando se combinou ao seu largo sorriso, criou um efeito bizarro.

Ainda com dor, O'Malley disse:

— Deve ser Sua Eminência, o cardeal Lawless. Vamos, irmã Maria.

Rossi ligou para o celular do major Brazi.

— Pronto.

— Brazi, é o Rossi. Preste atenção. Temos outro homicídio e achamos que c um médico. Verifique o paradeiro do médico principal do papa.

— Nome?

— Dr. Cornelli.

Um sinal na ligação.

— Aguarde um momento, tenho outra ligação — disse Rossi.

Depois de alguns segundos, Rossi voltou e disse:

— Major, vou abrir a ligação para falarmos também com meu agente, Dante.

— Entendido — disse Brazi.

Rossi imaginava Brazi concentrando sua atenção.

— Dante, diga ao major o que acabou de me dizer.

— Achamos a cabeça da vítima, ou melhor, a guarda suíça achou.

— Como assim? — gaguejou Brazi, parecendo entender, imediatamente, as implicações.

— Em uma chapeleira, na base da escultura de mármore na Basílica de São Pedro. Fizeram a identificação... é...

— O Dr. Cornelli — cortou Rossi.

— Exatamente, mas como você...

— Um momento — ordenou Rossi. — Deixe-me colocar no viva-voz.

A voz cansada de Giovanni disse:

— Por favor, continue jovem. Em qual escultura, exatamente?

— Dizem que é chamada de Vênus do Vaticano. Isolamos toda a área.

— A Vênus de Milo? — perguntou Rossi.

— Não, acho que não. Um momento... deixe-me perguntar ao guarda. Um leve som de vozes e Dante voltou:

— O guarda disse que também é chamada de Senhora da Justiça, fica bem abaixo da escultura de bronze do papa Paulo III.

Giovanni disse:

— Colocando o pacote ensangüentado lá, eles querem nos dar um recado. A justiça finalmente será feita. Tinha me esquecido do infame papa Borgia e sua prima e amante, Julia Farnese. O papa mantinha seus relacionamentos amorosos dentro da família. Julia era irmã do papa Paulo III. Até hoje, quando o papa faz a missa no altar de São Pedro, a face de mármore de Julia o insulta, já que suas formas sedutoras e notáveis ficam a poucos passos, com ela deitada languidamente em um sofá, o selo da justiça sobre sua delicada mão, como se fossem os comentários ocultos do autor. O rosto de Julia, a mulher que compartilhou a cama com um papa e lhe deu uma filha ilegítima, Laura, olha cheio de desejo.

"Embora o papa Alexandre Borgia não tenha dado o nome dela à obra de arte, ele fez Julia, sua amante, posar de modelo para a Madonna e sua filha ilegítima, Laura, para Cristo em um dos afrescos de Pinturicchio, que anula pode ser visto no Saguão dos Mistérios, localizado nos apartamentos de Borgia, no Vaticano."

— Mas quem passaria pela guarda suíça, pelas dúzias de turistas, por todo o pessoal do Vaticano... com uma caixa ensangüentada embaixo do braço? — perguntou Brazi sarcasticamente.

— Bem, não teria sido um terrorista árabe, não é mesmo? Ou seus oficiais teriam notado — disse Rossi.

— Acredito que o major Brazi já respondeu sua própria pergunta. Só pode ter sido alguém que passaria completamente despercebido — replicou Giovanni.

— Você não quer dizer... — disse Dante, incrédulo.

— Um membro da guarda suíça — disse o major Brazi com a voz pulsando de raiva.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas — advertiu Rossi. — Mais alguma coisa, Dante?

— Tinham algumas palavras escritas na caixa... Bocca Della Venta.

— A Boca da Verdade — murmurou Rossi. — *Zio*, devemos mandar uma equipe para o pórtico da Igreja de Santa Maria e verificar o disco de mármore?

A mente de Rossi retomava a inacreditável e perversa ironia nisso tudo. Pensando na expressão chocada de Audrey Hepburn no filme *Roman Holiday*, quando Gregory Peck, escondendo a mão na manga do casaco a retira da boca do disco e amassa. O teste romantizado da sinceridade de um amante foi corrompido e ofendido por esses assassinos sem coração. Rossi perguntou:

— Ou Dante deve olhar dentro da boca da vítima?

- Estou olhando agora — disse Dante. Deixe-me colocar uma luva nova. Vamos, abrindo a boca. Segure a lanterna mais perto, por favor. Parece que tem algo aqui...

— Não! — disse Giovanni. — Para dar uma dolorosa mordida nos jovens amantes que colocassem a mão na boca da escultura, um padre da paróquia costumava colocar um...

— *Mannaggia!* — gritou Dante. — Desculpem... esqueci onde eu estava.

Rossi conseguia imaginar a mão de Dante recuando abruptamente e fazendo um fervoroso sinal da cruz. Ele exigiu:

— Fale comigo! O que está acontecendo?

— O maior e mais negro escorpião que eu já vi acabou de sair da boca da vítima.

— Meu tio estava certo — reconheceu Rossi — melhor estar seguro do que arrependido. É melhor levar isso ao laboratório e entrar em contato comigo.

O som dos passos e as vozes falando podiam ser ouvidos do outro lado da linha. Rossi também ouvia Brazi dando ordens. Depois de um momento, a voz de Brazi explicou:

— Mais más notícias. Acabaram de encontrar o cardeal Stanislav caído na cadeira ao lado do papa.

— Dormindo? — perguntou Rossi.

— Não, envenenado.

— Suspeitos?

Hesitante, procurando as palavras, Brazi disse:

— Uma freira e um padre.

— Nada mais sólido?

Brazi suspirou:

— Um dos meus homens disse que ela era... maravilhosa. Com os olhos azuis mais bonitos que ele já viu.

— Dante, pare tudo o que você estiver fazendo! — ordenou Rossi.

Rossi balançou a cabeça. Maravilhosa. Como um estilete, a palavra cortou suas entranhas. Só poderia ser Gina, ele pensou, não, ele soube, instintivamente. Só alguns milhares de clérigos chegavam à cidade por hora desde que João Paulo ficou doente, ele pensou. Sem mencionar os milhares de católicos fazendo sua peregrinação. A projeção era de quatro milhões no total. As ruas sorridas, os hotéis abarrotados, barracas nos parques, o serviço de polícia e de emergência batendo recorde de sobrecarga. Seu rosto flutuava bem na frente dele. Ele disse:

— Dante, distribua a foto da nossa suspeita para a imprensa. Quem o rosto dela em todas as capas dos jornais, e quero que seja mostrada em um boletim especial e, Dante...

— Quer isso para ontem, eu sei. Vou ver se o hospital tem a fita da vigilância também. Ah, quase me esqueci. Quando eu terminar, trago o seu carro.

— Ótimo, Dante.

— Estamos pegando a fita agora — disse Brazi.

— Obrigado, major. Precisamos saber quem é o padre. Certifique-se de que os guardas sejam avisados de que a mulher está armada e é perigosa. E Dante, para nossas tropas... Código-00 com protocolos completos antiterrorismo é o que está valendo — Rossi tinha dobrado a classificação 0 da SIS, o que significava uma licença para matar. Ele

concluiu: — E enquanto estiver fazendo isso, traga a equipe da guarda suíça para a minha localização, rápido.

## Capítulo 65

Com a missão cumprida, Basha e Johnny Brett deixaram o hospital. Com os documentos seguros e de volta à van, trocaram de roupas. Basha sabia que o segredo para os artistas se trocarem rapidamente não era, como muitos acreditam, a capacidade de se trocar com rapidez. O segredo era usar várias camadas de roupas que são feitas com fechos de velcro. Isso permite que a camada superior seja retirada e eliminada, deixando somente a roupa que estava por baixo como um novo disfarce. Alguns mágicos de estrutura pequena chegam a usar até seis camadas.

— Acha que seu chefe vai ficar bravo por saber que o garotão ainda está resistindo? — perguntou Johnny, dando uma virada na garrafa de Maalox e limpando a boca com o dorso da mão.

Quando eles pararam no farol, ela disse:

— Sua boca grande quase estragou tudo. Fazer perguntas para o médico foi idiota e não profissional.

O farol abriu.

Quando chegaram ao posto, ela viu que Johnny a despia com o olhar. Quando ela tirou o hábito, surgiu uma tigresa. Agora ela vestia Roberto Cavalli da cabeça aos pés: uma minissaia preta, uma gargantilha escura, blusa de mangas compridas que mal escondia um colete de seda de borgonha com guarnição preta que acentuava seu diafragma. Com um pouco

de maquiagem. Ela estremeceu quando os olhos dele começaram a passar por suas coxas, descer pelas canelas, os tornozelos, as tiras de seus sapatos. A sensação de violação mexeu com seus pensamentos profundos. No banheiro do hospital ela tinha mentido para si mesma. O sentimento desconexo, a experiência misteriosa, tinha sido uma completa novidade. Durante a noite, em seus sonhos, rostos, milhares de rostos, fundiam-se em um só, aqueles olhos de peixe, com pupilas transparentes a violentavam só com o olhar.

As mãos moles do homem tocavam seu rosto, passavam pelas curvas de seus seios e, finalmente, descia por sua barriga lisa. Um grito sufocado dentro de seus pulmões ao se lembrar das imagens que a assombravam. E a engoliu seco, sentiu aquelas mãos frias em suas coxas e depois... entre elas. Uma mistura sublime de terror e abandono passavam por ela. Ela atingiu o clímax, estremeceu de prazer, mais e mais vezes. Mas ondas de náuseas vinham da boca de seu estômago.

As visões sumiram.

Mas isso não era nem metade. Havia os minutos, as horas, os dias... as semanas perdidas. Apagões. Ela podia estar falando ao telefone ou assistindo televisão, com o cigarro na mão e, de repente, saía do ar. O cigarro queimando seus dedos a tinha despertado mais vezes do que podia se lembrar.

Mas o pior tinha sido a viagem a Paris, uma viagem que ela não se lembrava de ter feito. Ela acordou em um hotel estranho. Malas com roupas que ela nunca tinha comprado, maquiagem na pia em tons que ela nunca usava e, no travesseiro, o cheiro de um homem com quem não tinha se deitado, ainda podia ser sentido.

Ela se lembrava, como uma tola estudante, de abraçar o travesseiro para tentar visualizar o homem cujo perfume pairava no ar e em seu corpo. Assustada e confusa, ela arrumou as malas e foi para o lobby. Hesitante, ela pediu a conta na recepção. A recepcionista sorriu, calorosamente, e disse:

— Qui, mademoiselle. Mas você já pagou hoje de manhã. Quer outra cópia?

Ela concordou e ficou muda. Pontos negros começavam a pairar em seu campo de visão. Ela respirou fundo. O nome na nota não era nenhum nome que ela conhecesse.

Rapidamente ela foi até o bar, sentou-se e pediu uma dose dupla de Bourbon. Depois de virar o drinque, ficou olhando para o que tinha sobrado do líquido âmbar no final do copo de cristal. "Desde quando eu tomo Bourbon? Meu passaporte", ela se lembrou. Ela começou a procurá-lo na bolsa e, ao achá-lo, abriu. Sua foto e o nome — Laylah Thomas — que ela não reconhecia estavam na página de identificação. Então seu olhar voltou-se novamente para a bolsa. Aquela não era sua bolsa. Parecia, mas ela tinha certeza absoluta de que não era a sua.

Agora as visões voltaram.

A respiração quente contra o seu rosto, gemidos, o cheiro azedo do suor, o peso morto sobre seu corpo. E o cheiro azedo. O odor almiscarado do desejo.

O som de uma buzina a trouxe de volta para o presente. Sentiu alguma coisa e olhou para baixo. A mão que acariciava sua coxa saiu de lá rapidamente, Johnny Brett retirou sua mão manchada com um olhar preocupado no rosto:

— Não consegui resistir, querida. Você é tão firme, tão bonita, tão...

Logo à frente, apareceu um beco. Basha virou o volante com força para a direita e entrou na ruazinha. A van entrou na rua estreita, raspando na parede de tijolos na curva fechada que fez. A rua era sem saída, mas em vez de reduzir, Basha pisou mais forte no acelerador.

— O que diabos você está fazendo, sua vadia louca? — gritou Johnny Brett, suando de nervoso.

No último minuto, Basha pisou no freio. A van parou com a freada brusca e cantou pneus. As mãos de Johnny, levadas pelo impulso, seguraram no painel. Ele lentamente voltou ao assento, com o sangue escorrendo pela testa. A expressão de Basha era delicada, com a inocência da juventude. Com a voz infantil, ela soltou:

— Você não devia ter nos tocado.

Antes de ele poder reagir, Basha ergueu o braço e virou o pulso, pegando o estilete que estava escondido em sua pulseira. Sem esforço, com muita prática, a lâmina passou na garganta dele. Ela balançou a cabeça e disse:

— Garoto mau... — ela ralhou, mau-humorada, passando a mão na blusa manchada de sangue. — Olhe o que fez com minhas lindas coisas.

Nesse momento, o telefone Satcom tocou. Confusa, a pequena Basha pegou o aparelho, ficou olhando e, depois de apertar alguns botões, enfim, a voz surgiu. Hesitante, ela se inclinou para a frente e disse:

— Alô.

Dr. Ahriman respondeu:

— Lollypop?

Um grande sorriso:

— Esse é o meu nome, papai. Não o use em vão — ela riu.

— Lollypop, a menininha do papai fez alguma coisa feia? Fazendo biquinho, ela virou o pulso, vendo a lâmina ensangüentada e disse, seca:

— O homem mau não vai mais nos machucar.

Distraída, ela limpou a lâmina nas calças de Johnny Brette e a guardou no bracelete novamente.

Uma longa pausa até que Ahriman disse, com o tom de voz de pai:

— Boa menina. Agora, Lollypop... vamos fazer um jogo. Ela se ajeitou, seus olhos reviravam:

— Estou ouvindo.

— Basha não se lembra de nada do que você fez. Quando eu cantar sua música favorita, você vai deixar Basha voltar...

— Bom. Ela pode limpar a bagunça dessa vez.

— Isso mesmo, Lollypop. Agora, sua música... está pronta?

— Sim.

Ahriman cantou com a voz melódica e com uma cadência e intensidade que davam o tom infantil fora de lugar e estranho, muito malévolo:

— Eu sou um pequeno e gorducho bule, me incline e verta meu líquido... deixe ela verter. Lollypop... deixe ela vir.

Ela sussurrava e, de repente, estremeceu, ficou mole. Sua cabeça caiu para a frente. Quando ela a levantou, era Basha. E ela disse ao telefone, com a voz dura:

— Estou ouvindo.

— Rápido, livre-se do ator. Suponho que seja ele quem foi eliminado. Ela engoliu seco e seu olhar voltou-se ao corpo sem vida a seu lado, buscando em seus olhos uma resposta.

— A última coisa de que me lembro... — seu olhar confuso transformou-se em uma cara feia. — é desse porco colocando as mãos em mim.

Ela olhou para sua saia, que era toda preta e, agora, tinha pontinhos vermelhos. Então, sentindo alguma coisa no braço, ela o puxou e viu o sangue que já começava a endurecer na parte de trás de seu antebraço. Ela fechou os olhos com força, tentou se lembrar, mas não conseguiu e soltou um resmungo:

— Ele pendurou os sapatos e tirou aposentadoria precoce permanente.

— Foi uma infelicidade para ele, mas não importa no momento. Assim que terminar com ele, quero que você...

Enquanto ouvia, seu sexto sentido lhe deixou atenta:

— Fique aguardando — ela disse.

Pelo retrovisor, Basha viu um policial se aproximar. Com o rápido movimento do pulso, como se tivesse pensamentos próprios, a lâmina apareceu. E ficou aguardando pacientemente, esperando que o oficial se aproximasse mais, chegasse na janela. E quando ele chegou, a lâmina passou, sem esforço, por sua garganta exposta.

— O que está acontecendo? — perguntou Ahriman.

— Só um policial. Já cuidei disso.

Do outro lado, uma pequena pausa. Então ele disse:

— Basha, quero que encontre uma pessoa.

— Quem?

— Ah, só um antigo conhecido.

## Capítulo 66

Josie olhou o prospecto escrito em italiano e em inglês, que estava no banco da van roubada, bem ao lado dela.

O Instituto E orgulhosamente apresenta uma palestra com o psiquiatra mundialmente renomado, Dr. F. Ahriman hoje, às duas da tarde, no salão de convenções principal do templo. Todos são muito bem-vindos.

Um pedido engasgado veio da verdadeira Ronda Stewart que estava na parte de trás. Enquanto Josie verificava a maquiagem e o cabelo no retrovisor, ela disse:

— Fique retinha, Ronda. Você está prestes a fazer história no jornalismo.

Ela ajustou o crachá de identificação para deixar parte da foto de Ronda sob a gola de sua jaqueta, saiu da van e atravessou a rua.

Ela parou do outro lado da rua em frente a entrada principal do templo, esperando a chegada de Ahriman. Já tinha se apresentado para as recepcionistas do Instituto, as duas eram membros e tinham muita energia, os olhos arregalados e tinham acabado de ser apontadas para trabalhar no escritório do Instituto E na Índia. Estavam realizadas por terem a famosa Ronda Stewart para uma breve entrevista e fotos com o palestrante convidado que chegaria em breve. Josie estava realizada por descobrir que nunca tinham visto Ronda de verdade, já que o acesso à televisão tinha sido negado desde que foram para a Índia. Josie deu uma desculpa qualquer para explicar a ausência do cameraman, dizendo que ele deveria chegar em breve e explicou que gostaria de fazer uma

pequena entrevista em um local mais tranqüilo. As gêmeas viraram as cabeças, em estilo indiano, enquanto falavam:

— Conseguimos o escritório particular do Sr. Volante para sua entrevista. Está a seu gosto?

Josie sorriu e olhou no relógio de pulso. Dois minutos para a chegada.

Distraidamente, sua mão passou por cima do contorno da Sig Sauer que estava escondida sob a jaqueta.

Foi então que ela viu a limusine abrindo caminho no trânsito e vindo em sua direção. Ela segurou o ar nos pulmões. Uma das gêmeas falou alguma coisa rapidamente em um pequeno walkie-talkie.

A limusine estacionou bem na frente dela. Seus músculos estavam tensos. Como um chicote com a latente violência da mão que o maneja, ela esperava para atacar.

Sua mão deslizou para baixo da jaqueta e seus dedos envolveram, firmemente, a pistola. Ela passou os olhos por toda a área. "Nenhum agente de segurança. Nenhuma escolta para a limusine. Vou pegá-lo bem aqui."

A porta da limusine se abriu. Primeiro uma pequena perna, depois um corpo diminuto saiu de lá. Ele usava um terno carvão, caro e muito bem cortado, e exibia uma capa e echarpe de seda branca.

Ela deu um passo à frente, com os olhos fixos em seu alvo.

"Só mais alguns passos", ela pensou. "Alguns segundos e eu vou mandar esse desgraçado para o inferno".

Ela estava apenas a alguns instantes, liderando um grupo de corpos que tinham se acumulado. A Sig estava saindo da jaqueta quando aconteceu. Um grupo de estudantes e de

funcionários saiu pela porta da frente e foi para a calçada. Uma das gêmeas passou na frente dela, mas ela foi se aproximando dele, com a pistola abaixada e junto à sua coxa. Com uma reverência teatral, Ahriman jogou a capa por cima de um ombro e se exibiu para o público.

Por um momento seus olhares se cruzaram, ela olhou para os pequenos, úmidos e cinza olhos de Ahriman. No mesmo momento ele ficou perplexo. Ele a reconheceu. Seu olhar foi até a pistola que estava abaixada. Muitos corpos se espremiavam em volta dela, sem saber o que estava para acontecer.

Então, quando ela estava prestes a apertar o gatilho, uma garotinha, segurando um buquê de flores, apareceu na frente dela e bloqueou o tiro. Sem hesitar, Ahriman curvou-se e pegou a garota no colo, abrindo um largo sorriso para Josie e acenou para o público. Usando a garota como escudo, ele passou pela multidão.

Josie congelou.

Empurrada pela audiência, uma chuva de rosas caiu lentamente em volta dela. O mundo parou e começou a girar em câmera lenta. As vozes que gritavam, ficaram mudas, distorcidas. Como um robô, ela guardou a arma e recuou. Ela tropeçou, amaldiçoou com raiva suas cordas vocais ao entrar no empurra-empurra da multidão. Cada fibra dela gritava e exigia que ela fosse para a frente das pessoas, descarregasse a arma no peito dele, as malditas conseqüências. Mas ela se mantinha para trás, com lágrimas nos olhos. Ela conseguiu manter Ahriman em seu campo visual até ele chegar na porta, quando se virou. Com um sorriso falso, ele olhou diretamente para ela, acenou e desapareceu no edifício.

"Não adianta tentar entrar agora", ela pensou. Ahriman já teria alertado a segurança sobre sua presença. Ela entrou na van e partiu, cantando pneus. Mais tarde, ela parou em um estacionamento distante. Seus olhos continuavam com lágrimas de raiva, ela socou o volante e foi para a parte traseira da van. Antes, ela tinha dado uma boa dose de Rophenal para a petulante Ronda, fazendo ela ficar tão submissa quanto um cachorro. Josie tirou as roupas de Ronda e vestiu as suas. Depois de soltá-la, vestiu Ronda e a colocou no banco traseiro de um Fiat velho que estava parado ali perto, cheio de adesivos de futebol italiano.

Ronda olhou para ela e perguntou:

— O que está acontecendo?

— Se o remédio não fizer efeito você terá o momento da sua vida — disse Josie ao fechar a porta do carro e seguir na outra direção.

Ronda, que olhava para ela sem expressão, sorriu.

Quando Josie foi embora, percebeu o erro que tinha cometido. Tinha deixado as emoções dominarem seu lado racional. Tinha tentado fazer tudo sozinha e perdeu a deixa. Da próxima vez teria ajuda.

## Capítulo 67

O sedã não identificado da embaixada seguia pelo complicado trânsito de Roma, no CD tocava um paradoxo chamado Greatest Hits de Donny e Marie Osmond. Embora o agente Kyle fosse o motorista, a combinação da velocidade lenta e os gritos dos irmãos cantando "A Little Bit Country, A Little Bit

Rock and Roll", distraíam Manwich. Fumegante, ele abaixou o vidro do lado do passageiro e começou a socar a lateral do carro enquanto xingava os indiferentes motoristas italianos que rodeavam seu veículo. Tão indiferente quanto eles, Kyle balançava a cabeça junto com a música.

Virando-se para Kyle e com a cara amarrada, Manwich questionou:

— O que acontece com você? É algum tipo de velho maluco preso no corpo de um cara de 30 anos?

— Não, eu sou mórmon, chefe.

Manwich amarrou ainda mais a cara, demonstrando a irritação:

— É a mesma coisa — ele pegou um chocolate, já começado, do bolso e o devorou em duas mordidas. Então ele tirou o CD, passando os dedos sujos de chocolate no disco e trocou por um que estava na sua pasta. O som discreto do Eurythmics. — Agora sim. Isso é música — fingindo um forte sotaque latino, ele acrescentou: — Os anos 80 foram muito, muito bons para mim.

Kyle olhou para o CD todo sujo e depois para seu chefe:

— Nunca soube se o vocalista era um rapaz ou uma garota.

— Garota? Olha, seu caipira. Eu garanto que não era como Marie, mas acredite em mim... ela era uma mulher completa. Provavelmente jogava dos dois lados, mas...

— Ela também jogava?

Manwich encarou o rosto de criança de Kyle, cujo sorriso o irritava toda vez e disse:

— Esquece, seu tonto. Apenas nos leve até a igreja a tempo, ok?

Antes de poder responder, o telefone Satcom tocou. Ele desligou a música. O equipamento era o mais moderno telefone via satélite codificado da NSA, que usava sinal não linear e ilimitadas chaves de 128 bits. Quando foi atender, Manwich se lembrou dos antigos telefones Green Scambler cujo sistema de codificação era quase do tamanho de um aparelho de ar-condicionado. Como os tempos mudaram, tudo mudou... menos seu novo parceiro, agente Kyle, que parecia ser a reencarnação de Brendan Fraser em Polícia Desmontada.

Embora estivesse a milhares de quilômetros da central, em Maryland, a voz do Homem das Respostas estava nítida:

— Agente Manwich?

— Sim.

— Temos algumas interceptações perturbadoras. Envolvem algumas partes que estão usando a última geração de codificação algorítmica e, embora a chave em si não seja transmitida, nós...

— Vocês têm tudo no banco de dados.

— Precisamente.

— Quem é o alvo?

— Nosso velho amigo, Drago Volante, o cabeça do Instituto E.

— E a outra pessoa?

— Dr. Sanger, da Universidade do Arizona.

— Especialidade?

— Genética.

— Parece familiar — disse Manwich.

— E deveria. Ele estava na operação para o desenvolvimento de armas químicas, mas foi demitido.

— Precedentes?

— Não passou na renovação da avaliação psicológica.

— Diagnóstico?

— Esquizofrenia paranóica com manifestação de ilusões.

— Deve se dar bem com Volante, então. Devem estar brincando de descobrir o nome do próximo papa no jogo da pizza.

— Ele está em Roma... esperando para embarcar em um vôo para o Paquistão enquanto conversamos.

Manwich curvou os lábios:

- Como ele saiu do país? Não podemos deixar que ele fique entregando armas com biotecnologia avançada para os malditos fundamentalistas islâmicos. Pelo amor de Deus, Islamabad está com os agentes da al-Qaeda. Vou despachar uma equipe para pegá-lo agora.

— Não. Já temos uma equipe no local e no destino. Quero que você descubra com quem ele vai se encontrar.

— Se você já tem provas de que o grupo de Volante está realmente usando os chips codificados que me mandou buscar, tudo o que tenho que fazer é pegar um dos caras do Volante com um dos chips classificados no telefone e apertá-lo para conseguir as informações.

— Houve uma alteração em nossos objetivos.

— Então o que você quer de mim?

— As ordens vieram de cima. Parta para a operação de Volante na Itália. Querem que ela seja completamente interrompida.

— Ok. Eu e qual exército?

- A compartimentalização é um grande fator. As ordens são para você trabalhar com uma equipe da Mossad.

— E por que eu não pensei nisso? — disse Manwich em tom de ironia. - Vocês enlouqueceram completamente?

— Tudo o que é necessário por ora é uma extraordinária execução.

— Quer que a gente pegue uma pessoa e a transporte para um outro país?

— Sim.

— Não teve cinco agentes da CIA que foram indiciados por "*absentero*" pela corte italiana por pegarem terroristas egípcios no ano passado?

— E qual o seu ponto?

Kyle ficou branco e pisou no freio no último momento, parando muito perto da traseira de um ônibus.

— Que merda é essa? — reclamou Manwich.

— Realmente não há necessidade para o uso de tal linguajar, agente.

Ainda olhando feio para Kyle, Manwich disse:

— Não é com o senhor. E qual o acordo com a Mossad?

Quando a voz de Loveday, o chefe do diretório de operações surgiu, Manwich vacilou:

— Agente, precisamos de alguém confiável para a missão. A Mossad já tem uma agente em terra aí. Uma agente motivada por uma vingança pessoal. Mataram seu pai. Quando ameaçamos acabar com o acordo. Tel Aviv passou a ver as coisas do nosso jeito. A agente Mossad está agindo sem

permissão, em busca de sangue. No caso de ainda não ter percebido, nossa popularidade com os italianos não tem andado muito em alta. Tem um agente da SISD, coronel Rossi, que também pode ser útil.

Olhando para trás, Manwich viu o carro que vinha andando atrás deles desde que tinham saído da embaixada:

— Acho que já encontrei uma equipe de vigilância italiana. Já estamos indo ao encontro desse Rossi, senhor.

— Como assim?

— Houve o seqüestro de um clérigo do Vaticano. O pessoal da equipe técnica está monitorando as transmissões de rádio. Estamos indo para o local onde a vítima foi encontrada agora mesmo. Se tivermos sorte, Rossi ainda estará lá — disse Manwich, amaldiçoando-se pelo jeito como falava.

— Podemos usar um pouco de sorte.

— Senhor, como entro em contato com a israelense?

— Ela vai encontrá-lo.

"Que maravilha", pensou Manwich. Me colocaram para trabalhar em equipe com alguém que está em busca de vingança. Isso significa que ela não vai tomar precauções, vai até o fim em busca do que procura". Então Manwich pensou em fazer a principal pergunta:

— Então, quem é esse cara que vocês querem que capturemos?

— É uma mulher, uma agente de falsa-bandeira, seu codinome é Bast. A descrição codificada deve estar chegando em seu terminal neste momento.

— Estou aguardando.

— E, agente Manwich...

— Estou bem aqui, senhor.

— Você precisa pegar essa agente viva, a qualquer custo. Ficou claro?

— Então não importa quem estiver no caminho?

— Exatamente. E mais uma coisa: quer ele entre em seu caminho ou não... quero que elimine Ahriman.

Manwich olhava para a tela do laptop enquanto a imagem aparecia. Viu seus olhos de corça e suas feições aquilinas. Balançou a cabeça:

— Importa-se com a ordem? — perguntou Manwich com um meio sorriso, já imaginando a resposta.

- Não no final das tontas.

A ligação foi encerrada.

Quando Manwich ergue a cabeça, viu que estavam parados na frente de San Stefano.

Kyle perguntou:

— Novas ordens?

— Acho que você deve se preparar.

Kyle ficou olhando para ele, sem expressão.

Um carro da polícia virou a esquina e entrou na rua cantando pneus. Eles se viraram com o som. A porta se abriu e um oficial uniformizado saiu do carro. Daquela pequena distância, mesmo com o cabelo para dentro do chapéu, ficava óbvio que era uma mulher. Seus movimentos eram muito suaves, e ela foi seguindo pela rua com a graça e agilidade de uma pantera. Apontando a câmera do laptop, Manwich analisou suas feições. Então ele olhou para o computador e, de acordo com o software de IDENTIFICAÇÃO FACIAL, havia uma compatibilidade.

Manwich apontou com a cabeça para a oficial e disse:

— Não olhe agora, mas acho que seu par acabou de aparecer.

Com sua Glock 9mm do suporte DeSantos em seu ombro, entrou na câmara, viu os cartuchos que estavam embaixo de seu braço e guardou novamente sua arma. Manwich preferia o suporte nos ombros por ter dificuldade em manter as calças no lugar com o peso da versão padrão, no quadril, por causa dos cartuchos, armas e algemas. Além disso, o único jeito para um homem com suas medidas resolver o problema, seria usando suspensórios. Não era o seu estilo. Achava que os suspensórios faziam ele parecer ainda mais gordo, como um advogado do sul que trabalhasse no tribunal cheio de moscas da Louisiana. Exatamente a história de seu pai.

Ainda olhando atentamente para a oficial que desaparecia, Kyle fez o mesmo com sua arma, sorrindo como um estudante.

— Não deixe o uniforme dessa garota enganar você — disse Manwich. — Por baixo está uma gata vinda do inferno.

Kyle lambeu seus lábios rachados. Como um cão de caça sentindo o cheiro da raposa, ele saiu do carro, atravessou a rua, quase foi atropelado por uma Vespa. Manwich, abaixado, correu, fazendo a perseguição.

Em Fort Meade, Loveday, o chefe do diretório das operações, batucava, nervoso, na mesa.

O Homem das Respostas pigarreou:

— Você mandou Manwich para Roma para pegar um agente da al-Qaeda e para eliminar Ahriman. E mandou a

equipe de operações para a Índia. Por quê? Não consegui entender a ligação.

Distraidamente, o chefe rodava o anel com o indicador e o polegar. Ele mordeu o lábio e continuou em silêncio. Então, olhou para cima:

— Isso é entre mim e... Deus.

Desviando o olhar, o chefe do diretório estudava suas mãos grossas o com artrite. As mesmas mãos que tinha usado para estrangular o estagiário Kenny com a corda do piano.

Do dedo anelar do chefe, o selo dos Cavaleiros de Malta brilhava, desafiador, como se o estivesse advertindo para manter o voto de silêncio mesmo sob dor ou morte. Ele endureceu. Ergueu a cabeça e olhou por um momento para o Homem das Respostas. Então, repentinamente, olhou para baixo, ocupando-se com papéis de seu trabalho, o que significava: fim da discussão.

O que o Homem das Respostas, Manwich e a maior parte do pessoal da NSA não sabia era que o chefe tinha contratado Ahriman há alguns anos, usando o disfarce do próprio programa da NSA de Operações PSY. Consolidando, secretamente, seus experimentos obscuros de controle da mente. Bast era, na verdade, criação de Ahriman. Ahriman queria testar seu controle mental em crianças e não só em adultos. Ele achava que seriam mais maleáveis. Bast ou Basha e seu irmão, Hamal, foram encontrados em um campo de refugiados da Palestina. Basha foi levada para os Estados Unidos. O braço direito do chefe era Carl Rothstein, chefe da Estação em Tel Aviv naquela época. Ele vigiava os campos.

Encontrava e testava dúzias de crianças, mas essas duas eram excepcionais. Brilhantes, saudáveis e ávidas por afeição.

Existia uma outra irmã, mas Rothstein descobriu que um cidadão com relações políticas em Israel a tinha adotado e os arquivos sumido. Era parte de um programa de RP com o intuito de mostrar as boas intenções de Israel em busca da paz. Mas, nesse caso, Rothstein suspeitava do envolvimento da Mossad. Muitas crianças eram tiradas dos campos do Líbano e criadas por família desconhecidas de judeus, recebendo a doutrina em Kibbutz. Era a Operação Moisés. Rothstein também tinha deixado o garoto, Hamal, escapar e cair na mão de responsável, MI-6.

O chefe suspeitava que Ahriman estava jogando dos três lados. Um agente múltiplo que trabalhava para a NSA, Volante e MI-6. Ele suspeitava que Ahriman tinha compartilhado os resultados de sua: pesquisas com os três. Volante também se tornou responsável. Ele se viu como um homem extraordinário, com tarefas de responsabilidade para usar seus dons para salvar o mundo. E, como a maioria dos homens extraordinários, não tinha nenhum problema em não agir de acordo com as regras ditadas pela sociedade. Ele estava acima da média; olhava para baixo e via um mundo que poderia criar. Ele acreditava que não havia algo como uma chance. Acreditava que a chance era algo que ele tinha o poder de criar. E, como a maioria dos que acreditam ser extraordinário, ficou enlouquecido com o poder. Em uma palavra, era um louco.

Agora a bola estava em jogo. Não importava quem iria eliminar quem. E ele acreditava que Manwich faria as coisas

entre os italianos e a equipe Mossad. "Sim, isso é entre mim e Deus", ele pensou.

Com reverência, o chefe pegou o terço e abaixou a cabeça para rezar.

Um quarteirão atrás deles, discretamente escondido atrás de um caminhão, estava o coupê. O agente MI-6 ao volante pegou o telefone Satcom e discou um número.

Uma voz áspera atendeu:

— Diga.

— Sr. Childress, as coisas estão chegando ao fim por aqui.

— Já viu o alvo, então?

— Bast acabou de chegar, senhor. Mas surgiram maiores complicações.

— Como assim?

— Fort Meade mandou agentes para o local. O agente Manwich.

Ele respirou fundo:

— Aquele imbecil!

— Sim, senhor.

— Não deixe esses idiotas ficarem em seu caminho, elimine-os. Pegue Bast de qualquer jeito!

— Considere feito.

— Certo. Então certifique-se de fazer — uma longa pausa.

Então ele continuou: — Mais uma coisa. Ligue para o Apicultor na Legoland e diga a ele que as coisas estão Luvvly por aqui. Tive alguns probleminhas, mas tudo já foi resolvido. Já neutralizei a equipe de solo da NSA por aqui. Pegue as garotas e estaremos a postos quando o doutor chegar.

Durante todo o tempo o jovem rapaz árabe estava sentado em silêncio no banco traseiro, seus olhos fixos na mulher vestida de policial. Seus olhos eram castanho-claros e tinham um ar de tragédia. Ele ficou nervoso quando seu lábio começou a tremer incontrolavelmente e enxugou uma lágrima. Ele não podia deixar as emoções traírem suas verdadeiras intenções em relação àqueles homens.

## Capítulo 68

Com o som da porta se abrindo, Giovanni parou e se virou. O padre Fallace entrou, quase na ponta dos pés e um pouco sem fôlego:

— Vejo que é um estudante das artes.

Giovanni olhou para ele sem dizer nada.

Aproximando-se da mesa, Fallace apontou com a cabeça para a última pintura:

— Embora sejam muito notáveis, acho a Crucificação de Durer a mais intrigante. Um detalhe tão interessante e um enorme mistério que se relacionam.

— Mistério? — perguntou Rossi, trocando olhares com seu tio.

— Não sou um historiador, mas é bastante conhecido o fato de que Durer tinha ligações com o grupo clandestino que, por falta de um termo melhor, poderia ser chamado de maçonaria. Como muitos pintores da Renascença, ele era um nobre herege em seu coração. Até um pouco antiquado.

Giovanni observava o padre enquanto ele falava, prestando atenção a todos os detalhes. Os gestos excêntricos de suas pálidas mãos campanárias, o odor de sua colônia forte, o tom da voz. O jeito endiabrado dos cantos de sua boca virarem quando ele sorria.

— Alguns dizem que ele sentia "uma coisa" por seu mentor, no entanto, como Alberti morreu muito cedo, nunca consumaram o fato. Exceto, talvez, em uma gravura — o padre soltou uma malvada gargalhada.

Giovanni o interrompeu:

— Você está se referindo ao trabalho dele cujo nome é *A Queda do Homem*. A forma como ele substituiu seu rosto pelo de Eva e o de Leon Battista Alberti pelo de Adão no Jardim do Éden?

— Exatamente — disse Fallace. — Dois homens nus, com aquele olhar de vacas — ele arregalou os próprios olhos para demonstrar.

— Olhos apaixonados — sugeriu Giovanni. — Embora, logicamente, fosse um desejo não concretizado pela parte de Durer, já que ele nasceu no ano em que Alberti morreu. Alberti, entretanto, a parte dos movimentos completos que se iniciaram rapidamente e de ser um arquiteto, era membro de uma ordem secreta.

Rossi revirou os olhos, como se dissesse, lá vamos nós de novo.

— Bravo, *professore*. Vejo que o senhor é um homem da Renascença — disse o padre, com os olhos brilhando. — Então talvez conheça o segredinho de Durer sobre a morte de Jesus.

— Certo, padre — disse Rossi, interrompendo-o. — Estamos com pressa. Podemos ver as fitas, por favor?

Giovanni indicou com a mão que seu sobrinho ficasse quieto e disse:

— Padre, por favor, continue.

Quando o padre virou-se para Rossi, Giovanni piscou para seu sobrinho.

Fallace esfregou as mãos avidamente virando-se de volta para a gravura:

— Veja a figura atrás da cruz. A que tem os braços erguidos.

Rossi suspirou e demonstrou ter visto.

— Gesto pouco usual... a menos que você reconheça seu verdadeiro significado — explicou o padre. — É o sinal do Grande Clamor dos maçons, que, logicamente, o receberam dos templários.

— Seu chamado da angústia — acrescentou Giovanni.



— Precisamente — disse o padre. — Agora, meu jovem, observe atentamente a face de Jesus.

Aproximando-se, Rossi murmurou:

— Parece muito envelhecida para um homem de trinta e poucos anos.

— Sim, prossiga.

— Pelo que disse anteriormente, sobre o negócio de Adão e Eva... aposto que é o rosto de Durer.

Rossi virou-se para seu tio em busca de alguma indicação se ele estava correto, mas Giovanni permaneceu mudo. Lentamente, seu tio virou o olhar na direção da mesa e do cinzeiro abarrotado. Ele bateu nos bolsos e disse:

— Ah, Deus. Parece que esqueci meus cigarros no escritório. Padre, poderia me dar um?

Rossi olhou com estranheza para o tio, mas quando ele começou a falar, Giovanni o interrompeu:

— Eu sei, eu sei. Vou parar semana que vem.

Fallace respondeu com modéstia:

— Ah, sinto muitíssimo, mas eu não fumo.

Ainda demonstrando estar confuso, Rossi começou a procurar o cigarro em seus bolsos. Giovanni fez que não com a cabeça. Seus olhos focaram o padre e voltaram para seu tio, Rossi entendeu.

— Meu jovem, sua observação foi esperta, mas sua conclusão errou o alvo — disse o padre apontando para outra pintura sobre a mesa. O radiante rosto de Cristo olhava para cima, com longos cabelos soltos, uma leve barba, a imagem típica, mas um pouco diferente... — Deixe-me apresentar a você, Albercht Durer — ele disse, gargalhando.



— Um auto-retrato? — perguntou Giovanni.

Fallace concordou:

— Muito lisonjeiro, porém muita licença artística, na minha opinião.

— Então, de quem é o rosto colocado naquela imagem de Cristo na cruz? — perguntou Rossi.

— De ninguém menos do que da mesma pessoa que encontramos no Santo Sudário, a face honrada por todo templo maçônico no mundo, a face de Jacques De Molay. O grande mestre dos templários e... cordeiro sacrificado.

Com essas palavras, a mente de Giovanni entrou em movimento. Outra peça do quebra-cabeça pelo qual Max havia morrido acabava de ser revelada. Os templários tinham provas de que a ressurreição de Cristo era falsa.

## Capítulo 69

Enquanto Rossi olhava para o padre Fallace, sua sombra o irritava:

— Está se referindo aos templários?

Radiante, Fallace respondeu:

— Ninguém menos. Não me diga que também se interessa por eles, coronel.

— Digamos que é uma recente obsessão — disse Rossi, olhando para seu tio, que mantinha o olhar fixo no padre.

Aproximando-se da mesa, Fallace abriu a gaveta e pegou um livro chamado *A Chave de Hiram*. Ele abriu em uma página onde estava a imagem do Santo Sudário.

— A foto de cima é, sem dúvida, facilmente reconhecida como uma imagem negativa, reversa, do que muitos julgam ser Cristo, que de alguma forma mágica, foi impressa no sudário. Mas veja a notável semelhança com a figura do grande mestre Molay esculpida em madeira, logo abaixo. Veja os olhos bem de perto, o longo e anguloso nariz, a distinta barba, a forma como se divide na parte inferior. Em 1988, o Vaticano permitiu que fossem feitos três testes de carbono, para determinar a data, com o linho do Santo Sudário. Descobriram que era uma completa fraude. Não era mais antigo do que 1200. E isso coincide exatamente com a prisão de Molay depois de o papa Clemente tê-lo chamado de volta de Limassol, Chipre. Pouco depois, Molay foi preso e torturado pelas mãos dos capatazes do rei, o grande inquiridor da França, Guillaume Imbert. Depois de invadir seu templo, em Paris, os homens de Guillaume encontraram o sudário escondido em uma caixa sob um crânio e esqueleto humanos. Como o infame Torquemada, da Espanha, Guillaume era um gênio sádico quando se tratava de métodos de tortura. Como os templários eram acusados de negar a crucificação de Cristo por pisotear e cuspir no crucifixo como parte de suas cerimônias de iniciação, a inquisição criou uma provação para

Molay, uma blasfêmia, a encenação da crucificação de Cristo. Depois de ter a pele açoitada, ser ferido por coroas de espinhos e ser preso à cruz, Guillaume o feriu com uma lança. Como insulto, Guillaume colocou um pano embebido no amargo vinagre nos lábios de Molay. Molay confessou e foi retirado da cruz e envolvido na mortalha, em seu próprio templo.

Giovanni o interrompeu:

— Naturalmente, tudo isso aconteceu antes dele ter sido retratado e queimado em praça pública em Paris, certo?

Os olhos de Fallace se fecharam, seus lábios se curvaram em um firme sorriso.

— Naturalmente. Só acho essa uma explicação mais plausível do que...

— Leonardo ter forjado isso — disse Giovanni com uma dose de sarcasmo em suas palavras. — Da Vinci teve acesso à invenção de Roger Bacon, a câmara obscura, e aos necessários sais de prata, como nitrato e sulfato — prosseguiu Giovanni. — Mas a noção de que ele criou uma imagem solarográfica radiando ou chamuscando o linho quimicamente tratado com raios ultravioleta condensados da luz solar é...

O padre o interrompeu:

— Cientificamente ridícula... já que queimaduras ficam fluorescentes sob a luz negra e nem a imagem nem as manchas de sangue reagem de tal maneira.

Nesse momento Rossi percebeu que seu tio e o padre estavam se enfrentando como rivais em um duelo de espadas. Ele apostava em Giovanni para o golpe fatal.

Fallace respirou fundo:

— Meu querido *professore*, apesar de seus protestos e do tom de sua voz, de alguma forma sinto que pode haver uma certa dúvida, uma importuna incerteza a respeito da crucificação. Estou certo?

Mantendo a expressão de quem está blefando em um jogo de pôquer, Giovanni respondeu:

— Essa é uma pergunta um pouco estranha para um padre. Sua colocação é que compartilhamos de uma mesma dúvida. Por um bom tempo, Fallace não disse nada, mas Rossi observava as palavras não ditas, a linguagem corporal: os ombros tensos, um leve tique nervoso no olho direito, a mão que ia até os lábios distraidamente.

Como se desviando de um importuno mosquito, padre Fallace sacudiu a cabeça e, instantaneamente, a cortina caiu, e quando ela se ergueu novamente, o comportamento do padre era novamente aquele de padre fraco, humilde. Sob a abotoadura francesa de sua manga, um relógio de ouro Patek Philippe refletiu:

— Minha nossa! Vejam só a hora. Vamos colocar esse vídeo logo, pois ainda preciso fazer minha visita noturna à clínica.

Quando o padre foi na direção do aparelho de vídeo, Rossi levou a mão discretamente até o quadril para certificar-se de que sua Beretta continuava ali.

Ao encontrar a voz, Rossi disse:

— Por favor, padre.

Ele foi cuidadosamente para o lado de seu tio.

A imagem tremida da capela apareceu. Ela estava vazia.

— Diante a imagem até vermos algum movimento — instruiu Rossi.

O aparelho era de um modelo bastante antigo e fazia barras de estática nas laterais das imagens sem nitidez.

Repentinamente, uma figura entrou pelo canto direito inferior da tela.

— Dê o play — ordenou Rossi.

Fallace veio para o lado deles. A atenção de Rossi estava toda na imagem. Visto de costas, parecia ser um padre vestindo um longo hábito preto que se ajoelhava, reverentemente, na frente do altar, com a cabeça baixa, em oração. Mesmo por esse ângulo, mesmo o padre estando ajoelhado, Rossi podia ver que se tratava de um homem alto, desajeitado e extremamente magro.

Com as costas para a câmara, outra figura entrou na tela. Embora a imagem estivesse granulada, Rossi percebeu a forma lenta e deliberada com que a segunda e pequena figura parecia rastejar até o padre suplicante. De repente, o braço da figura se ergueu atrás do padre; mas em razão de sua baixa estatura, ele parecia estar na ponta dos pés para conseguir a altura correta. Então o inconfundível brilho de uma faca apareceu em um movimento para baixo.

Enquanto eles estavam chocados, vendo a cena horrível em preto e branco, o que fazia parecer ainda mais surreal, como se fosse um filme de terror, a lâmina cortou várias, vezes, selvagememente.

O som estranho, como de um animal faminto, de Fallace limpando a garganta veio de trás deles, e tirou Rossi de seus pensamentos.

Rossi tossiu para criar uma distração momentânea e olhou rapidamente para trás, por cima do ombro.

Aparentemente, enquanto eles estavam atentos à carnificina na tela, padre Fallace tinha ido para trás deles e estava lá, com o braço estendido, segurando um dispositivo na mão. Seu olhar tranqüilo tinha se transformado em algo feroz. Seus olhos cintilavam de loucura.

E, na tela da televisão, bem na frente deles, a figura do assassino lentamente virava-se para a câmara e revelava o rosto risonho de padre Fallace.

## Capítulo 70

O ar da tarde de outono transformava-se em um tom amarelado sob a luz fraca. No silêncio da noite que rodeava o Vaticano, as colunas, os tetos, os anjos sentinelas de Bernini faziam mais sombras sobre si mesmos.

Sob a janela do apartamento papal, na praça de São Pedro, uma multidão de rostos jovens olhava para cima, orando, buscando a luz de uma sombra passageira, na esperança do doce rosto do Santo Papa aparecer outra vez, como que por milagre. O rosto de um homem, não do papa ou do símbolo do cristianismo ou do estadista silencioso, mas sim o rosto de um homem que foi atrás de sua geração. O homem que viajou mais do que qualquer outro pontífice, que trabalhava em São Pedro mais do que muitos.

Dentro do apartamento, um bando de freiras polonesas de expressão dura caminhavam de um lado para o outro em um desesperado esforço para se manterem ocupadas. Marko, seu

camareiro pessoal, ocupava-se fazendo um inventário das coisas pessoais do papa. Por puro hábito, colocou sobre a cama a veste branca do papa para o dia seguinte. Não conseguindo olhar para a veste, seu olhar desviou-se para a caixa decorada que estava sobre a mesa, perto da área de vestir. Lá estava o testamento do papa e, ao lado, um gravador. Percebendo que o fim se aproximava e que suas forças se esvaíam minuto a minuto, João Paulo tinha gravado suas últimas palavras para seus seguidores antes.

O camerlengo entrou no quarto, acompanhado pelo mestre general Spears e pelo cardeal Drechsler. Seus olhos estavam baixos, enquanto caminhavam formalmente. Com a cabeça, ele indicou a porta para que Marko saísse.

Marko viu seu olhar e perguntou:

— Ele morreu?

Uma solene indicação de que sim.

— E suas últimas palavras?

O camerlengo se ajeitou, limpou a garganta:

— Foram... siga-me.

— As palavras de Cristo para Pedro — sugeriu Marko, olhando para o chão. Então, ele olhou para cima, com os olhos úmidos e disse, com uma pitada de alegria: — Mas ele estava se referindo a seu...

— Seu jovem rebanho. Mesmo na morte, ele se viu como o pastor — aproximando-se de Marko, o camerlengo colocou o braço em torno dele e o conduziu à saída. — Vá encontrá-lo, deixe que nós, homens velhos, conversemos sobre o futuro da Igreja.

Ele trancou a porta quando Marko saiu e se juntou aos outros, que estavam próximos à mesa.

Em suas enormes mãos, o mestre general Spears segurava a pequena caixa com cuidado, ele abriu lentamente o fecho e ergueu a tampa. Os outros estavam ansiosos. Spears retirou um rosário e alguns papéis dobrados. Em seguida, abriu tais papéis e os espalhou sobre a mesa, alisando suas amassadas e amareladas fibras com suas mãos gigantes.

Spears reconheceu a letra do papa e leu a primeira página em voz alta:

*Lieber alter freund:*

Spears ouviu a profunda tomada de ar e virou-se para o cardeal Drechsler, que engolia seco, seu pomo de adão se movia. Spears percebeu que o papa tinha se dirigido a Drechsler na língua nativa do cardeal, o alemão, como sempre fazia. Ele viu os olhos questionadores do cardeal e sua expressão estóica, emoldurados pelo manto de um cabelo prateado e grosso. Quando Drechsler indicou para que ele prosseguisse, Spears voltou a ler a narrativa que mudava de idioma:

*Embora muitos tenham visto o terceiro segredo de Fátima como uma profecia do dia do juízo que acreditavam que você e eu trazíamos junto ao peito, negando tal existência, a verdadeira profecia veio por outra fonte. O destino colocará o papado nas mãos de um homem, alguém que venha trazer a paz.*

Drechsler se aproximou, lendo por cima do ombro de Spears, que sentia sua respiração quente no pescoço.

Spears virou-se para Drechsler e percebeu que o rosto do cardeal parecia petrificado:

— Talvez prefira ler isso em particular.

— Não. Por favor, continue — disse Drechsler com a voz melódica, embora forçada e fraca.

Spears prosseguiu:

*O bispo irlandês São Malaquias, predisse os dois papas que ocuparam o Vaticano. O segundo seria Gloria Olivae, a glória da oliva. Em uma visão, a Mãe Abençoada me disse que ele traria a paz temporária, mas introduziria o início do fim. Em suas mãos, ela segurava um livro e apontou para um verso de Nostradamus.*

*"Em pouco tempo, os médicos do grande mal e os sanguessugas da ordem desigual colocarão o Ramo de Oliva no fogo. O posto do papa passará de uma costa a outra, e com tamanha fogueira, o império deles será alcançado pelo calor que irá evaporar a saliva em suas bocas."*

*O último papa, Petrus Romanus; ou Pedro, o Romano; será engolfado em uma terrível batalha final. Malaquias escreveu: "Durante a perseguição final à Sagrada Igreja Romana, lá estará Pedro de Roma, que alimentará as ovelhas entre muitas atribulações, e quando tudo tiver passado, a Cidade das Sete Montanhas será totalmente destruída, e o terrível júri julgará as pessoas". A vida e a história me ensinaram algumas lições horrendas. Minha visão ficou nublada, eu busquei combater a grande besta — o comunismo. Mas ao fazer isso, meu coração se encheu de ódio por sua falta de religiosidade. Deixando os fins justificarem os meios, permiti que o Adversário tivesse*

*uma posição segura dentro dessas paredes sagradas, dentro dos corações e das mentes da Cúria, e especialmente dentro do Opus Dei. Por muito tempo, também permiti um mesquinho egoísmo e a tradição em negar a posição de direito da mulher na Igreja. Meu último desejo é que as mulheres possam retomar seus antigos papéis como sacerdotisas, que elas exerciam, por direito, em nossas antigas raízes, chamadas de paganismo. Ao negar a verdade dos reais ensinamentos de Cristo, colocar as mulheres como demônios, dizer serem heresias tantos evangelhos reais, jogamos de acordo com o jogo do adversário. Lembrem-se, DEO, NON FORTUNA — por Deus, não pela sorte. E devo acrescentar, pelos direitos do nascimento, não por uma tradição deturpada. Chegou a hora de parar de privar de privilégios nossas irmãs em Cristo. As mulheres devem ser ordenadas sacerdotisas.*

Ao chegar no final da folha, Spears parou e ergueu a cabeça:  
— Parece que o Santo Papa mudou de coração. Se isso vier a público...

O camerlengo continuava em silêncio. Spears ficava maravilhado com a forma como o camerlengo conseguia passar a expressão externa de subserviência e, ao mesmo tempo, mostrar seu contentamento interno. O olhar de Spears virou-se para Drechsler, cujos olhos frios estavam fixos. Ele não disse nada: seu olhar disse tudo.

Depois de um momento, Drechsler disse, com aspereza:

— Isso jamais verá a luz do dia.

Spears ajeitou o ombro e retribuiu o olhar com firmeza:

— Luz? Mesmo se escondido sob o mais escuro manto, mesmo em uma das várias galáxias distantes, parece que consegue abrir seu caminho em meio a tal escuridão. E não importa quais maquinações o Universo jogue em seu caminho, a luz e a verdade sempre...

— Prevaecem — interrompeu o camerlengo, distraidamente, lançando seu olhar no constrangedor silêncio. Drechsler estudou a expressão dos dois antes de falar. Seu comportamento ficou mais suave, um leve sorriso apareceu era sua face de mármore:

— Talvez. Sim,, talvez isso mereça um estudo cauteloso. Entretanto, não devemos fazer julgamentos precipitados, senhores. Vire a folha.

Na outra folha, colunas de letras formavam um bloco e preenchiam a página.

— O que é isso? — perguntou Drechsler.

Spears aproximou o papel de seus olhos, estudando-o atentamente. Procurando em sua veste cor-de-creme, ele encontrou um lápis. Apoiou o papel e começou a circular algumas letras.

— Cuidado — exigiu Drechsler. — Você está deturpando o testamento de Karol!

Ignorando-o, com as sobrancelhas franzidas, muito concentrado, Spears segmentava o bloco de letras com formas ovais mais alongadas:

— Aqui — disse ele com um sorriso de contentamento nos lábios. — Pelo contrário, não estou deturpando, cardeal. Estou decifrando.

Agora o conjunto de letras parecia um caça-palavras encontrado em jornais.

— Um Código da Bíblia... pura e simplesmente — disse Spears, balançando a cabeça. — Eu não sabia que Sua Santidade entendia disso. Impressionante.

Drechsler fez uma cara feia e disse, sarcasticamente:

— Sim. Muitos talentos e interesses desconhecidos.

— E como funciona? — perguntou o camerlengo.

— É engenhoso..., mas é muito simples. Alguém simplesmente coloca os versos da Bíblia em uma série não segmentada de letras e usa um programa de computador para procurar padrões recorrentes da frequência de letras ou de palavras.

— Caça-palavras... — disse Drechsler, revirando os olhos.

- Mas são as palavras de Deus, meu bom cardeal. Feitas para serem vistas por quem tiver os olhos, o coração de ver.

Suspirando e balançando a cabeça, Drechsler disse:

— E qual "mensagem secreta" Deus informou ao Santo Papa? Apontando para as letras circuladas, que agora formavam palavras,

Spears disse:

— Somente a identidade do próximo papa.

Drechsler ficou confuso. Então, encontrou a voz e leu, quase sussurrando:

— Bento Dezesseis.

Um calafrio percorreu sua espinha, seu coração acelerou. Anos antes, enquanto estava deitado, já acordado, nas primeiras horas da manhã, Drechsler tinha decidido que se chegasse seu momento de assumir o papado, escolheria o

nome Bento XVI. Lutando para afastar a apreensão que o consumia transformando sua expressão, novamente, em uma máscara de mármore, seu olhar FIRME foi do papel para Spears:

— Tem mais alguma coisa aí?

Spears virou para a próxima página, onde duas colunas de palavras estavam escritas: a da esquerda em inglês e a da direita em hebraico. Spears leu a que estava em inglês:

— The Shroud of Turin. Blood. Key to the Daughter of Christ. Ou, o Santo Sudário. Sangue. Chave para a Filha de Cristo.

Esfregando o queixo, Drechsler ajustou a postura e disse, com o comando e a autoridade de um ator de Shakespeare:

— Acho que é melhor para todos os envolvidos que eu cuide de manter esses documentos protegidos.

Antes de Spears poder protestar, o cardeal Drechsler pegou os papéis da mesa, enfiou-os dentro da caixa e colocou a caixa embaixo do braço. O camerlengo engasgou e, depois, começou a falar.

— Camerlengo — disse Drechsler, interrompendo-o. — Acredito que devemos tomar as providências para o funeral do papa, as *novemdiales*, os nove dias de luto.

Como se tivesse sido tirado do centro por um forte empurrão, o camerlengo vacilou e mudou de rumo. Esfregando as mãos ele disse, animado:

— Está certo, cardeal, está certo.

Seus olhos passavam pela sala e por seu caminho nervosamente. Ele foi para a porta murmurando para si

mesmo enquanto caminhava: "Sim, são muitos preparativos. Por onde começar?".

Spears respirou fundo, olhou para Drechsler com os olhos arregalados, como se visse através dele e disse:

— Vou aguardar ansiosamente para falar mais sobre isso em outra data, cardeal. Por ora... digamos que eu tenho assuntos mais urgentes.

Com isso, ele virou seu pesado corpo, com o elegante movimento de sua veste e saiu pela porta, parecendo um fantasma atrasado para outra assombração.

Agora, sozinho com seus pensamentos, os olhos de Drechsler viram a veste branca e o chapéu do papa sobre a cama. Ele se aproximou, passou os dedos pelo tecido. Imaginou a névoa branca no céu da manhã. Imaginou ele mesmo usando a veste papal, aparecendo na varanda, com os braços abertos. Ele gritou:

— *Habemus papam*, já temos um papa!

Ele imaginou o som da multidão quando o *Servus Servorum Dei*, o servo dos servos de Deus, Bento XVI, fizesse sua primeira bênção.

Então, vinda de lugar algum, uma sombra surgiu sobre ele, arrepiando-lhe os ossos. A sombra parecia descer, aumentando de tamanho até chegar ao sol. Ele se viu, seu rosto pálido e contorcido, deitado enquanto a multidão passava lentamente. Congelado, mas ainda consciente, ele olhou em volta. Não era o Vaticano. "Em nome de Deus, onde estou?"

Então, da porta, o som de alguém tossindo o despertou de seus delírios. Em seguida uma forte dor na lateral de seu pescoço, como se tivesse sido picado por uma abelha.

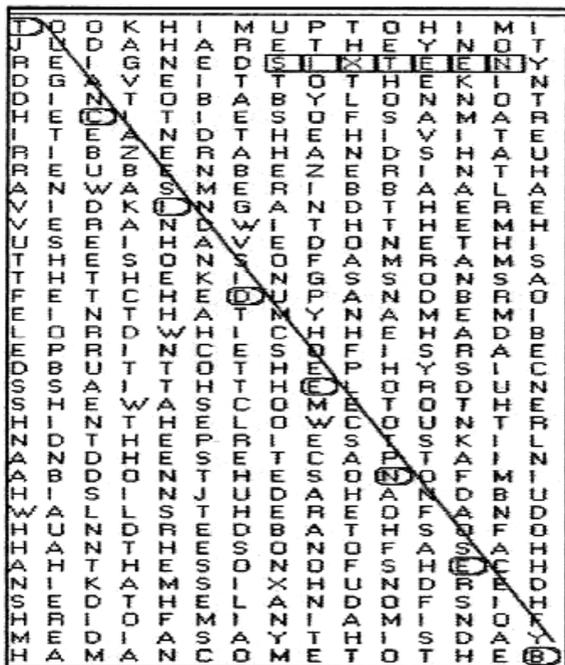
A fraqueza se abateu sobre ele repentinamente.

Sua mão buscou apoio na cabeceira enquanto suas pernas estavam bambas e ele respirava com dificuldade, sua testa suava frio e seu coração acelerava. Seus joelhos se dobraram e ele caiu. A pequena caixa soltou-se de suas mãos e caiu no chão.

Passos.

Sua visão sumiu quando ele caiu, estirado no chão, com o rosto sobre o tapete, sem poder se mover.

Bolas. Botas pretas apareceram no nível de seus olhos. Mãos... segurando uma pistola... pegaram a caixa do chão. Uma voz fraca, murmurando palavras inteligíveis, flutuou no ar. E os pontos pretos, como lampreias, começaram a percorrer sua visão. Sua visão foi se afastando, ficou escura, tudo em volta ficou escuro.



## Capítulo 71

O vento afiado como uma faca cortou as montanhas, passando pela van da TV. A chuva molhava o pára-brisas do veículo enquanto um forte guerreiro estava no banco do motorista, olhando por um equipamento de visão noturna. Os galhos se contorciam com o forte vento.

Figuras obscuras andavam sob a chuva que encharcava a manta de folhas sob seus pés. Então, suas formas opacas passaram pelo campo verde fluorescente do equipamento de visão noturna. O vento uivava com a percussão dos trovões.

O motorista disse com uma voz gutural:

— Temos companhia.

Os dois guerreiros dentro da van trocaram olhares. Instintivamente, o motorista procurou sua arma.

Enquanto monitorava o feixe de laser que apontava para a propriedade de Volante, Josie pensou se deveria ter falado com Schlomo para montar essa missão de vigilância, pensou se deveria ter pedido a ele para que a ajudasse na Itália sem autorização. Quando um bem posicionado fundador da academia de treinamento da Mossad dentro da NSA passou uma grande lição sobre a filiação de Ahriman ao Instituto E e a recente chegada de Volante a Roma, ela soube que precisaria estar no comando. Depois do encontro fracassado no templo, ela imaginava que Ahriman estivesse, provavelmente, escondido em algum canto da vasta propriedade do Instituto E. Verificando suas fontes, ela conseguiu a localização do retiro de Volante na montanha. Então ela ligou para Uri. Mas como Uri estava ocupado com outra missão, ele mandou seu irmão, Schlomo, que pegou o primeiro vôo de Londres, onde tinha acabado de cumprir uma missão. Quando ela pegou Schlomo no aeroporto, sua aparência a assustou. A cabeça de Schlomo era pontuda, com uma testa de neanderthal, sua aparência era de um doente, com cor de poeira. Seus ombros eram largos como um dormente de trilho, e sua alta estatura parecia quase chegar ao céu. Com as mãos do tamanho de pás e o corpo um pouco fora de forma, Schlomo parecia uma atração de circo. Josie parou, respirou, como se esperasse ver os parafusos saindo pelas laterais de seu pescoço.

Schlomo era do tipo forte e silencioso. Um Golias de poucas palavras... a maioria grunhidos. No portão, Schlomo deu um

fraco sorriso, como se sorrir fosse doloroso. Então ele se virou e foi até a porta.

Ela tinha alugado uma garagem onde Schlomo fez algumas modificações na van da TV que ela tinha pego emprestada. Ele a equipou com sistemas de espionagem e armas que conseguiu com alguns contatos.

Mas agora, na van, a premonição da morte incomodava Josie. Schlomo, em câmera lenta, ergueu a Uzi 9mm do colo, sua mão tentando segurar o metal que se dobrava. Josie estava no equipamento de escuta, tirou os fones do ouvido e pegou sua pistola micro-Uzi do suporte, à sua direita.

ALERTA DE PERÍMETRO... INTRUSOS... aparecia no monitor em letras vermelhas garrafais. O medo consumia seus ossos. Primeiro a arma começou a vibrar, deixando suas mãos formigando. Então o ar começou a zumbir em volta dela. De repente, o vidro traseiro e as janelas laterais da van explodiram simultaneamente, provocando um profundo corte nas têmporas de Josie.

Um forte som metálico começou na parte posterior e prosseguiu por todo o topo da van, parando poucos centímetros acima da cabeça do motorista. O som lembrava a imagem de Freddy Krueger e seus dedos em forma de lâminas arranhando o metal do carro. Primeiro as laterais, depois o teto, afundaram, como se tivessem sido golpeados por uma marreta, como se a estrutura molecular do metal estivesse sendo alterada por alguma força muito poderosa. Seus olhos estavam muito nervosos, tentando compreender as coisas. Ficar presa no espaço fechado e pequeno da van já era muito

ruim, mas isso era enlouquecedor. A claustrofobia de Josie a dominava; ela ficou paralisada com o medo.

As mãos de Schlomo transpiravam. Ele lutava para segurar a Uzi com firmeza. Rajadas de chuva entravam pelas janelas quebradas, batendo em seu rosto, em seus olhos. Então, as armas soaram juntamente.

Silêncio. A vibração parou, foi substituída por uma sensação de formigamento, de tremor sobre a pele. E depois um calor sufocante, como se ela estivesse cozinhando, de dentro para fora.

Sua respiração estava difícil e fraca, os tímpanos de Josie ardiavam com o tique... tique... tique do Rolex.

O tempo parou

O horror dominava seu corpo, banhava seus rostos. Pulsava em suas têmporas.

Tique... tique... tique.

O suor escorria por seus corpos.

A garganta de Josie se fechava como se estivesse ressecada. Faça as contas. Duas Uzis, 30 cartuchos com reserva de cartuchos ao seu lado. Inverta os cartuchos, recoloque as balas. Ela tinha praticado milhares de vezes. Levava cerca de um segundo. Um total de 120 seqüências... fogo em explosões controladas.

Mas de alguma forma ela sabia, lá no fundo, que esse homem do saco, essa "coisa que estava acontecendo na noite", era um inimigo mortal. Uma besta invisível tinha entrado em seu mundo organizado, distorcendo a realidade com sua chegada, aguardando a centímetros de seu rosto... pronto para o ataque.

O silêncio ensurdecedor os consumia. Era quase como se um buraco negro tivesse absorvido o vento, o trovão, a chuva, a própria batida de seus corações, consumido o som das ondas do mar.

Um som fraco e agudo soou no silêncio, foi ficando mais forte, muito forte. Fazia o sangue deles pulsar, pulsava nas raízes de seus dentes. Vinham como milhões de agulhinhas no cérebro. Então ouviram o som de uma pancada, como o de uma vela principal se quebrando com os fortes ventos no mar. A van balançava e jogou Josie no chão. Josie e Schlomo atiraram contra o teto da van, as laterais lutavam para atingir o alvo.

Seus ouvidos doíam com o som da rajada. Os olhos cegos pelo reflexo da rama, rasgando o ar cheio de pólvora, sufocando agora com a fumaça azulada do disparo da arma. Schlomo gritou:

— *Gevalt!* Josie, ajude-me!

Como se um gigante tivesse marretado o teto, ele afundou e esmagou Schlomo no assento como um presunto.

Lutando desesperadamente para alcançá-lo e percebendo ser inútil, Josie deu mais um tiro encharcando o teto. A van tremeu violentamente. Pulsando, ondas sonoras vinham de todos os lados. A van começou a fechar-se contra ela pelos dois lados.

O som do metal se deformando gritava em seus ouvidos. Como as pranchas de uma enorme prensa, o metal retorcido se aproximava. Josie procurava loucamente. Então ela viu; a saída que Schlomo tinha feito no piso, usada para sair direto em bueiros. Algo caiu e prendeu seu tornozelo. Ela segurou a peça pesada e afastou para o outro lado, libertando-se. A

parede lateral balançou novamente, quase prensando-a contra a outra parede, também deformada. Movendo-se rapidamente pelo estreito espaço que restava, com o suor escorrendo pelos olhos, ela conseguiu abrir a porta do piso e saiu exatamente no momento em que o teto iria esmagá-la. Ela rolou por debaixo do veículo, manteve-se agachada e foi até as árvores. Agachada, na sombra, ela olhava freneticamente pela escuridão. Nada. Absolutamente nada além da van deformada. Ela fez uma oração silenciosa para Schlomo.

Josie deu a volta na van, usando as árvores como proteção. Seu tornozelo latejava de dor a cada passo. Lá, quase invisíveis no meio da densa vegetação, ela os viu. Um grupo de homens vestidos de preto manipulavam um aparelho estranho. "Talvez um canhão ou morteiro de algum tipo", ela pensou. "Devem ser os homens de Volante." Colocando o silenciador em sua arma, ela mirou e atirou. Três rápidos tiros e eles caíram, mortos.

Ela passou os olhos pela área, procurando mais alvos e foi mancando na direção do equipamento. Pegou um apontador com ponta de laser no bolso e estudou a arma. Letras grandes diziam ULTRA-PHONIC M-12. "Um aparelho para fritar frango, então esse era o demônio invisível", ela pensou, repreendendo-se por ter deixado seus medos e sua fobia confundirem seus pensamentos.

Ela já tinha ouvido falar sobre isso, mas nunca tinha visto um em ação e, certamente, nunca tinha sido atacada por um até essa noite. Era um sistema ultrassônico "não-mortal", supostamente ainda em desenvolvimento, que emitia uma onda sonora com microondas fortes o suficiente para alterar

estruturas. Ela sabia que era uma grande mentira, já que seu nome devia-se, na verdade, ao fato de assar sua carne e ferver seu sangue dentro das paredes arteriais. Aparentemente, alguém o havia regulado para ficar forte o suficiente para amassar metal.

Seu estômago continuava se contorcendo em espasmos de náusea, sua cabeça com uma forte dor. Vasculhando a área ela viu um carrinho de jardineiro, de quatro rodas, modificado. Ela subiu, empurrou e seguiu, amassando o piso com seus grandes pneus. Deixando a sujeira como sua assinatura, ela foi para a floresta.

## Capítulo 72

Padre Fallace sorria maliciosamente como o gato Cheshire, o estranho artefato em sua mão continuava apontado para Rossi e Giovanni:

— De verdade, senhores, achei que perceberiam minha encenação muito antes.

Rossi trocou o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Sem movimentos bruscos, meu caro coronel Rossi — disse o padre apontando o equipamento para ele. — E mantenha as mãos onde eu possa vê-las. Coronel, pegue sua pistola e empurre-a pelo chão para mim.

Rossi olhou fixamente para ele e perguntou:

— E por que eu deveria fazer isso?

— Porque, se não fizer... seu tio morre!

No mesmo instante, o padre apertou um botão e Giovanni levou a mão ao coração, seu rosto demonstrou a agonia. Ele caiu de joelhos. O padre explicou:

— Esse pequeno transmissor emite microondas sincronizadas ao ritmo cardíaco dele, resultando em um infarto — Fallace olhou para o relógio. — Eu daria a ele cerca de dois, talvez três, minutos.

O olhar de Rossi virou-se para o corpo de seu tio se contorcendo no chão. Irritado, Rossi pegou a pistola, curvou-se e a empurrou pelo chão.

Mantendo o transmissor apontado para Giovanni e os olhos fixos em Rossi, Fallace interrompeu o uso da arma. Ele a desligou e a guardou no bolso enquanto pegava a pistola.

— Isso mesmo, bom menino — disse Fallace. Ele apontou para Giovanni, que começava a se recuperar, e instruiu: — Ajude-o a levantar, por favor.

O padre limpou as bochechas com algodão, então tirou os óculos e a peruca, jogando-os no chão:

— Assim é muito melhor... — disse ele penteando seu fino cabelo com os dedos e abrindo o colarinho. — Que coisa mais desconfortável.

Giovanni limpou a garganta. Seu fôlego estava comprometido e ele disse, com a voz fraca:

— Dr. Ahriman, suponho. Ou preferiria ser chamado de professor Nemo?

Saindo totalmente do personagem e abandonando o sotaque italiano, Ahriman sorriu discretamente e levou a mão ao bolso, de onde retirou um lenço de seda e secou o suor de suas sobancelhas:

— Então, você desvendou o meu disfarce, professor?

O rosto de Giovanni não demonstrava nenhuma expressão, seu olhar estava firme e ele massageava o peito.

— E, ainda assim... caiu em minha pequena armadilha — disse Ahriman.

Giovanni deu de ombros:

— É a vaidade.

O sorriso sumiu do rosto de Ahriman:

— E agora, como em um de seus suspenses, suponho que esteja esperando uma auto-desaprovação ou um monólogo explicando nossos planos. Detesto desapontá-lo, mas eu reescrevi o roteiro. Em vez disso, vou executá-los sumariamente.

Rossi riu:

— Continua um pouco melodramático, não acha?

Ahriman ergueu a pistola e a segurou em posição para atirar a uma distância de cerca de dois palmos.

— Não acho que você possa me matar — disse Giovanni.

Ahriman suspirou:

— E por que não?

— Porque Max Schulman não resolveu o enigma. Embora eu suponha que você o tenha torturado antes de matá-lo para ter certeza disso.

Ahriman olhou fixamente para ele. Giovanni apontou para as gravuras de Durer:

— Eu decifrei a mensagem codificada nos trabalhos de Durer. Se eu puder... — ele foi em direção à mesa.

— À vontade, professor — disse Ahriman apontando com a arma o caminho para a mesa.

— As muitas dimensões de Melancolia são a primeira pista — disse Giovanni traçando o contorno externo da obra com o dedo. — É um simples código gemátrico cabalista, um símbolo matemático de Ihsous Cristos, em grego, ou de Jesus Cristo.

— Prossiga.

— Depois temos o quadrado mágico que sempre soma 44, novamente simbolizando Jesus Cristo em números místicos. E, então, temos o arco-íris no céu, um símbolo da divindade feminina, Vênus e Ísis, fundindo-se ao mundo terreno. O contorno do pentagrama sobre o anjo sentado é outro símbolo da Vênus. Simbolizando o verdadeiro significado da busca pelo Santo Graal. Este homem e essa deusa devem se fundir em um ato sagrado de amor não egoísta para se tornarem Cristo, "o unguido".

— Blá, blá, blá. Chega de seu adocicado conto de fadas! Um monte de babozeira sem sentido — disse Ahriman.

— Você mesmo disse que o homem na cruz não é Jesus — disse Giovanni erguendo a imagem da crucificação de Durer.

— Isso mostra que Cristo não foi...

— Crucificado ou morreu na cruz — disse Ahriman balançando a arma e com a voz muito animada. — Você só está enrolando.

— E se eu disser que Max me mandou a parte que faltava para o enigma e que você, provavelmente em algum local próximo, tem a chave de tudo?

Ahriman ficou confuso, sua mão bateu no peito de seu casaco distraidamente.

Giovanni deu um sorriso de satisfação:

— Como suspeitei. Você está com o Le Cahier Rose, não é mesmo? Tem uma passagem nele que começa assim... — Giovanni começou a assobiar uma música. — ..."oh, cuidadoso santo que envelheceu os tolos de Jahveh".

Rossi se mexeu um pouco. Virando-se com a arma, Ahriman o alertou:

— Cuidado, caro coronel — ele foi para o lado do professor e retirou o livro do bolso do casaco. Olhou para o professor. — Acredito que, então, possa ler os símbolos em sua capa e abri-lo de forma segura, não é?

Giovanni fez que sim e, depois de estudar os glifos, começou a passar o dedo por várias fendas da capa em seqüência, o suor escorria por suas sobrancelhas enquanto ele trabalhava. Ele parou por um momento e respirou fundo. Sua mão foi pronta para abrir o livro, mas ele hesitou.

— Por favor, seja cauteloso, professor Fique certo de que não tenho intenção de matá-lo. Na verdade, fiquei muito chateado por fazê-lo passar por tal momento. Tem certeza de que completou todos os passos necessários?

Giovanni olhou para ele friamente:

— Por que não paramos de fazer joguinhos? — ele abriu o livro com cuidado. E olhou para Ahriman. — Como eu disse, você precisa de mim. Se eu não tivesse feito tudo da forma correta, já teria me detido.

— Touché. Agora, prossiga com isso.

Giovanni rapidamente passou pelas páginas, procurando a passagem que havia citado. Quando a encontrou, colocou o livro aberto sobre a mesa. Ao lado da passagem em francês, estava a tradução feita por Max:

Oh, cuidadoso santo que envelheceu os tolos de Javé. Recebido pelo perigo da necessidade. Ele levou a enganar a plebe, judeus irados, o golpeado filho do coro sacerdotal. Pelo Clamor da Glória, uma horrenda era de ávidos Homens Loucos, gerados pelos arbustos, dos oitenta cães. Busque o Cretino poeta robusto. Encontre o pior da tolerância. Esteja na lenda. Regozije na certeza da verdade. Veja a verdade da contente necrose do artista.

Emmanuel anda pela cidade alta. Oh o cansaço é o Mau surdo-Mudo.

O professor e Ahriman trocaram olhares.

Giovanni viu a última linha e reconheceu a assinatura codificada de Max: Um Feliz XMAS. Ele mudou a ordem do anagrama em sua mente: Um Feliz Max S.

— Muito interessante, professor. Já pensei muito sobre essa passagem. Ela está totalmente fora do contexto do resto do livro.

Giovanni sorriu, seus olhos brilhavam:

— E você adoraria que eu a decifrasse, não é?

— Se pudesse fazer tamanha gentileza — disse Ahriman curvando-se em falsa humildade.

— Você tem um computador com uma conexão Wy-Fi disponível?

Ahriman olhou para ele com frieza e, rapidamente, foi até a mesa, mantendo a arma apontada para Rossi, que o observava atentamente. Então ele pegou uma chave, abriu um laptop e o ligou:

— Está conectado a uma impressora.

— Muito bom — disse o professor, trocando um olhar discreto com Rossi. Sem esperar ser chamado, ele pegou o livro e foi até o computador. Seus dedos começaram a digitar.

— Logicamente eu preciso usar algum tipo de contexto, uma base de referência para poder encontrar uma solução. O que você está procurando? Um nome, um lugar, uma pessoa... uma sepultura?

Nesse momento, toda a atenção de Ahriman estava na tela do computador, vendo que Giovanni tinha entrado em um website chamado AnagramGenius.com, e já estava colocando a passagem do livro, ele disse:

— Você está procurando um nome e uma localização.

Enquanto Giovanni digitava, ele explicou:

— As palavras em *itálico* estão fora de ordem. E uma vírgula indica o fim de cada anagrama a ser decodificado. Nós separamos as frases e deixamos o computador arrumar a ordem.

Repentinamente, Rossi os interrompeu dizendo, com a voz firme:

— Seu alvo é o Vaticano e o Instituto E, de alguma forma manipula os fundamentalistas islâmicos como peões em um tabuleiro de xadrez.

Ahriman vacilou:

— Sem comentários — ele olhou de volta para Giovanni.

— Vá em frente, envie o texto!

Ele balançou a cabeça:

— Não, acho que não devo. Ao menos não agora. Não quero que seus olhos curiosos vejam tudo isso.

Irritado, Ahriman apontou a arma diretamente para Rossi:

- Você vai terminar isso ou eu vou atirar nele!
- Ah, tenho certeza — disse Giovanni, satisfeito.
- Eu nunca blefo!

Seu dedo apertou o gatilho, ele atirou.

Clique.

Clique.

O rosto de Ahriman demonstrava sua raiva e confusão. Rossi pegou sua arma reserva e pegou algo no bolso do casaco com a mão livre:

- Você não achou que eu fosse lhe entregar uma arma carregada, não é?

Rossi lentamente abriu a mão, ele segurava o cartucho carregado da Beretta. Ahriman ficou congelado, seu olhos fixos. Ele mexeu na arma e soltou o cartucho. Estava mesmo vazio.

Rossi ordenou:

- Agora é a sua vez. Empurre a arma e aquele equipamento para mim. E seja rápido.

Hesitante, Ahtiman obedeceu.

Giovanni disse:

- Algo em você me parecia familiar desde o início, mas a princípio não consegui ligar o rosto ao nome. O fato de você não fumar quando os cinzeiros da sala, abarrotados, atestavam que o verdadeiro padre Fallace, que você certamente matou, fumava...

Ahriman deu um leve sorriso:

- Hábito nojento, fumar.
- Foi seu discurso sobre o Santo Sudário que ativou minha memória. Lembrei-me de ter lido um artigo escrito por

— você — prosseguia Giovanni. — Temo que seja o contrário, foi a sua vaidade que fez você cair na armadilha, doutor. Você buscou meios elaborados para me atrair até aqui com o único propósito de decifrar essa passagem. Eu vim de boa vontade, pois percebi que sem o livro não poderia decifrar a mensagem secreta de Durer.

Rossi percebeu que o olhar de Ahriman havia se desviado. Então o doutor disse:

— Oficial, graças a Deus você chegou. Esses homens são assassinos.

Algo duro e frio pressionava a pele do pescoço de Rossi, uma voz delicada, porém firme disse:

— Abaixee a pistola e coloque-a no chão.

Ao ouvir essa voz familiar, calafrios percorreram a espinha de Rossi enquanto ele soltava a arma. Com o canto dos olhos, ele viu a oficial entrando em seu campo de visão ao dar um passo lateral e colocar a arma contra o seu rosto.

Os olhos azuis brilhavam abaixo do chapéu do uniforme.

Os olhos de gato de Gina.

## Capítulo 73

— Gina — disse Rossi, confuso.

Por um momento ela ficou em silêncio. Então, seu olhar ficou mais delicado, como se por um momento ela o reconhecesse, mas instantaneamente, o olhar voltou a ser frio:

— Cale a boca! Eu não conheço ninguém que se chame Gina.

Rossi permaneceu calado, confuso e totalmente perdido.

— Não adianta, meu caro coronel. Veja, ela não se lembra do casinho de vocês — explicou Ahriman, soltando uma forte gargalhada. — Um sexo muito inconstante. E sua outra namorada, a senhorita Schulman, quase conseguiu me matar. Enquanto vocês esperavam, eu peguei uma limusine e fui até o templo do Instituto E. A senhorita Schulman estava me aguardando, com a arma na mão. Mas eu acabei com os planos dela e voltei para cá após pedir um cancelamento da palestra alegando estar doente.

— Josie continua... — murmurou Rossi.

Ahriman riu:

— Viva e determinada a me encontrar, eu suponho — ele se virou para Giovanni, apontando para Gina com a cabeça e perguntou: — *Professore*, o senhor tem um diagnóstico?

Giovanni a olhou dos pés à cabeça, coçou o queixo. Ele estava impressionado com os traços da moça. Algo nela lhe parecia familiar, embora tivesse a certeza de nunca tê-la visto antes. Ele disse:

— Desordem dissociativa. Você a induz a matar usando diversas personalidades. Identidades separadas que não guardam lembranças das ações umas das outras.

Ahriman soltou um assobio:

— Brilhante dedução, professor. Meus primeiros experimentos com adultos eram muito bem-sucedidos, mas eu sabia que se pudesse trabalhar com amostras mais jovens...

— Você usou crianças? — perguntou Giovanni, incrédulo.

— Mas é claro. Mentres jovens, maleáveis e ávidas por atenção e afeição que eu prontamente supri — Ahriman

soltou uma gargalhada. — Uma vez que estavam calmas, em um falso porto seguro, eu...

— Atacava suas mentes inocentes com drogas psicoativas e puxava o tapete de debaixo dos pés delas! — Giovanni socou a lateral da própria perna. — Usou o terror e o trauma psicológico como um triturador de gelo. O terror pode destruir a mente de uma criança, deixando-a em mil pedaços. Incapaz de enxergar a obscena crueldade pela qual passou, a criança foge criando personalidades que se tornam reais, alterando a ordem da memória. Mas essas visões obscuras rondam a ente dela e o veneno acaba com sua alma.

Ahriman aplaudia, lentamente, com suas pequenas mãos. Então ele se virou para Gina:

— Escute com atenção o que vou dizer. Você é incapaz de compreender o que estamos discutindo, até eu lhe dizer o contrário. Vamos usar um idioma que você não conhece. Mas você continuará observando todos os movimentos deles.

O rosto de Gina perdeu a expressão, mas ela segurou a arma ainda mais firme.

— Você somente entenderá a frase, vamos fazer um jogo e, depois de ouvi-la, voltará a compreender nossas palavras. Pronto, agora podemos conversar livremente — Ahriman sorriu para Giovanni. — O verdadeiro nome de Gina é Basha. Ela veio de um campo de refugiados na Palestina. É minha pupila de ouro. Logo percebi que seu amor incondicional pela irmã e pelo irmão, de quem havia sido separada, era a chave. O garoto foi adotado por uma família britânica e a garota por uma família israelense.

Giovanni ficou pálido. Cambaleou e Rossi segurou seu braço e perguntou:

— Você está bem?

Giovanni fez que sim e respirou profundamente.

Ahriman fingiu um olhar de preocupação:

— Calma, professor. Tão sensível... emocionante.

O olhar de Giovanni endureceu novamente e ele disse:

— Termine a sua história.

— Eu coloquei uma fantasia virtual na memória de Basha.

Ela acredita que seu irmão foi morto por um erro grosseiro da Igreja Católica. Sua personalidade primária é Laylah Thomas, que ela acredita ser a irmã que desapareceu há muito tempo.

— Novamente com seu joguinho de palavras, doutor —

Giovanni balançou a cabeça, enojado. — Laylah Thomas significa, na verdade Night Twin, ou Gêmea Noturna.

— Vejo que aprecia a ironia. Importa-se de ver uma pequena demonstração?

Olhando Gina da cabeça aos pés, Rossi lutava para tentar digerir a situação. Mesmo agora, a fria arma continuava pressionada contra o seu rosto, ele não podia resistir ao fato de que sentia muito pela situação dela. Precisava admitir a verdade: ela tinha mexido com ele. E mesmo agora, ali parada, sem emoção, como uma máquina assassina. "Se eu pudesse alcançá-la, entrar em contato... talvez..."

— Parece que estamos novamente em desvantagem, doutor — disse Giovanni secamente. — Proceda como quiser.

Ahriman pigarreou e disse:

— Vamos fazer um jogo.

Gina se ajustou, seus olhos reviraram um pouco:

— Estou ouvindo.

Esmagada atrás da esperança, sua frágil mente, como um vidro marretado por vezes e vezes pela marreta do trauma, estava despedaçada. Teias de aranha uniam a superfície de sua consciência, fragmentando cada personalidade: Bast, Gina, Laylah, Basha; eram, na verdade, uma única jovem perturbada que agora assistia tudo por trás de belos olhos azuis, assustada.

Para Gina, Ahriman perguntou:

— Quem é você?

— Quem sou eu?

— Não, você me diz quem você é — corrigiu Ahriman.

— Eu sou Basha.

— Não. Seu nome é oficial Ricci. Repita.

Em um instante, seus maravilhosos olhos azuis transformaram-se em duas pedras, sem vida ou brilho; meramente existiam em seu rosto, como almas perdidas no limbo.

— Eu sou a oficial Ricci.

- Conte-me suas ordens, oficial.

Gina engoliu com dificuldade, seus olhos perdidos, ela segurou a pistola com mais firmeza. Mas seus olhos dançavam, confusos:

— Eu... não sei.

— Você deve apreender e neutralizar dois terroristas. Coronel Rossi e professor Giovanni. São homens muito perigosos.

Ela vacilou, concordando com a cabeça.

— Você os encontrou, oficial. Estão bem na sua frente.

— Eu os encontrei.

— No meu comando, vai seguir as ordens. Matará o coronel Rossi.

— No seu comando.

Para Giovanni, Ahriman disse:

— Vê... ela está totalmente sob o meu... chame como quiser.

— Seu desgraçado — soltou Rossi.

— Coisas da vida, meu caro coronel.

Giovanni tossiu e passou a língua sobre os lábios. Virou-se para Gina e começou a imitar a voz de Ahriman:

— Vamos fazer um jogo.

Rossi se lembrou de que, quando era pequeno, seu tio costumava imitar as vozes dos astros do cinema e dos personagens de desenhos para que ele se divertisse. Seu tio era um ótimo imitador que tinha trabalhado durante a faculdade fazendo imitações em clubes.

Com as mãos cerradas ao lado do corpo, Ahriman gritou:

— Não! Não escute o que ele diz!

— Estou escutando — respondeu Gina, concentrando sua atenção em Giovanni.

— Você vai abaixar a arma — ordenou Giovanni. Seguindo a ordem, Gina abaixou a arma.

— Não! — gritou Ahriman, lançando-se contra eles.

Rossi o impediu no meio do caminho e o segurou. Ahriman tentava se soltar, mas Rossi segurava os braços do doutor para cima. Com o outro braço ele segurava o pescoço do doutor, apertava. Deu um passo para trás e, firmemente, o levantou do chão. Em segundos, a passagem sangüínea estava

comprometida por causa da pressão na garganta dele. Quando suas pernas amoleceram, Rossi soltou o inconsciente Ahriman no chão e o algemou. Depois ele colocou um lenço na boca de Ahriman, impedindo-o de falar. Respirando fundo, Rossi virou para seu tio:

— Ele vai voltar a qualquer momento, mas o lenço não o deixará falar. Giovanni demonstrou ter compreendido e voltou sua atenção novamente para Gina:

— Primeiro me entregue a arma que está na sua cintura. Instantaneamente, Gina o obedeceu.

Rossi pegou a pistola com o tio e foi recuperar sua Beretta. Mas quando ele parou para pegar a arma, uma voz gritou:

— Parado aí, Rossi!

Rossi virou-se ao ouvir o grito. Lá, na entrada, estava seu pior pesadelo: a ignorância em pessoa, agente Manwich, com seu assistente pateta ao seu lado.

## Capítulo 74

Levantando-se, Rossi disse:

— Não interfira, Manwich. Isso não é da sua conta.

Manwich fez o gesto para que ele erguesse as mãos e deu um sorrisinho de merda:

— Ei, não esperava por essa, coronel. Eu, aqui, para ajudá-lo.

— De alguma forma, duvido de sua sinceridade — disse Rossi, segurando sua arma com firmeza e afastando-se. — Talvez se seu amigo não estivesse apontando a arma para a minha barriga isso ajudasse.

Manwich olhou para Kyle e disse:

— Abaixе essa coisa!

— Isso mesmo, é melhor ouvir o seu chefe — uma outra voz disse, vindo de trás do agente Kyle.

Era Dante. Ele passou por Kyle e Manwich, observando-os da mesma distância que um corvo manteria de um espantalho, e entrou na sala, aproximando-se de Rossi. Ele via Gina, que estava em pé, como um poste, e depois olhou para Rossi.

— Merda! É a Bast.

— De certa forma. Explico tudo depois, mas...

— Chefe, tenho más notícias.

— O que foi?

— É a sua irmã.

— Bianca?

— Ela foi seqüestrada. Ela estava indo de Cabul para casa e a tiraram de dentro do carro. Achamos que deve ser o mesmo grupo que pegou os trabalhadores ingleses no ano passado e assassinaram o clérigo muçulmano que condenou os rebeldes talibãs.

Giovanni estava imprimindo o anagrama decifrado. Ele estudou as páginas, apertou os olhos e piscou, anotou algumas coisas na margem. Depois ele foi até um aparelho de fax e discou um número do Vaticano. Ele se virou para Ahriman, que o observava, e apertou a tecla "enviar". Depois de juntar a impressão, as imagens e o livro, ele colocou tudo dentro da maleta e disse para Rossi:

— Mas ela só trabalhava para a Ajuda internacional, certo?

Rossi com os olhos fechados, resmungou:

— Não importa... Ela continua viva, Dante?

— Não tem vídeo dela na Tolo TV, um dos canais independentes que eles comandam.

— Prossiga.

Dante pegou uma foto no bolso e entregou para Rossi:

— Essa é uma imagem congelada do noticiário.

Rossi observou a foto. Sua irmã estava na pose usual, cercada por duas AK-47, apontadas para a sua cabeça, que estava coberta com um lenço azul, seus olhos arregalados, em pânico. Era como se ela estivesse implorando diretamente pela ajuda de Rossi, como na vez em que ficou presa na cerca de arame, quando eram crianças e estavam roubando tomates no quintal do vizinho e Rossi precisou voltar para ajudá-la. Seu coração estava apertado; seu estômago se contorcia.

— Situação difícil — disse Manwich. — Se houver algo que eu possa fazer...

O alto toque de um celular os interrompeu. Todos os olhares se voltaram para Ahriman. O som vinha da sua direção. Ahriman estava furioso e tentava falar, apesar de estar amordaçado.

Todos ficaram confusos e Rossi foi na direção dele para atender o telefone. Ele colocou a mão no bolso de Ahriman, abriu o celular e disse:

— Pronto.

Uma voz profunda respondeu:

— Dr. Ahriman, por favor.

Rossi cobriu o microfone e abaixou-se ao lado de Ahriman. Ele tirou a mordaça, pressionou a semi-automática contra a têmpora dele e disse em voz baixa:

— É para você. Qualquer gracinha ou tentativa de falar com Gina eu explodo os seus miolos no mesmo momento. Entendido?

Ahriman deu um leve sorriso e concordou. Rossi segurou o telefone em posição para Ahriman falar e aproximou o ouvido para poder monitorar a conversa. O doutor disse:

— Pode falar.

Depois de alguns segundos, Ahriman disse para Rossi:

— Ele quer saber se eu estou bem...?

Rossi concordou, indicando que ele poderia abrir o jogo sobre a situação. Então Ahriman prosseguiu:

— Sim. Estou imobilizado e o coronel Rossi está com a nossa agente — apontando com a cabeça, ele indicou para que Rossi pegasse o telefone. — Ele quer falar com você.

Desnorteadado, Rossi pegou o aparelho:

— Rossi. Quem fala?

— Isso não importa. No entanto, poderíamos fazer uma troca.

— Nada de acordos.

— Sugiro que reconsidere. Estou apenas propondo uma troca de reféns, Sr. Rossi.

— Que refém?

O coração de Rossi estava disparado. Ele tinha um mau pressentimento.

— Sua irmã, é lógico.

Rossi endureceu:

— Ela foi seqüestrada no Afeganistão.

— E agora está aqui em Roma —, disse a voz com firmeza.

## Capítulo 75

Rossi perdeu a fala. Um turbilhão de emoções e de medo confundiam sua mente, deixando-o tonto e apreensivo.

— Você está aí, Sr. Rossi?

Com a voz vacilando, Rossi respondeu:

— Preciso de uma prova de vida.

— Muito bem.

Ao fundo, Rossi ouvia outras vozes, então, uma voz tímida perguntou:

— Carlo, é você mesmo?

Era Bianca. Não havia dúvidas. Ele perguntou:

— Você está bem?

Ela tossiu, limpou a garganta:

— Sim, mas... eles...

Sua voz foi interrompida e a voz masculina voltou a falar:

— Isso deve bastar. Quando armamos a armadilha para o seu tio, imaginamos que fosse estar junto. Eu mandei seqüestrar sua irmã como potencial moeda de troca. Temos um acordo? Ahriman e Bast pela sua irmã?

Rossi mordeu o lábio inferior até sangrar:

— Onde e quando?

— Pegue a Linha B do metrô e vá até a parada da pirâmide, entre no trem que o levará até Ostia.

— E então?

— Leve esse celular com você. Você receberá mais instruções no percurso. Traga somente seus reféns e o livro. Lembre-se, observaremos você. Nada de helicópteros ou equipes táticas. Somente você, seu tio e seus reféns.

— Vamos fazer a troca no trem?

- Chega de perguntas. É melhor você se apressar. Tem 50 minutos, nem um segundo a mais, para salvar a vida da sua irmã.

A ligação terminou.

Rossi guardou o telefone no bolso de Ahriman e o levantou.

Dante perguntou, ávido:

— Qual o plano?

- Eles estão com a Bianca. Não sei como, mas estão. Estou fazendo a troca de reféns. Precisamos chegar ao metrô.

Dante pegou o telefone:

— Vou mandar a equipe para o local.

- Não! Seremos só eu e meu tio. Sem equipe de vigilância, sem cobertura. Está claro?

Dante concordou, relutante.

Giovanni suspirou e pegou Gina pelo braço:

— Venha comigo, minha querida. Vamos fazer uma pequena viagem. Enquanto se movia, Giovanni batucava distraidamente na pasta que carregava ao seu lado.

— Fazer uma viagem — ela repetiu com a voz firme quando caminhavam para a porta.

Manwich e Kyle trocaram olhares. Kyle deu um passo na direção de Gina, Manwich balançou a cabeça:

— Vamos acompanhados, Rossi. Ordens. Temos motivos para acreditar que Drago Volante está por trás disso, e como o assunto é de segurança nacional tanto para o meu país quanto para o seu, eu insisto.

Manwich foi para perto de Rossi, encarando-o. Ele pegou um pequeno alfinete no bolso do peito e colocou na gola de Rossi:

— GPS, para podermos localizá-lo. Podemos monitorá-lo do laptop que está no nosso carro a uma distância segura.

Rossi encheu as bochechas de ar e soltou de uma vez:

— Que inferno, ok. Mas fique longe. Se virem você...

— Não verão... agora vamos.

Com isso, Rossi pegou Ahriman pelo braço e foram para a rua, pegaram carros separados.

Foram até a estação de metrô do Coliseu em tempo recorde.

Rossi pegou o Mustang que Dante havia levado para ele, acelerou e cortou o caótico trânsito da cidade, ides pararam os veículos na rua, compraram os bilhetes na máquina e embarcaram.

Rossi olhou a hora. Já tinham se passado 38 minutos.

Quando o trem partiu, sob a luz amarelada da estação de metrô, Manwich se deu conta de que o grupo de Rossi tinha uma aparência um pouco surreal: um padre desgrenhado, uma policial dura como uma morta sendo conduzida por um professor todo amarrotado, todos atrás do vidro, como manequins em uma vitrine de loja de departamento. Manwich e Kyle foram para o carro. Dante os seguiu.

— E como é que vamos pegar a garota e acabar com Ahriman? — perguntou Kyle virando o volante.

— Não tema. Na confusão coloquei um rastreador nela também — explicou Manwich. — Vamos acompanhar os movimentos dela onde quer que esteja. E quando a oportunidade aparecer, agiremos. Enquanto isso vamos ver como isso tudo termina. Talvez possamos matar dois pássaros com um só tiro.

Eles saíram cantando pneus e foram desviando do trânsito. Kyle disse:

— E a Mossad? Você disse que tínhamos ordens de nos unirmos a eles.

— Como o diretor disse, "ela os encontrará". E sabe, tenho o estranho pressentimento de que ela realmente nos encontrará.

Antes de Kyle poder responder, algo duro pressionou seu pescoço. Do banco de trás veio a voz:

— Eu já encontrei.

Quando Kyle se virou a arma apontava para seu ouvido.

— Mantenha os olhos na pista — disse Josie levantando-se e firmando a semi-automática na mira da cabeça de Kyle.

Manwich virou-se e ela disse:

— Você também, gordinho. Ou eu acabo com os dois bem aqui.

Os olhos de Josie focaram no velocímetro. O ponteiro estava descendo:

— Pise fundo. Temos um trem para alcançar.

## Capítulo 76

Quando Stato entrou no escritório, viu a grande figura do mestre general Spears atrás da mesa, na frente do computador, teclando alguma coisa. Ele foi até o cardeal Moscato e verificou a pulsação. Satisfeito, ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Spears.

— Tirou mais alguma coisa dele?

Sem tirar os olhos da tela do computador, Spears respondeu:

— Ouvi sua conversa, obrigado por ligar o interfone.

- E?

— Deveríamos ter pensado em fazer as perguntas antes. Mas, de qualquer forma, sim, estão indo para o local correto. Quer que passe um rádio para eles?

— Não. Ou precisaríamos divulgar nossa fonte — seu olhar voltou-se para a face machucada de Moscato e depois para Spears. — Sob tais circunstâncias, seria um pouco difícil.

— Concordo — respondeu Spears clicando com o mouse para entrar em outro website.

— No entanto, há um dificultador. A chamada do seqüestrador veio de dentro do Vaticano, o que foi discutido antes de eu acionar o interfone.

Spears fez uma pausa:

— Isso significa...

— Significa que existem mais confederados a se interrogar. Moscato estava incapacitado no momento da ligação.

Spears grunhiu:

— Bertone. Aquela doninha. Aposto um jantar.

Stato pegou o telefone:

— Vou colocá-lo em custódia e mandar que tragam-no aqui.

Spears fez uma pausa e disse:

— Não, melhor ainda... coloque meu secretário pessoal na cola dele. Mas você pode monitorar suas ligações e movimentos com as câmeras também, não pode?

Stato fez que sim e pegou o telefone novamente. Depois de combinar o necessário, ele desligou.

O som do fax chamou-lhes a atenção.

Confuso, Stato foi até o aparelho e retirou as páginas.

— O que é? — perguntou Spears.

— É para você — disse Stato entregando-lhe as páginas.

Spears leu em silêncio o conteúdo por alguns minutos, suas mãos tremiam quando ele virou a última página. Ele ergueu a cabeça, com a expressão séria e disse:

— É do professore Giovanni. É a decodificação de uma passagem do Le Cahier de la Rose Noire. Ele e o professor Schulman estavam trabalhando nisso quando Schulman foi morto por um agente do Protocolo-17. Giovanni diz que Schulman tinha decifrado apenas algumas frases antes de ser morto, e o livro foi roubado logo na seqüência. Parece que Giovanni aceitou ser a isca para pegar o livro.

- E?

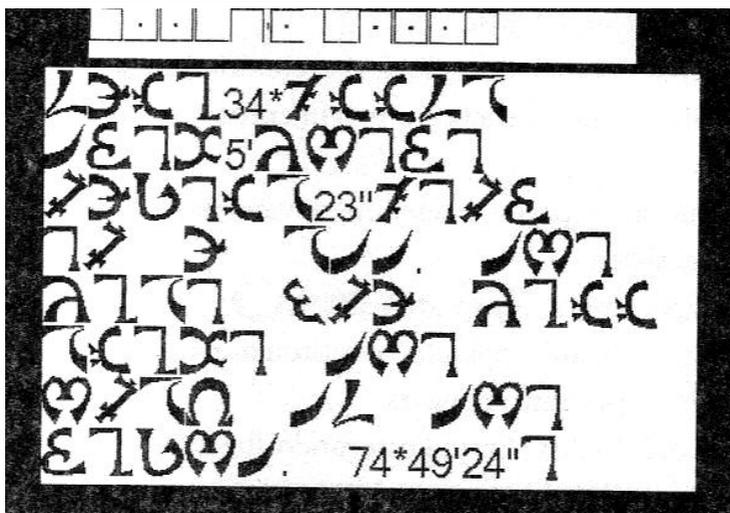
— Ainda falta um pedaço do quebra-cabeça — disse Spears, mordendo o lábio inferior.

Os olhos de Stato brilharam:

— Você disse que isso tinha a ver com o livro roubado? — ele se levantou, foi até a mesa, abriu uma gaveta e retirou um pedaço de papel que entregou a Spears. — Com toda a confusão, eu me esqueci — ele apontou com a cabeça para o documento. — Foi encontrado nos arquivos, na cena do crime, sob o corpo de Pico.

— É a página à qual Giovanni se refere, a que falta no Le Cahier Rose. O professor disse que a encadernação está em péssimas condições, com páginas soltas e estragadas. Esta deve ter caído.

Spears colocou a página suja de sangue sobre a mesa e a analisou.



Da pilha dos documentos do fax, Spears pegou uma e colocou ao lado da página cheia de símbolos que estava sobre a mesa. Estava escrito:

Oh, Satan Lúcifer o falso Deus de Jeová. Enganador do Jardim do Éden. O Código da Bíblia revelou o lamento de Jesus pelo ausente, a escritura Sagrada. Pelo Cálice Sagrado, casamento de Maria Madalena, a ausente filha de Deus, o maior. Busque na cidade da serpente. Encontre o vale da tribo perdida. Ilumine-se. A ressurreição de Jesus. Veja a verdade, a falsa ressurreição de Cristo. O Nefilim anda entre nós. Filhas de Maria Madalena.

Stato olhava por cima dos ombros de Spears, que explicou:

— Giovanni decifrou um anagrama que estava no livro. Embora a redação pareça estranha, a mensagem é clara.

"Repete a crença gnóstica de que Jeová era, na verdade, Satã, o falso comandante de um mundo dividido. Refere-se ao casamento de Cristo com Madalena. Conta-nos que na cidade

da serpente, no vale da tribo perdida de Israel, encontraremos a prova da falsa ressurreição. É a prova de que Nefilim, que descendeu dos anjos e violou mulheres terrenas, vive entre nós.

Limpendo a garganta, Stato disse:

— A única prova da falsa ressurreição seria...

— ... se encontrássemos a tumba de Jesus — completou Spears.

Stato comentou:

— E a prole resultante do casamento de seres celestiais com mulheres deve significar...

— Desposyni, os filhos de Cristo com Maria Madalena.

Com a voz fraca, Stato questionou:

— Mas e onde fica a cidade da serpente?

Spears pegou a página e foi até o computador. Violentamente, seus dedos voavam sobre o teclado:

— Os símbolos na parte de cima são um código maçônico. Os glifos estranhos são chamados de escrita enoquiana, a linguagem angelical usada por ocultistas como John Dee. É somente uma distração. A resposta está nos números.

— São coordenadas! — disse Stato.

Apontando com a cabeça para o monitor e sorrindo, Spears disse:

— A tumba fica aqui — ele colocou o dedo sobre a tela.

Estudando o mapa, Stato disse:

— Srinagar, Caxemira.

Spears pegou o telefone e discou. Ele se virou de costas e falou em um baixo sussurro. Depois de uma breve conversa, ele desligou e se virou, novamente, para o computador.

— O que estava fazendo? — perguntou Stato.

— Marcando seu vô para o Paquistão, meu filho. Com um nome falso — disse Spears entregando a Stato um passaporte e um cartão de crédito.

— Padre Devlin? — Stato questionou.

— Um jesuíta... continua sendo um de meus melhores padres. Ele tem mais ou menos a sua altura e o seu peso, então só vou precisar trocar a foto. Vai passar por uma inspeção superficial, e os inspetores paquistaneses não vão perturbar muito um homem de batina. Ele foi bom o suficiente para oferecer seu cartão de crédito americano para a causa.

Stato gaguejou:

— O que quer dizer com homem de...?

Spears ergueu seu enorme corpo da cadeira e foi até o banheiro. Quando saiu, estava carregando uma mala. Ele a abriu e tirou a batina e o colarinho romano:

— Deixaram na porta de trás. Por que não vê se serve? Balançando a cabeça veementemente, Stato disse:

— Absolutamente não. Se você acha...

No mesmo momento, a imagem da comitiva saindo do hospital apareceu na televisão que estava ligada em um canal a cabo de notícias. Spears colocou sua mão com firmeza no ombro de Stato e apontando para a tela disse:

— Ele pediu para você lazer uma missão sagrada, não pediu?

Stato levantou-se, pegando a mala. Enquanto ele ia até o banheiro, Spears disse:

— Não esqueça do chapéu — ele jogou um grande chapéu preto. — Coloque a aba para baixo e vai esconder essa sua cara feia.

Alguns minutos depois, Stato saiu do banheiro parecendo o personagem. Ele passou o dedo pelo colarinho branco:

— O colarinho está um pouco apertado. Spears riu:

— Faz parte, meu filho — ele bateu no assento da cadeira.

— Hora das orientações.

O padre "comandante" sentou-se e analisou a tela. A imagem de uma porta desgastada, arredondada preencheu a tela:

— Parece arquitetura islâmica — ele disse.

Spears sorriu:

— Deve ser porque é bem no centro de um país islâmico, dividido pela guerra e pelo sangue, um barril de pólvora, disputado pelos poderes das infantarias nucleares do Paquistão e da Índia. O que você está vendo é um santuário sagrado islâmico na parte antiga da cidade... Srinagar, Caxemira. A tradução de Srinagar é a cidade do exaltado, do sábio, da serpente. O edifício se chama Rozabal. "Rozabal" é uma abreviação de Rauza Bal, que significa, "tumba do profeta".

— Tumba de quem? — perguntou Stato, aproximando-se.

Spears clicou e outra imagem apareceu. A foto tirada do alto de onde se avistava uma sepultura, um grande sarcófago entre estreitas paredes de madeira esculpida.

— Santo Issa, também conhecido como Yuz Asaf — respondeu Spears.

— Nunca ouvi falar.

— Porque você o conhece como Jesus Cristo.

Antes de Stato poder responder, alguém bateu na porta:

— Quem é?

— Mestre sargento Klientz, senhor.

Stato levantou-se, abriu a porta e Klientz puxou um carrinho com um kit médico bem grande.

Os olhos do mestre sargento arregalaram ao ver Moscato.

— Segure seu braço enquanto lhe dou o sedativo — ordenou Stato ao pegar a seringa e prepará-la.

Relutante, o mestre sargento cooperou.

Quando terminaram, Stato disse:

— Klientz, você está obedecendo ordens diretas do Santo Papa, entendeu?

O mestre sargento demonstrou ter compreendido e continuou com o olhar fixo.

Stato jogou a seringa no lixo e guardou o remédio.

— Bom. Agora faça os curativos em seu rosto e o cubra para evitar maiores constrangimentos. Então, peça ajuda do agente Schmidt para o transporte.

— Para onde vamos levado, senhor?

Spears interferiu:

— Você o entregará ao Dr. Lazar e à madre superiora no Asilo das Irmãs de Misericórdia, onde ele ficará em uma solitária em uma segura área psiquiátrica. Estarão esperando por você. Como pode perceber, o cardeal teve um total descontrole mental. Seus ferimentos, infelizmente, foram feitos por ele mesmo — ele fechou os olhos, abaixou a cabeça. É tudo muito triste.

O mestre sargento engoliu com dificuldade:

— Então ele é perigoso?

— Homicida — respondeu Stato. — E completamente louco. Acha que está sendo perseguido pelo diabo em si.

— Ilusões paranóicas — acrescentou Spears.

Quando saíram com Moscato, outra batida na porta. O assistente de Spears entrou, entregou-lhe um agenda amassada, presa por uma cinta de couro e desculpou-se. Spears deu uma olhada e entregou o jornal para Stato:

— Para você ler durante a viagem. É o diário de um explorador russo. Acho que isso explicará o que você encontrará na Caxemira.

Stato olhou para o livro e depois para Spears:

— Mais alguma coisa?

— Dr. Sanger irá encontrá-lo no aeroporto. O Santo Papa em pessoa confiava nele, então, trabalhe com ele. Acredito que você já tenha colocado alguém para cuidar do Santo Sudário, certo?

O telefone de Stato tocou e impediu sua resposta. Quando ele atendeu, o operador lhe disse que estava passando uma ligação de Turim.

Stato ficou sem ar, esperando que a outra voz surgisse do outro lado da linha. O silêncio se prolongava e ele ficava cada vez mais nervoso.

— Pronto.

- *Commandante Stato, per favore.*

- Sou eu.

A voz sem fôlego, disse:

- Controle-se, por favor. Quem se foi?

- O Santo Sudário. Ele foi roubado.

## Capítulo 77

Ele estava na janela, de costas, com as mãos para trás. Parecia tão concentrado que o oficial Schmidt hesitou em falar. Depois de colocar cuidadosamente a caixa decorada sobre a mesa, Schmidt limpou a garganta e assumiu a postura adequada a um oficial da guarda suíça.

O homem virou-se lentamente, seu rosto oculto em parte pela sombra. Aparecendo lentamente, como uma salamandra surgindo de debaixo da pedra, a marca roxa de nascença que cobria seu rosto era grotesca. Ainda assim, Schmidt não podia desviar o olhar; como se seus olhos estivessem presos ao semblante do cardeal Moscato. Mesmo sob a luz fraca, Schmidt podia ver o olhar febril que brilhava e dançava nos olhos do cardeal.

Com a voz cansada, o cardeal Moscato disse:

— Schmidt, desculpe. Não ouvi você entrar.

Schmidt encolheu os ombros. O cardeal prosseguiu:

— Suponho que tenha tomado as devidas providências com o corpo do mestre sargento Klientz, certo?

A voz do cardeal chegava a ser quase musical de tão agradável, mas seus olhos eram fixos.

— Depois de voltarmos, — disse Schmidt — eu o coloquei no alojamento, sentado à mesa, com uma garrafa de licor e antidepressivos à sua frente.

— E a arma?

— Quando estávamos na ambulância eu atirei nele com sua própria pistola, bem de perto.

Schmidt podia ver, em seu pensamento, a expressão de pavor nos olhos de Klientz quando ele percebeu, tarde demais, já na cabine da ambulância, que seu parceiro tinha tirado sua arma e a estava apontando para sua cabeça. Depois, Schmidt limpou as impressões, se desfez do veículo e lavou as mãos incessantemente para eliminar qualquer vestígio de pólvora.

- Suicídio — disse o cardeal, sarcasticamente, balançando a cabeça. — O dele é o segundo que a guarda suíça enfrenta no próprio alojamento em dois anos.

Moscato olhou para a caixa. Ele chegou até ela e a tirou da mesa. Um sorriso brilhou em seu rosto, mas quando ele ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Schmidt, o sorriso desapareceu e deu lugar a uma falsa impressão de indiferença. Ele colocou a caixa de volta na mesa.

— Bom trabalho, oficial. Você foi discreto?

Quando Schmidt vacilou, o cardeal apertou os olhos, como se pressentisse que algo tivesse saído errado.

Flexionando a mandíbula, Schmidt, por fim, disse:

— Não houve testemunhas, Sua Eminência. Depois de render o cardeal Dechslher com um tranqüilizante...

Moscato inclinou-se para frente e apoiou-se sobre a mesa:

— Cardeal Drechsler, você disse?

Schmidt sentiu o estômago revirar:

— Sim, senhor.

— Rendido com um tranqüilizante?

Schmidt fez que sim. Suas mãos começaram a tremer, todos os músculos estavam tensos. O cardeal olhava para ele. Ele disse:

— Precisei improvisar... ele estava sozinho com a caixa.

Quando Moscato se levantou, suas mãos foram na direção de uma gaveta. Schmidt deu um passo para trás involuntariamente:

— Eu removi a seringa. A dose foi suficiente para confundir seu pensamento, quase paralisá-lo. Ele não viu o meu rosto.

Moscato, sem tirar os olhos do oficial, abriu a gaveta e tirou alguma coisa de dentro dela. O oficial continuou:

— Eu disse para as enfermeiras que o tinha encontrado daquele jeito — sua voz tremia. — Disse a elas que ele devia ter passado mal de tanta tristeza.

Quando Moscato ergueu a mão, Schmidt se agachou, cobrindo o rosto com as mãos:

— Não atire em mim, por favor, Sua Eminência! Eu tenho família.

Moscato se ajeitou. Uma expressão de nojo cobria seu rosto:

— Meu Deus! Recomponha-se, oficial — disse ele saindo de trás da mesa. Ele colocou o braço em torno do ombro de Schmidt, deu uma forte gargalhada e deu-lhe um tapa nas costas: — Você realmente achou que eu fosse te matar?

Schmidt estremeceu com a força do tapa e se recompôs. Ele secou as lágrimas do rosto com o dorso da mão e viu um envelope na mão do cardeal. Ao acompanhá-lo até a porta, Moscato lhe entregou o envelope.

— Aqui, uma recompensa extra. Compre alguma coisa nova para seus filhos — disse o cardeal, fazendo cara de avô carinhoso, ele sorriu e piscou.

Quando Schmidt foi começar a falar, Moscato o silenciou colocando um dedo contra seus lábios, abriu a porta e indicou para que ele saísse.

Antes mesmo da porta se fechar completamente, o sorriso sumiu do rosto de Moscato. Rapidamente ele atravessou a sala, e foi para trás da mesa. Ele pegou o telefone e discou.

No terceiro toque, a voz sussurrada de Volante atendeu:

— *Buon Cugino.*

— *Buon Cugino* — respondeu o cardeal.

— Você está com o pacote?

— Está nas minhas mãos.

— Excelente. Não perca a caixa de vista.

— Não perderei.

Depois de uma longa pausa, Volante falou:

— Houve uma pequena complicação. O doutor e nossa agente foram... detidos.

— Que infelicidade. Isso irá interferir na Operação Respiração do Dragão?

— Não. Tenho a situação sob controle. Sob o pretexto de uma troca vamos nos livrar desses inoportunos intrusos.

— Boa solução.

O cardeal desligou o telefone e foi até a janela, de onde observou a vastidão da Praça de São Pedro. Pessoas tristes continuavam ali. Ele ergueu a mão, olhou para o anel invertido e virou a palma para cima. Esticou os dedos e, com o polegar e o indicador, colocou o anel na posição correta. Na frente do anel de Borgia, uma pequena saudação estava gravada. Moscato mexeu no anel e a agulha submergiu no ônix, entre as letras douradas. Moscato sabia que quando

tinha alojado a agulha no ombro de Schmidt, o fecho de metal pesado tinha se rompido. Dentro de horas, os venenos mortais começariam a circular pela corrente sanguínea. Em dias, o mau oficial sofreria uma morte terrível e dolorosa.

Sorrindo para si mesmo, ele pegou a caixa.

O som da porta se abrindo, batendo e o ranger das dobradiças chamaram sua atenção.

Ele se virou e viu uma figura fantasmagórica e enorme bem na sua frente.

Por um momento, ele ficou congelado diante do poder do olhar do mestre general Spears.

Instintivamente, Moscato se lançou contra a caixa.

Apesar de seu tamanho, Spears venceu a distância em segundos, correndo e se jogando sobre Moscato como um urso enraivecido.

Moscato lutava, seu rosto queimava de raiva. Seus olhos agarraram Spears, em busca de sangue. Ele espumava como um pitbull com raiva. Spears lhe batia com os enormes punhos cerrados e, quando sua mão rasgou o colarinho do cardeal, Moscato mordeu o pulso do mestre general com tanta força que os dentes chegaram ao osso. Ignorando a dor, Spears ergueu as mãos e as levou até a garganta de Moscato, sufocando-o. Então ele colocou seu corpo pesado contra o cardeal e o jogou para o outro lado da sala. Moscato tentava respirar, suas costas bateram contra uma grande estante de vidro; com a explosão, o vidro e os pedaços de madeira voaram sobre o carpete.

Lutando para se concentrar e sem oxigênio, Moscato teve uma idéia. Ele fingiu um desmaio. Fingiu estar apagado. Os

olhos do gigante ficaram arregalados; ele soltou o rival e deu um passo para trás.

Respirando com dificuldade, com o rosto ainda enraivecido, Spears disse:

— Por Deus, estou descendo ao seu nível — ele se curvou, apoiando as mãos nos joelhos, buscando mais ar. — Quando vi Schmidt saindo do seu escritório, tive certeza de que você havia escapado.

Moscato tossiu violentamente e massageou a garganta. Mas quando Spears olhava para baixo, o rápido cardeal deu um passo para frente e ergueu o joelho, acertando o rosto de Spears. Quando o gigante ergueu-se, com dor, Moscato deu um chute no alvo mais fácil, seus testículos.

Spears gritou de dor e caiu no chão.

Vozes vieram do outro lado da sala.

Com a saliva brilhando nos cantos da boca, Moscato andava ao lado do gigante caído. As narinas inchadas:

— Você é um fraco, Spears. Por isso sempre venceremos.

O mestre general lutou para erguer a cabeça. De trás dos olhos marejados, Spears viu o cardeal mexendo no anel. Viu ele se aproximando, posicionando a mão para acertar um golpe em seu rosto.

No último segundo, Spears ergueu o braço e pegou o pulso do cardeal com firmeza. Então ele se levantou e virou o pulso do cardeal. Agora o pulso olhava para ele e estava curvado em um ângulo nada natural. Os ossos do pulso quebrados. O rosto do cardeal, pálido. Seus olhos refletiam o terror enquanto Spears levava a mão do cardeal para perto do seu próprio rosto.

— Deus, NÃO! — gritou Moscato enquanto Spears levava o dorso de sua mão a atingir a testa do cardeal.

Spears soltou a mão dele e deu um passo para trás.

As pernas de Moscato travaram, ele caiu de joelhos. Levou o pulso machucado para frente dos seus olhos. Fez uma careta enquanto o movimentava para frente e para trás. Sua outra mão foi até o rosto. Quando a abaixou, observou os dedos cheios de sangue. Ele levantou a cabeça, encarou Spears e disse:

— Seu idiota. Você me matou.

— É só um pulso quebrado e alguns cortes. Você vai viver.

Moscato deu uma gargalhada delirante, levantou-se e caminhou até a janela. Spears o observava, cauteloso, porém, desnordeado. Alguém bateu na porta.

Então, Moscato abriu a janela e apoiou-se no peitoril.

— NÃO! — gritou Spears. — Deus lhe perdoará.

Moscato fez uma pausa, olhou por cima do ombro, com um fino e orgulhoso sorriso nos lábios e disse:

— Meu anel, o mesmo anel que eu pretendia usar contra você, tem uma agulha envenenada — com a mão quebrada ele apontou para o próprio rosto. — Mas, em vez disso, o beijo da serpente atingiu seu mestre — ele deu mais um passo. Olhou para baixo. Olhou novamente por cima do ombro e, ao saltar, gritou: — Vejo você no inferno.

Com o ranger da madeira, a porta se abriu. Os guardas suíços, liderados pelo major Brazi do GIS, entraram na sala. Brazi parou no centro da sala, olhando para a mobília destruída, os cacos de vidro espalhados pelo chão. Virou-se para Spears e perguntou:

— Está tudo bem, senhor?

Spears fez que sim. Os olhos do major encontraram a janela. Ele correu e ficou parado, olhando para baixo.

Rápida e discretamente, quando os demais guardas foram olhar a janela, ao lado de Brazi, Spears pegou a caixa e a colocou sob suas vestes. O major soltou um alto assobio e fez o sinal da cruz:

— Cardeal Moscato?

— Temo que, no final, o bom cardeal perdeu a fé — disse Spears com a voz suave. — Ele sabia que estava com um câncer incurável... e com a morte do Santo Papa...

O major suspirou e disse:

- Ele tirou a própria vida e você tentou impedi-lo... — ele passou os olhos pela sala. — Por isso a luta.

— Precisamente, major. Mas não queremos lavar a roupa suja em público... entende?

O major olhou pela janela, viu o corpo do cardeal logo abaixo:

— Ele caiu na frente de muitas testemunhas... pode não ser tão simples de se explicar.

— Talvez um trágico acidente? — sugeriu Spears.

— Entendido, senhor. O senhor cuidará da imprensa?

— Certamente.

Brazi acertou a postura e foi na direção de Spears, seu olhar focado nas marcas de dentes que deixaram a mão do mestre general vermelha e inchada. — O senhor deve ver esse ferimento, pode infeccionar facilmente.

Spears olhou para a mão ferida, observou o olhar de Brazi, buscando algum sinal de suspeita. Como não encontrou, ele concordou, sorrindo.

## Capítulo 78

No trem, os olhos de Rossi passavam pelos passageiros, sempre alerta a qualquer rosto familiar, gesto incomum ou olhar desviado. Até o momento não tinha encontrado nada. Só o costumeiro e elevado número de turistas. A cada parada ele observava o rosto das pessoas que entravam no trem.

Ele se virou na direção de Gina, ou qualquer que fosse seu verdadeiro nome. Ela estava sentada, ereta, como uma tábua. Embora houvesse algo duro e cruel nela, existia algo além. Seu rosto de perfil, enquanto ela observava, sem expressão, a paisagem, revelavam uma certa vulnerabilidade, uma certa tristeza. Ele precisava admitir que essa era uma combinação interessante. Mas uma leve voz em sua cabeça o advertia. Ela tinha uma aura de tensão ao seu redor, como se estivesse em guerra consigo mesma, e qualquer um que ousasse entrar em seu mundo entraria na briga.

Rossi sorriu, riu para si mesmo com o absurdo de seus pensamentos. "Você está agindo como se ainda tivesse a opção de, lentamente, se afastar, como se ainda não fosse tarde demais, um acordo feito". Abaixo dele o piso do trem em movimento.

Giovanni quebrou o silêncio:

— Ela está em um estado de fuga dissociativo.

Os olhos do professor focaram em Ahriman, que estava calmamente sentado, com as mãos no colo; mas seu olhar incisivo era atento, assustador.

— Você tem alguma pergunta, *professore*?

Seus olhares se encontraram e Giovanni respondeu:

— Eu quero saber o nome de controle. O nome que você usa para alcançar a verdadeira identidade da personalidade dela.

Por um grande período, Ahriman não disse nada. Então ele soltou uma risada silenciosa e disse:

— Como você me surpreende. Não só é versado em artes e história como também conhece a psiquiatria. Entretanto, acredito que seja muito ingênuo se, por um momento, acreditou que eu fosse matar sua curiosidade.

Sem hesitar, Rossi, que estava sentado ao lado de Ahriman, com a Beretta escondida sob o braço, encostou o cano nas costelas de Ahriman.

— Mate a curiosidade dele — ele disse, com o olhar frio. Ahriman olhou para baixo e estremeceu quando Rossi apertou a arma ainda mais contra seu corpo.

- Meu querido... coronel, você está blefando. Sem mim, você nunca verá sua irmã viva.

Aproximando-se, Rossi disse:

- Nosso acordo não especificou que eu deveria entregá-lo... inteiro — com a outra mão, Rossi pegou uma faca. Lentamente, ele abaixou a mão e começou a pressionar a faca contra a coxa de Ahriman, logo acima do joelho. — Um movimento e eu te paraliso. Você vai ficar incapacitado pelo resto da vida. Então vou para a outra perna, cuidar da sua rótula. Você vai ver como é preciso pouco esforço para destruir uma rótula, meu caro doutor.

Respirando fundo, Ahriman demonstrou ter entendido. Ele se virou para Giovanni:

— Você já conhece a frase usada como gatilho.

Rossi segurou a lâmina com a ponta pressionando a pele de Ahriman:

— O nome!

Engolindo com dificuldade, um fedor azedo saindo de seus poros, Ahriman disse:

— Myriamne.

— Myriamne? — repetiu Giovanni.

Ao ouvir seu nome, Gina — agora Myriamne — tonta, virou a cabeça na direção do professor que estava sentado bem na frente dela. Seus olhos pareciam reconhecer as coisas.

Delicadamente, Giovanni pegou as mãos dela e disse, suavemente:

— Sinta as minhas mãos, somente as minhas mãos. Você vai colocar toda e qualquer resistência em minhas mãos. Não vai guardar nada.

Seus olhos reviravam e ela concordava, solenemente.

Giovanni vacilou como se estivesse surpreso pela frieza que saía das mãos dela. Ele disse:

— Agora eu falo com Myriamne.

Um leve tique em seu olho direito, sua respiração ficou mais acelerada, seu peito se movimentava mais rapidamente, quase como se estivesse hiperventilando.

Giovanni apertou as mãos dela com força:

— Você está em paz, Myriamne. Paz. Deixe a tensão, o medo sair pelas pontas dos seus dedos e cair nas minhas mãos.

Imediatamente, sua respiração diminuiu, chegando a um ritmo tranquilo. Seu rosto tenso, ficou mais relaxado. Suas sobrancelhas expressando fúria, suavizaram. O tique passou.

— Estou em paz — ela repetiu, quase sussurrando.

A mudança em seu rosto era tão grande, tão abrupta, que para Rossi parecia que uma máscara tinha sido retirada de seu rosto, revelando um novo alguém que vivia, em silêncio, sob uma fina concha de mentira. Um alguém que tinha observado e aguardado pacientemente por seu tempo, como uma criança na beirada de um carrossel em movimento esperando sua vez de entrar e brincar.

— O que está acontecendo com ela? — Rossi perguntou com a voz fraquejando.

— Chama-se mudança, alteração de personalidade — seu tio explicou.

*O rosto de Giovanni pairava na frente de Gina. Ele a chamava por outro nome. A princípio, uma sensação de morte. Então, ela se ergueu das profundezas da escuridão. Na tela de suas pálpebras, luzes mais fortes que a do sol marcavam seus olhos. A luz enfraqueceu e ela viu um rosto, como se olhasse através de lentes sujas. Uma voz delicada cantava lá no fundo de sua memória. A voz de sua mãe, a mais amável que já ouvira. Sua visão clareou. Olhos calorosos, amáveis, a acariciavam. Uma leve brisa balançava a grama ao seu redor. Outra voz, igualmente gentil, começou a falar. É seu pai:*

— *Filha, você tem os olhos de sua mãe, sua mesma doce disposição. Como sua mãe, Madalena, você e seus descendentes deverão ser o canal da sabedoria espiritual.*

— *Sim, Pai — ela ouvia uma voz de criança, a sua voz, e tentava entender.*

— *Sua mãe, Madalena, a virgem, a mãe, a viúva, deverá se erguer sobre todos os meus discípulos e sobre todos os*

*homens que devam receber os mistérios do Inefável. O Homem vai condená-la de ser profana, mas mantenha a confiança em seu coração. Pelo verdadeiro caminho, meu Pai está por você.*

*Aqui ela se sente em paz, nesse tempo e local distantes.*

*Ela sussurra:*

*— Mãe Madalena...*

O trem começou a reduzir, preparou-se para parar. As portas se abriram e chamaram a atenção de Rossi. Um homem alto, muito magro, entrou no vagão. Rossi o observava. Cabelo loiro-claro, pele branca, quase albino, tanto que Rossi esperava que seus olhos fossem vermelhos como os de um coelho. Mas eles eram cinza, um tom metálico. Quando o homem viu que Rossi o observava, rapidamente desviou o olhar e seguiu pelo corredor, sentando-se perto da porta que levava ao próximo vagão.

Em seu posto privilegiado, o homem claro observava. Seus olhos entorpecidos, sonolentos escondiam a feroz concentração, o olhar sem piscar quase prendia Rossi ao assento. Rossi reparou na roupa do homem, um longo casaco muito quente para aquele dia, entretanto, podia esconder uma arma com facilidade. Rossi sentiu seu interior gelado.

À sua direita, veio o som do trem no sentido oposto abrindo as portas, espalhando seu rugido por seu vagão antes das portas se fecharem. Um segundo homem entrou. Ele era extremamente magro. Com os ossos do rosto marcados, ângulos muito afiados e olhos verdes transparentes davam a ele uma aparência assustadora. Usava preto da cabeça aos pés.

No canto dos olhos, Rossi percebeu a expressão de Ahriman: ele tinha reconhecido o homem. Um leve sorriso surgiu no rosto esquelético. Ele tomou sua posição, bloqueando a porta. Giovanni soltou a mão de Gina e ela se largou no assento. Sussurrando, sem tirar os olhos dos dois homens, Rossi perguntou a seu tio:

— O que ela estava dizendo? Não consegui entender.

Giovanni balançou a cabeça:

— Eu explico depois.

Sentindo os olhares frios dos assassinos, o coração de Rossi disparou; seus pêlos ficaram arrepiados. Então, seu sexto sentido levou sua atenção para a janela. Lá, correndo a toda velocidade pela rodovia ao lado da ferrovia, vinha seu carro, como um tubarão. Dante, sentado ao volante do Mustang, acenava freneticamente, tentando chamar sua atenção.

## Capítulo 79

No banco de trás, Josie olhava para Kyle pelo retrovisor. Eles estavam acompanhando o trem, na pista oposta na qual Dante seguia com o Mustang. Sem sinalizar, uma motocicleta entrou na frente deles. Kyle pisou no freio e virou o volante para a direita, jogando Josie contra a porta traseira. Ele virou bruscamente para a esquerda, a parte traseira descontrolada quase saiu da estrada e, rapidamente, retomou o controle.

— Deus, tome cuidado! De onde foi que você surgiu? — gritou Manwich.

Arrumando-se e pegando a arma do chão, Josie disse, sarcasticamente:

— Ótimo motorista.

Kyle dirigia e acelerava.

Manwich se ajeitou no assento, encarando Josie. Apontando para a pistola, ele disse:

— Pelo menos por ora estamos do mesmo lado. Você pode abaixar essa coisa antes que o outro aqui — ele olhou para Kyle — faça outra manobra dessas e você, acidentalmente, atire contra o meu banco.

Josie abaixou a arma.

— Assim é melhor. Como foi que você nos encontrou?

Josie riu:

— Os italianos estavam rastreando seu veículo. Meu parceiro simplesmente entrou no sistema.

Ela tirou do bolso um computador de mão. Sua tela mostrava um mapa da cidade com um ponto brilhante, indicando a posição exata deles. Josie contou um breve resumo sobre o ataque que sofreu com Schlomo na van. E sobre como seu pai foi morto em Chicago.

Coçando sua nuca oleosa, Manwich disse:

- Tenho ordens para capturar a garota a qualquer custo. Você tem alguma idéia do motivo pelo qual é tão importante pegá-la viva?

Josie balançou a cabeça:

— Não. Você fica com a garota, mas o Ahriman é todo meu — ela olhou para ele com os olhos faiscando de ódio.

O rádio monitorando a frequência italiana passou uma informação.

Josie ficou branca e traduziu:

- Eles acabaram de receber uma ameaça de bomba no trem Lido.

— O trem está reduzindo — disse Kyle.

Verificando a tela de seu computador portátil, Josie disse:

— Eles estão chegando na próxima estação.

## Capítulo 80

O trem reduziu e parou. Quando as portas se abriram, os passageiros foram para a saída. O homem claro ficou na frente da porta, impedindo que qualquer um entrasse. Rossi mantinha o olhar fixo no homem, na porta, algo perturbava sua mente. Rossi tinha pego a faca, mas mantinha a arma escondida, apontada para Ahriman.

O homem claro deu um passo para o lado, deixando uma mulher alta e negra entrar. Com roupas escuras do oeste africano e uma túnica vermelha de seda, ela era uma figura imponente. De cima de seu 1,80 m ela andava com graça e autoridade. Ela era escura e avermelhada. Enquanto passava os olhos pelo vagão, seu olhar recaiu sobre ele, Rossi notou que o fundo de seus olhos castanhos pareciam de enxofre. Sua testa alta, inteligente, era delicada. Mas suas bochechas eram desfiguradas, profundamente cortadas com marcas tribais, somando a aparência geral de uma tigresa. As marcas de uma deusa guerreira. Sua pele fresca e escura, recoberta pela camada de suor, fizeram com que ele sentisse um calafrio sensual. Mas quando Rossi respirou, percebeu que ela exalava um odor estranho, passado. Rapidamente ele colocou os olhos sobre Ahriman e os demais. Aparentemente satisfeita com a

segurança do vagão, ela se virou e chamou outra pessoa para entrar.

Lentamente, a figura apareceu. Com a cabeça baixa, enrolada em um lenço, os ombros curvados, Ela parou na frente deles. Quando ela levantou a cabeça, Rossi se viu olhando para o rosto de Bianca.

A porta se fechou.

Bianca levou a mão à boca. Seus dedos tremiam enquanto ela os passava pelo contorno de sua boca. Ela soltou alguns sons até conseguir pronunciar:

— Carlo?

Instantaneamente, a mulher negra pegou o braço de Bianca com violência e a levou para longe de Rossi. Quando ele se levantou, o homem claro se virou e mostrou uma enorme arma escondida embaixo do seu longo casaco. Seu sorriso maligno mostrava os dentes amarelados. Ele balançou a cabeça. Rossi entendeu a mensagem claramente, e voltou a se sentar.

A mulher negra disse, com a voz vindo da garganta, porém sedutora e macia como um veludo negro:

— Eu sou conhecida como Oba.

Ignorando-a, Rossi perguntou:

— Bianca, você está bem? Eles machucaram você?

Na parada do trem, Josie saiu do carro e percorreu a distância em segundos. Mas ao chegar na plataforma o trem estava partindo. Ela correu o máximo que pode, as pernas pulsando, o coração disparado, enfrentando o mar de passageiros com a suavidade que um tubarão passa pela água. Ao se aproximar

do trem, ela saltou da plataforma e alcançou os degraus do último vagão. Ela segurou no corrimão com firmeza e quase caiu quando seu pé direito raspou no chão, e conseguiu saltar para dentro.

Manwich observava, socando o teto do carro, em desespero. Entrando de volta no carro e fechando a porta, ele gritou:  
— Siga o trem!

## Capítulo 81

Os olhos de Bianca voavam pelo vagão como pardais presos. Ela parecia totalmente sem energia.

Uma movimentação na parte traseira do vagão. Um condutor de trem entrou no vagão, passou pelo cobrador com os olhos de quem faz guarda. Enquanto ele gritava maldições em italiano, de repente ele se curvou para trás, levando as mãos às costas. Quando se virou, Rossi viu o cabo de uma faca nas costas do homem. Em um movimento suave, o cobrador deu um passo à frente, colocando uma mão no ombro do homem e, com a outra, ele pegou a faca e a virou, jogando o condutor no chão. Um sorriso maligno apareceu no rosto do assassino, que puxou a faca com o som molhado e, calmamente, limpou o sangue de sua lâmina nas calças.

O branco dos olhos de Oba brilhavam. A lâmina da grande faca em sua mão, brilhou:

— Já chega! — como os olhos frios de mármore de uma cobra negra, seu olhar relaxou. Um sorriso largo, engenhoso surgiu em seu rosto quando ela olhou para eles. — Acredito

que estamos aqui para fazer uma troca, não é? — disse ela com um sotaque levemente francês.

No mesmo momento, o celular de Rossi tocou. Quando ele levava a mão ao bolso interno do casaco, o homem claro ergueu a arma no ar. Oba ordenou:

— Deixe que ele atenda.

— Rossi — disse Dante. — Acabamos de receber a notícia. Tem uma bomba no trem. Vamos fazê-lo parar e retirar os passageiros.

Sem demonstrar nenhuma reação, Rossi desligou.

Josie seguiu pelos vagões, gritando para os passageiros, em italiano, e alertando-os para que fossem para o último vagão. Quando ela chegou no vagão anterior ao que Rossi e os outros estavam, se abaixou. Logo acima, via um homem magro guardando a porta mais próxima. Ele olhou na direção dela e se virou. Ela pegou sua arma. Engatinhando, foi até o espaço entre os dois vagões e segurou-se na escada. Mesmo sem querer, ela olhou para baixo e sentiu o estômago revirar com a visão do chão correndo sob ela e com o borrão da paisagem nas laterais.

Ela subiu no teto do vagão, o vento batia em seu cabelo. Abaixada, ela caminhou pelo teto e, lentamente, foi chegando à outra extremidade, quase caindo. Na metade do caminho, ela deitou de bruços e espiou pela janela. O sangue desceu para sua cabeça ao ficar pendurada de cabeça para baixo. Depois de observar as posições, ela voltou para cima.

Ao chegar do outro lado, ela desceu pela escada e ficou entre os dois vagões. Ela pegou sua Sig Sauer e se escondeu ao lado

da janela da porta. Um segundo homem estava no centro do vagão, apontando uma 12 para Rossi e Giovanni. "Inferno". E, atrás deles, ela podia ver Ahriman, sentado, presunçoso, como se estivesse assistindo um debate na universidade. Seu sangue subiu, seus dedos se firmaram no gatilho. Por um momento, seu corpo todo ficou tensionado e ela estava pronta para invadir atirando. Mas ela sabia que se o homem se assustasse poderia atirar, por reflexo, e dividir o Rossi em dois pedaços em segundos. Então, ela engoliu em seco, sentindo o gosto de bile que estava em sua garganta. E, abaixada, sentada sobre as coxas, com as costas contra a porta, ela esperou o momento adequado para se apresentar, suas mãos tremiam de nervoso.

## Capítulo 82

Na mão direita, Rossi segurava sua Beretta. Ele sabia, de acordo com o aviso de Dante, que Volante estava armando alguma coisa. Ele olhou para Oba. Será que ela sabia sobre a bomba prestes a explodir em algum local do trem? E os outros? Como ele poderia avisar seu tio?

Ahriman levantou-se:

— Já que estamos todos aqui, vamos acabar logo com isso — disse ele.

— Não tão rápido — disse Rossi, erguendo a arma. Ahriman respirou fundo e parou.

O homem claro, ficou visivelmente preocupado. Rossi olhou para a direita. O reflexo da faca brilhava entre os dedos da mão fechada do cobrador que a segurava ao lado do corpo, pronto para lançá-la.

Oba se contorceu em seu assento enquanto um sorriso apareceu em seus lábios, mas era um sorriso frio que não apresentava impacto algum em seus olhos. Seu corpo, embora grande, estava encolhido, como uma mola.

Rossi disse:

— Bianca, levante-se e venha até mim.

Com os olhos aterrorizados, Bianca virou-se para Oba, seus olhos suplicavam pela permissão, como uma garotinha pedindo à professora para ir ao banheiro.

— Bianca, levante-se e venha até mim! — ele repetiu.

Oba soltou o braço de Bianca e segurou em seu pulso, observando a hora no relógio que ela usava, seus olhos vagaram pelo vagão, ansiosos. Rossi teve sua resposta. A mulher estava contando os minutos para a detonação. Quando ela ergueu a cabeça, um silencioso movimento foi sua única resposta.

Com as pernas bambas, Bianca percorreu a curta distância e quase desmaiou ao cair nos braços de Rossi, suspirando. Sua respiração delicada contra o rosto de Rossi, como as asas de uma borboleta. Nesse instante, o coração de Rossi não resistiu à emoção e ele derramou uma lágrima, abraçou-a mais forte.

— Que reencontro tocante — disse Ahriman ao se mover.

Mas antes de ele poder dar mais um passo, Josie invadiu o vagão. A arma apontada à sua frente, ela a segurava com as duas mãos.

O homem claro virou-se para Josie. Ahriman estava, agora, exatamente na linha de fogo, bloqueando o tiro.

Embora tenha acontecido em uma questão de segundos, o mundo parecia ter passado para a câmera lenta. A luz do teto

piscava como um nervo exposto. Rossi abaixou Bianca e a jogou no colo de Giovanni enquanto se virou, instintivamente, e apontou a arma para o cobrador. O assassino arremessou a faca. O aço frio passou de raspão no rosto de Rossi, que se curvou, desviando o peito.

Rossi pegou sua outra arma.

Com os braços esticados na direção do homem claro, que segurava uma enorme arma, com as mãos erguidas e o olhar assustado, Ahriman gritou:

— Não!

Josie caiu de joelhos e sua Sig atirou uma seqüência, atingindo o ombro do homem claro e fazendo ele se virar e disparar a arma com uma tremenda força. Um som ensurdecedor.

Uma rajada de tiros desintegrou os dedos de Ahriman e metade de seu rosto. Com a carne liquefeita, os ossos brancos visíveis, os olhos agora escuros como o sono do inferno, Ahriman voou para trás e caiu perto de Josie, sua língua para fora. Lutando para afastar o cadáver, Josie atirou. Seu alvo foi atingido, duas seqüências de tiros bem na testa do homem claro, explodindo sua cabeça e produzindo um chuveiro vermelho atrás dele.

Um grunhido gutural, como se fosse um gato selvagem, saiu dos lábios de Oba quando ela saltou. Suas grandes mãos encontraram a garganta de Rossi quando todo o peso do corpo dela caiu contra o dele, fazendo com que caíssem.

Em cima dele, a toga preta dela presa na cintura, suas coxas de aço sobre o peito de Rossi, pressionando-o enquanto seus dedos afundavam na laringe dele.

A visão dele foi sumindo.

O estrondo de uma explosão e a força desgovernaram o trem como uma onda. O calor e a pressão passavam pelos vagões, destruindo o metal como uma onda e gerando uma rajada de estilhaços de vidro.

O vagão balançou, perdeu o trilho e caiu de lado. Oba foi lançada contra o teto, que agora era uma parede.

Rossi colocou as mãos na garganta, tentando respirar.

A vagão caído; uma chuva de cacos das lâmpadas e o metal retorcido gritavam como um animal ferido.

Enfim, o trem parou.

Por um momento, Rossi permaneceu deitado, imóvel, e ao piscar sentiu o sangue quente em seus olhos. Ele levou as mãos até a cabeça. "É um ferimento pequeno, mas ferimentos no escalpo sangram muito", pensou. Olhou em volta. Viu seu tio com a cabeça no colo de Bianca e foi até eles.

— Ele está bem? — conseguiu dizer, com a garganta doendo. Bianca levantou a cabeça, com os olhos brilhando e fez que sim:

— Deu uma forte batida na cabeça, mas não há sinais de contusão.

Rossi esfregou o rosto da irmã e sorriu.

Giovanni se mexeu e piscou no meio do ar enfumaçado:

— É preciso mais do que um trem desgovernado para se livrar de mim — ele tossiu e piscou, levando as mãos à cabeça.

Então ele virou seus olhos e apontou.

Os olhos de Rossi seguiram os do tio. Lá, ao longe, ele viu Oba, apontando uma arma contra Gina e a empurrando por uma janela aberta com o ombro.

Atrás dele um gemido. Ele se virou e viu Josie jogada no chão, de lado, desmaiada.

## Capítulo 83

O som das sirenes se espalhava pelo ar. As luzes azuis tingiam a noite.

Com Gina a reboque, Oba foi passando pelas equipes de resgate. Logo à frente ela viu um carro sem identificação. O agente Kyle estava no banco do passageiro, esperando enquanto Manwich se envolvia no tumulto. Kyle não percebeu a aproximação dela e, quando se virou, deu de cara com uma 12.

— Vamos, você dirige — preparando a arma.

Kyle ficou branco, confuso.

Oba abriu a porta e colocou a arma, com firmeza, contra o ombro dele empurrando-o para o outro assento. Kyle foi para trás da direção e massageou o braço.

Gina saiu de seu estado de letargia com a explosão do trem e se colocou no meio. Agora ela estava lúcida, cheia de adrenalina, de volta ao controle. Quando Oba se abaixou para entrar no carro, com uma perna ainda para fora, ela mudou a arma de mão. Gina empurrou o agente Kyle, engatou a ré e pegou o volante. Com o pé esquerdo, pisou fundo no acelerador. O carro foi para trás, acelerando rapidamente. A porta bateu contra a perna de Oba que ainda estava para fora.

Ela foi jogada contra o banco. Com a mão direita, Gina pegou a arma. Com a ponta do pé esquerdo, pisou com força no freio, mantendo a constante pressão no acelerador; o ponteiro do velocímetro subia. Passou de cem. Ao mesmo tempo, ela virou o volante completamente para a esquerda. Os pneus cantaram e soltaram fumaça quando o carro fez um giro de 180°, quase rolando. O cheiro das pastilhas de freios queimavam o ar. A porta do passageiro se abriu.

A arma disparou. Um som ensurdecedor no espaço fechado. O pára-brisa explodiu. Kyle, jogado contra o assento, gritou. Oba tombou para o lado da porta aberta. O pé de Gina soltou o freio e pisou fundo no acelerador, fazendo o carro ir com velocidade para trás. Gina soltou a arma e virou o volante com força para a direita com a mão livre e empurrou Oba para o lado oposto. Oba voou para a direita e caiu no chão, ainda segurando a arma. Gina tirou o pé do acelerador e freou. Ela olhou para Kyle:

— Você está bem?

Ele fez que sim, com o rosto mais branco do que papel.

Iluminada pelo feixe de luz do carro que estava enevoado pela borracha queimada, estava Oba. Ela se levantou lentamente, com a arma na mão. Parecia tonta, sem estabilidade. O sangue escuro escorria de sua testa. Seus olhos tinham um brilho selvagem, um misto de ódio e crueldade como uma igreja em chamas.

No momento, a polícia do metrô e os guardas, com as armas apontadas, aproximaram-se de Oba formando um círculo fechado. Eles gritaram:

— Largue a arma!

Gina sabia o que iria acontecer. O olhar de Oba parecia estar preso a ela, logo em seguida ela levantou a arma. Tiros foram disparados e Oba se manteve firme, quase sobre-humanamente, antes de cair no chão em espasmos.

Os oficiais foram até a mulher caída, as armas ainda apontadas para o alvo como se ela pudesse se levantar repentinamente em um último surto de raiva.

Do canto dos olhos, Gina viu uma ambulância se aproximando. Kyle abriu a janela do carro. O instinto dela mandou que se abaixasse, mas então ela viu o rosto dele. Ele estava mais velho, mas o olhar continuava o mesmo. Assustado. Arregalado. Um pouco sofrido.

Ela disse, chorando:

— Hamal.

Ele sorriu e desceu da ambulância, indo na direção dela. Será que ela estava sonhando? Isso poderia acontecer depois de todos esses anos? Ela sentiu uma forte dor no pescoço e começou a apagar, lutando para manter o foco na imagem de Hamal. Ficou tudo preto. A arma com o tranqüilizante disparou mais uma vez e Kyle caiu ao lado dela. No meio da movimentação, ninguém percebeu. Uma agente britânico, vestido de paramédico, desceu e, com a ajuda de Hamal, levou Gina para a ambulância. A sirene foi acionada e ela saiu pela escuridão.

As luzes fortes vinham pela rodovia. Rossi estava, agora, ao lado de Josie. Ela estava consciente. A voz familiar de Dante veio na direção dele no meio da fumaça:

— Coronel... Rossi.

— Aqui! — gritou Rossi.

Dante ajoelhou-se ao lado dele enquanto os paramédicos atendiam Giovanni.

— Ela está bem, chefe?

Rosai olhou para Josie, ela balançou a cabeça:

— Ela vai ficar bem. Vamos sair logo daqui.

## Capítulo 84

Quando Rossi acordou de manhã e viu as telhas brancas, percebeu que não estava em seu apartamento. Sentou-se e olhou em volta. Onde ela estava? Ele ouviu os suaves tons de uma voz feminina assoviando dentro do banheiro. Era Josie. Eles estavam na casa de seu tio.

Ela saiu, seu cabelo ruivo molhado e caído sobre os ombros. Ela usava um roupão que não cobria seus seios completamente. Suas longas e macias pernas estavam bronzeadas, os pés descalços.

— Josie, eu... — gaguejou Rossi.

— Shhh... — ela disse — não fale nada.

Ela foi até a cama e se sentou ao lado dele.

As palavras não eram necessárias. Os dois sentiam o mesmo desejo, o mesmo anseio no fundo do coração. Rossi se aproximou delicadamente, tirou uma mecha de cabelo dos olhos dela e a puxou para perto.

Ela não apresentou resistência, caiu em seus braços.

E, por um momento, ele a abraçou calorosamente, sem se mover, sem falar. Naquele momento eles estavam além das palavras.

Eles poderiam ter falado sobre a dor ou a perda, sobre seus desejos e vontades, esperanças e sonhos. Mas não era o momento, não era preciso, mesmo se Rossi pudesse ler a mente dela, também não seria necessário. A batida do coração dela contra o seu peito, a respiração delicada dela contra o seu pescoço falava mais alto. Ele estava profundamente atento à suave fragrância do sabonete na pele e nos seios dela, mas não conseguia transformar o pensamento e a necessidade em aproximação física. Ainda não.

Rossi tentou se levantar. Ela o puxou para baixo. Seus lábios se aproximaram dos dele. Não foi um beijo, nem uma provocação, só se apoiaram sobre os dele. A respiração dos dois, entrelaçadas a cada inspiração. As almas unidas. Então ele a beijou delicadamente. Os lábios, o rosto, indo para o pescoço, para a orelha. Ido a mordiscou. Explorou sua orelha com a língua. Ela se arrepiou, o afastou e se levantou, tirou o roupão e deixou seus pequenos e firmes seios expostos. Seus mamilos, irrigados com sangue, duros. Ela os levou até a boca dele. Ele os lambeu e acariciou com reverente paixão.

Ao erguer as mãos e colocadas sobre eles, ele pensou em Isabella, sua mulher. Pensou em Gina, e seus olhos que pareciam duas chamas azuis, pulsantes. Mas o nome que ele disse foi o de Josie.

A mão dela lentamente deslizou pela lateral do tronco dele, chegou até o quadril, até a parte internas das coxas. Seu membro contra a mão dela. Ela gemeu e pressionou sua pélvis contra ele, balançando em um ritmo suave. Então, ele a penetrou e eles gemeram juntos, seus sussurros sem ar invadiram o silêncio.

Agora ela buscava o ritmo dele, puxando-o para ela, dirigindo-o para o portão do paraíso. Eles tremeram juntos quando a porta se abriu.

E tudo terminou como havia começado, em silêncio, um suave resmungo, um leve beijo. O cabelo dela no rosto e no peito dele. Ele respirou fundo, sentindo seu cheiro. Ela caiu ao lado dele, uma leve camada de suor cobria seus seios e sua barriga definida. A princípio, livres, agora embaraçados com a euforia do amor, eles se elevaram a imagem do prazer os unindo como um invisível cordão umbilical. Por quanto tempo podiam ficar assim, olhando nos olhos curiosos um do outro, ou com a luz fraca trazendo memórias para cada um na tela das pálpebras fechadas, eles não sabiam. Nesse instante, nesse momento, o tempo não passava mais.

Ela suspirou e se apoiou em um cotovelo, observando-o. Passou o dedo pela sobrancelha dele que estava molhada. Fez cócegas e Rossi estremeceu.

— Você sabe — ela disse — poderíamos ficar fazendo isso o dia todo.

— Para sempre — ele disse. — Até as vacas virem até aqui.

— Ou irem até a lua.

Rossi suspirou:

— Nunca conheci uma mulher que gostasse tanto assim quanto você — ele levou a cabeça até a barriga dela e ficou passando o nariz nos pelinhos dela.

— Ah, e quantas foram?

— Mulheres? — ele perguntou soprando no umbigo dela.

— Não. Vacas! Claro que são mulheres — ela deu um tapa na testa dele com as pontas dos dedos. — Você está dizendo que sou obcecada por sexo?

— Bom, não, mas você certamente não é indiferente ao sexo.

— Foi a Gina, é esse o nome dela, não é?

— Sim, mas você é tão...

— Tão o que, Carlo? Intelectual?

— Não...

— Está me chamando de burra?

— Não, eu só...

— Espetacular, então?

— Não...

— Não?

— Quer dizer, sim, mas mais do que isso. Você é tão viva, tão cheia de vida, tão vibrante... e, bem... muito inteligente... Ela segurou os lábios dele entre o polegar e o indicador e aproximou-se. Foi o que bastou. O sino tocou. Round dois.

## Capítulo 85

Na cozinha, Rossi e Josie estavam à mesa. Josie estava com a blusa do pijama, um pé no chão e o outro na cadeira, o queixo apoiado sobre os braços cruzados sobre o joelho. A típica posição da manhã seguinte nos filmes de Hollywood, como ela dizia. Giovanni pegou as xícaras e colocou a garrafa de café sobre a toalha xadrez amarela. Ele pegou uma cadeira, acendeu o cachimbo e colocou as mãos no colo, lutando para não olhar para a firme perna de Josie. Ele disse:

- Diga-me, meu sobrinho. Dormiu bem? Estamos mais descansados agora, não é?

Rossi sorriu para Josie e virou-se para seu tio:

— Sim, muito mais. Obrigado por nos deixar ficar no quarto vazio.

O professor sorriu e piscou para Josie. Ela ficou um pouco corada. Ele perguntou:

— Sonhou com alguma coisa, minha jovem?

Ela franziu as sobrancelhas e sentindo-se desconfortável, abaixou a perna:

— Pergunta estranha, não acha?

Ele deu de ombros:

— Só achei que talvez sua intuição feminina falasse com você durante a noite, através dos sonhos — seus olhos a olhavam firmemente e, sem ver nenhum brilho, baixou os olhos para suas próprias mãos.

Rossi disse para o tio:

— Você continua preocupado. Continua tentando entender por que isso tudo aconteceu?

Giovanni se levantou e começou a andar pela sala enquanto falava:

— Estou convencido de que Volante, de alguma forma, orquestrou a morte do papa.

- Não podemos ter certeza, ele já estava mesmo velho e fraco — colocou Rossi.

Com um gesto de menosprezo, Giovanni o interrompeu:

— Besteira. A vontade dele de viver era muito forte — seus lábios se curvaram com cinismo. — Se eu tivesse tido mais tempo com a garota.

— Vamos continuar atrás dela — disse Josie. — Assim que eu chegar em Tel Aviv, amanhã, vou organizar minha equipe de busca.

Josie viu o olhar duro que Rossi lançou sobre ela ao ouvir a palavra amanhã, mas venceu o impulso de olhar nos olhos dele. Ela não deveria, não poderia olhar, porque, se o fizesse, seria pega, cairia na armadilha do forte desejo dele. Então, em vez disso, ela se levantou e foi até a pia.

Ela fingiu indiferença, fingiu não perceber, fingiu que seu próprio coração não estava apertado, não tinha parado ao ouvir o som da voz dele, ao sentir seu toque. Ela procurou um copo no armário, encheu e virou em um gole só, deixando a água tépida levar suas emoções. "Termine com isso agora", sua mente a aconselhou. Mas seu coração não escutou. Aquecido pelos pensamentos de seu forte e carinhoso abraço. Com a cabeça baixa, os ombros curvados, ela parou de costas para ele, mordendo o lábio inferior com seus dentes pequenos e impressionantemente brancos.

— O que poderiam tirar de Gina? — disse Rossi.

Os olhos de Giovanni se arregalaram:

— Com o tratamento adequado, ela pode ser salva. Combinando hipnoterapia e EMDR (Dessensibilização e Reprocessamento pelo Movimento dos Olhos).

Firmando-se, Josie se virou. Ela sorriu para Rossi, um sorriso largo e direto. Ela olhou para Giovanni.

— Isso tem algo a ver com reprogramação, não tem? — ela perguntou distraída.

Rossi olhava para ela como um estudante.

— Eles usam os movimentos dos olhos para tirar a sensibilidade e reprocessar os sentimentos, as memórias traumáticas — seu tio explicou. — E as substituem por memórias positivas e auto-estima. Combinando isso a neurolépticos atípicos, como olazapina e zyprexa, são capazes de reintegrar identidades separadas. Restabelecer uma unidade novamente. Continuo confuso com as coisas que ela disse quando estava em um transe profundo no trem.

Rossi revirou os olhos e se irritou:

- Sério, tio. Isso é ainda mais fantasioso, como aqueles artefatos falsos que eles dizem ter encontrado na Palestina e estão levando à imprensa.

Josie acrescentou:

- Ele pode estar certo. Tenho um cabo no quartel general da Mossad que diz que os investigadores de antigüidades invadiram a casa do contrabandista. E, como no caso da falsificação do ossário que trazia o nome de Jesus e de James, eles encontraram todos os produtos químicos usados pelo contrabandista e seus cúmplices para forjar as inscrições. Eles determinaram que era o mesmo cara que tinha feito inscrições na lápide de Joshua, a romã de marfim do templo de Salomão e a falsa pátina cheia de inscrições, que foram enquadradas como farsas.

Rossi balançou a cabeça:

— Muito dinheiro no negócio de falsificar relíquias.

Giovanni quase sorriu, e disse com a voz grave:

— Eu não seria tão rápido em desconsiderar a validade do que eles encontraram. O governo de Israel tem sua própria

agenda. E como você explica o interesse da NSA na Gina? E seu aparente seqüestro por agentes britânicos?

Rossi balançou a cabeça:

— Não consigo explicar. O estranho é que os britânicos não foram para o Reino Unido.

Giovanni ergueu a sobrancelha:

— E foram para onde?

— O melhor que conseguimos foi determinar que eles seguiram para a Palestina.

Giovanni coçou o queixo:

— Devo contar sobre isso a Spears. Pode ser importante.

— E quando vocês iam me contar sobre isso? — perguntou Josie, de cara feia. - Eu vou me trocar — ela deu alguns passos, parou e se virou. — Quero dar uma passada no hospital para ver meu tio Lotti antes de partir.

Ela olhou para Rossi e viu que ele a olhava. Ela observou seus lábios se curvando ao sorrir. Josie se recompôs e disse para si mesma, "isso não vai funcionar, querido".

— Como ele está?

Josie encolheu os ombros:

— Os médicos acham que ele vai superar.

— Eu levo você. Preciso ver como a Bianca está — disse Rossi, mantendo os olhos nela um pouco além do comum.

— Eu pego um táxi — ela respondeu com frieza e foi para o quarto.

Giovanni foi até Rossi, colocou a mão sobre seu ombro e disse:

— Você vai deixar ela passar por essa porta e sair da sua vida, não é?

Rossi observou o delicado mapa de veias sob a pele clara do rosto de seu tio, tentando evitar seus olhos. Ele respirou fundo, desviou o olhar para a porta e ela já tinha partido:

— Provavelmente. Nenhum de nós está pronto. Nenhum de nós pode se dar a esse luxo.

Giovanni deu um passo e suspirou:

— O ar pulsa quando vocês estão no mesmo ambiente, o coração de vocês acelera no peito..., mas não! Vocês não estão prontos!

Rossi forçou um sorriso fraco. E Giovanni prosseguiu:

— Escute o que eu digo, meu sobrinho. O que você não pode se dar ao luxo, como eu lhe disse antes, é de mentir para si mesmo.

— E ela?

— Alguém precisa dar o primeiro passo — Giovanni deu um sorriso fraternal e mudou de rumo. — Eu recebi uma ligação do mestre general Spears. Ele parecia muito perturbado.

— O negócio com a morte do cardeal Moscato?

— Na verdade não. Eles nunca morreram de amores um pelo outro.

— A clareza sempre foi o seu dom, tio.

— Spears compartilha da minha preocupação de que tem algo que não sabemos. O funeral do papa é em alguns dias e...

— Estamos tomando precauções extraordinárias. Tenho uma reunião amanhã com polícia e os militares.

Giovanni ficou tenso:

— Spears acha... como devo dizer... que há alguma verdade por trás da descoberta do Evangelho do Q e que há nele uma

mensagem oculta que deciframos no Livro da Rosa Negra. Ainda não tivemos a oportunidade de comparar nossas anotações, então, vou me encontrar com ele em breve. Spears mandou Stato para uma missão que de alguma forma se relaciona com o que ele diz ter descoberto com o livro.

Rossi acelerou-se:

- Meu palpite é que toda essa história é uma cortina de fumaça, alguma tática para nos distrair do objetivo principal.

Seus olhos se encontraram:

- Exatamente, é isso o que me perturba. Qual é o verdadeiro objetivo deles?

Rossi começou a responder e parou.

- Não se esqueça de que eles mataram um homem inocente para colocar as mãos no livro. Spears me pediu para lhe alertar — acrescentou seu tio, com a voz grave.

— E o que ele acha que eu tenho feito?

— Não necessariamente um ataque frontal ao grupo de Volante, mas algo catastrófico, no entanto.

— Alguma facção, talvez? Outra vertente fingindo falsa nacionalidade?

- Possivelmente. Por favor, lembre-se do alerta oculto de Durer sobre a vingança do inferno.

— Se está se referindo a uma possível bomba ou incêndio, seria completamente impossível. O Vaticano ficará interdito no dia do funeral.

Giovanni olhou para ele com os olhos cansados, úmidos, e questionadores:

— Espero que você esteja certo. De qualquer forma, Spears disse que entrou nos arquivos do computador de Moscato e

que tem algumas notícias ruins para mim. Algo que explica o envolvimento dos ingleses nesse caso.

Josie entrou na sala, vestida casualmente e com a bolsa na mão. Ela olhou para Rossi e deu uma risada:

— Espero que não vá me levar ao hospital de pijama.

Giovanni olhou para Rossi e piscou. E, delicadamente, começou a assobiar *Our Love is Here to Stay*, quando pegou o chapéu e o colocou na cabeça, saindo pela porta.

## Capítulo 86

Os nove dias de luto oficial, o *novemdiales*, já tinham se passado. O anel do papa sido quebrado, a sala de estudos e o quarto lacrados pelo camerlengo. O papa estava na Basílica Patriarcal do Vaticano, em São Pedro. Seu rosto e mãos pálidos contrastavam com a roupa brilhante, branco e escarlate.

Do lado de fora, telões enormes colocados na praça São Pedro e em diversas praças da cidade eram insuficientes para aplacar a onda de peregrinos que vinham até a cidade, dobrando a população de Roma, de 3,7 milhões de habitantes. Bispos e laicos passavam por detectores de metal na entrada da praça. Embora tenha sido solicitado aos visitantes que deixassem as sacolas e mochilas em casa, aparelhos de raio-X vistoriavam infinitas bolsas e pertences.

No quartel da polícia de Roma, os rostos na multidão, capturados por câmeras eram projetados em mais de 50 monitores de vigilância. Enquanto os olhares atentos dos oficiais estudavam as imagens, o programa de

IDENTIFICAÇÃO FACIAL fazia o mesmo. Desenvolvido para comparar características faciais do público com um banco de dados de terroristas e suspeitos, hoje, o sistema estava trabalhando em sua capacidade máxima.

Embaixo de uma das telas de IDENTIFICAÇÃO, uma luz âmbar começou a piscar, sinalizando o encontro de alguma combinação.

Logo acima do que parecia o Cabo Canaveral, estavam os centros dos comandos militar e de segurança, onde Rossi andava, nervoso, perto do console principal.

— Temos uma combinação na câmera 09, senhor — disse um oficial gorducho, sem pescoço e com óculos com lentes fundo de garrafa.

— Mostre — disse o chefe da SISD.

Na metade esquerda da tela dividida, apareceu a imagem de um magro árabe, com os ossos do rosto aparentes e lábio leporino. Na outra metade, apareceu o rosto familiar de Gerta Van Diesel, com sua voz choramíngosa, rainha da maquiagem, correspondente do jornal que falava com o canto da boca, como se tivesse uma goma de tabaco presa à bochecha. Ela tinha se juntado à nova onda de jornalistas mulheres que apresentavam os tablóides televisivos: língua afiada, olhar de falcão e o rosto bronzeado e bem maquiado.

- Merda, cara. É uma combinação falsa — disse o chefe, virando sobre os calcanhares e saindo para acender mais um cigarro.

Rossi foi para trás do oficial, colocou a mão sobre seu ombro. Imediatamente, ele sentiu a blusa do uniforme do oficial

encharcada de suor. O cara estava suando em bicas, seu rosto redondo todo molhado, como um grande melão.

Rossi apontou para as imagens de identificação:

— Considerando o erro, essa não é exatamente uma imagem pronta para o noticiário, não é? — disse Rossi, tentando aliviar a tensão do oficial. — Se eu fosse o terrorista, ficaria ofendido.

O oficial deu uma risada nervosa.

— Qual o seu nome?

— Pompenni, senhor. Tomaso Pompenni — ele pegou uma bombinha de inalação no bolso e a levou até a boca. — Asma — ele explicou.

— Bem, Tomaso, vamos ficar aqui por bastante tempo, então, relaxe. Traga a garota para o noticiário real e aumente o volume.

Gerta estava entrevistando um oficial da Força Aérea Italiana que Rossi reconheceu. O brigadeiro general Luca Masserati.

Para o oficial, Gerta perguntou:

— Quais medidas de segurança estão em vigor?

— As ruas da capital serão completamente interditadas de agora até as seis da tarde. Os trens continuarão funcionando, mas, além dos veículos de emergência, somente os ônibus poderão circular e só poderão parar nas áreas determinadas. Além disso, temos mais de 15 mil policiais e oficiais militares trabalhando, com grupos de elite em todos os pontos de grande concentração. Também foram colocados cerca de mil atiradores em localizações estratégicas por toda a cidade.

Levando o microfone na direção do brigadeiro general, Gerta perguntou:

— Sabemos que mais de cem chefes de estado, primeiros-ministros ou ministros internacionais virão ao funeral nesta tarde. Presidente Bush, Clinton e a primeira dama.

O brigadeiro general afirmou balançando a cabeça solenemente, ele estava parado como um totem indiano, paralisado por um aparente medo de palco. Seus 15 minutos de fama estavam se acabando.

O major aproximou-se do microfone, com um sorriso de orelha a orelha e disse:

— Sim, e também o ex-presidente Bush, o príncipe Charles e sua nova noiva, vossa alteza, a duquesa de Cornwall.

A velha Carmela, pensou Rossi assistindo e segurando o riso. Só mais uma mulher do Vaticano.

Limpendo a garganta, o brigadeiro general levantou o braço, forçando o major a recuar. Obviamente fingindo coçar o nariz ele disse:

— Estou parcialmente aliviado e parcialmente preocupado com o fato de chefes de muitas nações islâmicas como Líbia, Irã e Síria também estarem presentes.

— Aliviado? — Perguntou Gerta com a voz esganiçada. Um forte movimento de concordância com a cabeça foi a única resposta do general.

Rossi entendeu o que o general tinha dito. Se os líderes dessas nações que formam um "eixo do terror" estariam no Vaticano, isso eliminaria a ameaça vinda dos grupos terroristas por eles patrocinados. Embora tenha tido tal pensamento, Rossi sentiu seu estômago ser banhado com ácido e teve uma incômoda suspeita. Ele tinha deixado o mestre general Spears e seu tio

Giovanni resolvendo o enigma da caixa. A única pista, no entanto, era o verso enigmático que Spears tinha mostrado a eles e que tinha sido encontrado na carta do papa. Seu tio o atribuiu a Nostradamus: "A ardente respiração do dragão fará os sete montes queimarem por gerações". "E se eles não conseguirem achar a solução? Talvez eu esteja vendo um monstro embaixo da cama", ele pensou.

O som anasalado da voz de Gerta o trouxe de volta à realidade:

— E se a ameaça vier pelo ar, general?

— Temos PCA, patrulhas de combate aéreo, voando sobre a cidade 24/7. Nossos F-16 estão sendo reabastecidos e têm o apoio do AWACS da OTAN, um radar de reconhecimento. Naturalmente, o espaço aéreo estará fechado como o rabo da pomba... — o general parou, sem graça, a mandíbula tremendo, rangendo os dentes. — Bem, uma ordem estrita para não autorizar vôos na região está em vigor desde ontem, incluindo o aeroporto Da Vinci e nossos outros dois aeroportos, Ciampino e Ubre.

Rossi riu silenciosamente, imaginando o general na frente do espelho, de cueca, meias soquetes pretas e suspensórios, treinando para seus "15 minutos de fama", enquanto a imagem do discurso de George C. Scott aparecia na televisão ao fundo.

— Alguma defesa em terra? — perguntou Gerta como se ela soubesse o que isso significava e seu produtor não tivesse dito isso em seu ponto.

- Armada e pronta. Nossa defesa em terra e no ar e os mísseis formam um anel em torno da cidade.

Arrumando seu oleoso e fino bigode e ressaltando seu queixo, o major o interrompeu:

— Acho que nós da Itália nunca vimos tamanho esforço para proteger um único local — ele apontou para o general com a cabeça. — Começamos pela quadra um e, então, trabalhamos até...

— O pior cenário possível — o general se precipitou.

— Exatamente, o que significaria ameaças vindas do céu, da terra e do mar. Ameaças rápidas vindo de todos os lados.

A tela mostrou um close de Gerta.

Fazendo uma careta, sua voz voltou a ficar firme e ela disse:

— Apenas dois dias antes da morte do Santo Papa, Mehmet Ali Agca, o louco turco que tentou matá-lo em 1981 deu uma declaração desejando a pronta recuperação do pontífice. Mas acrescentou, ominosamente que o papa deveria dizer ao mundo que o dia do juízo final estava chegando. As precauções tomadas serão suficientes?

O major riu, quase como uma garotinha, então ele balançou a cabeça e olhou para o céu, como se buscasse uma ajuda vinda de cima. Ele disse, condescendentemente:

— Eu não sei nada sobre o fim do mundo, mas a respeito de uma ameaça imediata... Acho que o papa vai continuar a nos dar uma mãozinha.

Uma tela apareceu, as letras passavam dizendo: FIREFLY ON FINAL APPROACH. E Rossi pensou alto:

— Os dados foram jogados, Watson.

— O que foi, senhor? — perguntou Tomaso, ajeitando os óculos sobre seu nariz oleoso. Seu dedo tremia. Ele fungou.

— Nada, só uma gíria de campo.

O triângulo protetor do Serviço Secreto era completado pelo ar. Seguindo um VC-25A estavam quatro navios militares, movendo-se a cinco milhas enquanto um AWACS abria o caminho, garantindo que ninguém se aproximasse da Firefly, codinome para Força Aérea Um.

A equipe avançada do serviço secreto tinha chegado semanas antes. Trabalhando junto com as forças de segurança italianas, traçando rotas, fazendo novas verificações de todos os possíveis cabeças, atiradores e cenários de ameaça até seus cérebros ferverem e seus olhos ficarem vermelhos de tanto cansaço, estavam prontos para a chegada de Tumbler e sua esposa (codinome para Menina dos olhos). Como o pai do presidente, Timber Wolf, também estava a bordo, o funcionário da Força Aérea tinha separado bastante costelinhas e molho, o favorito do papai. A limusine blindada, e a comitiva de limusines, era acompanhada por um C-17 da Força Aérea. Elas seguiam pelo sol da tarde. Atrás da limusine presidencial vinha o caminhão de guerra. Carregado com munição extra e armas de alto-calibre — metralhadoras, Uzis e mais outros armamentos — o SUV adaptado os aguardava. Havia vários militares italianos e agentes de segurança na rodovia e nas proximidades, o suficiente para fazer uma revolução.

Agentes extras estavam na torre de controle da base aérea de Pratica-di-mare. Anéis concêntricos de segurança estavam em posição ao redor do presidente e da primeira dama.

O agente responsável, com a cabeça pulsando por causa de uma leve ressaca das muitas cervejas que tomara com a equipe avançada do presidente alemão Kohl, estava ao lado da

limusine na rodovia. Ele deveria cuidar dos alvos e do acompanhante dentro da limusine. Seu parceiro ficaria esperando no Vaticano. E outra equipe estaria a postos no hospital designado, no caso de alguém puxar um Hinckley.

Ao longo das numerosas rotas de contingência, policiais militares estavam em pontos estratégicos. E equipes extras que estavam em tanques faziam a vigilância da polícia e da comitiva.

O agente responsável deu o sinal pelo microfone de que tudo estava limpo para os agentes a bordo do Firefly, que taxiava. "Você morre, nós voamos", ele pensou, lembrando-se dos detalhes da comitiva presidencial com o vice e o serviço secreto. A piada padrão era que se os agentes colecionassem as flores dos funerais a que já foram, poderiam abrir uma rede internacional de floriculturas. Às vezes se referiam a isso como o detalhe FTD.

No ar, o helicóptero da polícia italiana, AB206, e da americana, AC-130U, voavam pelo céu amarelado. O agente sentia-se confortável por saber que os quatro motores GAU-12/U com seis canhões, apelidado de "Equalizador", que soltava 1.800 tiros por minuto, de 25 mm de urânio PGU-20/U blindadas, estava atento ao solo. Estava pronto para impedir qualquer um que se aproximasse muito, muito rápido.

Ao sair do avião, Tumbler virou para seu acompanhante. Ele entrou na limusine, apontou com a cabeça para o agente responsável. Com um malvado sorriso de bom garoto, curvando os lábios, Tumbler disse:

- Phil, acho que o velho Rossi parece um pouco verde, precisa de uma "salsicha" ou algo assim.

O acompanhante soltou uma gargalhada e olhou para Rossi com cara de quem diz "vou cuidar de você".

Rusty descrevia a espuma das cervejas escuras alemãs e sua fama de estar sempre no bar corria, então ele rapidamente verificou o hálito colocando as mãos curvadas na frente da boca.

— Rusty — disse o presidente com firmeza, balançando a cabeça. — Você tem ido comer churrasco na casa do embaixador?

Tumbler piscou e fez que sim, sinalizando para que o acompanhante fechasse a porta da limusine.

Olhando para o homem, que se arrumava, desajeitado, na segunda limusine, desejando que não entrasse, Rusty viu o sorriso de come-merda do embaixador. Felizmente, o som das turbinas do Firefly, ainda aguardando qualquer emergência, ocultou a crítica do presidente à especialidade culinária do embaixador.

Os batedores ligaram suas motos e as sirenes, a comitiva seguiu em frente. Rusty suspirou e pegou mais uma bala de menta.

Drago Volante e Honora foram até o helicóptero. Seus motores agitavam o ar com uma fumaça preta, e o vento batia contra eles enquanto corriam. Eles entraram e o helicóptero começou a se levantar lentamente.

Ela virou para Volante e disse:

— Detesto sair da Itália.

Ele sorriu:

— Nós vamos voltar.

— Você preparou tudo? — ela perguntou, apertando a mão dele.

— Sim, tem uma garrafa de Cristal... poderemos brindar nossa vitória assistindo do ar.

— Uma pena Ahriman não estar conosco — disse ela, sarcasticamente. — Ele gostaria dos fogos.

Volante encolheu os ombros:

— Ele morreu por uma causa maior. Eles estão todos tranqüilos em suas camas, certos de que obstruíram nossos planos.

— Mas e a segurança do sarcófago?

— Ahriman fracassou nesse quesito, mas não importa. Vai ficar para outro dia.

## Capítulo 87

Para Stato poder embarcar no próximo vôo da PIA (Pakistan International Airlines) para Islamabad, Spears precisou usar a influência do Vaticano. Agora Stato via-se sentado no canto da sala VIP em uma cadeira de couro de encosto alto, bebendo algo que deveria ser merlot e comendo, nervoso, algumas macadâmias. Sempre que sua taça de vinho estava pela metade, uma alta, atraente e atenta atendente vinha até o seu lado e a completava. Quando ela se abaixava para servir o vinho, Stato mantinha os olhos em seus fartos seios que se moviam sob a blusa branca, estilosa, de botões. Olhos verdes aveludados, maçãs do rosto bem marcadas, ela andava com o

charme de uma modelo na passarela. Quando ela anotou o pedido, esbarrou com o quadril nele, fingindo não ter percebido a reação dele à seus olhos verdes misteriosos, dançantes.

"Fiquei muito tempo fora de circulação", ele pensou enquanto observava o provocante balançar de seu quadril enquanto ela se afastava. Logicamente ele não era um padre de verdade, mas a vestimenta que usava parecia aumentar o interesse da jovem. Ele olhou sua passagem, primeira classe, e riu em silêncio. Encolheu os ombros e suspirou profundamente. "O Santo Papa está morto, o monsenhor foi seqüestrado, eu torturei um cardeal e alto membro da Santa Sé e estou aqui sentado, desejando uma boneca Barbie em um belo uniforme. E pior ainda, estou prestes a viajar para uma bomba relógio chamada Caxemira enquanto o teto cai no Vaticano". Seus dedos batiam no apoio do braço da cadeira. "E não há nada que eu possa fazer a esse respeito". Ele começou a rir para si mesmo ao perceber que nem tinha tomado as vacinas necessárias, então não importava. Ele provavelmente morreria por algum tipo de parasita que entrasse em seu estômago, ou pegaria hepatite ou ferveria com a febre causada pela malária.

Vozes chamaram sua atenção.

Sentado no canto do bar estava um senhor gordo, servindo-se de água e uísque. Olhos azul-claros, cabelo branco e uma barba que realmente precisava ser cortada. Um cachimbo no canto da boca. Ele era um cavalheiro do sul. Quando seus olhares se encontraram, o senhor sorriu calorosamente, piscou e deu mais um gole em sua bebida. Então,

abruptamente, ele se virou para a atendente e balançou o copo, batendo as pedras de gelo, indicando que estava pronto para mais uma dose.

No tempo em que ficou sentado esperando, ele contou cinco doses.

De uma velha pasta de couro, Stato retirou uma antiga agenda com uma tira de couro que Spears havia lhe dado. Em suas páginas, escrita em letras infantis, estava a história de um historiador russo e colecionador de livros antigos que tinha feito uma viagem ao Tibet. Ele começou a ler:

*Nicholas Notovitch no ano de Nosso Senhor: 1887*

*Tendo ouvido falar de um antigo pergaminho tibetano chamado "espelho de vidro", que conta a vida de Cristo e sua viagem ao Oriente seguida pela crucificação, viajei para Lasha, no Tibet, esperando conseguir provar ser falsa tal blasfêmia. Para minha surpresa, depois de investigar, fui visto como suspeito e recuei. Eu temia que toda a esperança de encontrar o pergaminho estivesse perdida. Quando passei pelo monastério dos lamas ou gopa de Potala, um grande castelo com teto de ouro e mais de mil quartos e casa de Dalai Lama, um jovem se aproximou de mim. Sussurrando, ele me garantiu que poderia ser o meu guia e tradutor e que, de fato, o pergaminho existia.*

*Com meu guia à frente, seguimos a cavalo pelas pitorescas passagens de Bolan, por Punjab e, finalmente, chegamos à árida e rochosa terra de Ladak.*

*— Sahib — disse meu guia —, os lamas desconfiam de você porque acharam que você era inglês e, por terem vivido sob a*

*tirania chinesa por tanto tempo, eles vêem o império britânico só aguardando. Mas fique tranqüilo, escondido no subterrâneo que os monges chamam de "o Tesouro Negro", estão muitos pergaminhos. Um é da coleção das escritas Hindi... conhecidas como Puranas. O nono livro, Bhavisha Mahapurana, escrito 115 d.C., reconta o encontro por volta de 50 d.C. do rei Salomão e um estrangeiro, Yuz Asafou Issa, e descreve o homem com olhos penetrantes, inteligentes e boas maneiras.*

*Meu coração quase parou ao ouvir o nome islâmico de Cristo, percebendo que, se fosse verdade, isso colocaria Nosso Salvador no oriente antes da data aceita para a crucificação.*

— *Onde foi esse encontro? — eu perguntei*

— *No norte da Índia, em Srinagar.*

— *Você me leva lá?*

- *Tudo no tempo devido, Sahib. Primeiro você precisa ver os pergaminhos. Você busca a verdade e Deus lhe apresenta, sim? — ele parou e chutou seu cavalo, partindo à minha frente, levando seu cavalo a parar em uma inclinada ladeira. Sobre seu ombro, ao som dos passos, ele gritou: — Cuidado, Sahib, o destino está no topo dessa ladeira. Você está pronto para a verdade?*

*Eu engoli seco e respondi:*

— *Sim!*

O som de pedras de gelo em um copo chamou a atenção de Stato. Quando ele se virou, o homem que estava no bar agora olhava por cima de seu ombro. Stato fechou o livro rapidamente.

— Fascinante história, não é? — disse o homem empestiando o ar com seu hálito de uísque. Ao ver a expressão de confusão de Stato, o homem prosseguiu. — Ah, que rude. Onde estão os meus modos? — ele deu a volta na cadeira, estendeu a mão e abriu um sorriso. — Dr. Sanger, a seu dispor. Sem querer me intrometer, mas parece que compartilhamos do mesmo interesse, padre.

Stato apertou a mão de Sanger, ainda relutante, e indicou para que ele se sentasse.

— Não entendi — disse Stato, fingindo estar confuso.

Colocando as mãos no bolso, Dr. Sanger sorriu:

— Não precisa se envergonhar, padre...

— Devlin — disse Stato, mantendo a história.

— Bem, padre Devlin... — ele olhou para baixo, girou seu drinque e ficou observando. Depois ergueu-o perto da luz. — O conhecimento é como um bom uísque. Fica mais maduro com a idade, tem mais clareza — ele abaixou o copo e olhou para Stato. — Não concorda, senhor?

Stato fugiu da pergunta:

— Qual é a sua especialidade, doutor?

— Bem, ...eu sou geneticista. Examino o passado pelos filtros da ciência e da genética. Não precisa me levar pelo salão, padre. Tenho certeza de que Spears lhe contou tudo sobre mim — ele pegou, no bolso do casaco, sua identidade da universidade e a mostrou para Stato.

Stato fez que sim com a cabeça e deu um sorriso amarelo:

— Cuidado nunca é demais. Parece interessante.

— Você não sabe da metade — disse Sanger guardando a identidade.

— Você é um daqueles aventureiros da "tribo perdida" de Israel? — Stato perguntou, soltando um sorriso.

— Por Deus, não, tudo bem aqui no nosso campo de visão, padre — Sanger ergueu a manga do casaco e mostrou a manga de sua camisa. — Vê? — ele gargalhou e se gabou. — Eu recentemente fui honrado como participante em uma análise de DNA comparada à da múmia de Tutancâmon e de seu suposto pai, Amenhotep IV, mais conhecido como Akhenaten.

— E...

— Deu positivo. O grande rei Tut era mesmo da linhagem real.

— Então você poderia determinar se eu sou um descendente das tribos perdidas de Israel?

— Você está se referindo ao que é chamado de Modelo Haplótipo Cohen, o padrão de assinatura genética das famílias do sacerdócio judaico. Permite-nos procurar genes judaicos por todo o mundo.

— E até quando consegue voltar na verificação da linhagem?

— Até o inferno, padre. As mutações e mudanças levam cerca de 106 gerações, três mil anos. E, logicamente, existe a análise mitocondrial do DNA ou mtDNA, para resumir.

— Mitocon...?

— Pense no pequeno óvulo da mamãe. Como a mitocôndria, cada novo embrião vem do óvulo da mãe, então, as mães têm o mesmo mtDNA que suas lindas filhas.

— Então você pode pegar as células da bochecha de uma órfã ou de um terrorista e traçar sua ascendência...

— Teoricamente, até o Jardim do Éden, senhor. As mudanças genéticas traçam uma única linha, uma pessoa em cada geração, tornando possível levar todos os humanos a um único ancestral, a chamada Eva mitocondrial.

— Não tenho certeza se estou convencido desse negócio de genética. Mas como você consegue uma amostra grande o suficiente para examinar uma múmia antiga?

— Em uma palavra... clonando, senhor. É claro que agora temos um nome mais elegante para isso, PCR, ou cadeia de reação polimerase. Podemos fazer milhões de cópias exatas do DNA a partir de uma única e pequena célula de pele, cabelo ou osso, por exemplo.

Stato balançou a cabeça:

— Mas não tem muita aplicação prática.

Vou lhe contar que é útil o bastante para o FBI, senhor. Eu ajudei a desenvolver o sistema CODIS deles.

— CODIS? — perguntou Stato.

- É um sistema de combinação de DNA. Eles pegam amostras do DNA de criminosos, crianças desaparecidas, refugiados e terroristas e cruzam com um enorme banco de dados mundial. Eu até trabalhei no projeto do Santo Sudário.

Stato acelerou-se:

- Você quer dizer que existem amostras do DNA do Santo Sudário no sistema CODIS?

Sanger apenas balançou a cabeça e manteve o olhar.

- Já encontraram alguma combinação? — perguntou Stato, sarcasticamente. — Talvez uma tataraneta de Cristo ou um tataraneto? Supondo, logicamente, que toda a idéia de

casamento com Maria Madalena e a fábula da linhagem Merovígea fossem reais.

Sanger soltou uma gargalhada silenciosa:

— Está se referindo ao Desposyni, a palavra em grego para "o herdeiro do Salvador". Para resumir, senhor, o cachorro não caça. Mas, só para rirmos, digamos que encontramos uma combinação entre o homem no Santo Sudário e uma amostra masculina.

— Por que não uma feminina?

— Não mesmo. Primeiro precisamos encontrar a combinação do DNA Y, homem para homem. Então, se esse homem imaginário tiver uma irmã ela também seria uma descendente distante de Cristo.

Stato demonstrou ter entendido:

— Conjecturas tolas, suponho.

— Como assim?

Stato afrouxou o colarinho e disse:

— Porque, no final das contas, somos todos irmãos e irmãs em Cristo, doutor.

Sanger bateu na própria perna e riu com vontade:

— Bem dito, padre. Diga, como vai o velhaco do Spears? Há muitos anos não o vejo.

Stato tinha uma desconfiança instintiva de que esse homem com o sotaque do sul escondia uma mente perigosa e mortal como os dentes de um crocodilo. Ele respondeu:

— Ele me pediu para trabalharmos juntos, já que o Santo Papa tinha tanta confiança em você.

Com os olhos brilhando, Sanger apontou para a agenda que Stato lia antes e que agora estava guardada, em segurança, na sacola do padre:

— É certo que precisamos trabalhar juntos, padre. Vamos ficar juntos por alguns dias, isso mesmo, juntos como ladrões. Stato desviou o olhar e passou os olhos pela sala. Ele percebeu que as pessoas estavam se encaminhando para a saída:

— Acho que anunciaram o embarque — ele disse, levantando-se e pegando a pasta do chão.

Dr. Sanger ergueu a bebida em um brinde:

— Aos antigos segredos e mistérios cujas respostas são sussurradas pelas vozes dos mortos, senhor.

Eles partiram juntos e foram se aproximando do portão. A encantadora atendente da PIA observava todos os seus movimentos e falava ao telefone, com a mão cobrindo a boca:

— Eles estão embarcando agora, senhor.

## Capítulo 88

Uma comitiva sem fim trazia VIPs, mais de 80 chefes de estado e monarcas, para a praça em rápida sucessão, os líderes seguros atrás dos vidros escuros. Cerca de 80 mil agentes de segurança estavam trabalhando em bicicletas de dois assentos. Equipes de EOD (Detecção de Objetos Explosivos) e cães inspecionaram cada centímetro da basílica. Novamente, anéis concêntricos de segurança se fechavam cada vez mais à medida que se aproximavam do Vaticano.

Dante tinha sido escalado para trabalhar com uma equipe muito especial, muito secreta — NEST (Equipe de Busca

Emergencial Nuclear), enviada pelo escritório de operações do DOE (Departamento de Energia), em Nevada. Ele era capaz de levar 600 especialistas para a cena de uma ameaça terrorista, embora os verdadeiros desdobramentos raramente envolvessem mais de 45 pessoas. Roma, entretanto, era uma exceção. O número exato tinha sido classificado. O detalhe consistia de agentes e médicos, engenheiros, químicos e matemáticos, assim como comunicadores, equipe de logística, de gerenciamento e de informação. Eles vinham de locais secretos como Los Alamos ou Sandia. Seu dever era, primeiro, avaliar a validade da ameaça técnica e psicológica. Embora nesse caso não houvesse uma ameaça real, específica, se acontecesse, os detalhes seriam medidos sendo cruzados com jornais científicos ou mesmo romances de Tom Clancy. Seria apenas brincadeira? E o perfil psicológico deduzido pela escolha de palavras do autor da ameaça? Qual o tamanho de seu conhecimento? Em termos básicos, podia-se acreditar? Nesse caso, entretanto, com tantos riscos, eles estavam trabalhando sob a suposição de que uma verdadeira ameaça existia e trabalhavam de acordo com isso.

As equipes estavam escondidas em caminhões disfarçados de veículos comerciais espalhados pela cidade, procurando materiais nucleares com seus equipamentos. Outros grupos, equipados com sensores de emissão de plutônio ou urânio escondido em pastas, faziam a patrulha a pé. Dante estava em uma van fora da praça.

O funeral com seu melancólico cerimonial antigo tinha acabado. Tumbler e o vice-presidente já tinham tomado as precauções quanto às partidas, e estavam a salvo a caminho de

Shannon, Irlanda. Muitas das outras delegações também já tinham ido embora da cidade.

As atividades, a tensão no ar, começavam a se dissipar, deixando centenas de agentes de segurança exaustos, agentes que começassem a tomar um ar, já imaginando o gosto de uma bebida gelada no bar do hotel.

O espaço aéreo sobre a cidade ainda estava semi-bloqueado. Patrulhas de combate aéreo voavam.

E foi então que aconteceu.

A SISD recebeu informações sobre um assalto aéreo de um informante. Momentos depois, uma aeronave tentava decolar sem autorização do aeroporto de Ciampino. Mas logo que sua decolagem foi obstruída por forças especiais de segurança, outro avião se aproximou.

No centro de comando, Rossi estava em pé, ansioso, desesperado, vendo as informações do radar no grande monitor, mostrando um vetor direto para o coração da cidade.

— Ponto provável da origem? — perguntou o brigadeiro general Luca Masserati, com os dentes travados e um cigarro no canto da boca.

— O computador calcula... Sofia, senhor — disse o técnico, com a voz trêmula.

— Compare com o banco de dados das agendas das delegações — ordenou o brigadeiro general.

Um oficial do Ministério do Interior ligado à força aérea pegou o laptop, furioso:

— Senhor, tem sim uma delegação, mas...

— Mas o quê, inferno! — antes de poder responder, o brigadeiro general foi até ele voando. — Meu Deus. Você

tinha esse grupo como já tendo partido — ele se virou para o ajudante e gritou: — Faça verificação dupla com a operação de controle de tráfego aéreo.

A palavra Sofia pesava sobre o ar. A tentativa fracassada contra o papa João Paulo II tinha sido feita por um assassino que alegava ser recruta do serviço secreto da Bulgária, que era da Sofia, uma célula terrorista turca integrante do grupo dos Lobos Cinzas. Rossi já estava no limite de sua comunicação com o centro de comunicação das equipes Sombra. Um jovem agente atendeu.

- Coloque-me na rede e faça com que Dante e Enrico escutem — disse Rossi. — Eu quero todas as unidades disponíveis, de terra e de ar, indo para a TERRA SANTA — Rossi usou o codinome para Vaticano.

— Certo, todas as unidades disponíveis.

- Qual a localização dos detalhes de segurança do primeiro-ministro?

- Tempo estimado para partida para a TERRA SANTA... iminente. Dante está em um caminhão da NEST do lado de fora do portão.

- Dê o alarme e faça com que adotem nível 5 de precauções imediatamente, e então entrem no gabinete dos ministros.

Até ele ter mais informações, o melhor era supor que deveriam levar as pessoas para um local a salvo de ataques a bomba. Ele prosseguiu:

- Se alguém continuar nas proximidades da TERRA SANTA, façam com que se dispersem!

O telefone tocou. Era Dante.

— Temos um avião não autorizado vindo para o espaço aéreo do Vaticano. Recomendo que esvaziemos a Terra Santa imediatamente — disse Rossi.

— Ok, chefe.

— E, Dante, certifique-se de tirar o meu tio daí...

- Eu esqueci de lhe dizer, mas ele falou algo sobre te ligar da Caxemira.

— Caxemira? Do que você está falando?

— Ele e a senhorita Schulman partiram hoje cedo.

— Por qual companhia? — Rossi perguntou, nervoso.

- Chefe, você me ligou de manhã e pediu para conseguir um de nossos Falcon Jets para eles.

Por um momento Rossi achou que estava ficando louco. Então ele abriu um sorriso e soltou uma gargalhada. Ele podia imaginar seu tio, com suas perfeitas habilidades de imitação, fazendo a ligação, imitando sua voz, e com Josie ao seu lado, rindo. Depois, Giovanni viria com a história de sempre: "Não queria incomodar, meu sobrinho".

— Mande uma mensagem para nosso homem em Islamabad e peça para que fique de olho neles.

— Certo..., mas está tudo bem? — perguntou Dante, gaguejando um pouco.

— Esperamos que sim.

Rossi desligou.

O brigadeiro general estava enfurecido, com as bochechas vermelhas e a mandíbula inquieta:

— Situação das patrulhas de combate aéreo?

— Dois caças abastecendo no quadrante leste.

O brigadeiro general bateu no console:

— Tente pegar o avião búlgaro novamente.

Outro técnico disse:

— Senhor, o controle do tráfego aéreo não consegue acessar o avião.

— Merda! Sinalizadores a 36º Stromo 156º Gruppo. Misture as frequências para interceptar agora.

— Protocolos de identificação e de interceptação padrões, general? — seu ajudante perguntou.

— NÃO! Interceptar e neutralizar a ameaça.

Rossi estava distraído pensando em seu tio e Josie. O que ele estaria fazendo? Rossi voltou a si e viu tudo o que estava acontecendo no centro de comando. Ele ficou olhando, vendo a situação. Sabia que os caças e as patrulhas de combate aéreo estavam voando em 24/7 pela cidade, com dois F-16 por quadrante. Sabia que isso exigia reabastecimento em navios tanques. E, de repente, uma grande SNAFU surgia. Os caças no setor que poderiam impedir a entrada do Learjet estavam incapacitados. E chamar os outros caças deixaria outros setores desprotegidos. Eles não tinham como saber se, como em Nova York, mais de um avião poderia estar envolvido no ataque.

Rossi também sabia que "neutralizar a ameaça" significava que os pilotos dos F-16 podiam "atirar à vontade", sem a autorização do comando de decisões. Protocolos de guerra estavam valendo. Estava tudo no quintal deles. Se decidissem derrubar o avião, não poderiam perder mais tempo, ou correr riscos desnecessários de um novo ataque como o de 11 de setembro. Nas etapas anteriores de planejamento, o primeiro-ministro italiano, baseando-se nos relatórios de conselheiros

militares, junto com o gabinete dos ministros, disse que não queria outro "Fiasco de Fazendeiro Americano". Ele estava fazendo alusão ao ex-presidente Jimmy Carter em relação ao microgerenciamento das Operações militares que resultaram na morte de unidades de Força Especial na tentativa de libertar reféns no Irã. No momento, e sob a luz da recente bomba na cidade, isso parecia uma decisão dura, porém necessária para Rossi. Agora, no entanto, tudo parecia muito real e muito acelerado.

Rossi colocou a mão no ombro do brigadeiro general e disse:

— Senhor, devemos evacuar o Vaticano imediatamente.

Os olhos do general ficaram estreitos:

— Impossível. Mesmo se tivéssemos mais tempo...

- Com todo o respeito, senhor, mas isso tem sido feito com freqüência em Washington. Mesmo se somente alguns conseguirem sair.

— Como você pode estar tão certo?

Rossi olhou para ele com firmeza, de cima a baixo:

— Você sabe que eu estou certo.

Rossi pensou no alerta do monsenhor Scarlotti sobre a respiração do dragão, pensou em Drago Volante. Inferno... sempre esteve ali, bem na sua cara, o tempo todo. Drago Volante significa Dragão Voador.

O general pressionou as têmporas e olhou para Rossi:

— Se você estiver errado... — ele se virou e gritou: — Evacuem o Vaticano!

— Sob as ordens de quem? — seu assistente perguntou.

O brigadeiro general deu um sorriso e disse:

— Coronel Carlo Rossi. E isso deve ficar nos registros!

A sirene na base aérea de Pratica-di-Mare soava no ar.

O líder do grupo, ou *capogruppo*, o capitão Enzo Moretti, cujo ombro do uniforme trazia 156º. Gruppo e fazia um barulho infernal, estava sentado no Humvee, com seu piloto, tenente Ricci, ao seu lado. O Humvee saiu do edifício pela entrada de aviões e encontrou os F-16 aguardando na pista. Eles saltaram e foram para seus respectivos caças. Moretti passou os olhos pelo caça enquanto corria. Era uma máquina nova, recentemente comprada pela força aérea italiana na operação Paz a César, para substituir os antigos Star-fighter e ajudar os Tornados. O pessoal do combustível tinha abastecido o tanque interno e o tanque ventral externo de 300 galões. Os dois tanques das asas estavam vazios. Seus olhos viraram-se para os armamentos: AIM-120s AMRAM, avançados mísseis aéreos de médio alcance que poderiam atingir Mach 4 a uma distância de 30 milhas. Eram conhecidos como atire-e-esqueça, porque depois de lançados, o radar ativo se encarregava da etapa final de vôo, eliminando a necessidade do piloto manter o alvo iluminado. Seu repertório de cenários de matança incluem olhar, atirar e fazer lançamentos múltiplos contra múltiplos alvos. Mas o mais importante, acesso a curta distância para situações de combate.

O comandante do vôo do 36º Stormo, o Pacote Lobo, que achava que ele se adequava à sua personalidade, tinha batizado o capitão Moretti de Lupo Solitário, ou, Lobo Solitário. Moretti foi até a escada e subiu, mas parou no meio do caminho. Apontando para uma enorme bomba abaixo da asa, ele perguntou para o chefe do pessoal:

— Para que serve isso aí?

O chefe balançou a cabeça e respondeu:

— É uma bomba de combustão de ar, capitão.

— Uma bomba do diabo?

Moretti tinha sido informado anteriormente sobre isso. Ele sabia que a ogiva continha gases e/ou líquidos voláteis, que depois de detonados, formavam uma nuvem de aerossol sobre a área alvo. Uma vez que a nuvem se formasse, ela queimava a área e começava a consumir todo o oxigênio, criando uma enorme pressão ou uma onda de explosão. Ele se lembrou das fitas, dos resultados do teste em um rebanho de ovelhas. A força transparente da bomba de combustão de ar explodiu e arrancou os olhos da cavidade ocular, destroçou os órgãos internos. Provocou uma dor absurda e, depois, a morte.

— Estava aí para um lançamento de teste, não tivemos tempo de retirá-la — explicou o chefe do pessoal. — Assim como o canhão de 20 mm.

— Merda! Vai ficar pesado como um porco!

— Você vai ficar aí parado, reclamando, ou vai decolar, capitão?

Moretti continuou subindo os degraus e chegou à cabine do piloto. O chefe o seguiu e colocou os cintos nele.

— O pássaro vai voar, capitão. Boa caçada — disse o chefe com um largo sorriso e dando um leve tapa no capacete.

O chefe desceu e verificou mais uma vez o avião. Moretti ligou os controles de vôo e deixou a alavanca em espera. Ele se virou para o piloto e sinalizou que estava pronto. A cobertura foi abaixada, ele ergueu o braço saudando o chefe do pessoal.

Dentro da cabine, mesmo quando o marcador do combustível foi iniciado e o motor Pratt & Whitney F100-220E deu a partida, o som nunca passava de um leve zumbido.

Juntos, os caças começaram a rodar.

De "seu ponto privilegiado de visão, o chefe do pessoal via a parte inferior, onde os torpedos LANTRIN ficavam pendurados. Eles tinham radar terreno (TER), infravermelho para buscas (FLIR), e informações do alvo vindas do sistema de disparo e da iluminação a laser feitas de dentro da cabine. O grande alvo, alaranjado, olhava de volta para ele, como se soubesse de um segredo.

Sob o comando de Moretti, os dois pilotos levantaram vôo. Subindo aos poucos com o acionamento das turbinas, o tempo para 160 nós era de 11 segundos, seguido imediatamente pela rotação.

A 800 pés eles encontraram uma camada de nuvens por cerca de cinco minutos até chegarem a 11 mil pés. O centro indicava uma subida a 13K.

Moretti passou os comandos padrão: verificar a munição, os comandos elétricos; conferir se o painel mostrava a cor verde para o abastecimento de combustível e dos tanques externos.

— Vôo: vire à direita zero-quatro-dois. Avião a seis milhas do nariz — reportou o centro de controle.

— Roger, *capogruppo Lupo*, virando zero-quatro-dois.

Em um balé aéreo, os dois F-16s viraram à direita, ajustando suas cabeças.

Moretti viu o display LANTRIN. Quando o radar acendeu, mostrava outro avião à frente, a cerca de 40 milhas. Ele usou o botão do controle de radar para marcar o alvo em uma das

marcas a duas milhas para um ataque de míssil ar-para-ar. Estava à 37K, a 280 nós. Imediatamente, o display multifunção mostrou a visão infravermelha conseguida do alvo. Agora a aeronave estava mais rápida e dava para reconhecer facilmente que se tratava de um Learjet 131 executivo com um "diamante mortal" sobreposto em sua imagem. O banco de dados do computador estava programado para identificar o avião.

O estômago de Moretti se contorceu:

— Centro, de *capogruppo Lupo*. Temos o alvo. Aproximando-se. Algum contato pelo rádio com o avião?

— Vôo: negativo sobre o contato, alvo zero de 30 a 40 milhas, proceder estabelecendo contato visual.

Pouco atrás do caça principal, o piloto, tenente Ricci, pegou o Cougaro — puma — no segundo F-16, seguiu os movimentos do primeiro caça, concentrando-se em manter o contato com o centro de coordenação da busca.

Em segundos, o líder do grupo estava ao lado da asa esquerda do Learjet, e seu piloto vinha logo atrás. Moretti deu o sinal universal de interceptação para que o avião o seguisse até o chão. O Learjet não respondeu.

Moretti fez as contas. Em momentos eles estariam perto da cidade do Vaticano. Mordendo os lábios, ele chamou.

Ele diminuiu e disse no microfone:

— Cougaro, cubra minha posição. Eu vou me aproximar a estibordo.

O jato moveu, rapidamente, dois rolos ailerom.

Mas em vez de ir para o lado direito do Learjet, Moretti ficou para trás, para trás tanto de seu piloto, que estava ao lado da porta, quanto do Learjet.

Sobre o painel do piloto, o diamante mortal se formou e congelou. Moretti acionou o botão para disparar.

— Estou na rota. Tenho um aviso de lançamento! — gritou Cougaro desesperado, o alerta tocando em sua escuta.

O míssil foi lançado. Em poucos segundos, o caça do piloto explodiu no céu. Calmo e com uma cautelosa frieza, Moretti mirou no Learjet. O segundo míssil foi disparado exatamente na cauda do jato executivo.

Sem hesitar, Moretti foi para a direita e começou a descer de barriga, soltando os tanques extras de combustível que já estavam vazios e se aproximando do solo. Ele sabia que precisaria descer 200 metros abaixo do radar. Ele inseriu as coordenadas.

Em solo, um pandemônio eclodiu:

— Um caça foi atingido, senhor. O segundo está caindo rapidamente.

— E o Learjet? — perguntou o brigadeiro general, com a voz dura.

— Foi acertado em cheio — declarou o técnico orgulhoso. Por um momento o brigadeiro general pareceu desnorteado.

— Senhor — disse o técnico, confuso. — Determinamos que o Learjet usava um transponder com frequência búlgara clonada. Confirmamos que o verdadeiro vôo originário da Bulgária partiu hoje cedo, junto com sua delegação.

Os olhos do brigadeiro general se apertaram e ele disse:

- O avião estava com a frequência falsa propositalmente para que o identificássemos de forma errada?

Rossi agiu de forma instintiva:

— General, o falso Learjet búlgaro foi uma armadilha. Um dos seus caças está agora indo jogar uma bomba no Vaticano. Faça alguma coisa agora!

O brigadeiro general olhou para Rossi com firmeza e concordou. Ele se virou para o técnico e gritou:

— Lancem tudo o que tivermos sobre ele, agora!

Baterias de mísseis de terra-para-ar rodeavam a cidade.

Ao receber o comando de fogo, os mísseis partiram, indo atrás de seu alvo como postes de luzes voadores traçando o caminho do alvo Mach 3.

Enquanto isso, o capitão Moretti estava tomando medidas de proteção - labaredas vinham ao lado de suas asas armadas — e, dentro de segundos, estaria 200 metros abaixo. Eles tinham atirado contra ele e ele sabia disso.

Dois mísseis Spada estavam em uma perseguição enraivecida. Ele virou bruscamente para a direita e, depois, para a esquerda. No último minuto eles se dividiram, para esquerda e para a direita, parecendo cachorrinhos procurando a mãe.

Uma segunda rajada veio voando. Duas milhas e se aproximou. Entrou na cidade do Vaticano a nordeste, ele virou para a direita, fez uma espiral para baixo e virou para a esquerda. Abaixo, aparecia a verde Villa Borghese. Instintivamente, ele desceu mais, 90º, e manteve, "emagreceu", passando entre as torres gêmeas com os sinos da igreja Trinità Dei Monti, que ficava acima dos Degraus

Espanhóis. Quando o caça rugiu, saindo do estreito vão, a ponta da asa passou muito perto da cruz acima do obelisco, elevando-se para o outro lado. Foi isso. Uma sucessão rápida de mísseis que perderam a rota, acertando cada um dos lados das torres dos sinos. Uma chuva de escombros descia pelos degraus. A multidão em pânico. A batida tinha sido a menos de 40 metros do caça, e a explosão o impulsionou.

Ele virou para a direita, passou pelos degraus, pela fonte e foi se aproximando da cidade que estava bem à frente. Seis prédios históricos de cada lado, protegendo-o completamente do radar. Os controles eram lentos, algo estava errado. Uma rápida olhada para a asa direita trouxe a resposta. Partes da asa estavam cortadas, como se tivessem sido arranhadas por garras e estivessem em carne viva. O sinal de alerta tocou. Seus instrumentos de vôo mostraram ainda mais problemas: o rádio não funcionava, o sistema elétrico de disparos também não. Mas seu sistema de armas atiraria com a bateria reserva.

Ele acendeu o pavio. Suas turbinas à toda, o caça assumiu uma velocidade supersônica, ultrapassando a barreira do som. O resultado, na cabine baixa, era um som alongado de detonação. A rajada resultante ecoava pela rua, janelas explodiam em rápida sucessão à medida que o caça passava como uma fada voando baixo. Um grupo de turistas em um ônibus de dois andares aberto se agacharam e se protegeram quando o avião passou por cima deles.

O caça atravessou o Tiber, e passou pelo *Castelo de Saint Angelo*.

Então, logo à frente, ele viu, a cúpula de St. Peter se erguer como uma orgulhosa coroa de opressão. Ele estava voando em

um curso direto, passando pela Villa Della Concillazione, a nanosegundos do Vaticano.

Ele acionou os controles de armas novamente e o refletor com a visão da arma apareceu em sua frente.

Em segundos, ele esvaziou seu compartimento extra do canhão de 20 mm de balas de urânio no alvo. As balas radioativas cruzavam a escuridão como vespas ardentes voltando para a colméia. Desenvolvida para se queimar dentro da carcaça, elas não causariam muitos danos estruturais ao alvo, mas o terror, a contaminação por 4,5 milhões de anos, deixariam o símbolo da Igreja Católica inabitável por muitas décadas. Embora as balas de 20 mm não fossem feitas de urânio, as que abasteciam esse canhão tinham sido especialmente modificadas e substituídas por um funcionário que também estava na folha de pagamento da Irmandade, assim como a bomba de combustão de ar, "bomba do diabo", a bomba de vácuo. Ela tinha sido enriquecida com material radioativo.

Ele pensou no Learjet. Imaginou Drago Volante a bordo, brindando quando o míssil explodiu o avião no ar. Volante tinha insistido em usar seu próprio avião como chamariz, emitindo a frequência clonada do jato búlgaro para que ele pudesse ver "como os pássaros".

Pensou no padre Guido Salamanca, em como ele o havia violado diversas vezes, em como um leve sorriso surgia nos lábios do padre sempre que se encontravam. Ele pensou em todos os outros garotos, todos os inocentes. Ele pensou no cardeal Lawless, o protetor dos "comedores de criancinhas" de Boston, como eles os chamava, que tinha sido autorizado

recentemente a celebrar missas, durante o *novemdiales* para o papa. Lágrimas se formaram em seus olhos. Quando vieram até ele, pedindo ajuda, sabendo que ele substituiria o líder do grupo de pilotos de caça que eles haviam seqüestrado, ele sentiu repulsa; mas quanto mais ele ouvia, mais ele sentia sede de vingança — algum tipo de reclusão, uma paz para o tormento que comia por dentro — e essa sede crescia à medida que os argumentos faziam sentido. E ele sabia que eles estavam certos. Somente um homem corajoso, destemido, um homem seguro de suas convicções — um homem de dentro — poderia chegar perto o suficiente para provocar algum dano real.

Seus dentes estavam travados, determinados. Ele atirou uma salva de mísseis no coração da basílica. Abaixo, ele conseguia ver a imagem embaçada das pessoas na praça. Para eles, elas pareciam baratas se escondendo quando você acende a luz.

Uma pluma de fumaça e fogo estourou. Depois, ele soltou a "bomba do diabo".

Por um segundo, quando a carga soltava seus gases voláteis, não havia nada. Então, uma brilhante explosão de luz e uma forte onda elétrica se espalhou pelo céu, batendo contra o seu caça como um tapa rápido, firme, nas costas, de um deus repressor.

Ele puxou o mancho, resistindo. Ele subiu, fez uma manobra e foi para a costa.

Se conseguisse chegar ao mar, poderia ejetar e, talvez, estivessem esperando por ele como haviam prometido. Mas como, no fundo, ele estava sentindo paz pela primeira vez na vida, ele não se importava se estariam lá ou não.

Então, sua resolução ficou mais firme. Ao mesmo tempo que a bomba liberava o cianeto que estava em seu interior ele se ejetou. Ele foi instantaneamente catapultado no céu da noite. Seu corpo sem vida, em um trono moderno, flutuando pelo crepúsculo, suspenso no tempo e no espaço por um pára-quedas. Ele estava livre, enfim.

## Capítulo 89

Josie sentara-se de frente para o professor Giovanni, a bordo do Gulfstream-IV da Unidade Sombra. Eles tinham recebido a notícia do ataque aéreo ao Vaticano e estavam aguardando mais informações sobre Rossi estar a salvo. Um tripulante os chamou para frente do avião:

— O coronel Rossi está na linha, senhor.

— Carlo, você está incólume? — perguntou Giovanni, aliviado, falando em seu aparelho.

— Um pouco agitado, mas... por que você exigiu um de meus aviões e por que, em nome de Deus, está indo para o Paquistão?

— Como está o mestre general Spears... — ele parou ao ouvir a forte respiração de Rossi.

— Ele se foi, *zio* — Rossi respondeu, baixo.

— Stronzos! — Giovanni disse, e depois se recompôs. — Os membros da Santa Sé?

— A maior parte está em segurança.

— Graças a Deus.

— Estamos passando por fax uma mensagem de Spears para Stato. Encontramos em seus artigos pessoais.

Provavelmente ele tinha a intenção de mandá-la, mas não teve oportunidade... — sua voz sumiu. — A mensagem não faz sentido algum para mim, mas nada disso faz.

— Mande-a para mim imediatamente. E, para responder sua questão, Spears tinha alguns segredos assustadores. O que ele descobriu no computador de Moscato era... — ele mordeu o lábio — é muito complicado para discutirmos agora. Mas Stato está a caminho da Caxemira e corre grande perigo. Spears acreditava que um geneticista chamado Sanger, que trabalhasse para o pontífice como devoto dos Cavaleiros de Malta, e aconselhou que Stato trabalhasse com ele, No entanto, os arquivos de Moscato revelaram que Sanger é um agente duplo que está do outro lado. Depois, Spears tentou avisar Stato, mas...

- Se Stato caiu em uma armadilha, eles provavelmente cuidaram de cortar qualquer comunicação. Mas Caxemira? Pelo amor de Deus, o local é um campo de guerra.

- É isso mesmo — disse Giovanni para si mesmo mais do que qualquer um. "Se ele soubesse como é isso mesmo", ele pensou.

— E você e a Josie vão até lá e podem acabar mortos — acrescentou Rossi.

— É tudo muito complicado, e Josie tem um interesse pessoal nessa história toda. Carlo, você vai precisar confiar em mim — um silêncio ensurdecedor e, depois, Giovanni disse: — Uma ajuda seria útil.

— Já notifiquei Dante para mandar alguém encontrá-los em Islamabad. Mas para encontrarem uma equipe de operações, vou precisar organizar uma por aqui.

— Pode não haver tempo, Carlo.

— Caramba, *zio*. Quero que vocês esperem no Paquistão até...

Josie bateu no ombro de Giovanni e sussurrou:

— Deixe-me falar com ele.

Ele entregou o aparelho para ela, que prosseguiu:

— Carlo, eu cuido do seu tio. Se a equipe de operações não nos encontrar no Paquistão, mande que nos encontrem em Srinagar.

— Josie, não seja tão boba!

— Você está perdendo um tempo importante. Mande o fax e faça suas ligações.

— Merda! — a voz dele transparecia o medo. — Se alguma coisa acontecer com vocês...

— Não vai.

— Josie... — a voz dele vacilou. — Eu te amo...

As palavras dele ficaram suspensas na forte emoção que ela sentiu. Josie buscou as palavras certas e, como não encontrou, disse:

— Eu... eu preciso desligar.

Ela entregou o telefone para o tripulante, agradeceu e sentou-se ao lado de Giovanni na parte traseira do avião.

— Hora de colocar as cartas na mesa, *professore*. Preciso saber exatamente o que está acontecendo — disse Josie visualizando o rosto de Carlo, criticando-se por não ter tido coragem de falar com o coração.

— Como eu lhe disse, Stato caiu em uma armadilha mortal. Ele está sendo conduzido por um agente duplo, Dr. Sanger, que largou o emprego na NSA e os Cavaleiros de

Malta e foi para a MI-6. Membros de sociedades secretas infestaram o Vaticano com seus agentes. A MI-6 foi fundada por membros da Rosacruz, e o alto escalão da NSA contratou membros dos Cavaleiros de Malta. De acordo com os arquivos de Moscato, eles estão em uma corrida fatal pela recuperação de uma antiga relíquia religiosa na Caxemira, e Stato está no meio disso tudo.

Josie olhou para ele com frieza:

— Você fica repetindo que isso me envolve pessoalmente, por quê?

— Esta é uma explicação devida, concordo. Prometi ao seu pai que falaria do passado com você. Você me contou que ele queria falar sobre algo importante de seu passado na última vez que se viram, mas que ele não teve a oportunidade — ele abaixou a cabeça por alguns instantes. Quando a levantou, prosseguiu: — Preciso explicar porque Deus escolheu você para essa missão.

Josie acelerou-se:

— Por favor, chega de enigmas. Só a verdade nua e crua. Giovanni pegou um documento em sua pasta e entregou a Josie:

— Spears encontrou nos arquivos de computador de Moscato. Eu imprimi para você.

Josie olhou para o papel.

Era um formulário de adoção escrito em árabe e em hebraico. Detalhava a adoção de três irmãos que estavam no campo de refugiados da Palestina. Um garoto chamado Hamal, adotado por uma família britânica; sua irmã, Basha, adotada por um americano e, finalmente, EVA... adotada por um casal judeu.

Josie olhou para o papel e de volta para Giovanni, incrédula:

— Aqui diz que a garota Eva foi adotada por Ennoia e Max Schulman. Isso é impossível. Eu saberia se tivesse uma irmã adotiva.

Giovanni permaneceu em silêncio, deixando que a mente dela digerisse os fatos. E quando ela entendeu, seus olhos se encheram de lágrimas:

— Eu... eu sou Eva?

— Eles mudaram seu nome para Josephine. Seu pai queria ter contado, mas sua mãe morreu repentinamente...

Josie virou se para a janela:

- Minha vida é uma mentira. Eu nem mesmo sou judia.

— E o que isso importa? Você fez parte do programa para dar aos órfãos palestinos uma nova vida, e seu pai e sua mãe fizeram isso, não fizeram?

Ela concordou, engolindo as lágrimas.

- Eles lhe deram educação, amor e, agora, uma carreira.

Josie virou-se para ele:

- A Mossad sabia da verdade, não é? Queriam que eu fosse para lá porque era uma palestina, podia ser usada.

— Talvez... sim, talvez. Da mesma forma oculta, seus irmãos foram adotados por famílias com conexões a serviços de inteligência. Seu irmão tornou-se do MI-6 e sua irmã, da NSA.

— Que desgraçados! Por quê?

- Acalme-se. Tem mais. Os arquivos de Moscato detalhavam tudo. Basha 6 ninguém menos que Bast.

— Minha irmã é uma agente da al-Qaeda? Deus me proteja.

— Ele vai, Josie. Os arquivos indicam que ela... bem, que ela passou por uma lavagem cerebral na NSA. Eu vi os terríveis resultados com meus próprios olhos. Na verdade, ela não tem responsabilidade pelos próprios atos.

— Transformaram-na em um ratinho de laboratório. Fizeram com que ela virasse uma assassina sem coração — Josie colocou as mãos sobre os olhos, abaixou a cabeça e estremeceu. Ela soltou as mãos, ajustou a postura e disse:

— E eu não sou melhor, sou? Minhas mãos são tão cheias de sangue quanto as dela, cheias de sangue palestino. Uma assassina de Israel — então ela se virou para ele e perguntou:

— E meu irmão?

Giovanni fez uma careta:

— Moscato suspeitava que o mesmo tenha acontecido com Hamal — inclinando-se para a frente, ele pegou as mãos de Josie e as segurou com carinho. — E tem mais. Eu disse que Deus escolheu você para esse dia.

Ela virou a cabeça e tentou soltar as mãos, mas ele as segurou com firmeza e disse:

— Olhe para mim.

Relutante, ela olhou.

Ele prosseguiu:

— Vocês têm nomes muito significativos. Hamal significa... cordeiro, Basha significa filha de Deus e Eva...

— Significa vida — sussurrou Josie. Então ela olhou nos olhos dele: — Precisamos encontrados. Quer dizer, eu preciso encontrá-los. Corrigir esse terrível pecado que cometeram contra nós — ela mordeu o lábio inferior, deu um meio sorriso. — Afinal, eles são a única família que tenho agora.

— Nós vamos, querida. Nós vamos — ele disse tentando reconfortá-la.

Então, Giovanni pegou um cobertor e um brandy, no qual tinha colocado um tranqüilizante enquanto estava de costas e deu para ela.

Enquanto ele arrumava o cobertor sobre ela, Josie disse:

— Tateh costumava fazer isso na hora de dormir.

Ele acariciou seu rosto e deu-lhe um beijo na testa.

Quando ela dormiu, Giovanni pesou os fatos que tinha escolhido esconder de Josie. Os arquivos de Moscato contavam uma incrível história. Um combinador de DNA foi feito e mantido em sigilo pelos serviços de inteligência de guerra. Quase que simultaneamente, a MI-6 e a NSA encontraram uma combinação entre as amostras do Santo Sudário e a de Hamal. Giovanni sabia o suficiente sobre genética para saber que os resultados eram precisos e não forjados. Sabia o suficiente de genética para ver a óbvia exploração do fato. Se Hamal vinha da mesma linhagem de Cristo, então, suas irmãs também: Josie e Basha.

Ele olhou para ela, observou seu rosto sob a luz fraca. Ela parecia um anjo. Mas ele sabia que quando acordasse, quando estivessem em solo, no meio da batalha, ela se tornaria um vingador anjo da morte.

## Capítulo 90

### Srinagar, Caxemira

De Islamabad, no Paquistão, Stato pegou um helicóptero para a Caxemira.

A velha cidade de Srinagar tinha o cheiro dos temperos: cárdamo, cravo-da índia, açafreão. Tijolos cor de terra, a rica nuance cobre, mesmo o cinabrio das pimentas da Caxemira penduradas na janela pareciam monocromáticas em contraste ao vasto esplendor da paisagem atrás do vale. As ruas na antiga cidade eram estreitas, sinuosas e caóticas. Uma confusão de ruas e becos passavam pelos edifícios, onde mesmo as ruas mais estreitas pareciam se acotovelar com a arquitetura, buscando espaço.

Stato e Dr. Sanger estavam na beira do rio Jhelum vendo uma doonga, uma embarcação com telhado de madeira, passar lentamente pelo rio. Utensílios de cobre do chão ao teto brilhavam em sua cozinha enquanto ela passava.

Eles se viraram e foram para o ponto de encontro, passando por moradores locais que usavam os trajes tradicionais indo à mesquita ou ao santuário. Embora tivesse uma errônea aparência de serenidade, a cidade era um barril de pólvora. Patrulhas passavam com os soldados ostentando armas automáticas.

No café, em uma pequena mesa, eles bebiam Kahva, um chá-verde.

Dr. Sanger mexeu em sua barba:

— O Homem Sagrado concordou em se encontrar conosco, padre Devlin. Recebi notícias dele ontem pela minha fonte. Eu lhe atesto sua sinceridade credencial.

Stato continuava usando a falsa história de ser um padre.

— Por que vamos encontrá-lo aqui e não no sarcófago? — perguntou Stato, com o olhar confuso, passando por toda a sala cuidadosamente.

— Por que os membros da comunidade heterodoxa Ahmadiyya, que acredita que Jesus Cristo está enterrado naquela construção são seriamente perseguidos.

— E por que os muçulmanos se importam com isso?

Sanger franziu as sobrancelhas:

— Por Deus, senhor. Deveria ser sua área de conhecimento.

— Não estou familiarizado com a região. Por favor, esclareça-me. — Stato sorriu para si mesmo, pensando que isso não estava muito longe de ser verdade.

— Quando você se aventura pelos ensinamentos não-ortodoxos sobre Jesus ou Mohamed, pode estar assinando seu próprio pedido de morte com a comunidade fundamentalista. A noção de que Jesus pode ter sobrevivido à crucificação é anátema para os cristãos ortodoxos que acreditam nos ensinamentos da Bíblia de que Ele morreu para compensar os pecados da humanidade. O Corão conta a história de outro jeito. Os muçulmanos Ahmadiyya acreditam que Deus frustrou os planos dos descrentes em Jesus. Embora Jesus tenha sido preso à cruz, ele não morreu nela, não mesmo. Ele foi retirado da cruz em um estado inconsciente de acordo com o Corão, 4:158. Eles não acreditam no sacrifício pelo

sangue como uma compensação. Mas os fundamentalistas islâmicos crêem que, como Mohamed, Jesus ascendeu.

Stato tomou mais um gole:

— Talvez seja tudo uma brincadeira.

Sanger balançou a cabeça com veemência:

— Não fazer isso conscientemente. A única razão de ainda não terem sido todos sacrificados é a fé e a sinceridade. De acordo com minhas pesquisas genéticas, essas pessoas são descendentes de Israel... ou pessoas como o Livro dos Muçulmanos de refere a elas. Depois de outras evidências, de acordo com os nomes que deram a seus vilarejos, seus monumentos, trabalhos e inscrições antigas.

Um Homem Santo, de túnica branca apareceu repentinamente, quase como se tivesse se materializado no fino ar. Stato prestou atenção em sua aparência. A pele queimada de sol, alto e magro. Seus olhos saltados abaixo das grossas sobrancelhas. Ele se curvou e disse:

— *Salaam alake Koom.*

Sanger respondeu com o tradicional:

— *La bahs hamdililah.*

O cumprimento era em árabe, mas no dialeto Urdu local. Stato ficou impressionado, mas não surpreso, com o domínio de Sanger do idioma. Embora ele tivesse a imagem de um astuto, antigo, advogado, o homem, certamente, tinha um incrível intelecto. Enquanto conversavam, o Homem Santo olhava furtivamente para Stato e por todo o café.

Stato simplesmente não conhecia Urdu. Ele tinha se ocupado digerindo os fatos. Soube da tragédia no Vaticano pelo noticiário. A morte do mestre general Spears. Os relatórios

diziam que Spears tinha ficado até o último momento, ajudando a levar todos para um local seguro. A guarda suíça rapidamente retirou o cardeal Drechsler e toda a cúria. O Vaticano, entretanto, nunca mais seria o mesmo. O relatório final dizia que embora os estragos estruturais fossem mínimos e os procedimentos de descontaminação tenham sido iniciados imediatamente, o sol sumiria antes da radioatividade ser completamente dissipada.

A possibilidade, o terror da radioatividade, fazia necessária a mudança da Santa Sé para outro local ainda a ser determinado. Embora não tenham destruído a Igreja, eles fizeram um grande estrago.

Durante a viagem, Stato tinha feito um resumo para o Dr. Sanger. Mas ele não tinha ilusões sobre a probidade do doutor, apesar de Spears ter dito que confiava nele. E com o advento da morte de Spears, suas suspeitas somente aumentaram. Eles estavam jogando um jogo mortal de gato e rato no qual compartilhavam informações, cada um com objetivos ocultos. O doutor garantiu a ele ter total acesso à tumba e ter a permissão para fazer o teste de DNA. Mas quando Stato o pressionou sobre como ele conseguiria isso, o doutor apenas sorriu. Sanger também evitava perguntas sobre como ele tinha vindo a conhecer a localização da tumba.

Sanger afastou-se da mesa e levantou-se. O Homem Santo virou-se para Stato, com os olhos brilhando, e indicou que deveriam se retirar, esticando o braço.

Eles atravessaram a rua, indo na direção do sarcófago. Eles viram um homem agachado na calçada, pedindo esmolas. Suas pálpebras secas estavam sobre a cavidade ocular vazia.

Ele era cego. Stato colocou uma nota de euro na mão grossa dele. A tarde caía. Sombras sob a luz amarela. Quando passaram, o velho se levantou e saiu correndo.

A Roza Bal era uma estrutura sem destaque, dificilmente chamaria atenção por conta própria. Três camadas de pagodes ficavam acima das paredes brancas de estuque marcadas pelos arcos. Passando por baixo de um arco coberto por vinhas, eles entraram pela porta lateral. Era simples, ladeada por entalhes de arabescos islâmicos. Embora de dia a janela deixasse passar a luz empoeirada do sol, agora, à noite, pesadas cortinas cobriam as janelas. Azulejos decorados cobriam o teto e o piso e eram iluminados por uma luz piscante. Sombras se escondiam nos cantos. Um velho mendigo estava sentado no degrau da frente do prédio. O ambiente parecia se fechar claustrofobicamente. Bem no centro, como um enigmático monólito, estava uma estrutura chamada mashrabiya, feita de arames entrelaçados.

O coração de Stato parou por um momento. Será que a tumba de Jesus realmente estava sob essa tela?

O Homem Santo ergueu a lanterna e entrou pela lateral. Acendeu a luz no canto. Uma pedra coberta de lama.

Stato e Sanger ajoelharam-se na frente da pedra. Do bolso, Sanger tirou um lenço e uma escova. Com muito cuidado e delicadeza, ele retirou os resíduos.

Eles podiam ver as pegadas. Stato ergueu a mão e passou pela escultura cuidadosamente:

— Traga a luz até mais perto — gritou Stato ansiosamente.

O Homem Santo abaixou a lanterna. Stato passou os dedos pela escultura:

— Marcas de ferimentos — ele disse. Quando Stato passou os dedos pelo buraco, calafrios lhe percorreram a espinha: — É só um buraco.

Mais precisamente, marcas de pregos — explicou Sanger. — Marcas que você encontrará correspondência no Santo Sudário, padre. Um pé colocado sobre o outro, como os arqueólogos encontraram as vítimas de crucificação.

A boca de Stato estava completamente seca, suas mãos tremiam.

Sanger apontou com a escova:

— Olhe mais de perto, agora você vai ver os dois blocos sob as solas de seus pés. É como se Juz Asaf passasse em alguma Dr. Scholl para corrigir a deformidade causada por uma crucificação anterior.

A cabeça de Stato fervilhava com questões.

Pegando a lanterna, Sanger atravessou a sala e iluminou um nicho. Uma grande caixa estava lá. Ele disse para Stato:

— Vá em frente, filho. Abra.

Levantando-se, Stato foi para o lado dele, seu coração disparado contra sua caixa torácica. Ele abriu a tampa e procurou em seu interior. No interior da caixa estava um bastão.

- Os locais chamam de Bastão de Moisés - disse Sanger.— Ou Bastão de Jesus.

Stato retirou a mão como se tivesse sido atingido por uma onda elétrica. Ele ficou parado, sem conseguir falar.

Sanger soltou uma gargalhada:

— E agora o anel de ouro. Vamos dar uma olhada no sarcófago?

Ele se levantou e pegou Stato pelo braço, encaminhando-se para a tumba. Stato tropeçava.

Quando estava na frente da tumba, Sanger explicou:

— Alguns chamam de Hazrat Issa Sahib... ou de Tumba do Senhor Mestre Jesus. Vi registros com meus próprios olhos que reconhecem sua existência desde antes de 112 d.C.

Antes de Stato poder responder, o som do motor de um carro e de passos com botas vieram da parte de trás do edifício. Virando-se com o som, Stato sussurrou: — Temos companhia. Mesmo com a fraca iluminação, Stato viu a expressão de medo no rosto do Homem Santo.

Um caldeirão de sol repentinamente deu partida na sala. Passou pela tela e saiu em ângulos agudos. Eles levaram as mãos aos olhos para bloquear a luz que os cegava.

Forçando os olhos, Stato mal podia desenhar as silhuetas que entravam no recinto.

Então um feixe único de luz veio bem na sua cara.

— Se você tiver alguma arma, coloque-a no chão agora — ordenou uma voz.

— Inferno! Eles estão desarmados, venha logo, ouviu? — ele ouviu Sanger responder.

A luz abaixou-se, e ele pode ver três homens vestidos de preto, seus rostos e corpos completamente escondidos por capas e capuzes pretos. Eles seguravam submetralhadoras; seus olhos eram rápidos e duros.

O homem mais alto que estava no meio e parecia ser o líder, acenou chamando Sanger para se juntar a eles. Como um garotinho, Sanger foi rapidamente para o lado deles.

— Não fique tão surpreso, padre Devlin — disse Sanger, sarcasticamente. Você nunca confiou em mim. Por que eu iria buscar uma pequena amostra de DNA se posso ter a múmia inteira?

Forçando seus nervos, Stato disse:

— Não mesmo. Mas o que você pretende fazer com isso?

— Nós já temos conosco o Santo Sudário, filho. Vou ver se o DNA combina.

O líder grunhiu:

— Que porco curioso, não?

Ele se virou para um de seus homens e sinalizou com a cabeça. O homem desapareceu e retornou pouco depois com outros dois que carregavam um caixão.

Sanger disse para o líder:

— Vamos fazer a troca. Estou tremendamente ansioso para sair da Caxemira, senhor Childress.

O homem chamado Childress ficou furioso:

— Você não deveria ter usado o meu nome — ele disse jogando um olhar furioso sobre Sanger.

Sanger engoliu com dificuldade, mas não disse nada.

— Não precisamos mais de disfarce — prosseguiu Childress. Então ele tirou o capuz e mostrou seu rosto britânico com penetrantes olhos pretos. — Agora afastem-se do sarcófago, senhores.

Quando os outros retiraram seus capuzes, Stato viu que um era uma mulher, com olhos azuis, e o outro um jovem árabe.

O Homem Santo não se movia. Da mesma forma, Stato ficou parado. Sem ser visto pelos outros, o Homem Santo colocou alguma coisa embaixo da jaqueta de Stato e firmou contra as

costas de Stato. Stato olhou para ele de lado, mas o Homem Santo olhava diretamente para frente.

Childress disse:

— Contenham-nos.

Uma irracional, insondável determinação levou Stato a agir. Quando o assassino de Childress veio até Stato, seu treinamento falou mais alto. Stato viu o homem trocar a arma para sua mão mais fraca. Stato deu um rápido passo para o lado, para frente e outro para trás, pegou o braço do homem e o virou. Usando o homem como escudo, passou o braço esquerdo em volta da garganta dele, segurando-o para trás. A mão direita de Stato pegou a pistola MP-5, ele estendeu a arma, deu um tiro e apontou para frente.

Sanger entrou no sarcófago, protegendo-se, lentamente saindo do campo de visão.

Childress levou a mão ao ombro, ele gritou de dor.

Atrás, o homem que segurava o Homem Santo finalmente reagiu. Ele colocou sua MP-5 contra o crânio de Stato, mandando que ele se abaixasse.

Ainda segurando o ombro, Childress ficou ao lado do corpo de Stato. Ele se virou para o Homem Santo que estava com os braços para trás segurados pelo guarda. Ele chegou com o rosto a poucos centímetros do rosto do Homem Santo e disse:

— Você já ouviu falar de ácido prússico, velho?

O Homem Santo ficou branco. Ele prosseguiu.

- Deus do céu, lógico que não. Você nem mesmo fala inglês.

Childress virou a cabeça e fez sinal para que um segundo homem se aproximasse. O homem pegou uma máscara equipada com uma bombinha de debaixo de sua túnica. Sem

aviso, o homem foi primeiro até o plexo solar do Homem Santo, que se curvou de dor. Quando ele se ergueu e começou a buscar mais ar, o assassino colocou a máscara em seu rosto e pressionou a bombinha com o polegar. Ele deu um passo para trás, tossindo violentamente, sufocando.

— Deixe ele ir — ordenou Childress.

Imediatamente o guarda soltou o clérigo que caiu no chão como um saco vazio.

— Inalar ácido prússico induz sintomas parecidos como de parada cardíaca — explicou Childress para Sanger. — Se fizerem uma autópsia, vão concluir que ele morreu de ataque do coração.

— E quanto ao padre? — perguntou o assassino.

Childress olhou para a mulher e disse:

— Mate-o.

Hesitante, ela deu um passo à frente e levantou sua MP-5. Seu olhar desviou-se para o jovem árabe, como se buscasse instruções. Os delicados olhos castanhos dele pareciam implorar para que ela não puxasse o gatilho. Então, Hamal disse:

— Chega de derramar sangue, minha irmã.

Childress gritou:

— Mate-o ou eu mesmo vou matar!

Um tiro e, depois, mais dois disparos ensurcedores em rápida sucessão. Tiros que mataram dois dos capangas, cujos olhos olhavam surpresos nos olhos mortais da mulher que, de repente, apareceu por trás. Josie os pegou de surpresa, usando suas habilidades letais, agindo como um anjo negro da morte. Josie, respirando com dificuldade, passou os olhos pela sala,

procurando mais alvos. Seu olhar caiu sobre uma mulher que estava ao lado de um árabe desarmado.

Agora Bast estava imóvel, a submetralhadora continuava em sua mão. Hamal estava ao seu lado, com os olhos arregalados, tremendo.

Childress virou-se para Josie, puxando a arma de sua cintura:

— Sua vadia!

Josie disparou duas vezes, mirando no ombro dele já machucado. A força das balas fizeram com que ele perdesse o equilíbrio e derrubasse a arma no chão. Seus joelhos fraquejaram e ele caiu, com dores, no chão.

Josie foi rapidamente até ele e chutou a pistola. Curvando-se sobre ele, ela disse:

— Eu não erro. Quero que você fique aí, sangrando devagar, enquanto eu faço algumas perguntas, seu maldito.

No canto dos olhos, Josie viu a MP-5 lentamente se erguer na sua direção. O rosto de Bast estava cinza, atormentado com o terror e a confusão. Seus olhares se cruzaram.

Giovanni e um agente italiano entraram no recinto.

— Josie, tire essa maldita máscara de ski — gritou Giovanni quase sem ar quando chegou no saguão, posicionando-se entre Josie e Bast.

Josie tirou a máscara.

Ele se virou para Bast e disse, delicadamente:

— Basha, Hamal. Olhem para ela com atenção. Olhem em seus corações e vejam a verdade.

Suas expressões confusas tinham olhares perdidos. Então, de repente, um flash de reconhecimento.

— É isso. Vocês vêem a semelhança, não vêem?

Os olhos de Bast reviraram. Hamal colocou a mão sobre o braço da irmã, lentamente fazendo ela abaixar a arma.

— Josie, abaixe a arma — disse Giovanni com a voz firme. No canto dos olhos ele viu que o oficial também apontava sua Beretta para Bast. Com os olhos firmes nela, Giovanni acenou para o oficial e ordenou:

— Você também! Abaixar a arma, agora!

Relutante, Josie e o oficial concordaram. Mas Josie manteve o olhar fixo em Bast e Hamal.

Giovanni disse para Bast:

— Basha, você vê agora, não vê? Esta é Eva, sua irmã — ele fez uma pausa para ela assimilar as palavras. — Nunca existiu nenhuma Laylah. Eles também mentiram para você sobre seu irmão, disseram que Hamal tinha sido morto. Mas olhe, ele está bem ao seu lado, certo?

Bast olhou para Hamal e fez que sim com firmeza. Ele continuou:

— Sim, está aí. Agora são vocês três... separados há tantos anos. Ela é sua irmã! Vá até ela.

A MP-5 caiu da mão de Bast.

Então, com as pernas bambas, ela foi na direção de Josie.

Josie engoliu seco. Involuntariamente, seus braços se ergueram para abraçar sua irmã.

Em pé, bem na frente dela, as mãos de Bast ergueram-se e foram até o rosto de Josie. Com ternura, ela passou os dedos pelos lábios de Josie, por seu rosto, pela sua testa.

Finalmente, elas caíram nos braços uma da outra, soluçando. Hamal uniu-se a elas, envolvendo-as em seus braços, lágrimas encheram seus olhos e escorreram por seu rosto.

Com a cabeça caída e pontos de dor na base do crânio, Stato acordou. Ele se levantou lentamente, à sua direita, o Homem Santo continuava deitado, seus olhos empoeirados com a falta de fé. Stato fez o sinal da cruz sobre ele e fez uma prece silenciosa.

Stato virou-se, observando a cena que o rodeava e ficou surpreso. Os assassinos mortos, Childress, ferido, caído à seus pés. As duas mulheres e o jovem se abraçando. Então ele viu Giovanni:

— Não sei como você chegou aqui, mas aparentemente foi...

— A vontade de Deus — disse Giovanni com um caloroso sorriso.

O som das sirenes podia ser ouvido à distância.

Eles foram para a porta.

Depois que saíram, Dr. Sanger saiu de seu esconderijo atrás do sarcófago e fugiu.

Em um beco, a poucas quadras, eles caminhavam na escuridão. Stato apoiou as mãos nos joelhos, ainda tonto. Então ele se lembrou. O papel que o Homem Santo tinha colocado em suas costas. Ele procurou e encontrou. Sob a fraca luz, ele desdobrou o papel.

Ainda com dificuldade para respirar, Giovanni disse:

— Nosso enigma ainda não foi resolvido, não é? Mas ao menos vai demorar um bom tempo até alguém tentar roubar essa tumba novamente. A mídia vai deixá-la muito em evidência, pelo menos por enquanto.

— Imagino como isso abalaria o mundo — disse Stato. Giovanni deu-lhe um tapa no ombro e disse:

— O mundo pode não estar pronto para a verdade, mas você não tem mais direito do que eles de profanar a tumba.

Stato concordou e ergueu o papel:

— É um mapa que indica uma localização no Paquistão chamada de Montanha da Rainha e um verso traduzido do árabe para o inglês.

O som dos freios sinalizou a chegada do carro de resgate que o oficial trouxe pela rua.

O oficial gritou, do banco do motorista:

— Entrem, todos, vamos dar o fora daqui e voltar para a Itália, rápido. Quando encontrarem os ingleses mortos, vão colocar patrulhas nas ruas e fechar o espaço aéreo. O helicóptero está abastecido e nos espera em uma mansão secreta do antigo governador britânico que usamos como base segura. Irônico, não?

Quando Giovanni entrou, ele se virou para o oficial e disse:

— Vamos precisar fazer uma paradinha no Paquistão. Essas crianças precisam ver o túmulo de sua tataravó.

O oficial ficou de queixo caído, balançou a cabeça e acelerou:

— Você é louco, assim como seu sobrinho, Rossi. Eles seguiram pela noite em busca do passado.

## EPÍLOGO

Os pulmões queimavam com o fraco ar, eles lutavam para completar os últimos degraus da subida. Olhando para baixo agora, eles ficaram surpresos com a vista do Pindi Point, ou Montanha da Rainha. Omitia montes e vales. Telhados se espalhavam mostrando sua face inferior, destacando-se do

vilarejo que ficava na lateral da montanha. Olhando para todos os lados, era possível ver os picos cobertos de neve da Caxemira que montavam a paisagem.

Abaixo da enorme antena de televisão na montanha com fortes ventos em Muree, no Paquistão, lá estavam eles — Josie, Basha e Hamal — com os dedos entrelaçados na cerca de arame farpado que protegia o transmissor. Hamal estremeceu ao cortar a palma da mão com uma farpa. Uma estrutura parecida com a de um túmulo, negligenciada, sozinha, modesta, ficava de um dos lados, parcialmente escondida pelo mato. Os locais que tinham dado recentemente o santuário aos talibãs refugiados que o chamavam de Mai Mari De Ashtan. O oficial, achando que tudo era pura loucura, ficou de lado, fumando um cigarro.

Stato observava a cena à sua frente. Embora fosse humilde, esse local abandonado, profanado por um totem de aço da tecnologia, não poderia ser, como dizia a lenda, o local de descanso final de Maria, mãe de Deus? Poderia? As bochechas de Stato estavam vermelhas, seus olhos lacrimejavam, seus dedos sem sensibilidade devido ao vento. Ele pegou o papel que o Homem Santo tinha lhe dado em sua pasta e leu:

## **O EVANGELHO DE ISSA**

Nesse momento, uma velha senhora aproxima-se da multidão, mas é empurrada para trás. Percebendo isso, Issa pára de falar e exige que a deixem aproximar-se dele. Então ele coloca o braço sobre a mulher para confortá-la. Issa diz:

— Mostre reverência pela Mulher, mãe do Universo, nela vive a verdade da criação. Ela é a base de tudo o que é belo e

bom. Ela é a fonte da vida e da morte. Dela depende a existência do homem, porque ela é a manutenção de sua vida. Ela lhe dá a luz como trabalho de parto, assiste seu crescimento. Abençoada seja. Honrada seja. Defendida seja. Amem suas esposas e as honrem, porque amanhã elas serão mães e antigas progenitoras de toda a raça. O amor delas enobrece o homem, suaviza o amargo coração e doma a fera. Esposa e mãe... elas são adornos do Universo.

"Como a luz se separa da escuridão, a mulher também possui o dom de separar no homem a boa intenção e o pensamento mau. Seus melhores pensamentos devem pertencer às mulheres. Reúna-as pela força moral, que você deve possuir para sustentar os seus. Não a humilhe, pois estará humilhando a si mesmo. E tudo o que você fizer para a mãe, a esposa, a viúva ou outra mulher em sofrimento também estará fazendo ao Espírito."

Issa ergueu os braços para a multidão:

— Vejam como exemplo que eu não sucumbi a eles como planejavam. Não morri de verdade, mas em aparência, e foi outro que bebeu o fel e o vinagre. Foi outro, meu irmão, J'acov, que agüentou a cruz sobre seus ombros. Foi em outro que colocaram a coroa de espinhos. Eu ria da ignorância deles.

"E outros virão. Carne da minha carne, sangue do meu sangue, por quem o cálice não passará. Nas Ilhas do Norte, minha semente florescerá. Duas flores brilhantes deverão desdobrar suas pétalas para a luz do meu Pai. Verdadeiras Filhas de Deus."

Stato fechou o papel e olhou para o céu, pensando. O norte significava uma coisa. Como Stato sabia quem tinha tentado acabar com os descendentes terrenos do Salvador e seqüestrado Bast, novamente a bússola apontava para o norte das Ilhas Britânicas.

Stato colocou o papel de volta na pasta e pegou o envelope que Giovanni tinha lhe entregue com a mensagem que Spears ia mandar para ele.

Giovanni olhou por cima de seu ombro e leu:

STATO:

SIGA A BÚSSOLA ROSA. ELA VAI LHE LEVAR ATÉ A DEUSA DA CAÇA. PARE. ENTRE EM CONTATO COM O VERDADEIRO PADRE DEVLIN. ALERTE-O. DIGA ESSAS PALAVRAS: SUB UMBRA ALURUM TUARUM JEHOVAH. PARE. DIGA A ELE QUE O APICULTOR O MARCOU PARA MORRER.

Enquanto olhava atentamente para a frase em latim, Giovanni murmurou sua tradução:

— Sob a sombra das asas de Jeová. O lema da fraternidade... Rosacruz.

Olhando para os três irmãos, que estavam com os rostos contra a cerca, Stato perguntou a Giovanni:

— Você realmente acredita que eles sejam descendentes de Cristo?

Giovanni encolheu os ombros e respondeu:

— O que eu sei é que vejo Sua mensagem bem na nossa frente. Amor e não ódio, corações cheios de alegria e não de pesar. É isso o que importa, não é?

## Roma

Abaixo do altar de São Pedro, abrigado em segurança em uma câmara escondida, o caixão íntimo do papa João Paulo II guarda os segredos de seu delicado coração. Depois da intempestiva morte do mestre general Spears durante o ataque aéreo à basílica, a caixa decorada foi retirada de suas coisas pessoais por oficiais e entregue ao novo Vicar de Cristo para ficar em segurança. Ela continha os desejos finais de João Paulo, suas verdadeiras aspirações, seu testamento e sua decisão de incluir as mulheres no sacerdócio. Agora estava escondido para sempre, longe dos curiosos, colocado lá antes, pelo recém-eleito papa Bento XVI.



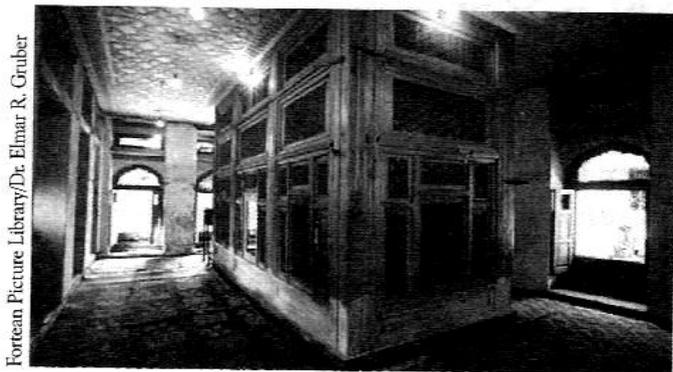
A verdadeira Grande Chave de Salomão:

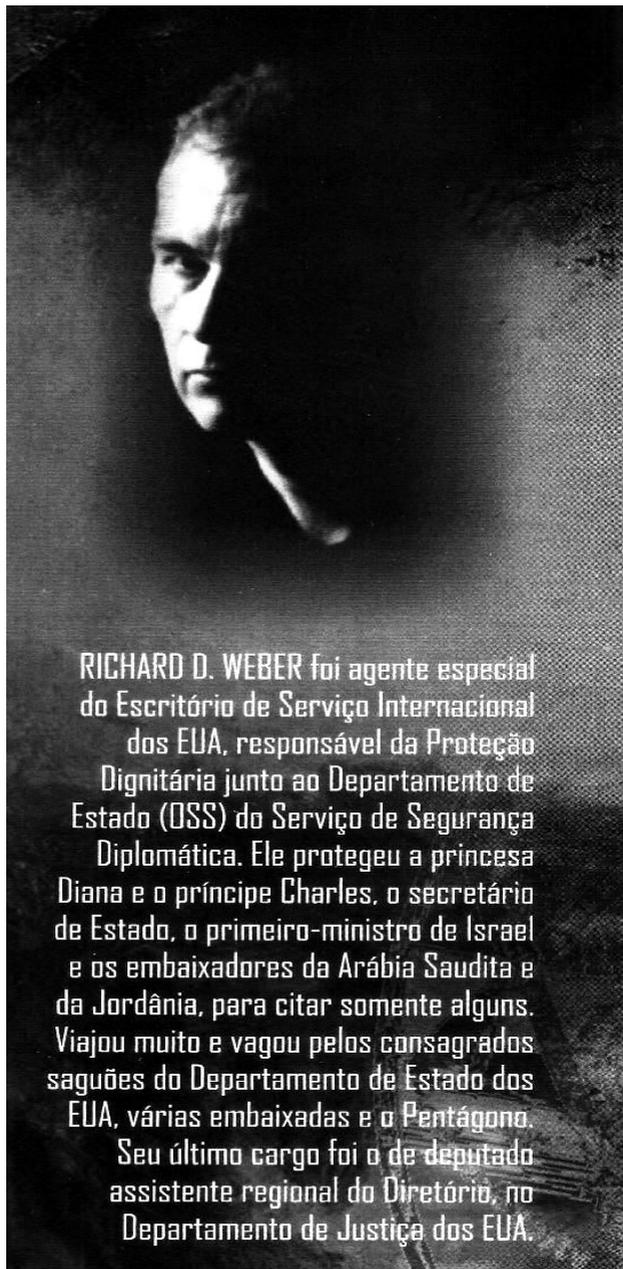


3. Death Knight Devil (Morte do demônio cavaleiro) de A. Durer.



4. O túmulo de Issa





RICHARD D. WEBER foi agente especial do Escritório de Serviço Internacional dos EUA, responsável da Proteção Dignitária junto ao Departamento de Estado (OSS) do Serviço de Segurança Diplomática. Ele protegeu a princesa Diana e o príncipe Charles, o secretário de Estado, o primeiro-ministro de Israel e os embaixadores da Arábia Saudita e da Jordânia, para citar somente alguns. Viajou muito e vagou pelos consagrados saguões do Departamento de Estado dos EUA, várias embaixadas e o Pentágono. Seu último cargo foi o de deputado assistente regional do Diretório, no Departamento de Justiça dos EUA.